

UM CÉU DE FEITIÇOS

LIVRO Nº9 DA SÉRIE O
ANEL DO FEITICEIRO

MORGAN RICE



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Um CÉU de FEITIÇOS

(LIVRO nº9 DA SÉRIE O ANEL DO FEITICEIRO)

Morgan Rice

Sobre Morgan Rice

Morgan Rice é a autora do bestseller Nº1 de DIÁRIOS DE UM VAMPIRO, uma série destinada a jovens adultos composta por onze livros (em progresso); da série bestseller Nº1 TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por dois livros (em progresso); e da série bestseller Nº1 de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por treze livros (e contando).

Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e versões impressas, e traduções dos livros estão disponíveis em alemão, francês, italiano, espanhol, português, japonês, chinês, sueco, holandês, turco, húngaro, eslovaco (e mais idiomas em breve).

[TRANSFORMADA](#) (Livro Nº1 da série Diários de um Vampiro), [ARENA UM](#) (Livro Nº1 da série Trilogia de Sobrevivência) e [EM BUSCA DE HERÓIS](#) (Livro Nº1 da série O Anel do Feiticeiro) estão disponíveis gratuitamente no Amazon!

Morgan gosta de ouvir sua opinião, então por favor, sinta-se à vontade em visitar www.morganricebooks.com para se juntar à lista de correspondência, receber um livro grátis, receber brindes, efetuar o download do aplicativo gratuito, receber as últimas notícias exclusivas, se conectar com o Facebook e o Twitter, e manter contato!

Críticas aos livros de Morgan Rice

“Uma fantasia espirituoso que inclui elementos de mistérios e intriga em sua trama. *Em Busca de Heróis* mostra onde nasce a coragem e como a busca por um propósito leva ao crescimento, amadurecimento e excelência... Para aqueles que buscam aventuras, os protagonistas, acontecimentos e ação oferecem uma série de acontecimentos relacionados à evolução de Thor de uma criança sonhadora a um jovem adulto e sua busca pela sobrevivência apesar de todas as dificuldades... Este é apenas o começo de uma série de literatura juvenil épica.”

Midwest Book Review (D. Donovan, Crítica de E-livros)

“O ANEL DO FEITICEIRO reúne todos os ingredientes para um sucesso instantâneo: tramas, intrigas, mistério, bravos cavaleiros e relacionamentos repletos de corações partidos, decepções e traições. O livro manterá o leitor entretido por horas e agradará a pessoas de todas as idades. Recomendado para fazer parte da biblioteca permanente de todos os leitores do gênero de fantasia.”

--*Books and Movie Reviews*, Roberto Mattos.

“A fantasia épica de Rice [O ANEL DO FEITICEIRO] inclui as características clássicas do gênero - um lugar marcante, altamente inspirado pela antiga Escócia e sua história, e uma boa medida de intriga da corte.”

—*Kirkus Reviews*

“Adorei como Morgan Rice construiu o personagem de Thor e o mundo em que ele vive. A paisagem e as criaturas que vivem no lugar são bem descritas... Eu gostei de trama, curta e doce... A quantidade ideal de personagens secundários me ajudou a não ficar confusa. Há bastante aventura e momentos angustiantes, mas a ação contida no livro não é excessivamente violenta. O livro é ideal para leitores adolescentes... Há indícios de algo realmente marcante no primeiro livro da série...”

--*San Francisco Book Review*

“Neste livro recheado de ação, o primeiro da série de fantasia O Anel do Feiticeiro (que atualmente conta com 14 livros), Rice introduz os leitores ao garoto de 14 anos Thorgrin "Thor" McLeod, cujo sonho é juntar-se ao Exército Prata, os cavaleiros de elite do rei... A narrativa de Rice é sólida e intrigante.”

--Publishers Weekly

“[EM BUSCA DE HERÓIS] é de leitura rápida e fácil. Os finais dos capítulos fazem com que você queira ler mais e é impossível deixar o livro de lado. Há alguns erros ortográficos no livro e alguns nomes estão trocados, mas isso não interfere no andamento da história. O final do livro fez com que eu adquirisse o livro seguinte imediatamente. Todos os livros disponíveis da série O Anel do Feiticeiro podem atualmente ser adquiridos na loja da Kindle e Em Busca de Heróis está disponível gratuitamente para que você comece a ler! Se estiver à procura de algo rápido e divertido para ler nas férias, este é o livro ideal.”

--FantasyOnline.net

Livros de Morgan Rice

O ANEL DO FEITICEIRO

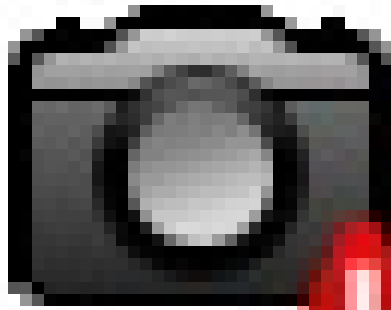
- EM BUSCA DE HERÓIS (Livro nº1)
- UMA MARCHA DE REIS (Livro nº2)
- UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro nº3)
- UM GRITO DE HONRA (Livro nº4)
- UM VOTO DE GLÓRIA (Livro nº5)
- UMA CARGA DE VALOR (Livro nº6)
- UM RITO DE ESPADAS (Livro nº7)
- UM ESCUDO DE ARMAS (Livro nº8)
- UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro nº9)
- UM MAR DE ESCUDOS (Livro nº10)
- UM REINADO DE AÇO (Livro nº11)
- UMA TERRA DE FOGO (Livro nº12)
- UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro nº 13)

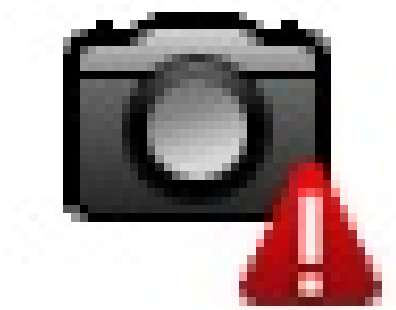
TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

- ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro nº1)
- ARENA DOIS (Livro nº2)

MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO

- TRANSFORMADA (Livro Nº1)
- AMADA (Livro Nº2)
- TRAÍDA (Livro Nº3)
- PREDESTINADA (Livro Nº4)
- DESEJADA (Livro Nº5)
- COMPROMETIDA (Livro Nº6)
- PROMETIDA (Livro Nº7)
- ENCONTRADA (Livro Nº8)
- RESSUSCITADA (Livro Nº9)
- ALMEJADA (Livro Nº10)
- DESTINADA (Livro Nº11)





Ouça o áudio livro O ANEL DO FEITICEIRO!

Agora disponível em:

Amazon
Audible
iTunes

Copyright © 2012 por Morgan Rice

Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido pela Lei de Direitos Autorais dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada em um banco de dados ou sistema de recuperação, sem a autorização prévia da autora.

Este e-book é licenciado para o seu uso pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou cedido a outras pessoas. Se você gostaria de compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, compre uma cópia adicional para cada destinatário. Se você estiver lendo este livro sem tê-lo comprado, ou se ele não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho da autora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, entidades, eventos e incidentes são produto da imaginação do autor ou foram usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é mera coincidência.

©iStock.com / RazoomGames

ÍNDICE

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO QUATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZESSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZENOVE](#)

[CAPÍTULO VINTE](#)

[CAPÍTULO VINTE E UM](#)

[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)

[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)

[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)

[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)

[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)

[CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)

[CAPÍTULO TRINTA](#)

“Nós, poucos, os poucos felizardos, pugilo de irmãos;
pois quem o sangue comigo derramar
ficará sendo meu irmão.”

--William Shakespeare
Henrique V

CAPÍTULO UM

Thor encara Gwendolyn, segurando sua espada de lado, enquanto todo seu corpo treme. Ele olha ao seu redor e vê todos os rostos que o encaram em silêncio - Alistair, Erec, Kendrick, Steffen, e uma multidão de seus conterrâneos - pessoas que ele conhece e ama.. *Seu* povo. E ainda assim, ali estava ele, encarando todos eles, com a espada ao seu lado. Ele estava no lado errado da batalha.

Finalmente, ele percebe.

O estupor deixa Thor quando ele ouve as palavras esclarecedoras de Alistair. Ele é Thorgrin. Um membro da Legião. Um membro do Reino Ocidental do Anel. Ele não é um soldado do Império. Ele não ama seu pai. Ele ama estas pessoas.

Acima de tudo, ele ama Gwendolyn.

Thor olha na direção dela e vê que ela o observa com amor e os olhos cheios de lágrimas. Ele fica com vergonha e aterrorizado ao se dar conta de que está diante dele, empunhando sua espada. As palmas de suas mãos queimam de humilhação e arrependimento.

Thor deixa cair a espada, soltando-a de suas mãos. Ele dá um passo a frente e a abraça.

Gwendolyn o abraça com força e ele percebe que ela está chorando, sentindo as lágrimas dela escorrerem pelo seu pescoço. Thor é tomado pelo remorso, e não consegue entender como tudo aquilo havia acontecido. Está tudo confuso. Tudo o que ele sabe é que está feliz em voltar a si, em pensar com clareza e por estar de volta com seus amigos.

"Eu amo você," ela sussurra em seu ouvido. "E sempre vou amar."

"Eu amo você do fundo do meu coração," Thor responde.

Krohn geme aos pés de Thor, mancando e lambendo a mão dele; Thor se abaixa e beija o rosto dele.

"Me desculpe," Thor diz, lembrando de ter batido nela quando Krohn havia defendido Gwendolyn. "Por favor, me perdoe."

A terra, tremendo violentamente apenas momentos antes, se acalma mais uma vez.

“THORGRIN!” um grito atravessa o ar.

Thor se vira e se depara com Andronicus. Ele dá um passo à frente, até o meio da clareira, fazendo uma careta e com o rosto vermelho de raiva. Os dois exércitos observam tudo em silêncio, atordoados, enquanto pai e filho se encaram.

“Eu lhe *ordeno!*” Andronicus diz. “Mate-os! Mate todos eles! Eu sou seu pai. Você deve ouvir a mim, e somente a mim!”

Mas desta vez, ao olhar para Andronicus, ele sente algo diferente. Alguma coisa muda dentro dele. Thor não consegue ver Andronicus como seu pai, como um membro de sua família, alguém em quem devia confiar e defender com sua própria vida; em vez disso, ele o encara como um inimigo. Um monstro. Thor não sente mais a obrigação de dar sua vida pela daquele homem. Pelo contrário: ele sente uma raiva pulsante em relação a ele. Ali estava o homem que havia dado a ordem para atacarem Gwendolyn; o homem que havia matado seus compatriotas, que havia invadido e saqueado sua terra natal; o homem que havia controlado sua mente, e feito dele refém com sua magia negra.

Não se trata de um homem que ele ama, e sim o homem que ele mais gostaria de matar naquele momento. Não importa que seja seu próprio pai.

Thor de repente sente seu corpo sendo tomado pelo ódio. Ele estica o braço, empunhando sua espada, e sai em disparada - atravessando a clareira, pronto para matá-lo.

Andronicus parece chocado quando Thor ataca, levantando a espada com as duas mãos e abaixando os braços violentamente na direção da cabeça dele.

Andronicus ergue o enorme machado de batalha no último segundo, virando-o de lado para bloquear o golpe com o seu cabo de metal.

Thor não desiste: ele golpeia com sua espada de diversas vezes, procurando acertar o golpe mortal, e todas as vezes Andronicus ergue o machado, bloqueando os golpes dele. O clangor do encontro das duas ressoa pelo ar enquanto ambos os exércitos observam em silêncio. Faíscas surgem a cada golpe.

Thor grita e geme usando toda a habilidade que possui, na esperança de matar o pai ali mesmo. Ele precisa fazer isso, por si mesmo, por Gwendolyn, e por todos aqueles que tinham sofrido na mão deste monstro. A cada golpe, Thor deseja, mais do que tudo, acabar com a sua linhagem, com seu histórico familiar, e começar tudo outra vez. Ele gostaria de poder escolher um pai diferente.

Andronicus, na defensiva, só bloqueia os golpes de Thor, sem lutar para se defender. Claramente, ele está evitando atacar seu filho.

"Thorgrin!" Andronicus diz, entre golpes. "Você é meu filho. Eu não quero machucá-lo. Eu sou o seu pai. Você salvou a minha vida. Eu quero que você viva."

"E eu quero que você morra!" Thor grita de volta.

Thor volta a atacar, empurrando-o para trás pela clareira, apesar do tamanho e força superiores de Andronicus. Ainda assim, Andronicus não ataca Thor. É como se ele ainda tenha esperanças de que Thor voltaria para o seu lado novamente.

Mas desta vez, Thor pretende fazer isso. Agora, finalmente, Thor sabe quem ele é. Finalmente, ele havia conseguido se livrar das palavras de Andronicus de sua mente. Thor preferiria morrer a ficar à mercê de Andronicus mais uma vez.

"Thorgrin, você precisa parar com isso!" Andronicus grita. Faíscas passam ao lado de seu rosto enquanto ele bloqueia um golpe particularmente cruel com seu machado. "Você vai me forçar a matá-lo, e eu não quero fazer isso. Você é meu filho. Matá-lo seria como matar a mim mesmo."

"Então se mate!" responde Thor. "Ou se você não quiser, deixe que eu faça isso por você!"

Com um grande grito Thor salta e chuta Andronicus no peito com os dois pés, fazendo com que ele recue e caia de costas.

Andronicus olha para cima, surpreso pelo que acabava de acontecer.

Thor fica em cima de seu pai e levanta a espada para acabar com ele.

"NÃO!" Grita uma voz. É uma voz horrível, parecendo surgir das profundezas do inferno, e Thor olha para ver um único homem

entrando na clareira. Ele usa um manto escarlate comprido, com o rosto escondido por trás de uma capa, e um rugido sobrenatural irrompe de sua garganta.

Rafi.

De alguma forma, Rafi havia sobrevivido a sua batalha com Argon. Ele fica parado, segurando os dois braços bem abertos ao lado de seu corpo. Suas mangas caem quando ele levanta os braços, revelando a pele pálida e machucada, que parece nunca ter visto o sol. Ele emite um som terrível da parte de trás de sua garganta, como um rosnado, e quando ele abre a boca, o som fica cada vez mais alto até preencher o ar, e o tom baixo vibrante faz os ouvidos de Thor doerem.

A terra começa a tremer. Thor perde o equilíbrio à medida que toda a terra começa a se mexer. Ele acompanha a direção das mãos de Rafi e vê diante de si uma visão que ele nunca conseguiria esquecer.

A terra começa a se dividir em duas, com a abertura de um grande abismo, que se torna cada vez mais largo. Assim que isso acontece, os soldados de ambos os lados caem, deslizando para baixo, gritando ao escorregarem pela fenda que se amplia a cada segundo.

Um brilho laranja emana das profundezas da terra, e um chiado horrível é ouvido quando vapor e névoa são liberados da fenda.

Uma única mão, surge pela fenda, agarrando-se a terra. A mão é preta, desfigurada, e começa a se arrastar para fora do buraco, Thor, para seu horror, vê emergir da terra uma criatura horrível. Ela tem a forma de um ser humano, mas é totalmente preta, com grandes olhos vermelhos brilhantes e longas presas vermelhas e uma cauda preta longa que se arrasta atrás dele. Seu corpo é desfigurado, e parece um cadáver.

Ele joga a cabeça para trás e emana um rugido horrível, como o de Rafi. Parece ser algum tipo de criatura morta-viva, invocada a partir das profundezas do inferno.

Por trás dessa criatura de repente surge outra. Em seguida, mais outra.

Milhares dessas criaturas vêm à tona, erguendo-se acima das entranhas do inferno, um exército de mortos-vivos. O exército de Rafi.

Lentamente, eles se dirigem para o lado de Rafi, de frente para Thorgrin e os outros.

Thor observa em choque o exército que o encara; enquanto ele fica ali, com sua espada ainda erguida, Andronicus de repente rola para longe dele e recua para perto de seu exército, claramente evitando ter que enfrentar Thorgrin.

De repente, milhares de criaturas correm para Thor, invadindo a clareira, aproximando-se para matar Thor e todo o seu povo.

Thor volta a se concentrar à sua volta e levanta sua espada quando a primeira criatura salta para cima dele, rosnando com as garras estendidas. Thor desvia e, com um golpe de sua espada, corta a cabeça da criatura. Ela cai no chão, imóvel, e Thor se prepara para enfrentar a próxima.

Estas criaturas são fortes e rápidas, mas individualmente, elas não são páreo para Thor e os fortes guerreiros do Anel. Thor luta contra elas habilmente, matando várias delas. No entanto, a questão era, quantas delas ele poderia enfrentar de uma só vez? Ele foi cercado por milhares delas, em todas as direções, assim como todos ao seu redor.

Thor vai para o lado de Erec, Kendrick, Srog e dos outros, que lutam lado a lado, observando as costas uns dos outros ao se moverem para a esquerda e para a direita, matando duas ou três criaturas de cada vez. Uma deles escorrega, e ao se agarrar ao braço de Thor o arranha, arrancando sangue, e Thor grita de dor. Em seguida, ele se vira e perfura o coração da criatura com sua espada, matando-a imediatamente. Thor é um lutador experiente, mas seu braço começa a latejar, e ele não sabe quanto tempo tem até que aquelas criaturas comecem a virar o jogo.

Em primeiro lugar e acima de tudo em sua mente, porém, está sua preocupação em levar Gwendolyn para um lugar seguro.

"Leve-a para a parte de trás!" Thor grita, agarrando Steffen, que luta contra um monstro, e empurrando-o para Gwen. "AGORA!"

Steffen agarra Gwen e a arrasta para longe, para trás do exército de soldados, distanciando-a daquelas criaturas horríveis.

"NÃO!" Gwen grita, protestando. "Eu quero ficar aqui com você!"

Mas Steffen ouve obedientemente, arrastando-a de volta para o flanco traseiro da batalha, protegendo-a por trás dos milhares de MacGils e Pratas que corajosamente permanecem a postos e lutam contra as criaturas. Thor, ao vê-la segura, fica aliviado, e volta a se concentrar na luta com os mortos-vivos.

Thor tentou invocar seu poder Druida, para lutar com o seu espírito juntamente com sua espada; mas por alguma razão, ele não consegue. Ele está cansado demais depois de sua experiência com Andronicus, do controle da mente de Rafi, e precisa de mais tempo para se recuperar. Ele terá que lutar com armas convencionais.

Alistair dá um passo adiante, ficando ao lado de Thor, levanta a palma de uma das mãos, e aponta para a multidão de mortos-vivos. Uma bola de luz emana de sua mão, e ela mata várias criaturas ao mesmo tempo.

Ela levanta ambas as mãos repetidamente, matando todas as criaturas ao redor dela, e quando ela faz isso, Thor fica inspirado, e a energia de sua irmã toma conta dele. Ele tenta mais uma vez para invocar algum poder de dentro dele, para lutar não só com sua espada, mas com a sua mente, seu espírito. Quando a próxima criatura se aproxima, ele ergue a palma da mão e tenta invocar o vento.

Thor sente o vento atravessar sua mãe e, de repente, uma dúzia de criaturas sai voando pelo ar, levadas pelo vento, uivando ao caírem de volta dentro da fenda na terra.

Kendrick, Erec e os outros, ao lado de Thor, lutam bravamente, cada um matando dezenas de criaturas, assim como fazem todos os homens ao redor deles, deixando escapar um grito de guerra, enquanto lutam com tudo o que têm. O exército do Império assiste tudo de longe, deixando que o exército de mortos-vivos de Rafi lute por eles e fazendo com que os homens de Thor se cansem. E está funcionando.

Logo os homens de Thor, exaustos, passam a se movimentar mais lentamente. E ainda assim os mortos-vivos não param de sair das profundezas da terra, em um fluxo interminável.

Thor e seus companheiros passam a respirar com dificuldade, e os mortos-vivos começam a romper suas fileiras, e seus homens começam a cair. Há muitos deles. Ao redor de Thor, os gritos de seus homens começam a ser ouvidos enquanto os mortos-vivos atacam, afundando suas presas nas gargantas dos soldados e sugando seu sangue. A cada soldado abatido, os mortos-vivos parecem ficar mais fortes.

Thor sabe que precisa fazer algo rápido. Eles precisariam invocar um imenso poder para neutralizar aquilo, um poder mais forte do que ele ou Alistair possuem.

"Argon!" Thor diz de repente para Alistair. "Onde ele está? Precisamos encontrá-lo!"

Thor olha e vê que Alistair está ficando cansada, sua força em declínio; uma das criaturas passa por ela e lhe dá um tapa que a faz cair, gritando. Quando ela pula em cima de Alistair, Thor se adianta e enfia sua espada nas costas da criatura, salvando-a no último segundo.

Thor estende a mão e a ajuda a ficar em pé.

"Argon!" Thor grita. "Ele é a nossa única esperança. Você deve encontrá-lo. Agora!"

Alistair deu-lhe um olhar compreensivo, e correu para a multidão.

Uma criatura se aproxima, com as garras estendidas na direção da garganta de Thor, e Krohn corre e pula em cima dela, rosnando e prendendo a criatura na terra. Outra criatura depois pula sobre as costas de Krohn, e Thor corta a garganta dela, matando-a.

Então uma delas ataca Erec pelas costas. Thor corre até ele, arranca a criatura de cima Erec e a atira contra vários outros monstros, derrubando-os. Outra fera ataca Kendrick, que não vê quando ela se aproxima, e Thor pega sua adaga e a enfia na garganta dela segundos antes que ela morda o ombro de Kendrick. Thor sente que isso é o mínimo que ele pode fazer para começar a se redimir por ter enfrentado Erec e Kendrick e todos os

outros. É bom estar lutando ao seu lado novamente, no lado correto; é bom saber quem ele é de novo, e saber por que ele está lutando.

Enquanto Rafi permanece ali, com os braços bem abertos, cantando, milhares de outras criaturas continuam saindo das entranhas da terra, e Thor sabe que não será capaz de segurá-los por muito tempo. Uma nuvem negra os envolve, à medida que mais mortos-vivos, lado a lado, avançam na direção deles. Thor sabe que em breve, ele e todo o seu povo será derrotado.

Pelo menos, considera ele, ele morreria lutando do lado certo da batalha.

CAPÍTULO DOIS

Luanda reluta e se debate enquanto Romulus a carrega em seus braços, distanciando-a cada vez mais de sua terra natal a cada passo, à medida que atravessam a ponte. Ela grita e se debate, cravando as unhas na pele dele, fazendo o possível para se soltar. Mas os braços dele são fortes como rochas, e seus ombros largos a envolvem com tanta força, apertando seu corpo como uma píton, sufocando-a quase até a morte. Ela mal consegue respirar, e suas costelas doem bastante.

Apesar de tudo isso, não é com sua própria vida que ela mais se preocupa naquele momento. Ela olha pra frente e vê, no final da ponte, um vasto mar de soldados do Império, parados em pé e de armas em punho, esperando. Eles estão todos ansiosos que o Escudo seja desligado para que eles possam correr para a ponte. Luanda olha e vê o estranho manto que Romulus está vestindo, vibrando e brilhante enquanto a carrega, e ela sente que de alguma forma ela seria a chave para que Romulus desative o Escudo. Há alguma relação com ela. Por que outra razão ele a teria sequestrado?

Luanda sente uma nova determinação: ela teria de libertar-se, não apenas para se salvar, mas pelo seu reino, e pelo seu povo. Quando Romulus derrubasse o Escudo, aqueles milhares de homens que o esperavam iriam atravessar para o outro lado, uma grande horda de soldados do Império que, como gafanhotos, atacariam o Anel. Eles destruiriam o que resta de sua terra natal em definitivo, e ela não poderia permitir que isso acontecesse.

Luanda odeia Romulus com todas as suas forças; ela odeia todos do Império, e Andronicus acima de tudo. Um vento sopra e ela sente o vento frio contra sua cabeça calva, e ela estremece ao se lembrar de sua cabeça raspada, sua humilhação nas mãos daqueles monstros. Ela planeja matar cada um deles se puder.

Quando Romulus a tinha libertado de suas amarras em seu acampamento, Luanda a princípio havia pensado que ela estava sendo poupada de um destino horrível, poupada de ser exibida

como um animal no Império de Andronicus. Mas Romulus tinha sido ainda pior do que Andronicus. Ela tem certeza de que, assim que cruzarem a ponte, ele irá matá-la, ou então ela submetê-la a sessões de tortura. Ela precisa encontrar alguma maneira de escapar.

Romulus se inclina e fala em seu ouvido, um som profundo e gutural que a deixa arrepiada.

"Não vai demorar muito agora, minha querida," ele fala.

Ela tem que pensar rápido. Luanda não é uma escrava; ela é a filha primogênita de um rei. Sangue real corre dentro dela, o sangue de guerreiros, e não há nada que ela tema. Ela faria o que fosse preciso para enfrentar qualquer adversário; mesmo alguém tão grotesco e poderoso como Romulus.

Luanda invoca toda a sua força restante e, em um movimento rápido, ela estica o pescoço para trás, se inclina, e afunda seus dentes na garganta de Romulus. Ela morde com toda força, apertando cada vez mais, até que o sangue dele espirra em seu rosto e ele grita, soltando-a.

Luanda fica de joelhos, virando-se, e corre de volta para o outro lado da ponte, para a sua terra natal.

Ela ouve os passos dele correndo atrás dela. Ele é muito mais rápido do que ela tinha imaginado em ao olhar para trás, ela vê quando ele a alcança com um olhar de pura raiva.

Ela olha pra frente e vê o continente do Anel antes dela, apenas vinte metros de distância, e ela corre ainda mais.

A poucos passos de distância, Luanda de repente sente uma dor terrível em sua coluna, quando Romulus salta pra frente e bate com o cotovelo em suas costas. Ela sente como se tivesse sido esmagada ao cair de cara no chão.

Um momento depois, Romulus está cima dela. Ele vira o corpo dela para cima e dá um soco em seu rosto. Ele bate com tanta força que seu corpo inteiro capota, e ela vai parar de volta no chão. A dor ressoa ao longo de sua mandíbula, todo seu rosto, enquanto ela permanece ali, quase inconsciente.

Luanda sente que está sendo erguida por cima da cabeça de Romulus, e ela assiste com terror enquanto ele se aproxima da

borda da ponte, preparando-se para arremessar seu corpo. Ele grita ao chegar lá, enquanto segura Luanda acima de sua cabeça, preparando-se para jogá-la.

Luanda olha ao seu redor, para a grande queda, e sabe que sua vida está prestes a terminar.

Mas Romulus fica ali, congelado, à beira do precipício, com os braços tremendo e, aparentemente, considerando melhor sua decisão. Enquanto sua vida permanece em jogo, Romulus parece pensar. Claramente, ele gostaria de jogá-la de cima da ponte em seu acesso de raiva, ainda que não possa fazê-lo. Ele precisa dela para cumprir seu propósito.

Finalmente, ele a coloca no chão, passando os braços em torno dela com ainda mais força, quase espremendo a vida para fora dela. Então, ele atravessa mais uma vez o Canyon, voltando para o seu povo.

Desta vez, Luanda fica inerte, sofrendo com a dor, pois não há mais nada que ela possa fazer. Ela já havia tentado - e havia falhado. Agora, tudo o que ela pode fazer é assistir enquanto seu destino se aproxima, lentamente, à medida que ela é levada através do Canyon e a névoa a envolve para, em seguida, desaparecer com a mesma rapidez. Luanda sente como se estivesse sendo levada para algum outro planeta, para algum lugar de onde ela nunca mais voltaria.

Finalmente, eles chegam ao outro lado do Canyon e, quando Romulus dá o último passo, o manto sobre seus ombros começa a vibrar com um grande estrondo, brilhando em um vermelho luminescente. Romulus solta o corpo de Luanda, como um saco de batatas, e ela cai no chão, batendo a cabeça, e ali permanece.

Os soldados de Romulus ficam parados, na beira da ponte, olhando adiante, todos eles claramente com medo de dar um passo à frente e testar se o Escudo tinha realmente sido desativado.

Romulus, irritado, pega um soldado, erguendo-o acima dos ombros, e o joga para a ponte, na direção da parede invisível até então havia sido o Escudo. O soldado levanta as mãos e grita, se preparando para a morte inevitável, acreditando que iria se desintegrar.

Mas desta vez, algo diferente acontece. O soldado saiu voando pelo ar, pousando na ponte, e sai rolando. A multidão assiste em silêncio enquanto ele rola até parar – vivo.

O soldado se vira e fica sentado no chão olhando para o exército, mais chocada que todos eles. Ele havia sobrevivido. O que só poderia significar uma coisa: o escudo estava desligado.

O exército de Romulus dá um grito de guerra, e como um só, todos eles avançam. Eles tomam conta da ponte, correndo para o Anel. Luanda se encolhe, tentando ficar fora do caminho, enquanto eles correram por dela, como uma manada de elefantes, em direção à sua terra natal. Ela olha com pavor.

Seu país como ela o conhecia estava acabado.

CAPÍTULO TRÊS

Reece fica na beira do poço de lava, olhando para baixo em total descrença enquanto a terra treme violentamente embaixo dele. Ele mal consegue processar o que tinha acabado de fazer, seus músculos ainda doendo de soltar a rocha, de lançar a Espada do Destino dentro do poço.

Ele havia acabado de destruir a arma mais poderosa do Anel, a lendária arma, a espada que tinha pertencido aos seus antepassados por várias gerações, a arma do Escolhido, a única arma que sustentava o Escudo. Ele a tinha jogado em um poço de fogo fundido e com seus próprios olhos tinha assistido enquanto ela derretia, incendiando-se em uma grande bolha vermelha para, em seguida, desaparecer no nada.

Destruída para sempre.

A terra tinha começado a tremer naquele momento, e não tinha parado desde então. Reece se esforça para se equilibrar, como fazem os outros, enquanto se afasta da beirada do poço. Ele sente como se o mundo estivesse desmoronando ao seu redor. O que ele havia feito? Ele havia destruído o Escudo? O Anel? Ele tinha cometido o maior erro de sua vida?

Reece tenta se tranquilizar, dizendo a si mesmo que não havia tido escolha. A pedra e a Espada eram simplesmente pesadas demais para eles carregarem para fora dali - e muito menos para escalarem as paredes com elas - ou para fugirem daqueles selvagens violentos. A situação tinha sido desesperadora, e exigido que ele tomasse decisões desesperadas.

A situação desesperada ainda não tinha sido superada. Reece ouve uma grande gritaria em torno dele, e ele ouve o sim de milhares daquelas criaturas, batendo os dentes de forma irritante e rindo e rosnando ao mesmo tempo. Parece o barulho de um exército de chacais. Claramente, Reece os tinha irritado; ele havia destruído seu precioso objeto, e agora eles pareciam resignados a fazê-lo pagar por isso.

Por pior que a situação tivesse sido ruim momentos antes, agora é ainda pior. Reece localiza os outros - Elden, Indra, O'Connor, Conven, Krog e Serna - todos olhando com horror para o poço de lava para, em seguida, olhar em volta desesperados. Milhares de Faws estão se aproximando de todas as direções. Reece tinha conseguido poupar a espada, mas não tinha pensado além, não tinha pensado em como deixar a si mesmo e aos outros fora de perigo. Eles ainda estão completamente cercados, sem nenhuma maneira de sair dali.

Reece está determinado a encontrar uma saída, e com a preocupação da Espada foram de suas cabeças, pelo menos agora eles poderiam mover-se rapidamente.

Reece desembainha sua espada, e corta o ar com um toque diferenciado. Por que sentar e esperar que aquelas criaturas atacassem? Pelo menos ele morreria lutando.

"AO ATAQUE!" Reece grita para os outros.

Todos sacam suas armas e se reúnem atrás dele, seguindo-o enquanto ele corre para longe da borda do poço de lava diretamente para o meio da multidão espessa de Faws, golpeando com sua espada para todos os lados, matando-os à esquerda e à direita. Ao lado dele, Elden levanta seu machado e corta duas cabeças em um único golpe, enquanto O'Connor empunha seu arco e lança flechas enquanto corre, tirando todos aqueles que ficam em seu caminho. Indra corre pra frente e com sua espada curta, esfaqueia dois no coração, enquanto Conven, empunhando suas espadas e gritando como um louco dispara na frente, atacando descontroladamente e matando Faws em todas as direções. Serna usa sua maça, e Krog sua lança, protegendo o flanco traseiro.

Eles são uma máquina de combate unificada, lutando como um só, lutando por suas vidas, abrindo caminho através da multidão à medida que tentam desesperadamente escapar. Reece os leva até uma pequena colina, buscando ficar em um terreno elevado.

Eles escorregam enquanto avançam, - o chão ainda treme e ladeira é íngreme e lamacenta. Ao diminuírem o ritmo, vários Faws pulam sobre Reece, arranhando e mordendo. Ele gira o corpo e desfere vários socos nelas; os Faws são persistentes e se agarram a

ele, Reece consegue se livrar deles e os derruba e então apunhala cada um deles antes que eles consigam atacar novamente. Machucado, Reece continua lutando, como seus companheiros, todos lutando por suas vidas para conseguir subir o morro e escapar daquele lugar.

Quando eles finalmente chegam ao topo da colina, Reece sente um momento de alívio. Ele fica parado por um instante, com falta de ar, e tem um vislumbre da parede do Canyon antes que ela seja coberta pela névoa espessa. Ele sabe que é lá que está sua tábua de salvação de volta à superfície, e sabe que eles têm que fazer de tudo para chegar até lá.

Reece olha para trás e vê milhares de Faws correndo a toda velocidade na direção deles, gritando, batendo os dentes, fazendo um barulho horrível, mais alto do que nunca, e Reece percebe que eles não deixariam que partissem.

"E quanto a mim?" uma voz grita, cortando o ar.

Reece se vira e vê Centra. Ele ainda está sendo mantido em cativeiro, ao lado do líder, e um Faw segura uma faca em sua garganta.

"Não me abandonem!" Ele grita. "Eles vão me matar!"

Reece fica ali, morrendo de frustração. Naturalmente, Centra estava certo: eles iriam matá-lo. Reece não poderia deixá-lo ali; isso iria contra o código de honra de dele. Afinal, Centra havia ajudado quando eles mais precisavam.

Reece fica paralisado, hesitando. Ele se vira mais uma vez e vê, ao longe, a parede do Canyon, o caminho para fora, tentando-o.

"Nós não podemos voltar atrás!" Indra grita freneticamente. "Eles vão matar todos nós."

Ela chuta um Faw que se aproxima dela e ele cai para trás, deslizando encosta abaixo de costas.

"Do jeito que as coisas estão, já teremos muita sorte em sair deste lugar vivos!" Serna completa.

"Ele não é um de nós!" Afirma Krog. "Não podemos colocar em risco o nosso grupo por ele!"

Reece fica parado, debatendo em silêncio. Os Faws estão chegando mais perto, e ele sabe que tem de tomar sua decisão.

"Você está certo" Reece admite. "Ele não é um de nós. Mas ele nos ajudou. E ele é um bom homem. Eu não posso deixá-lo à mercê dessas coisas. *Nenhum homem será deixado para trás!*" Reece diz com firmeza.

Reece começa a descer ladeira abaixo, - para salvar Centra, mas antes que possa fazer isso, Conven de repente sai correndo do meio do grupo e ataca, correndo colina abaixo, pulando e escorregando na encosta lamacenta com os pés em na frente e sua espada nas mãos, deslizando, atacando – e matando vários Faws pelo caminho. Ele corre - sozinho, de volta ao lugar de onde tinham vindo, de forma imprudente, atirando-se no meio do grupo de Faws e de alguma forma abrindo caminho através deles, com grande determinação.

Reece entra em ação logo atrás dele.

"O resto de vocês fica aqui!" Reece ordena. "Aguardem nosso retorno!"

Reece segue pelo mesmo caminho de Conven, matando Faws por todos os lados; ao alcançar Conven, ele passa a servir de apoio, e os dois lutam lado a lado abrindo caminho de volta para baixo da montanha para chegar até Centra.

Conven ataca na frente, correndo na direção da multidão de Faws, enquanto Reece abre caminho até Centra, que assiste tudo com os olhos arregalados de medo. Um Faw ergue uma adaga para cortar a garganta de Centra, mas Reece não lhe dá a chance: ele dá um passo à frente, levanta a espada, mira e atira com toda sua força.

A espada sai voando pelo ar, girando várias vezes até se alojar na garganta do Faw, um momento antes que ele mate Centra. Centra grita ao ver o Faw morto, apenas alguns centímetros de distância, seus rostos quase se tocando.

Para surpresa de Reece, Conven não vai até Centra; ao invés disso ele continua correndo, e Reece percebe horrorizado o que ele aparenta estar fazendo. Conven parece suicida. Ele corta o seu caminho pelo grupo de Faws em torno do líder, que está sentado no alto de sua plataforma, assistindo a batalha. Conven mata diversos deles rapidamente. Eles não estavam esperando por isso, e tudo

acontece muito rápido para que qualquer um deles possa reagir. Reece percebe que Conven pretende atacar o líder.

Conven se aproxima e salta no ar, erguendo sua espada, e quando o líder finalmente percebe e tenta fugir, Conven acerta seu golpe bem no meio do coração dele. O líder grita e, de repente, um coro de dez mil gritos - todos os Faws - começa a gritar como se eles próprios tivessem sido feridos. É como se todos compartilhassem o mesmo sistema nervoso - e Conven tinha acabado de acertá-lo com sua espada.

"Você não deveria ter feito isso," diz Reece quando Conven volta para o seu lado. "Agora você começou uma guerra."

Enquanto Reece assiste com horror, uma pequena colina explode, e de dentro dela saem milhares e milhares de Faws, correndo como um monte de formigas. Reece percebe que Conven havia matado sua abelha-rainha, havia incitado a ira de uma nação daquelas coisas. O chão treme com seus passos, à medida que eles rangem os dentes e avançam no rumo certo de Reece, Conven e Centra.

"MOVAM-SE!" Reece grita.

Reece empurra Centra, - que está em estado de choque, e todos eles se viram e começam a correr de volta para os outros, lutando de volta até a encosta lamacenta.

Reece sente um Faw pular em suas costas e derrubá-lo. Ele é arrastado pelos tornozelos, de volta para baixo da encosta, e começa a aproximar as presas de seu pescoço.

Uma flecha passa ao lado da cabeça de Reece, e ele ouve o som de algo sendo perfurado. Reece olha para cima e vê O'Connor, no topo da colina, segurando um arco.

Reece fica em pé novamente, com a ajuda de Centra, enquanto Conven protege a retaguarda, lutando contra o Faws. Finalmente, todos correm o restante do caminho de volta até os outros.

"É bom ter você de volta!" Elden grita, correndo e matando vários Faws com seu machado.

Reece para no topo, olhando para o meio da névoa e se perguntando qual o caminho a percorrer. O caminho bifurca para os dois lados e ele está prestes a ir pela direita.

Mas Centra de repente passa correndo por ele, dirigindo-se à esquerda.

"Siga-me!" Centra grita enquanto corre. "É a única maneira!"

Ao mesmo tempo em que milhares de Faws começam a subir a ladeira, Reece e os outros se viram e correm, seguindo Centra, escorregando e deslizando para baixo do outro lado da colina, enquanto o chão continua a tremer. Eles seguem o exemplo da Centra, e Reece fica mais grato do que nunca por ter salvado a vida dele.

"Precisamos alcançar o Canyon!" Reece grita, sem saber ao certo qual caminho Centra pretende seguir.

Eles correm, tecendo seu caminho através das árvores frondosas com seus galhos retorcidos, lutando para acompanhar Centra enquanto ele habilmente navega pela névoa em uma trilha de terra áspera, coberta de raízes.

"Só há uma maneira de perder essas coisas!" Centra grita para eles. "Mantenham-se atrás de mim!"

Eles seguem Centra de perto enquanto ele corre, tropeçando em raízes, arranhados por galhos, e Reece se esforça para ver através da névoa espessa. Ele tropeça mais de uma vez no terreno irregular.

Eles correm até seus pulmões arderem, seguidos pelo terrível grito daquelas coisas, milhares delas, cada vez mais próximas. A ajuda de Elden e O'Connor a Krog está atrasando todos eles. Reece espera e torce para que Centra saiba para onde está indo; ele não consegue ver a parede do Canyon de forma alguma de onde está.

De repente, Centra para, e estende o braço e, com a palma da mão, dá um tapa no peito de Reece, parando-o em seu caminho.

Reece olha para baixo e vê diante de seus pés uma queda acentuada, e um grande rio abaixo.

Reece olha para Centra, intrigado.

"Água," explica Centra, com falta de ar. "Eles têm medo de atravessar a água."

Os outros param ao lado deles, olhando para as corredeiras abaixo, enquanto tentam recuperar o fôlego.

"É sua única chance," acrescenta Centra. "Atravesse este rio agora e você pode despistá-los, por agora, e ganhar tempo."

"Mas como?" Pergunta Reece, olhando para as espumantes águas verdes.

"Essa corrente vai nos matar!" Diz Elden.

Centra sorri.

"Essa deveria ser a menor das suas preocupações," ele responde. "Esta água está repleta de Fourens - o animal mais mortal do planeta. Entre no rio, e eles vão deixar você em pedaços."

Reece olha para a água, em dúvida.

"Então não podemos nadar," O'Connor fala. "E eu não vejo um barco em parte alguma."

Reece olha por cima do ombro, o som do Faws se aproximando.

"Sua única chance é essa," diz Centra, esticando o braço e puxando uma longa vinha amarrada a uma árvore, seus galhos pairando sobre o rio. "Temos que balançar até o outro lado," ele explica. "Não escorreguem. E não aterrissem antes da costa. Jogue a vinha de volta para nós quando você chegar."

Reece olha para a água borbulhando e vê as terríveis pequenas criaturas amarelas brilhantes saltando para fora como peixes, com as mandíbulas estalando e fazendo barulhos estranhos. Há escolas deles e todos parecem estar à espera de sua próxima refeição.

Reece olha por cima do ombro, e vê o exército de Faws no horizonte, aproximando-se. Eles não têm escolha.

"Você pode ir primeiro," Centra fala para Reece.

Reece balança a cabeça.

"Eu irei por último," ele responde. "Caso todos não tenham tempo de atravessar. Você vai primeiro. Você nos trouxe até aqui."

Centra assente.

"Você não tem que me pedir duas vezes," ele responde com um sorriso, olhando desconfiado na direção dos Faws que se aproximam.

Centra segura na videira e, com um grito, pula, atravessando rapidamente as águas pendurado no cipó, erguendo os pés para longe da água e das criaturas que tentam mordê-lo. Finalmente, ele desembarca na margem oposta, caindo no chão.

Ele tinha conseguido.

Centra fica em pé, sorrindo; ele segura a videira e a empurra de volta para o outro lado do rio.

Elden estende a mão e a segura, oferecendo-a para Indra.

"Primeiro as damas," ele diz

Ela faz uma careta.

"Eu não preciso de benefícios," ela responde "Você é grande. É possível que você quebre a videira. Vá você, e acabe logo com isso. Não caia, ou então esta mulher aqui terá que salvá-lo."

Elden faz uma careta, sem achar graça, e se agarra à videira.

"Eu só estava tentando ajudar," ele fala.

Elden pula dando um grito, cortando o ar, e cai na margem oposta ao lado de Centra.

Ele joga a corda de volta, e então é a vez de O'Connor, seguido por Serna, Indra, e então Conven.

Os últimos que restam são Reece e Krog.

"Bem, eu acho que somos apenas nós dois agora," afirma Krog para Reece. "Vá. Salve-se," continua Krog, olhando por cima do ombro, nervoso. "Os Faws estão muito próximos. Não há tempo para nós dois atravessarmos."

Reece balança a cabeça.

"Nenhum homem é deixado para trás," ele insiste. "Se você não vai, então eu também não vou."

Ambos ficam ali, teimosos, Krog parecendo cada vez mais nervoso. Krog balança a cabeça.

"Você é um idiota. Por que você se importa tanto comigo? Eu não me importaria tanto assim com você."

"Eu sou o líder agora, o que faz com que você seja minha responsabilidade," Reece responde. "Eu não me importo com você. Eu me importo com a honra. E a minha honra me impede de deixar qualquer pessoa para trás."

Os dois se viram rapidamente quando o primeiro do Faws os alcança. Reece se adianta para o lado de Krog, e eles golpeiam com suas espadas, matando vários deles.

"Vamos juntos!" Reece grita.

Sem perder mais nenhum segundo, Reece agarra Krog, jogando ele por cima de seu ombro, pega a corda, e os dois gritam ao saltarem no ar, segundos antes dos Faws invadirem a costa.

Os dois cortam o ar, enquanto atravessam o rio agarrados à videira

"Socorro!" Krog grita.

Krog começa a escorregar do ombro de Reece, e ele segura na videira; mas ela agora está molhada pela espuma das corredeiras, e as mãos de Krog deslizam pela videira enquanto ele despenca. Reece se abaixa para pegá-lo, mas tudo acontece muito rápido: o coração de Reece se parte enquanto ele é forçado a assistir a queda de Krog, fora de seu alcance, até as águas movimentadas do rio.

Reece chega até a margem oposta e cai no chão. Ele rapidamente fica em pé, preparado para correr de volta para a água, mas antes que ele possa reagir, Conven sai correndo do meio do grupo mais uma vez, mergulhando de cabeça nas águas turbulentas.

Reece e os outros observam, sem fôlego. Conven estava sendo corajoso, Reece se pergunta, - ou suicida?

Conven nada destemidamente, atravessando a corrente. Ele chega até Krog, de alguma forma sem ser atingido pelas criaturas, e o segura enquanto ele se debate, colocando um braço em torno de seu ombro e nadando pela água com ele. Conven nada contra a corrente, voltando para a costa.

De repente, Krog grita.

"Minha perna!"

Krog se contorce de dor quando um Fouren se aloja em sua perna, mordendo-o, suas escamas amarelas brilhantes visíveis do lado de fora da água. Conven nada sem parar até que finalmente eles se aproximam da costa e Reece e os outros correm até eles e arrastam os dois para fora da água. Assim que fazem isso, uma escola de Fourens salta no ar diante deles, e Reece e os outros afastam as pequenas criaturas com as mãos.

Krog se debate e, ao olhar para baixo, Reece vê o Fouren ainda alojado em sua perna; Indra pega sua adaga e, inclinando-se, enfia ela na coxa de Krog enquanto ele grita, finalmente removendo o

animal da perna dele. Ele cai no chão e, em seguida, volta para a água.

"Eu te odeio!" Krog grita para ela.

"Que bom," Indra responde, imperturbável.

Reece olha para Conven, parado ali, todo molhado, ainda surpreso pela sua coragem. Conven olha fixamente pra frente, sem expressão, e Reece nota com surpresa que um Fouren está alojado no braço dele, se debatendo no ar. Reece não consegue acreditar na calma de Conven ao aproximar a mão lentamente da criatura, arrancando-a de seu braço e jogando ela de volta dentro do rio.

"Não dói?" Pergunta Reece, confuso.

Conven dá de ombros.

Reece fica mais preocupado com Conven do que nunca; enquanto ele admira sua coragem, ele não consegue acreditar em sua imprudência. Ele havia mergulhado de cabeça em uma escola de criaturas cruéis, e nem sequer pensou duas vezes.

Do outro lado do rio, centenas de Faws ficam paralisados, olhando na direção deles, enfurecidos, rangendo os dentes.

"Finalmente," O'Connor diz, "estamos a salvo."

Centra balança a cabeça.

"Só por agora. Esses Faws são espertos. Eles conhecem os meandros do rio. Eles vão tomar o caminho mais longo, correr e volta dele, encontrar um cruzamento. Em breve, eles estarão do nosso lado. O nosso tempo é limitado. Devemos começar a nos afastar."

Todos seguem Centra enquanto ele corre pelos campos de lama, passado por gêiseres, navegando o seu caminho através daquela paisagem exótica.

Eles correm sem parar até que finalmente a névoa se dissipa; o coração de Reece fica feliz por voltar a ver, diante deles, a parede do Canyon e suas antigas rochas reluzentes. Ele olha para cima, e as paredes parecem impossivelmente altas. Ele não sabe o que fazer para escalarem.

Reece fica parado ao lado dos outros e olha para cima com medo. A parede parece ainda mais imponente agora do que no caminho para até ali. Ele olha e vê sua superfície irregular e se

pergunta como eles fariam para escalá-la. Eles estão todos esgotados, abatidos e machucados, cansados da batalha. Suas mãos e pés estão em carne viva. Como poderiam subir, quando eles tinham gastado suas últimas energias apenas para descer?

"Eu não posso continuar," afirma Krog, desanimado, com a voz embargada.

Reece está se sentindo da mesma forma, embora não possa dizê-lo.

Eles estão encurralados. Eles tinham ultrapassado os Faws, mas não por muito tempo. Logo eles os encontrariam, e eles estariam em menor número e seriam mortos. Todo aquele trabalho duro, todos os seus esforços, tudo por nada.

Reece não quer morrer ali. Não naquele lugar. Se ele tiver que morrer, ele quer morrer lá em cima, em seu próprio solo, no continente, e com Selese ao seu lado. Ele tem apenas que encontrar mais uma maneira de escapar.

Reece ouve um barulho horrível, quando olha ele vê vários Faws aproximando-se rapidamente. Há milhares deles, e eles já haviam atravessado o rio, e estavam chegando cada vez mais perto deles.

Todos sacam suas armas.

"Não temos para onde correr," Centra diz.

"Então nós vamos lutar até a morte!" Reece exclama.

"Reece!" diz uma voz.

Reece olha para cima da parede do Canyon e quando a névoa se parte, um rosto surge e ele a princípio pensa se tratar de uma aparição. Ele não consegue acreditar. Parada, acima dele, está a mulher em quem ele tinha acabado de pensar.

Selese.

O que ela estava fazendo ali? Como ela havia chegado até eles? E quem seria a outra mulher com ela? Parece ser a curandeira real, Illepra.

As duas permanecem paradas ali, diante do penhasco, com uma corda longa e grossa enrolada na cintura e mãos. Eles descem rapidamente pela longa corda grossa, fácil de segurar. Selese solta a corda e desliza o restante do caminho rapidamente, desembarcando ao lado de Reece.

É a única saída.

Eles não hesitam. Todos correm até a corda e, dentro de instantes, começam a subir o mais rápido que conseguem. Reece deixa todos irem primeiro, e quando chega a sua vez, ele sobe puxando a corda junto com ele, de modo que os Faws não possam segui-los.

Assim que seus pés saem do chão, os Faws chegam, empurrando e pulando para alcançarem seus pés - e Reece escapa por pouco.

Reece para diante de Selese, que espera por ele na beirada do Canyon; ele se inclina e os dois se beijam.

"Eu te amo," Reece diz, com o coração transbordando de amor por ela.

"E eu amo você," ela responde.

Os dois se viram e vão até a parede do Canyon com os outros, e continuam subindo cada vez mais alto. Logo, eles estariam em casa. Reece mal consegue acreditar.

Em casa.

CAPÍTULO QUATRO

Alistair corre seu pelo caótico campo de batalha, tecendo seu caminho no meio dos soldados enquanto todos lutam por suas vidas contra o exército de mortos-vivos que parece aumentar cada vez mais ao redor deles. Gemidos e gritos preenchem o ar quando os soldados matam os vampiros e quando estes, por sua vez, matam os soldados. Os Pratas, MacGils e Silesianos lutam corajosamente, mas eles estão em bem menor número. Para cada morto-vivo abatido, três mais aparecem. É só uma questão de tempo, Alistair percebe, até que todos de seu grupo sejam exterminados.

Alistair aumenta a velocidade, correndo com tudo o que tem, seus pulmões quase estourando, esquivando-se quando um morto-vivo tenta acertar seu rosto e gritando de dor quando outro consegue arranhar seu braço, tirando sangue. Ela não para de lutar contra eles. Não há tempo, ela precisa encontrar Argon.

Ela corre na direção que o tinha visto pela última vez, enquanto ele lutava contra Rafi e havia desmaiado com o esforço. Ela reza para que não esteja morto, para que ela consiga despertá-lo, e principalmente para que ela consiga alcançá-lo antes que ela e todas aquelas pessoas sejam mortas.

Um morto-vivo aparece diante dela, bloqueando seu caminho, e ela estende a palma da mão; uma bola branca de luz atingiu o monstro no peito, derrubando-o no chão.

Cinco mais aparecem, e ela volta a estender a palma da mão, mas desta vez, só mais uma bola de luz emana dela, e os outros quatro partem para cima dela. Alistair fica surpresa ao perceber que seus poderes são limitados.

Alistair se prepara para o ataque enquanto eles se aproximam - e então ela ouve um barulho de rosnado e vê Krohn, pulando para o lado dela e afundando suas presas em suas gargantas. Os mortos-vivos se voltam contra ele, e Alistair decide aproveitar a oportunidade. Ela dá uma cotovelada na garganta de um deles, derrubando-o, e corre.

Alistair abre caminho pelo caos, desesperado, correndo em meio a um número crescente de vampiros, que fazem com que seu povo comece a recuar. Depois de correr e desviar de alguns ataques, ela finalmente chega a uma pequena clareira, o lugar onde ela se lembra de ter visto Argon.

Alistair procura pelo chão, desesperada, até que, finalmente, entre todos os corpos, ela o encontra. Ele está deitado ali, caído no chão, com o corpo encolhido na posição fetal. Ele está em uma pequena clareira e claramente tinha usado algum tipo de feitiço para manter os outros longe dele. Ele está inconsciente e, enquanto Alistair corre para o seu lado, ela espera e torce para que ele ainda esteja vivo.

Ao se aproximar, Alistair se sente envolvida e protegida por sua bolha mágica. Ela se ajoelha ao lado dele e respira fundo, finalmente a salvo da batalha ao seu redor, encontrando refúgio no olho do furacão.

No entanto, Alistair também foi tomada pelo terror ao olhar para Argon: ele está ali, de olhos fechados, sem respirar. Ela entra em pânico.

"Argon!" Ela grita, sacudindo os ombros dele com as duas mãos, tremendo. "Argon, sou eu! Alistair! Acorde! Você *tem* que acordar!"

Argon continua ali, sem resposta, enquanto ao seu redor a batalha se intensifica.

"Argon, por favor! Nós precisamos de você. Não podemos combater a magia de Rafi. Não temos as habilidades que você possui. Por favor, volte para nós. Para o Anel. Para Gwendolyn. Para Thorgrin."

Alistair continua sacudindo Argon, ainda que ele não responda.

Desesperada, ele de repente tem uma ideia. Ela coloca ambas as mãos sobre o peito dele, fecha os olhos e se concentra. Ela invoca toda a sua energia interior, o que foi ainda resta dela e, lentamente, ela sente as mãos quentes. Quando ela abre os olhos, ela vê uma luz azul que emana das palmas de suas mãos, espalhando-se sobre o peito e ombros de Argon. Logo, ela envolve todo o corpo dele. Alistair estava usando um antigo feitiço que um

dia havia aprendido, para curar doentes. O poder drena o restante de suas forças, e ela sente a energia deixando seu corpo. Já bastante fraca, ela implora que Argon volte.

Alistair desaba, exausta devido ao esforço, e se deita ao lado de Argon, fraca demais para se mover.

Ela percebe um movimento e, ao olhar para o lado, para sua surpresa, ela vê Argon começar a se mexer.

Ele se senta e olha para ela, com os olhos brilhando com uma intensidade que a assusta. Ele olha para ela, sem expressão, e em seguida, estende a mão, pega seu cajado, e fica em pé. Ele estende uma mão, segura na mão dela e, aparentemente sem esforço, a ajuda a se levantar.

Quando ele segura na mão dela, ela sente toda a sua própria energia restaurada.

"Onde ele está?" Pergunta Argon.

Argon não espera por uma resposta; é como se ele já saiba exatamente onde precisa ir ao se virar, segurando o cajado ao seu lado, e caminhar diretamente para o centro da batalha.

Alistair não consegue entender como Argon não fica hesitante em caminhar entre os soldados. Em seguida, ela entende por que: ele é capaz de lançar uma bolha mágica em torno dele enquanto anda, e apesar dos mortos-vivos atacarem de todos os lados, nenhum deles é capaz de alcançá-lo. Alistair fica perto dele enquanto marcham sem medo, sem serem atingidos pela batalha, como se estivessem passeando pelo campo em um dia ensolarado.

Os dois abrem caminho através do campo de batalha, e ele se mantém em silêncio, marchando, vestido com seu manto branco longo e capuz, andando tão rápido que Alistair mal consegue acompanhar.

Ele finalmente para no meio da batalha, em uma clareira diante de Rafi. Rafi ainda está ali, segurando os dois braços ao lado de seu corpo, com os olhos virados para trás enquanto ele invoca milhares de mortos-vivos, que continuam saindo pela fenda na terra.

Argon levanta um dos braços com a palma da mão voltada para cima, de frente para o céu, e arregala os olhos.

"RAFI!" Ele grita em desafio.

Apesar de todo o ruído, o grito de Argon supera o barulho da batalha, ressoando pelas colinas.

Quando Argon grita, de repente as nuvens no céu se partem. Um feixe de luz branca é lançado do céu, diretamente para a palma da mão de Argon, como se fosse uma ligação direta com o próprio céu. O feixe de luz cresce cada vez mais, como um tornado, envolvendo o campo de batalha e tudo em torno dele.

Há um grande vento e um grande barulho sibilante, e Alistair assiste incrédula enquanto o chão embaixo dela começa a tremer ainda mais violentamente, e a enorme fenda na terra começa a se mover na direção oposta, lentamente voltando a se fechar.

Quando a terra começa a se fechar, dezenas de mortos-vivos gritam - esmagados enquanto ainda tentam se arrastar para fora.

Dentro de instantes, centenas de mortos-vivos começam a deslizar de volta para a terra, à medida que a fenda se torna cada vez mais estreita.

A terra treme uma última vez, e então fica em silêncio, quando a fenda finalmente se fecha e a terra volta a ficar inteira novamente, como se nenhuma fissura tivesse existido. Os gritos horríveis dos mortos-vivos enchem o ar, abafados pela terra.

Um silêncio atordoado toma conta do campo de batalhas, uma calmaria momentânea enquanto todos se levantam e começam a assistir o que se passa.

Rafi grita, voltando suas atenções para Argon.

"ARGON!" Rafi grita.

É chegada a hora do confronto final daqueles dois grandes titãs.

Rafi corre para a o meio da clareira, segurando seu cajado vermelho no alto, e Argon não hesita, correndo para saudar Rafi.

Os dois se encontram no meio, cada um empunhando seu próprio cajado. Rafi baixa seu cajado golpeando Argon, que usa o seu cajado para bloquear o golpe. Uma grande luz branca surge, soltando faíscas quando as duas armas se encontram. Argon dá outro golpe, e Rafi também o bloqueia.

Eles continuam se enfrentando, golpe a golpe, atacando e bloqueando, enviando a luz branca para todos os lados. O chão

treme com cada um de seus golpes, e Alistair pode sentir a enorme energia no ar.

Finalmente, Argon vê uma oportunidade, e ataca com seu cajado de baixo para cima; o golpe parte o cajado de Rafi ao meio.

O chão treme violentamente.

Argon avança, ergueu o cajado no alto com as duas mãos, e o mergulha bem no meio do peito de Rafi.

Rafi solta um grito terrível, e milhares de pequenos morcegos voam para fora de sua boca enquanto sua mandíbula permanece aberta. O céu se escurece por um momento, grossas nuvens negras se juntam sobre a cabeça de Rafi, e então começam a descer. Elas o envolvem completamente e Rafi geme ao ser erguido no ar, puxado para cima, para o céu, rumo a um destino terrível que Alistair prefere nem imaginar qual seja.

Argon fica ali, respirando com dificuldade, enquanto todos finalmente se calam, e Rafi está morto.

O exército de mortos-vivos grita à medida que, cada um à sua vez, todos eles se desintegram diante dos olhos de Argon, transformando-se em um monte de cinzas. Logo, o campo de batalha está repleto de milhares de montes, tudo o que resta das magias malignas de Rafi.

Alistair inspeciona o campo de batalha e vê que resta apenas uma batalha: do outro lado da clareira, seu irmão, Thorgrin, já está diante de seu pai, Andronicus. Ela sabe que, na batalha por vir, um daqueles homens determinados perderia sua vida: seu irmão ou seu pai. Ela torce para que seu irmão sobreviva.

CAPÍTULO CINCO

Luanda fica deitada no chão, aos pés de Romulus, assistindo com horror enquanto milhares de soldados do Império inundam a ponte, gritando com triunfo enquanto se dirigem para o Anel. Eles estão invadindo sua terra natal, e não há nada que ela possa fazer, a não ser ficar ali sentada, indefesa, e assistir, perguntando-se se ela, de alguma forma era a culpada por tudo aquilo. Ela não consegue evitar a sensação de que de alguma forma ela fosse responsável pela queda do Escudo.

Luanda se vira e olha para o horizonte, vê os intermináveis navios do império, e ela sabe que logo haveria milhões de tropas do Império ali. Seu povo estaria acabado; o Anel seria destruído. Ela não tem mais esperanças.

Luanda fecha os olhos e balança a cabeça diversas vezes. Houve um tempo em que ela estava tão zangada com Gwendolyn, com seu pai, e teria ficado feliz em testemunhar a destruição do Anel. Mas ela havia mudado de opinião, desde a traição e tratamento que tinha recebido de Andronicus, desde que havia raspado sua cabeça, e batido nela na frente de seu povo. Isso a tinha feito perceber o quão errada, e ingênua, ela tinha sido em sua própria busca pelo poder. Agora, ela daria qualquer coisa para ter sua antiga vida de volta. Tudo o que ela quer agora é uma vida de paz e contentamento. Ela já não tem ambição ou anseios por poder; agora, ela só quer sobreviver, e corrigir seus erros.

Mas enquanto observa o que se passa ao redor dela, Luanda percebe que é tarde demais. Agora sua querida pátria está a caminho de ser destruída, e não há nada que possa fazer.

Luanda ouve um barulho horrível, um riso misturado com grunhido, e ao olhar para cima ela vê Romulus em pé, com as mãos nos quadris, olhando tudo com um enorme sorriso no rosto, exibindo seus enormes dentes irregulares. Ele joga a cabeça para trás e dá uma gargalhada, exultante.

Luanda gostaria de matá-lo; se ela tivesse um punhal na mão, daria um golpe fatal em seu coração. Mas conhecendo-o, sabendo

como ele é inabalável, a adaga provavelmente não conseguiria perfurá-lo.

Romulus olha para ela, e seu sorriso se transforma em uma careta.

"Agora," ele diz, "é hora de matá-la lentamente."

Luanda ouve um ruído característico e observa enquanto Romulus saca uma arma da cintura. Parece ser uma espada curta, com uma ponta estreita e comprida. É uma arma do mal, claramente projetada para a tortura.

"Você vai sofrer muito, muito mesmo," ele diz.

Quando ele abaixa a arma, Luanda ergue as mãos ao rosto, como se para bloquear tudo. Ela fecha os olhos e grita.

É quando a coisa mais estranha acontece: quando Luanda grita, seu grito é respondido por um grito ainda mais intenso. É o grito de um animal. Um monstro. Um rugido primitivo, mais alto e mais ressonante do que qualquer coisa que Luanda já tinha ouvido em toda sua vida. É como um trovão, rasgando o céu distante.

Luanda abre os olhos e olha para os céus, se perguntando se ela tinha imaginado tudo aquilo. Seu grito havia soado como se tivesse sido o grito do próprio Deus.

Romulus, também atordoado, olha para cima, perplexo. Por sua expressão, Luanda consegue perceber que aquilo realmente tinha acontecido; ela não tinha imaginado nada.

E de repente, um segundo grito é ouvido, ainda pior do que o primeiro, com tal ferocidade, tal poder, que Luanda sabe que só pode ser uma coisa:

Um dragão.

À medida que os céus se abrem, Luanda se surpreende ao ver dois dragões imensos voarem acima dela, as maiores e mais assustadoras criaturas que ela já tinha visto, encobrendo o sol, transformando o dia em noite, e lançando uma sombra sobre todos eles.

A arma de Romulus cai de suas mãos, e ele fica boquiaberto. Claramente, ele também nunca tinha testemunhado algo parecido com aquilo, especialmente quando os dois dragões voam tão rente ao chão, pouco mais de 5 metros acima de suas

cabeças, quase tocando neles. Suas longas caudas ficam penduradas abaixo deles, e quando gritam novamente, eles arqueiam as costas e abrem suas asas.

A princípio, Luanda se prepara para o inevitável, presumindo que eles estejam se aproximando para matá-la. Mas enquanto os observa, voando tão rápido, ao sentir o vento do rastro deles sobre ela, Luanda percebe que eles estão indo para outro lugar: atravessando o Canyon, em direção ao Anel.

Os dragões devem ter visto os soldados atravessando rumo ao Anel e percebido que o escudo havia sido desativado. Eles devem ter percebido que esta era a sua chance de entrar no Anel também.

Luanda observa, horrorizada, quando um dragão de repente abre a sua boca, desce, e sopra uma corrente de fogo nos homens sobre a ponte.

Milhares dos soldados do Império gritam, olhando para os céus quando uma grande muralha de fogo toma conta deles.

Os dragões continuam a voar, cuspidando fogo enquanto atravessam a ponte, queimando todos os homens de Romulus. Em seguida, eles continuam a voar, sobrevoando o Anel, cuspidando fogo e destruindo todos os homens do Império que encontram pela frente, enviando onda após onda de destruição.

Dentro de momentos, não restam homens Império na ponte, ou no continente do Anel.

Os homens do Império que se dirigiam para a ponte, que estavam prestes a cruzar, ficam paralisados no lugar. Eles não se atrevem a entrar. Em vez disso, eles se viram e começam a fugir de volta para os navios.

Romulus observa seus homens correndo, irado.

Luanda continua sentada, atordoada, e percebe que aquela é a chance que ela estava esperando. Romulus está distraído, enquanto persegue seus homens tentando levá-los de volta para a ponte. Esta é sua oportunidade.

Luanda fica em pé, com coração batendo acelerado, se vira e corre de volta para a ponte. Ela sabe que tem apenas alguns momentos preciosos; se ela tiver sorte, *talvez*, apenas talvez, ela possa correr o suficiente antes que Romulus perceba, e chegar ao

outro lado. E se ela chegar ao outro lado, talvez ela consiga reativar o Escudo.

Ela tem que tentar, e sabe que é agora ou nunca.

Luanda corre sem parar, respirando com tamanha dificuldade que ela mal consegue pensar, com as pernas tremendo. Ela tropeça em seus próprios pés, as pernas pesadas, sua garganta seca, sacudindo os braços enquanto corre e com o vento frio soprando sua cabeça careca.

Ela corre cada vez mais, com o coração batendo em seus ouvidos e o som de sua própria respiração enchendo seu mundo, à medida que sua visão se torna turva. Ela corre uns cinquenta metros sobre a ponte antes de ouvir o primeiro grito.

Romulus. Claramente, ele a tinha visto.

Atrás dela de repente vem o som de homens atacando a cavalo, atravessar a ponte em busca dela.

Luanda corre, aumentando seu ritmo, ao sentir que os homens estão se aproximando dela. Ela passo correndo por todos os cadáveres dos homens Império, queimado pelos dragões, alguns ainda em chamas, fazendo o possível para evitá-los. Atrás dela, o barulho dos cavalos se torna ainda mais alto. Ela olha por cima do ombro, vê suas lanças erguidas e sabe que desta vez Romulus tem a intenção de matá-la. Ela sabe que, em alguns momentos, aquelas lanças seriam enfiadas em suas costas.

Luanda olha pra frente, e vê o Anel, - o continente, poucos metros à sua frente - se ela conseguir chegar até lá. Apenas mais alguns metros. Se ela ao menos conseguir atravessar a fronteira, talvez, apenas talvez, o Escudo seja reativado e a salve.

Os homens se aproximam dela enquanto ela dá os passos finais. O som dos cavalos é ensurdecador em seus ouvidos, e ela sente o cheiro do suor dos cavalos e dos homens. Ela se prepara, esperando que a ponta de uma das lanças perfure suas costas a qualquer momento. Eles estão muito perto, mas ela também está quase lá.

Em um último ato de desespero, Luanda mergulha ao ver um soldado levantar a mão empunhando uma lança atrás dela. Ela cai

no chão dando uma cambalhota. Com o canto do olho, ela vê a lança atravessando o ar, indo diretamente até ela.

No entanto, assim que Luanda cruza a ponte, desembarcando no continente do Anel, de repente, atrás dela, o Escudo é ativado novamente. A lança, centímetros atrás dela, se desintegra no ar. E atrás da lança, todos os soldados na ponte gritam, levantando as mãos para o rosto, enquanto entram em chamas, se desintegrando.

Em momentos, todos eles são apenas montes de cinzas.

Do outro lado da ponte Romulus fica de pé, assistindo a tudo. Ele grita e bate no peito. É um grito de agonia. Um grito de alguém que havia sido derrotado. Vencido.

Luanda permanece ali, respirando com dificuldade, em estado de choque. Ela se inclina e beija o solo diante dela. Em seguida, ela joga a cabeça para trás e ri com prazer.

Ela havia conseguido – estava em segurança.

CAPÍTULO SEIS

Thorgrin está em pé na clareira, de frente para Andronicus, cercado por ambos os exércitos. Eles ficam parados, observando enquanto pai e filho se enfrentam mais uma vez. Andronicus fica lá em toda a sua glória, elevando-se sobre Thor, empunhando um enorme machado em uma mão e uma espada na outra. Enquanto Thor o encara, ele se esforça para respirar lenta e profundamente, controlando suas emoções. Thor precisa se controlar, se concentrar para lutar contra aquele homem da mesma forma que faria contra qualquer outro inimigo. Ele precisa dizer a si mesmo que não está diante de seu pai, mas em frente ao seu pior inimigo. O homem que havia machucado Gwendolyn; o homem que tinha machucado todos os seus compatriotas; o homem que tinha feito uma lavagem cerebral nele. Um homem que merece morrer.

Com Rafi morto, Argon de volta no controle, todos os mortos-vivos de volta nas profundezas da terra, não há mais como adiar o confronto final, a batalha de Andronicus com Thorgrin. Esta seria a batalha que determinaria o destino da guerra. Thor não pretende deixar que ele escape - não desta vez. Andronicus, finalmente encurralado, parece disposto a enfrentar seu filho.

"Thorgrin, você é meu filho," Andronicus diz com a voz baixa. "Eu não quero machucá-lo."

"Mas eu quero matar você," Thor responde, recusando-se a ceder aos jogos mentais de Andronicus.

"Thorgrin, meu filho," Andronicus repete, quando Thor dá um passo cauteloso na direção dele, "eu não quero te matar. Abaixar suas armas e junte-se a mim. Junte-se a mim como você tinha feito antes. Você é meu filho. Você não é filho *deles*. Você carrega o meu sangue em suas veias, e não o deles. Minha pátria é a sua terra natal; o Anel é apenas um lugar que você adotou. Você faz parte do *meu* povo. Essas pessoas não significam nada para você. Venha para casa. Volte para o Império. Permita-me ser o pai que você sempre quis. E torne-se o filho que eu sempre quis que você fosse.

"Eu não lutarei contra você," Andronicus fala, finalmente, abaixando seu machado.

Thor acredita ter ouvido o suficiente. Ele precisa tomar uma atitude agora, antes que ele permita que sua mente seja influenciada por aquele monstro.

Thor deixa escapar um grito de guerra, levanta a espada e ataca, trazendo-a para baixo com ambas as mãos visando acertar a cabeça de Andronicus.

Andronicus olha com surpresa e, então, no último segundo, ele se abaixa, pega o machado do chão e bloqueia o golpe de Thor.

Faíscas voam da espada de Thor quando as duas armas se encontram a centímetros de distância, e os dois gemem enquanto Andronicus detém o golpe de Thor.

"Thorgrin," diz Andronicus, "sua força é grande. Mas é *a minha* força. Eu lhe dei esse poder. Meu sangue corre em suas veias. Pare com essa loucura, e junte-se a mim!"

Andronicus empurra Thor para trás, e Thor cambaleia.

"Nunca!" Thor grita, desafiante. "Eu nunca vou voltar para você. Você não é um pai para mim. Você é um estranho. Você não merece ser meu pai!"

Thor ataca novamente, gritando e golpeando mais uma vez com sua espada. Andronicus bloqueia o golpe e Thor, esperando por isso, rapidamente vira a sua espada e corta o braço de Andronicus.

Andronicus grita quando o sangue esguicha de seu braço. Ele tropeça e olha para Thor com descrença, esticando o braço para tocar sua ferida e, em seguida, examina o sangue em sua mão.

"Você quer me matar," Andronicus diz, como se estivesse finalmente percebendo aquilo. "Depois de tudo que eu fiz por você."

"Eu certamente quero," Thorgrin responde.

Andronicus o analisa, como se estivesse olhando para um estranho, e logo seu olhar se transforma - de um olhar de curiosidade e decepção em um olhar de raiva.

"Então, você não é meu filho!" Ele grita. "O Grande Andronicus não pede duas vezes!"

Andronicus jogou a espada longe, ergue o machado de batalha com as duas mãos, soltando um grande grito, e parte para cima de

Thor. Finalmente, a batalha começa.

Thor ergue a espada para bloquear o golpe, mas o golpe de Andronicus é tão forte que, ao se chocar com a espada de Thor, ele a parte ao meio.

Thor improvisa rapidamente, desviando do golpe – que passa a apenas alguns centímetros dele, tão perto que ele pode sentir o vento passando pelo seu ombro. Seu pai tem uma tremenda força, mais forte do que qualquer guerreiro que ele já havia enfrentado, - e Thor sabe que aquela luta não será fácil. Seu pai também é rápido, uma combinação mortal. E agora Thor não tem nenhuma arma.

Andronicus vira novamente sem hesitar golpeando dos dois lados, com o objetivo de cortar Thor pela metade.

Thor salta no ar, por cima da cabeça de Andronicus, dando uma cambalhota e usando seus poderes para pegar um impulso. Ele caiu em pé atrás de Andronicus, se abaixa e pega a espada de seu pai no chão, girando o corpo de dando um golpe nas costas de seu pai.

Mas para surpresa de Thor, Andronicus é rápido, e está preparado. Ele se vira e bloqueia mais este golpe. Thor sente o impacto de metal contra metal ressoar por todo o corpo. A espada de Andronicus resiste; ela é mais forte do que a sua havia sido. É estranho segurar a espada de seu pai, especialmente quando está lutando com a intenção de matá-lo.

Thor dá mais um golpe, tentando acertar o ombro de Andronicus. Andronicus bloqueia o ataque, e revida com outro golpe.

Eles ficam se alternando, ataque e bloqueio, Thor faz com que Andronicus recue, e Andronicus, por sua vez, também leva Thor a fazer o mesmo. Faíscas voam quando as se encontram, brilhando sob a luz, e o barulho do confronto ressoa pelo campo de batalha enquanto os dois exércitos assistem paralisados. Os dois grandes guerreiros se empurram mutuamente pela clareira, sem que qualquer um deles possa avançar.

Thor ergue sua espada para atacar novamente, mas desta vez Andronicus o surpreende ao avançar e chutá-lo no peito. Thor saiu voando para trás, caindo de costas no chão.

Andronicus corre e dá mais um golpe com seu machado. Thor rola para fora do caminho, mas não rápido o suficiente: o machado

corta o bíceps de Thor, apenas o suficiente para tirar sangue. Thor grita, mas mesmo assim, ele se vira e dá mais um golpe com sua espada, cortando a panturrilha de Andronicus.

Andronicus tropeça, gritando de dor, e Thor volta a ficar em pé. Os dois se encaram, ambos feridos.

"Eu sou mais forte que você, meu filho," fala Andronicus. "E tenho mais experiência com batalhas. Desista agora. Seus poderes druidas não irão funcionar contra mim. Agora sou eu contra você, de homem para homem, espada contra espada. E como guerreiro, eu sou melhor. Você sabe disso. Renda-se a mim, e não o matarei."

Thor faz uma careta.

"Não me renderei a ninguém! Muito menos para você!"

Thor se obriga a pensar em Gwendolyn, no que Andronicus tinha feito com ela, e sua raiva se intensifica. Agora é a hora. Thor está determinado a acabar com Andronicus de uma vez por todas, e a mandar aquela criatura terrível de volta para o inferno.

Thor é tomado por uma explosão final de força, suas últimas reservas de energia, e deixa escapar um grito de guerra. Ele leva sua espada para baixo, golpeando para a esquerda e para a direita, tão rápido que mal consegue conter-se, enquanto Andronicus bloqueia golpe após golpe, sendo empurrado para trás, um passo de cada vez. A luta continua, e Andronicus parece surpreso que seu filho tenha tamanha força, e por tanto tempo.

Thor vê sua oportunidade quando, por um momento, os braços de Andronicus se cansam. Thor mira na lâmina do machado de Andronicus e acerta o golpe, derrubando o machado das mãos dele. Andronicus observa enquanto sua arma é arremessada no ar, chocado, e Thor, em seguida, chuta seu pai no peito, derrubando-o de costas no chão.

Antes que ele possa se levantar, Thor se adianta e coloca um pé sobre sua garganta. Thor o imobiliza e fica ali, olhando para ele.

Todo o campo de batalha parece hipnotizado, enquanto Thor permanece sobre seu pai, segurando a ponta de sua espada contra garganta dele.

Andronicus, com sangue escorrendo pela boca, sorri entre suas presas.

"Você não vai conseguir fazer isso, meu filho," ele diz. "Essa é a sua grande fraqueza. O seu amor por mim. Assim como também é a minha fraqueza em relação a você. Eu nunca tive coragem de matá-lo. Nem agora, nem durante toda a sua vida. Toda essa batalha é inútil. Você vai me deixar ir. Porque você e eu somos um."

Thor continua em cima dele, com as mãos tremendo enquanto segura a ponta da espada na garganta de seu pai. Lentamente, ele a levanta. Uma parte dele sente que as palavras do pai são verdadeiras. Como ele seria capaz de matar seu próprio pai?

Mas enquanto ele olha para baixo, ele se lembra de toda dor e de todo o mal que seu pai tinha infligido a todos ao seu redor. Ele considerou o preço que pagaria por deixá-lo vivo. O preço da compaixão. Seria um preço muito alto a pagar, não apenas para Thorgrin, mas para todos que ele ama e com quem se preocupa. Thor olha para trás e vê as dezenas de milhares de soldados do Império que haviam invadido sua terra natal, ali de pé, prontos para atacar seu povo. E esse homem era seu líder. Thor devia isso para sua terra natal. Para Gwendolyn. E acima de tudo, para a si mesmo. Este homem poderia ser seu pai de sangue, mas isso era tudo. Ele não era seu pai em qualquer outro sentido da palavra. Laços sanguíneos não são a única coisa que faz de um homem, um pai.

Thor ergue sua espada no alto, e com um grande grito, desfere um golpe.

Thor fecha os olhos e quando volta a abri-los vê a espada enfiada no chão, ao lado da cabeça de Andronicus. Thor a deixa ali e dá um passo para trás.

Seu pai tinha razão: ele tinha sido incapaz de matá-lo. Apesar de tudo, ele simplesmente não consegue matar um homem indefeso.

Thor vira de costas para seu pai, de frente para o seu próprio povo, de frente para Gwendolyn. É evidente que ele havia vencido a batalha; havia defendido seu ponto de vista. Agora Andronicus, se tivesse alguma honra, não teria outra escolha a não ser voltar para casa.

"THORGRIN!" Gwendolyn grita.

Ao se virar para ver o que está acontecendo, Thor vê o machado de Andronicus atravessando o ar, vindo direto para sua cabeça. Thor se abaixa no último segundo, e o machado passa voando.

Mas Andronicus é rápido e, no mesmo movimento ela estica o braço com sua manopla e dá um soco no maxilar de Thor, deixando-o de joelhos.

Thor sente uma dor terrível em suas costelas, quando a bota de Andronicus acerta seu estômago, fazendo com que ele saia rolando e com falta de ar.

Thor se apóia suas mãos no chão, de joelhos, respirando com dificuldade, com sangue escorrendo pela boca e morrendo de dor nas costelas, tentando reunir forças para se levantar. Com o canto do olho, ele vê Andronicus dar um passo a frente, com um amplo sorriso nos lábios, enquanto levanta o machado com as duas mãos. Ele pretende acertar a cabeça de Thor, que percebe pelos seus olhos injetados de sangue que Andronicus não terá misericórdia, como Thor teve.

"Isto é o que eu deveria ter feito 30 anos atrás," Andronicus declara.

Ele dá um grito, e desfere o golpe com seu machado na direção do pescoço exposto de Thor.

Thor, no entanto, não se sente vencido; ele consegue reunir uma última explosão de energia, e apesar de toda sua dor, fica em pé e ataca o pai, envolvendo os braços em torno de seu abdômen e levando Andronicus de costas no chão.

Thor fica em cima dele, imobilizando-o enquanto se prepara para lutar com as próprias mãos, quando Andronicus estende o braço e agarra sua garganta. Thor se surpreende com a força do pai; e sente que está perdendo o fôlego e que morrerá sufocado.

Thor procura em sua cintura, desesperado, em busca de sua adaga. O punhal real, que o rei MacGil havia lhe dado antes de morrer. Thor está ficando sem ar rapidamente, e sabe que se não encontrá-lo morrerá em breve. Ele consegue encontrá-la bem a tempo, e enfia a adaga com as duas mãos no peito de Andronicus.

Andronicus estremece, - surpreso e ferido mortalmente, mas continua enforcando seu filho.

Thor, sem fôlego, está começando a ver estrelas, prestes a desmaiar.

Por fim, lentamente, Andronicus solta seu pescoço, e seus braços caem ao lado de seu corpo. Seus olhos parecem vidrados, e ele não se move.

Ele permanece imóvel. Morto.

Thor respira profundamente enquanto tira a mão flácida de seu pai de sua garganta, arfando e tossindo, rolando o corpo de seu pai para o lado.

Seu corpo inteiro está tremendo. Ele havia acabado de matar seu pai. Ele não pensava que isso fosse possível.

Thor olha em volta e vê todos os guerreiros, os dois exércitos, encarando-o em estado de choque. Thor sente um tremendo calor percorrer seu corpo, como se alguma profunda mudança estivesse ocorrendo dentro dele, como se ele estivesse limpando alguma parte mal dentro de si mesmo. Ele se sente mudado, mais leve.

Thor ouve um barulho no céu, como um trovão, e vê uma pequena nuvem negra aparecer sobre o cadáver de Andronicus, e um funil de pequenas sombras negras, como demônios, girando até o chão. Eles rodam em torno de seu pai, erguendo seu corpo enquanto uivam, e em seguida, levantam seu corpo para o alto, mais e mais, até que desaparecem na nuvem. Thor observa, em estado de choque, e se pergunta para qual inferno o espírito de seu pai seria arrastado.

Thor olha para cima, e vê o exército do Império diante dele, centenas de milhares de homens, com um olhar de vingança nos olhos. O Grande Andronicus está morto, mas ainda assim, os seus homens ainda resistem. Thor e os homens do Anel ainda estão em menor número, cem para um. Eles haviam vencido a batalha, mas estão prestes a perder a guerra.

Erec e Kendrick e Srog e Bronson caminham para o lado de Thor, com espadas nas mãos, para enfrentarem o Império juntos. Trombetas soam na linha do exército do Império, e Thor se prepara para enfrentar a batalha pela última vez. Ele sabe que não

poderia ganhar. Mas, ao menos todos iriam lutar juntos - em uma batalha épica.

CAPÍTULO SETE

Reece marcha ao lado de Selese, Illepra, Elden, Indra, O'Connor, Conven, Krog e Serna, nove deles marchando a oeste, como já faziam há horas, desde que tinham saído do Canyon. Em algum lugar, Reece sabe, seu povo o aguarda e, vivos ou mortos, ele está determinado a encontrá-los.

Reece tinha ficado chocado quando haviam passado por uma paisagem de destruição, intermináveis campos com cadáveres, carbonizado por dragões, com bandos de pássaros se alimentando deles. Milhares de cadáveres de soldados do Império pontuam o horizonte, alguns deles ainda com fumaça, que preenche o ar com o cheiro insuportável de carne queimada permeando a terra destruída. Aqueles que não haviam sido mortos pelo sopro do dragão tinham sido abatidos durante uma batalha convencional, e soldados do Império, MacGils e McClouds jazem mortos, e cidades inteiras foram destruídas - há pilhas de escombros por toda parte. Reece balança a cabeça: esta terra, que uma vez tinha sido tão abundante, agora está devastada pela guerra.

Desde haviam saído do Canyon, Reece e os outros estavam determinados a voltarem para casa, a voltarem para o lado MacGil do Anel. Sem encontrarem cavalos, eles marcham todo o caminho pelo território McCloud, ao longo das Highlands, até o outro lado, e agora, finalmente, eles se encontram no território MacGil, sem encontrar nada exceto ruína e devastação. Pela aparência da terra, os dragões pareciam terem ajudado a destruir as tropas do Império e, por isso Reece se sente grato. Mas Reece ainda não sabe em que estado se encontra seu próprio - estariam todos mortos? Até o momento, é essa a impressão que ele tem. Reece está ansioso para descobrir se estão todos bem.

Toda vez que encontram um campo com mortos e feridos, Illepra e Selese passam de corpo em corpo - aqueles que não foram carbonizados pelas chamas dos dragões, virando-os, verificando. Eles não são motivados apenas por suas profissões,

Illepra também tem outro objetivo em mente: encontrar o irmão de Reece. Godfrey. É um objetivo que Reece e ela compartilham.

"Ele não está aqui," Illepra anuncia mais uma vez, quando ela finalmente termina, após ter verificado cada cadáver daquele campo, a decepção gravada em seu rosto.

Reece percebe o quanto Illepra se importa com seu irmão, e fica sensibilizada. Reece também tem esperanças de que ele esteja bem e entre os vivos, mas a julgar pela aparência daqueles milhares de cadáveres, ele tem um pressentimento de que talvez não o encontre.

Eles continuam marchando, passando por outra série de colinas, e quando terminam, eles avistam outro campo de batalha no horizonte, com milhares de cadáveres esparramados no chão. Eles continuam marchando naquela direção.

Enquanto caminham, Illepra chora baixinho. Selese coloca a mão em seu pulso.

"Ele está vivo," Selese a tranquiliza. "Não se preocupe."

Reece se adianta e coloca uma mão confortante em seu ombro, sentindo compaixão por ela.

"Se há uma coisa que eu sei sobre meu irmão," Reece diz, "é que ele é um sobrevivente. Ele encontra uma maneira de sair de qualquer confusão. Até mesmo a morte. Eu prometo. É mais provável que Godfrey esteja em alguma taverna por aí, bêbado."

Illepra ri por entre as lágrimas e enxuga seu rosto.

"Espero que sim," ela fala. "Pela primeira vez, eu realmente espero que sim."

Eles continuam a sua marcha sombria, silenciosamente atravessando o deserto, cada um perdido em seus próprios pensamentos. Imagens do Canyon passam pela cabeça de Reece; ele não consegue suprimi-las. Ele volta a pensar na situação desesperadora que havia superado, e se sente eternamente grato a Selese; se ela não tivesse aparecido naquele momento, eles ainda estariam lá, e com certeza, mortos.

Reece se aproxima e pega a mão de Selese sorrindo, e os dois caminham de mãos dadas. Reece pensa no amor e devoção que ela sente por ele, e fica tocado que ela tenha atravessado todo o campo

de batalhas apenas para salvá-lo. Ele sente um tremendo amor por ela, e ele mal pode esperar até que eles tenham um momento a sós para que ele possa demonstrar todo seu sentimento por ela. Ele já tinha decidido que queria ficar com ela para sempre. Ele sente uma lealdade a ela, diferente do que já havia sentido por qualquer outra pessoa, e assim que tivesse um momento, ele pretende pedi-la em casamento. Ele daria a ela o anel de sua mãe, o anel que ele havia prometido para a mãe que entregaria para o amor de sua vida - quando a encontrasse.

"Eu não posso acreditar que você atravessou o Anel por mim," Reece fala para ela.

Ela sorri.

"Não foi tão longe," responde ela.

"Não foi longe?" ele pergunta. "Você coloca sua vida em perigo ao atravessar um país devastado pela guerra. Devo-lhe uma. Mais ainda do que eu poderia dizer."

"Você não me deve nada. Estou feliz que você está vivo."

"Nós *todos* devemos a você," Elden entra na conversa. "Você salvou todos nós. Ainda estaríamos todos presos lá embaixo, perdidos no Canyon, para sempre."

"Falando de dívidas, tenho algo a discutir com você," Krog fala para Reece, chegando ao seu lado, mancando um pouco. Desde que Illepra havia colocado uma tala na perna dele, no topo do Canyon, Krog tinha, ao menos, sido capaz de caminhar por conta própria, mesmo que com dificuldade.

"Você me salvou lá embaixo, e mais de uma vez," continua Krog. "Foi muito estúpido de sua parte, se quiser saber minha opinião. Mas você fez isso de qualquer maneira. Mas não vá achando que eu lhe devo uma."

Reece balança a cabeça, surpreso pela aspereza de Krog e por sua tentativa desajeitada de agradecimento.

"Eu não sei se você está tentando me insultar, ou tentando me agradecer," Reece responde.

"Esse é o meu jeito," afirma Krog. "Eu estou cuidando de você a partir de agora. Não porque eu goste de você, mas porque é isso que eu me sinto motivado a fazer."

Reece balança a cabeça mais uma vez, perplexo, como sempre, pelo comportamento de Krog.

"Não se preocupe," diz Reece. "Eu também não gosto de você."

Todos continuam marchando, mais relaxados, felizes por estar vivos, fora do Canyon, de volta neste lado do Anel - todos, exceto Conven, que caminha em silêncio, separado dos outros, alheio ao mundo ao seu redor como havia ficado desde a morte de seu irmão gêmeo no Império. Nada, nem mesmo o fato de ter escapado da morte, parece capaz de tirá-lo desse torpor.

Reece começa a recordar os acontecimentos e se lembra que, durante a batalha, Conven havia se colocado em perigo de forma imprudente, repetidas vezes, quase matando a si mesmo para salvar os outros. Reece não consegue evitar a sensação de que havia sido mais uma tentativa de acabar com sua própria vida que uma forma de ajudar os outros. Ele se preocupa com Conven. Reece não gosta de vê-lo tão alienado, tão perdido em depressão.

Reece se aproxima dele.

"Você lutou de forma brilhante lá atrás," Reece diz para o amigo.

Conven apenas dá de ombros e olha para o chão.

Reece procura desesperadamente algo para dizer, enquanto marcham em silêncio.

"Você está feliz por estar em casa?" ele pergunta. "Por estar livre?"

Conven se vira e olha para ele fixamente.

"Eu não estou em casa. E eu não sou livre. Meu irmão está morto. E eu não tenho direito de viver sem ele."

Reece sente um arrepio percorrer seu corpo ao ouvir estas palavras. Claramente, Conven ainda está dominado pela tristeza; e usa o luto como uma medalha de honra. Conven está parecendo mais um morto-vivo, seu olhar está vazio. Reece ainda se lembra de vê-los cheios de alegria. Reece percebe que seu luto é profundo, e tem a sensação de que ele talvez nunca consiga superar isso. Reece se pergunta o que seria de Conven. Pela primeira vez, ele não consegue pensar em nada bom.

Eles marcham sem parar, as horas passam, e eles alcançam mais um campo de batalha, completamente repleto de cadáveres. Illepra, Selese e os outros se espalham, indo de cadáver em cadáver, virando-os, procurando por qualquer sinal de Godfrey.

"Estou vendo mais MacGils neste campo," Illepra diz esperançosamente, "e quase nenhum sinal do dragão. Talvez Godfrey esteja aqui."

Reece olha para cima e, ao ver os milhares de cadáveres, se pergunta se, mesmo que ele estivesse aqui, como seria possível encontrá-lo.

Reece se afasta e começa a olhar de cadáver em cadáver, juntamente com os outros, virando cada um deles. Ele vê todos os rostos de seu povo, alguns que ele reconhece e muitas pessoas estranhas - pessoas que ele conhecia e com quem havia lutado e pessoas que lutaram por seu pai. Reece fica espantado com a devastação que de sua terra natal, como uma praga, e sinceramente espera que tudo tenha finalmente acabado. Ele já havia visto batalhas, guerras e cadáveres suficientes para uma vida inteira. Ele está pronto para se estabelecer e viver em paz, se recuperar e reconstruir sua vida novamente.

"Aqui!" Grita Indra, sua voz cheia de emoção. Ela fica em pé sobre um corpo e olha para baixo.

Illepra se vira e sai correndo, e todos se reúnem ao redor dele. Ela se ajoelha ao lado do corpo, e as lágrimas inundam seu rosto. Reece se ajoelha ao lado dela e suspira ao ver seu irmão.

Godfrey.

Com a grande barriga de fora, a barba por fazer, os olhos fechado, muito pálido e com as mãos azuis devido ao frio, ele parece morto.

Illepra se inclina sobre ele e chacoalha seu corpo algumas vezes; ele não responde.

"Godfrey! Por Favor! Acorde! Sou eu! Illepra! GODFREY!"

Ela o sacode uma e outra vez, mas ele não desperta. Finalmente, freneticamente, ela se vira para os outros, olhando na direção de seus cintos.

"Seu vinho!" Ela exigiu de O'Connor.

O'Connor se atrapalha um pouco, mas se apressa a entregá-lo a Illepra.

Ela pega o vinho e o segura sobre o rosto de Godfrey, esguichando um pouco em seus lábios. Ela levanta a cabeça dele, abre sua boca, e esguicha um pouco em sua língua.

Há uma resposta súbita, quando Godfrey lambe os lábios e engole.

Ele tosse, e então se senta, pega o saco com os olhos ainda fechados, e começa a beber mais e mais, até ficar completamente sentado. Ele abre os olhos devagar e limpa a boca com as costas da mão. Ele olha em volta, confuso e desorientado, e arrota.

Illepra grita de alegria, inclinando-se e dando-lhe um grande abraço.

"Você sobreviveu!" ela exclama.

Reece suspira de alívio quando seu irmão olha em volta, confuso, mas bastante vivo.

Elden e Serna seguram Godfrey pelos ombros e o colocam em pé. Godfrey fica parado, vacilante a princípio, e então ele dá outro longo gole de vinho e limpa a boca com as costas da mão.

Godfrey olha ao redor, com os olhos turvos.

"Onde estou?" ele pergunta. Ele estende a mão e coça a cabeça, que tem um grande ferimento, e seus olhos fecham de dor.

Illepra estuda a ferida atentamente, passando a mão sobre ela, e sobre o sangue seco em seu cabelo.

"Você está ferido," ela diz. "Mas pode se orgulhar: por estar vivo. Você está seguro."

Godfrey cambaleia, e os outros o seguram.

"Isso não é grave," ela diz, examinando-o, "mas você vai precisar de repouso."

Ela tira uma bandagem de sua cintura e começa a envolvê-la em torno da cabeça dele, dando algumas voltas. Godfrey estremece, e olha para ela. Então, ele olha em volta e observa todos os corpos de olhos arregalados.

"Eu estou vivo," ele fala. "Eu mal posso acreditar."

"Você conseguiu," fala Reece, apertando o ombro de seu irmão mais velho, feliz. "Eu sabia que você conseguiria."

Illepra o abraça e, lentamente, ele a abraça de volta.

"Então é assim que é ser um herói," Godfrey observa, e os outros riem. "Se continuarem me dando bebida desse jeito," acrescenta ele, "talvez eu faça isso mais vezes."

Godfrey dá outro gole e, finalmente, começa a caminhar com eles, inclinando-se sobre Illepra, com um braço em torno dela enquanto ela o ajuda a se equilibrar.

"Onde estão os outros?" Godfrey pergunta no caminho.

"Nós não sabemos," Reece responde. "Em algum lugar a oeste, eu espero. É para lá que estamos indo. Marchamos para Corte do Rei – para vermos se ele ainda vive."

Reece engole em seco ao pronunciar estas palavras. Ele olha para o horizonte, e reza para que seus compatriotas tenham encontrado um destino semelhante ao de Godfrey. Ele pensa em Thor, em sua irmã Gwendolyn, em seu irmão Kendrick, e em tantos outros que ele ama. Mas ele sabe que a maior parte do exército do Império ainda não havia sido derrotada e, a julgar pelo número de mortos e feridos que ele já tinha visto, ele tem a sensação de que o pior ainda está por vir.

CAPÍTULO OITO

Thorgrin, Kendrick, Erec, Srog e Bronson se alinham diante do exército do Império, com seus homens atrás deles, de armas em punho, preparando-se para enfrentar a ofensiva das tropas do Império. Thor sabe que este seria o derradeiro ataque, a batalha final de sua vida, mas ele não tem qualquer arrependimento. Ele morreria ali, de frente para o inimigo, em pé, de espada na mão, com seus companheiros de armas ao seu lado, defendendo sua terra natal. Ele teria a oportunidade de corrigir o que tinha feito ao enfrentar seu próprio povo na batalha. Não há mais nada que ele possa querer da vida.

Thor pensa em Gwendolyn, e gostaria apenas de ter mais algum tempo por ela. Ele reza para que Steffen a tenha levado para um lugar seguro, atrás das linhas. Thos está determinado a lutar com tudo o que tem, e matar o maior número de soldados do Império que puder, apenas para impedi-los de machucá-la.

Enquanto Thor permanece ali, ele sente no ar o companheirismo de seus irmãos, todos ali, destemidamente em pé, corajosamente defendendo seu terreno. Estes são os melhores homens do reino, os melhores cavaleiros - Pratas, MacGils e Silesianos - todos unidos, nenhum dando chance para o medo, apesar das probabilidades. Todos estão dispostos a dar suas vidas para defender sua pátria. Todos eles valorizam a honra e a liberdade mais do que a vida.

Thor ouve as trombetas do Império, por toda a linha inimiga, e observa suas divisões com inúmeros homens alinhados em unidades precisas. Eles enfrentariam soldados disciplinados, soldados com comandantes impiedosos que tinham lutado a vida toda. Eles são como uma máquina bem ajustada, treinada para continuar em face da morte de seu líder. Um novo comandante havia assumido o comando do Império, e agora lidera suas tropas. Eles são numerosos, e Thor sabe que não há qualquer possibilidade de derrotá-los com tão poucos homens. Mas isso não importa mais. Não importa se eles morrerem. Tudo o que importa é *como* eles

morreriam. Eles morreriam em pé, como homens, em um confronto final que dificilmente seria esquecido.

"Vamos esperar que eles venham até nós?" Pergunta em voz alta Erec. "Ou devemos lhes dar a saudação dos MacGils?"

Thor sorri, junto com os outros. Não há nada como um pequeno exército atacando um maior. É imprudente, mas também pode ser visto com a mais alta demonstração de coragem.

Como um só, Thor e seus homens de repente soltam um grito de guerra, e começam a atacar. Eles correm a pé, correndo para preencher a lacuna entre os dois exércitos, seus gritos de batalha preenchem o ar, e todos os seus homens o seguem de perto. Thor segura sua espada erguida, correndo ao lado de seus irmãos, com o coração batendo acelerado e uma rajada de vento soprando seu rosto. Esta era a sensação de uma batalha, fazendo Thor se lembrar de como é bom estar vivo.

Os dois exércitos atacam, correndo o mais rápido que podem para matar uns aos outros. Assim que se encontram no meio, há um tremendo estrondo de armas.

Thor dá golpes para todos os lados, atacando a primeira fila de soldados do Império, que empunha lanças longas, azagaias e arpões. Thor corta a primeira lança que encontra na metade, e então perfura o intestino de um soldado.

Thor desvia e recua quando várias lanças aparecem em seu caminho; ele golpeia com sua espada, girando em todas as direções, cortando todas as armas ao meio e dá chutes e cotoveladas, tirando vários soldados de seu caminho. Ele desfere socos com sua manopla, chuta soldados na virilha, dá cotoveladas em alguns e perfura outros com sua espada. O espaço é reduzido e ele avança aos poucos. Thor é uma máquina de um homem só, abrindo caminho através de um exército muito superior.

Ao seu redor, seus irmãos estão fazendo o mesmo, lutando com incrível velocidade e potência, força e espírito, apesar de estarem em menor número, atirando-se contra um exército muito maior e atravessando as linhas dos soldados do Império, que parece não ter fim. Nenhum deles hesita, e ninguém recua

Ao redor de Thor, milhares de homens enfrentam milhares de soldados; homens gritando e gemendo enquanto lutam lado a lado em um grande confronto, a batalha determinante para o destino do Anel. E, apesar das forças inimigas muito superiores, os homens do Anel vão ganhando força, impedindo o avanço do Império, e até mesmo fazendo com que recuem.

Thor pega um mangual das mãos de um soldado do Império, dá um chute nele e, em seguida, gira o corpo e bate com a arma na lateral de seu capacete. Thor gira o mangual, derrubando vários outros soldados, e então ele arremessa a arma para o meio da multidão, atingindo mais alguns.

Thor, em seguida, ergue a espada e volta para a luta corpo-a-corpo, atacando por todos os lados, até que seus braços e ombros se cansam. Em certo momento, ele se move um pouco mais lentamente, e um soldado parte pra cima dele com uma espada em punho; Thor se vira para ele, tarde demais, e se prepara para o golpe inevitável.

Thor ouve um rosnado e Krohn passa por ele, pula no ar e trava suas mandíbulas na garganta do soldado, levando-o para o chão e salvando Thor.

Horas de luta se passam. Enquanto Thor a princípio se anima com o avanço inicial, logo se torna evidente que aquela batalha é um ato de futilidade, prolongando o inevitável. Não importa quantos deles matem, o horizonte continua com um número infundável de homens. E enquanto Thor e os outros vão ficando cansados, os homens do Império parecem descansados, e cada vez mais numerosos.

Thor, perdendo força, não se defende tão rapidamente quanto antes, e de repente recebe um golpe de espada no ombro; ele grita de dor enquanto o sangue jorra de seu braço. Thor em seguida, leva uma cotovelada nas costelas, e um machado de batalha desce na direção dele, e ele mal consegue bloqueá-lo com seu escudo. Ele ergue o escudo quase um segundo tarde demais.

Thor está perdendo terreno, e ao olhar à sua volta, vê que os outros ao seu redor também estão. A maré estava começando a virar mais uma vez; os ouvidos de Thor são preenchidos com os

gritos de morte de muitos de seus homens, que começam a cair. Depois de horas de luta, eles estão começando a perder a batalha. Logo, eles seriam completamente derrotados. Ele pensa em Gwendolyn, e se recusa a aceitar que aquele seja o fim.

Thor joga a cabeça para trás, olhando para céu, e tenta desesperadamente reunir os poderes que lhe restam. Mas seu poder Druida não está respondendo. A maior parte de seu poder, ele sabe, havia sido drenada durante sua luta com Andronicus, e ele precisa de tempo para se recuperar. Ele nota Argon no campo de batalha, também não tão poderoso quanto antes, pois seus poderes também tinham sido usados na luta contra Rafi. E Alistair também está enfraquecida, tendo usado seus poderes para reviver Argon. Eles não têm qualquer outro reforço. Apenas a força de seus braços.

Thor joga a cabeça para trás mais uma vez e dá um grande grito de guerra desesperado, torcendo por algum milagre, alguma mudança.

Por favor, Deus, ele pede. Eu imploro. Salve-nos neste dia. Eu recorro a você. Não aos meus homens, ou aos meus poderes, mas a você. Dê-me um sinal de seu poder.

De repente, para espanto de Thor, o ar é tomado pelo som de um grande rugido, um barulho tão alto que parece dividir os próprios céus.

O coração de Thor acelera quando ele imediatamente reconhece o som. Ele olha para o horizonte e vê, atravessando as nuvens, sua velha amiga, Mycoples. Thor está surpreso, eufórico ao ver que ela está viva, que ela está livre, e que ela está de volta ao Anel, voando em direção a ele. É como se uma parte dele estivesse restaurada.

Thor se surpreende ainda mais ao ver, ao lado dela, um segundo dragão. Um dragão do sexo masculino, com escamas vermelhas desbotadas e antigas, e enormes olhos verdes brilhantes olhos verdes, de aparência ainda mais feroz que Mycoples. Thor observa enquanto os dois dragões atravessam o ar, voando entre as nuvens para, em seguida, mergulhar na direção de Thor. Ele percebe, então, que suas preces tinham sido atendidas.

Mycoples levanta as asas, jogando o pescoço para trás, e grita, assim como o dragão ao lado dela, e os dois assopram uma parede

de fogo sobre o exército do Império, iluminando o céu. O dia frio de repente se torna quente, à medida que as paredes de fogo se alastram na direção deles. Thor leva os braços ao rosto.

Os dragões atacam da parte de trás, de modo que as chamas não chegam a atingir Thor. Ainda assim, a parede de fogo está perto o suficiente para que Thor sinta seu calor, e os cabelos de seu antebraço são chamuscados pelas chamas.

Os gritos de milhares de homens tomam conta do ar à medida que o exército do Império, divisão por divisão, é incendiado. Dezenas de milhares de soldados gritam por suas vidas, correndo para todos os lados, mas não há para onde fugir. Os dragões são impiedosos. Eles atacam, - cheios de fúria, dispostos a vingar-se do Império.

Divisão após divisão do Império é derrotada, e seus soldados caem no chão, mortos.

O restante dos soldados que enfrentam Thor entram em pânico e foge, tentando se afastar dos dragões que cruzam o céu, cuspidos chamas em todos os lugares. Mas eles apenas correm para suas próprias mortes, quando os dragões se aproximam deles, e os mata um de cada vez.

Logo, Thor se vê diante de um campo vazio, com nuvens negras de fumaça e o cheiro de carne queimada no ar – o bafo dos dragões, um cheiro de enxofre. Quando a fumaça desaparece, eles vêem um terreno carbonizado diante deles, nem um único homem vivo, toda a grama e árvores reduzidas a cinzas. O exército do império, até então insuperável, tinha sido completamente dizimado.

Thor fica espantado e eufórico. Ele não iria morrer. Todos eles sobreviveriam. O anel está livre. Finalmente, eles estão livres.

Mycoples mergulha e para diante de Thor, abaixando a cabeça e bufando.

Thor se adianta, sorrindo ao se aproximar de sua velha amiga, e Mycoples abaixa a cabeça até o chão, ronronando. Thor acaricia as escamas em seu rosto, e ela estica o pescoço e esfrega o focinho para cima e para baixo no peito dele, acariciando o rosto contra seu corpo. Ela ronrona satisfeita, e fica claro que ela está em êxtase por ver Thor novamente, que está igualmente satisfeito em revê-la.

Thor monta no dragão e se vira para o seu exército, milhares de homens que olham para ele com espanto e alegria, e levanta sua espada.

Os homens também erguem suas espadas e aplaudem Thor. Finalmente, o ar é preenchido com o som da vitória.

CAPÍTULO NOVE

Gwendolyn fica parada olhando Thorgrin montado em Mycoples, e seu coração dispara de alívio e orgulho. Ela abre caminho através da multidão de soldados, de volta à linha de frente, abrindo mão da proteção de Steffen e dos outros. Ela percorre rapidamente a distância que os separa, atravessando a clareira até parar diante de Thor. Ela começa a chorar de alegria, observando a completa derrota do Império, o fim de todas as ameaças, e ao ver Thor, seu grande amor, vivo e em segurança. Ela se sente triunfante, pois toda a escuridão e tristeza dos últimos meses tinha finalmente acabado, e ela acredita que o Anel está finalmente a salvo mais uma vez. Ela é tomada por um sentimento de alegria e gratidão quando Thor a vê e olha para ela com amor e um brilho nos olhos.

Gwen está prestes a se aproximar e cumprimentá-lo, quando de repente um barulho corta o ar , tirando sua atenção.

"BRONSON!" Diz a voz.

Gwen e os outros se viram, e o coração fica apertado ao verem um homem emergir das cinzas do lado do Império. O homem tinha ficado deitado de barriga para baixo no chão, coberto com os corpos dos soldados do Império, e ele agora se levanta e afasta os corpos de perto dele, ficando em pé.

McCloud.

Gwen sente um arrepio. McCloud, de alguma forma havia sobrevivido, tendo sido covarde e se refugiado sob os corpos de outras pessoas, sobrevivendo de alguma forma à parede de chamas. Ele fica ali com o seu corpo desfigurado, com o rosto marcado, sem um dos olhos, e agora, meio queimado por causa das chamas, com fumaça ainda saindo de suas roupas. No entanto, ele ainda está vivo, de espada na mão, olhando diretamente para seu filho, Bronson.

Gwen sente um tremendo desgosto tomar conta dela. Aquele é um homem que ela detesta com cada centímetro de seu corpo, o homem dos seus pesadelos, que ela revive todas as noites, o

homem que a tinha atacado. Não há nada que ela deseja mais do que vê-lo morto.

Lá está ele, em toda sua pompa, bastante considerável, um pesadelo ao vivo e a cores, o único sobrevivente de toda aquela batalha.

"BRONSON!" McCloud grita mais uma vez, dando um passo à frente na clareira.

Bronson responde ao chamado: ele dá um passo à frente no lado do exército MacGil, com sua própria espada em punho, preparado para enfrentar seu pai em uma última batalha.

Mycoples rosna, arqueando o pescoço, e se prepara para cuspir fogo em McCloud.

Mas Thor coloca a mão sobre ela, impedindo que ela ataque, e então ele desmonta e segura sua espada, dando um passo à frente, na direção de McCloud, para acabar com ele.

Bronson caminha até o lado de Thor, e coloca a mão em seu ombro Thor.

"Esta é minha batalha," Bronson diz.

"Ele atacou a minha esposa," Thor responde. "Sinto desejo de vingança."

"Mas ele é meu pai," Bronson responde. "Certamente você entende. Meu desejo é maior que o seu."

Thor olha para Bronson por um bom tempo e, então, finalmente, ele se afasta.

"Vocês dois podem me atacar!" McCloud grita com a voz rouca: "Matarei vocês dois facilmente!"

Bronson vira e olha para ele, correndo na direção dele com um grande grito enquanto ergue sua espada. McCloud faz o mesmo.

Pai e filho se encontram no meio do campo de batalhas, e Bronson dá um forte golpe com sua espada. McCloud ergue sua arma e bloqueia o ataque dele e faíscas voam – a luta acaba de começar.

Bronson, em um acesso de raiva, gira sua espada ao redor de seu corpo, cortando o ar e fazendo com seu pai recue. McCloud, apesar disso, consegue se defender destes golpes, e até mesmo desferir alguns por sua vez. Os dois avançam a tornam a recuar,

enquanto faíscas voam em todas as direções, e a luta épica continua, sem que qualquer um deles assuma a vantagem, ambos em busca de sangue. Claramente, a inimizade entre eles é bastante profunda.

Finalmente, em um movimento rápido, Bronson leva a melhor sobre seu pai, tirando a espada da mão dele. Ele dá um passo à frente e quebra seu nariz ao acertar um golpe com o punho da espada.

McCloud estende a mão e segura seu nariz, - que jorra sangue - gritando, e Bronson lhe dá um chute, derrubando-o no chão.

Bronson se adianta e McCloud repentinamente dá uma rasteira nele, batendo com seu calcanhar na parte de trás do joelho, fazendo com que ele caia no chão. McCloud, em seguida, se senta e bate na parte de trás da cabeça de Bronson com sua manopla, e Bronson cai de cara no chão.

McCloud arranca a espada da mão de Bronson, e se prepara para baixá-la no pescoço exposto de Bronson, cortando sua cabeça.

Gwendolyn, horrorizada, dá um passo à frente e grita: "Não!" Ela não suporta ver Bronson deitado, de bruços, prestes a morrer – um homem que ela havia aprendido a amar e respeitar, que tinha lutado tão corajosamente para defender sua causa.

McCloud baixa sua espada, um grito terrível atravessa o ar, e Gwendolyn se encolhe, certa de que aquele era o grito que anunciaria a morte de Bronson.

Mas, ao abrir os olhos, ela fica chocada ao ver que não tinha sido um grito de Bronson, mas sim de McCloud. Ele está parado, sem um braço. Thor está em pé próximo a ele com a espada nas mãos, tendo acabado de arrancar o braço dele segundos antes que ele pudesse matar Bronson.

"Isso é por Gwendolyn," Thor fala para McCloud.

Quando McCloud cai de joelhos, segurando o que resta de seu braço e gritando, Bronson se levanta e o encara, ao lado de Thor, e os dois ficam olhando para baixo.

"A justiça foi feita, meu pai," fala Bronson. "Você tirou minha mão, e agora perdeu a sua."

"Eu teria lhe tirado ambas as mãos, se pudesse," McCloud dispara.

Bronson balança a cabeça, inclina-se para trás, e chuta seu pai no rosto, e ele sai voando para trás, batendo com a cabeça no chão.

"Você não vai tirar a mão de mais ninguém," responde Bronson.

Seu pai continua no chão, gemendo, e Bronson se abaixa e pega sua espada no chão.

"Tenho o direito de matá-lo," Bronson diz para Thor.

Thor assente com a cabeça em sinal de respeito e se afasta, e Bronson para diante de seu pai, preparando-se para matá-lo.

Gwen dá um passo adiante, passando na frente de todos os homens, enfrentando os olhares de todos os soldados, e se aproxima do lado de Bronson, colocando a mão em seu pulso.

Bronson se vira para ela.

"Não tenha compaixão por ele, senhorita," Bronson pede.

"Não é isso," responde Gwendolyn. "Eu vim para ter minha vingança."

Bronson olha para ela, surpreso.

"Foi minha honra que ele afetou," continua Gwendolyn, "e eu preciso corrigir este erro. A justiça deve ser feita pela minha mão, e não pela sua."

Bronson olha atentamente para ela por um tempo e, em seguida, finalmente compreende. Ele assente com a cabeça e dá um passo para o lado.

"Mate o homem que assombra seus sonhos," Bronson pede. "Assim como ele aterrorizou toda a minha vida. Quando ele estiver morto, talvez nós dois possamos voltar a sonhar de novo."

Gwendolyn pega a espada com as duas mãos, segurando pelo cabo com força. Lentamente, ela a ergue acima de sua cabeça. Ela nunca havia matado alguém antes, tão de perto e parecendo tão indefeso. Suas mãos tremem, mesmo sabendo que a justiça seria feita.

Ela sente o sangue correndo por suas veias. O sangue dos MacGils; de sete gerações de reis; o sangue do governante de um grande povo; o sangue de alguém responsável por corrigir erros. Ela

sente uma necessidade irresistível de livrar o mundo de um mal que sequer deveria ter existido.

"Você não vai fazer isso," McCloud rosna para ela. "Você é como meu filho. Você não tem coragem."

Gwendolyn respira fundo e enfia a espada diretamente no coração de McCloud, perfurando-o. A espada continua atravessando seu corpo até se enfiar no solo congelado.

Os olhos de McCloud se arregalam de choque, e ele olha para ela em agonia e surpresa. Ele permanece assim por alguns segundos, com o olhar paralisado.

Então, finalmente, ele cai para trás, morto.

Gwendolyn remove a espada sangrenta e a estende diante dela, então ela se vira e olha para o seu povo. Ela ergue a espada acima de sua cabeça, e o exército, todo o seu povo, se ajoelha diante dela, gritando:

"GWENDOLYN!"

CAPÍTULO DEZ\

Thor monta nas costas de Mycoples e Gwen se senta atrás dele, segurando na sua cintura. Os dois sobrevoam o Anel, circulando por todos os territórios, absorvendo tudo do ar. Eles atravessam o ar frio de inverno, voando entre as nuvens, mas Thor não sente frio. Tudo o que ele sente é Gwen, com as mãos em seu corpo, segurando-o com força. A cada segundo que passa, ele se sente mais recuperado. Pela primeira vez desde que consegue se lembrar, ele se sente em paz novamente. Ele sente que tudo está certo no mundo, e não quer que esse momento acabe nunca. Com Gwendolyn atrás dele, voando com Mycoples e Andronicus morto, Thor tem a sensação de completude com que ele sempre havia sonhado.

Eles voam baixo, quase roçando as copas das árvores, analisando toda a devastação do Anel, terras inteiras cobertas com os corpos carbonizados dos soldados do Império. Thor percebe a intensidade da ajuda de Mycoples e Ralibar, que espalharam uma onda de destruição diferente de qualquer outra que o Anel já havia presenciado.

Eles sobrevoam as cidades devastadas, dilaceradas pela invasão do Império, campos com os corpos do exército MacGil, almas corajosas que tinham dado suas vidas na tentativa de conter a invasão. Thor volta a se sentir culpado por ter lutado no lado errado por um tempo. Ele gostaria de poder voltar no tempo, e fazer as coisas de maneira diferente desta vez. Ele se lembra do dia em que ele tinha voado para aceitar a rendição de Andronicus; ele havia pressentido que algo estava errado. Ele se lembra da resistência de Mycoples, de sua relutância em terra, vários sinais que indicavam o perigo iminente. Ele percebe agora que deveria ter prestado mais atenção aos sinais. Ele gostaria de nunca ter sido capturado, nunca ter sofrido uma lavagem cerebral e que nenhum de seus homens tivesse sido submetido a tanto sofrimento e morte.

Mas o destino quis que as coisas acontecessem desta maneira, e ele sabe disso agora. Não importa o quanto ele queira que as coisas sejam diferentes, o mundo tem o seu próprio destino. Essa é

a real crueldade da vida. No entanto, isso também pode, às vezes, ser a melhor coisa.

Thor volta seus pensamentos para o momento em que eles saíram voando, quando ele e Gwendolyn tinham abraçado todos os seus companheiros. Muitas lágrimas de alegria tinham sido derramadas quando Thor, tomado pela sensação de culpa, tinha implorado o perdão deles. Eles haviam ficado felizes em perdoá-lo: afinal de contas, ele não havia matado nenhum deles, e tinha, de fato, feito mais na luta contra o Império do que qualquer um deles. Mas ele ainda sente que precisa do perdão de Gwen acima de tudo: ele ainda não consegue acreditar que tinha levantado uma espada contra ela. A lembrança do que havia feito o faz querer se matar.

Gwendolyn havia respondido com classe. Ela não tinha sido ferida por ele, nem qualquer outra pessoa, e estava disposta a perdoá-lo. Ela até mesmo tinha compreendido suas ações, e reconhecido que ele estava sendo guiado por um feitiço, fora de controle. Thor pede desculpas para Krohn também, que rapidamente aceita seu pedido de desculpas, lambendo-o e pulando em seus braços enquanto Thor o abraçava. Thor também havia se desculpado com Erec, por ter lutado contra ele e Kendrick, e tinha pedido desculpas para todos os homens que ele conhecia e com quem havia lutado, implorando por perdão. Todos eles tinham sido rápidos em perdoá-lo, sabendo que ele havia agido contra sua vontade. A bondade de todos faz Thor se sentir ainda mais culpado.

Thor havia montado em Mycoples, ansioso para voltar a voar com ela novamente; e todos haviam concordado em se encontrar na corte do rei. A corte costumava ser a capital e agora, com a destruição do Império, todos concordam que não há lugar mais adequado para se reunirem.

Thor então havia subido em Mycoples junto com Gwen, e os dois haviam se afastado voando. Ralibar tinha gostado de Gwen e, por um momento, Thor acredita que ele vá deixar que ela voe com ele; mas então, de repente, - de forma imprevisível, ele salta no ar e se afasta, seguindo em outra direção. Gwen fica feliz quando ele vai embora: ela quer voar com Thor e ficar perto dele mais um pouco.

Os dois têm a sensação de estarem voando há horas, fazendo um balanço de todos os cantos do Anel, e percebem a imensidão do trabalho que eles têm diante deles para a reconstrução do reino. Finalmente, lá em baixo, através das nuvens, surgem os primeiros sinais da Corte, e Thor guia Mycoples para voarem mais baixo.

Mycoples obedece, atravessando as nuvens, e sobrevoa a Corte de perto; Thor e Gwen quase conseguem tocar os baluartes que ainda restam. Thor vê os contornos do vasto complexo, de castelo do rei, dos campos de treinamento da Legião, a sala dos Prata, a Sala das Armas, dezenas de edifícios, fossos e muralhas e habitações intermináveis ao longo da cidade - e seu coração se parte. Aquele é um lugar que já tinha sido muito importante para ele, uma cidade resplandecente, a espinha dorsal do reino, o bastião da resistência, de tudo o que Thor conhece sobre o poder. Aquele é o lugar com que ele sempre havia sonhado, o lugar onde ele havia conhecido e treinado com a Legião, - um lugar que ele até então acreditava ser indestrutível.

E agora ali estava ela: em ruína, apenas uma sombra do que já havia sido. Thor não consegue entender como algo tão poderoso podia ser reduzida a isso. As fundações permanecem, os restos de paredes de pedra, o contorno da cidade; certamente há uma fundação por onde começarem a reconstrução. Mas a maioria de suas grandes estátuas de pedras antigas tinha sido derrubada, reduzidas a montes de entulho. Apenas metade do Castelo do rei permanece em pé.

"Sete gerações de MacGils," Gwendolyn diz, sacudindo a cabeça, "completamente exterminada porque o escudo foi desativado, porque a espada tinha sido roubada. Tudo começou com meu irmão, Gareth. E agora eis o que resta do reino de meu pai. Gareth sempre quis destruir nosso pai: e agora, de alguma forma, ele conseguiu."

Thor pode sentir as lágrimas dela na parte de trás de seu pescoço.

"Vamos reconstruí-la," diz Thor.

"Sim, nós vamos," responde ela, confiante.

Ao mergulharem ainda mais baixo, circulando a área várias vezes, a memória de Thor começa a despertar. Quando criança, ele havia se intimidado ao passar diante das enormes portas e sentinelas. E agora, ali está ele, já um homem, montado em um dragão, líder da Legião e um dos lendários guerreiros do reino. É difícil para Thor processar tudo o que já havia acontecido em sua vida, e tão rapidamente: é surreal. Ele se pergunta por um instante se algum dia encontraria alguma forma de estabilidade em sua vida – ou se tudo continuaria mudando sempre.

A visão abaixo lhe causa grande tristeza, ainda que também seja motivo para ter esperança. Aquele é um lugar que eles poderiam construir de novo, um lugar que poderiam tornar ainda mais resplandecente. Com o Império finalmente destruído, o Anel finalmente seguro, Thor sentia muitos motivos para sentir esperança. Eles estão todos vivos e em segurança, e isso é tudo o que importa. Aquele monte de entulhos poderia voltar a ser como era. E com Gwendolyn ao seu lado, Thor sente que tudo é possível.

Thor sente anel de sua mãe, guardando dentro de seu bolso, e sabe que havia chegado o momento pedir Gwen em casamento. A hora de ficarem juntos para sempre havia chegado e ele não quer esperar nem mais um instante. Ele abre a boca para falar.

"Desça para aquele lugar," Gwendolyn de repente diz, em voz alta, para Mycoples. "Vejo alguns cavaleiros se aproximando."

Thor olha para baixo e vê alguns homens marchando pela estrada, começando a atravessar as portas da cidade. Mycoples mergulha, - exatamente como Gwen havia pedido.

Eles desembarcam bem na frente do exército que se aproxima, Mycoples se acomoda no centro do pátio, e os homens começam a correr para cumprimentar a todos. Thor sabe que o momento havia passado, mas sabe que terá outra oportunidade. Ele tem certeza disso. Antes que o dia terminasse, ele encontraria uma maneira de fazer de Gwendolyn sua esposa.

CAPÍTULO ONZE

Luanda marcha sem parar, exausta, faminta, com frio e a sensação de que aquela jornada não terminaria nunca. Ela não pode se permitir um momento de descanso; precisa voltar para sua terra natal, para Bronson. Ela ainda mal consegue acreditar na sorte que havia tido ao escapar, e em quão perto do fim ela havia chegado. Ela continua olhando por cima do ombro de tempo em tempo, ainda temendo que, de alguma forma, Romulus encontre uma maneira de derrubar o Escudo, segui-la, agarrá-la e levá-la de volta.

Mas ele não está atrás dela. Ele tinha ido embora agora, o Escudo estava ativo e Luanda caminha em segurança, durante todo o trajeto pelo deserto do Anel, determinada a voltar para casa. Ela se sente aliviada, mas também sente uma sensação de pavor. Será que o seu povo a aceitaria de volta, depois de tudo o que ela tinha feito? Será que eles tentariam matá-la? Ela mal pode culpá-los. Ela está completamente arrependida e envergonhada de seus próprios atos.

No entanto, ela não tem outro lugar para ir. Aquela é o único lar que ela conhece. E ela ama Bronson, quer vê-lo novamente e pedir desculpas pessoalmente.

Luanda está arrependida do que tinha feito, e gostaria que as coisas tivessem acontecido de outra forma. Ela gostaria de poder voltar no tempo, e fazer tudo de maneira diferente. Olhando para trás agora, ela não entende o que tinha acontecido com ela, como ela havia permitido que sua ambição tomasse conta dela. Ela havia tentando conquistar tudo, e falhado miseravelmente.

Desta vez, ela tinha aprendido a lição; ela havia sido humilhada. Ela não anseia por poder agora. Agora, ela só quer viver em paz. Ela só quer voltar para o seu povo, para um lugar que ela possa chamar de lar. Ela já tinha visto em primeira mão como a vida poderia ser com o Império, e ela quer ficar o mais longe possível de qualquer ambição.

Luanda pensa em Bronson, no quanto ele se importa para ela, e ela se culpa por tê-lo decepcionado. Ela sabe que se há alguém

capaz de perdoá-la, de aceitá-la de volta mais uma vez, essa pessoa é ele. Ela está determinada a encontrá-lo, não importa a distância que ela tenha que marchar. Ela apenas torce para que ele ainda esteja vivo.

Luanda se aproxima da retaguarda do exército dos MacGils, todos marchando em direção a Corte do Rei na estrada larga que conduz à Oeste, milhares de homens, exaustos, mas exultantes, recém saídos de sua vitória. Ela fica emocionada ao alcançá-los, ao ver que eles haviam ganhado. Ela abre caminho entre eles, perguntando a cada um deles se eles sabiam onde estava Bronson. Ela pergunta a todos a mesma coisa: se o tinham visto, se ele estava vivo.

A maioria deles havia ignorado suas perguntas com um grunhido, afastando-se dela, encolhendo os ombros, ignorantes. E aqueles que a reconheceram mandavam que ela se afastasse, com comentários depreciativos.

"Você não é a garota MacGil? Aquela que nos traiu a todos?" Pergunta um soldado, acotovelando seus amigos - que se viram e olham para ela com desprezo.

Eu sou um membro da família real MacGil, a filha primogênita do rei MacGil. Você é um plebeu. Lembre-se disso e coloque-se no seu lugar, ela gostaria de dizer. A velha Luanda teria dito isso sem pensar duas vezes.

Mas agora, humilhada, envergonhada, ela simplesmente abaixa a cabeça. Ela já não era a mulher que um dia havia sido.

"Sim, sou eu mesma," responde ela. "Sinto muito."

Luanda se vira e desaparece em meio aos soldados, tecendo seu caminho de volta, até que finalmente ela bate no ombro de mais um soldado e se prepara para lhe perguntar se ele sabia onde Bronson estava.

Mas quando ele se vira, ela fica paralisada.

O soldado faz o mesmo.

Em volta deles, os homens continuam marchando enquanto os dois permanecem ali, paralisados, olhando um para o outro.

Ela mal consegue respirar. Ali, de frente para ela, está o seu grande amor.

Bronson.

Bronson olha para Luanda em estado de choque. Ela fica parada e, por alguns segundos, ela não sabe se ele a odeia - se irá mandá-la embora ou abraçá-la.

Mas, de repente os olhos dele se enchem de lágrimas e ela vê o alívio tomar conta do rosto dele, que corre para abraçá-la. Ele a abraça com força, e ela retribui. É tão bom estar nos braços dele novamente, e ela se agarra a ele enquanto começa a soluçar. Seu rosto é inundado pelas lágrimas, e ela percebe quantos sentimentos ela estava guardando dentro dela, e percebe como ela estava chateada. Ela libera toda sua tristeza durante aquele abraço, chorando, envergonhada.

"Luanda," ele fala, segurando-a. "Eu te amo. Estou muito feliz que você está viva."

"Eu também te amo," ela responde em meio às lágrimas, incapaz soltá-lo.

Ela se afasta e, incapaz de olhar em seus olhos, baixa a cabeça, com lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

"Perdoe-me," ela pede em voz baixa, incapaz de encontrar o seu olhar. "Por favor, me perdoe."

Ele a abraça de novo, segurando-a firme.

"Eu te perdôo por tudo," ele fala. "Eu sei que você não estava agindo como você mesma."

Ela olha para cima e encontra seus olhos, vendo que eles não a observam com desdém. Ela pode ver que ele ainda a ama tanto quanto no dia em que haviam se conhecido.

"Eu sabia que você estava apenas sendo influenciada por alguma outra força," continua ele. "Ambição. Ela passou a controlar. Mas aquilo não era você de verdade, não era a Luanda que eu conheço."

"Obrigada," ela diz. "Você está certo. Aquela não era eu."

Ela sorri, respirando fundo, se recompondo enquanto enxuga as lágrimas.

"E o que aconteceu com os outros?" ela pergunta nervosa. "Thorgrin? Minha irmã? Eles estão vivos?"

Ela sabe que, se a resposta for não, ela teria de enfrentar uma multidão enfurecida que a culparia e que gostaria de vê-la morta.

Bronson sorri e acena para trás com a cabeça, e quando ela vê seu rosto, Luanda é tomada pela sensação de alegria e alívio.

"De fato, eles estão," ele responde. "Eles estão na corte do Rei, que é onde estamos indo agora. Tenho certeza de que todos a aceitarão de volta."

Ele pega a mão dela, mas ela tira sua mão da dele, balançando a cabeça.

"Eu não estou tão certa disso," ela comenta. "Como eles poderiam confiar em mim novamente?"

"Ela está ali," diz uma voz sombria.

Luanda se vira e vê vários soldados se aproximando, enquanto um deles aponta na direção dela.

"Ali está a garota MacGil," acrescenta ele. "A pessoa que traiu Thor."

Um grupo de soldados marcha na direção deles e agarra Luanda por trás, rapidamente, antes que ela possa reagir, e começa a amarrar os pulsos dela com uma corda.

"O que você está fazendo?" Bronson grita, indignado, aproximando-se deles. "Essa é a minha mulher!"

"Ela também é uma traidora," o soldado responde com firmeza. "A pessoa traiu nosso exército. Ela está presa. A rainha deve decidir o destino dela, e não eu – e definitivamente não você."

"Onde você a está levando?" Bronson pressiona, bloqueando seu caminho. "Eu exijo que ela tenha uma audiência com a rainha!"

"É exatamente isso que ela vai ter," eles respondem. "Mas, como uma prisioneira."

"Não!"

Bronson avança para libertá-la, mas um grupo de soldados bloqueia seu caminho, sacando suas espadas.

"Bronson, por favor!" Luanda grita. "Deixe. Eles têm razão em me levar. Por favor, não lute contra eles. Eles não fizeram nada de errado."

Bronson abaixa lentamente a espada, percebendo que eles estão certos. Em uma sociedade justa, a justiça deve ser feita. Não

há nada que possa fazer quanto a isso. Ele ama Luanda; mas ele também serve a rainha.

"Luanda, vou falar com ela por você," Bronson lhe assegura. "Não se preocupe."

Ela abre a boca para falar, mas os soldados já começam a levá-la para longe, para o horizonte distante, em direção à Corte. Aquela é uma cidade onde Luanda já havia entrado como parte da realeza e agora, ironicamente, ela entraria como uma prisioneira. Ela não precisa mais de honras; ela só reza para que sua irmã lhe permita continuar viva.

CAPÍTULO DOZE

Gwendolyn caminha pelos escombros da cidade, acompanhada por Thor, seus irmãos Kendrick, Reece e Godfrey, e ao lado de Erec, Steffen, Bronson, Srog, Aberthol e vários novos conselheiros, enquanto o grupo faz um balanço de tudo, examinando o dano causado na cidade que até então tinha sido grandiosa. O coração de Gwendolyn se parte enquanto ela anda pela cidade onde ela havia sido criada, onde tinha passado toda a sua infância. Cada canto do lugar está ligado às suas lembranças, o período que ela tinha passado aqui com seu pai, seus irmãos, os lugares onde ela tinha aprendido a cavalgar, empunhar uma espada, a ler na língua esquecida. Aquele é o lugar onde ela havia aprendido a deixar a infância para trás.

Tudo está mudado agora, a cidade é um lugar que ela mal consegue reconhecer. A estrutura continua ali, restos de paredes de pedra carbonizadas pelos dragões, prédios em ruínas, vestígios de muralhas. O chão ainda está cheio de cadáveres, e ela segura as lágrimas enquanto caminha entre eles, todos aqueles valentes Prata, MacGils e Silesianos que haviam morrido por seu país, assumindo uma posição heróica contra o Império. Ela fica espantada com sua bravura, com o que haviam sacrificado.

"Todos esses soldados tentaram defender a cidade, mesmo sabendo que isso lhes custaria suas próprias vidas," Gwen declara em voz alta enquanto caminha e os outros a m. "No entanto, eles não recuaram mesmo assim. Este é o ápice da coragem. Estes são os grandes heróis do Anel. Os guerreiros desconhecidos e sem nome cujos corpos estão caídos à nossa volta. É a eles que devemos a nossa maior dívida."

Um grito de afirmação irrompe entre os guerreiros que caminham com ela. Gwen fica admirada com a honra e coragem que correm nas veias de seu povo, e sente uma enorme responsabilidade em corresponder às expectativas deles, sendo uma líder tão honrosa e destemida quanto seu povo merece – e espera conseguir.

"Nossa primeira tarefa deve ser a de enterrar nossos mortos," diz Gwendolyn, dirigindo-se aos seus companheiros. "Temos que convocar todo nosso povo para recolher esses corpos, e prepará-los para a cremação, que faremos esta noite. Os corpos dos soldados do Império podem ser descartados nos campos, além das paredes externas de nossa cidade, onde podem apodrecer e serem comidos pelos cães."

"Sim, minha senhora," responde um de seus generais, virando e correndo de volta para a multidão, dando ordens para que seus soldados comecem imediatamente a fazer a vontade dela. Todos os soldados ao seu redor partem para a ação, começando a recolher os mortos. Gwendolyn não consegue mais olhar para aqueles rostos; ela precisa que limpar a cidade para poder começar a esquecer.

Eles terminam de percorrer o perímetro do pátio interno, passando pela estátua caída de seu pai e pela fonte que já não funciona, e Gwen para diante dela. Ela olha para a enorme figura de pedra de seu pai, agora partida em vários pedaços, e volta a sentir raiva de Andronicus e do Império.

"Eu quero que a estátua de meu pai seja reconstruída," ela ordena. "Eu quero que as fontes ao redor dele voltem a funcionar, e quero que este passarela seja forrada com flores."

"Sim, minha senhora," diz outro de seus homens, correndo para fazer sua vontade.

"Mas, minha senhora," um de seus novos assessores fala, "não seria mais adequado criar uma estátua sua agora? Afinal, este é o centro da cidade, o lugar onde fica a estátua do governante, e você agora é nossa rainha. Seu pai não está mais entre nós."

Gwen balança a cabeça.

"Meu pai sempre estará conosco," ela o corrige, "e eu não preciso de uma estátua em minha homenagem. Eu prefiro lembrar aqueles a quem devemos nossa existência."

"Sim, minha senhora," ele responde.

Gwendolyn se vira e vê os olhares de aprovação de todos os seus homens, e seus olhos se voltam para Thor. Mais do que qualquer outra coisa, ela gostaria de um tempo para andar com ele

a sós. Os dois nunca parecem ter tempo suficiente, juntos e sozinhos, e há algo que ela precisa dizer a ele. Ela está morrendo de vontade de lhe contar sobre a gravidez. Sobre o bebê *dele*. Ela sente quando o bebê se mexe dentro de seu ventre apenas ao pensar nele.

Falta pouco, ela diz para si mesma. Quando tudo tiver sido feito, - todos esses assuntos de Estado – quando tudo estivesse resolvido, ela contaria tudo a ele. Talvez ainda naquela noite. Ela sente uma onda de emoção só de pensar nisso.

Eles continuam circulando o pátio, até que finalmente chegam diante das portas do castelo. Gwendolyn olha para cima, e sente uma dor no estômago com a visão. Aquele já tinha sido o melhor castelo de ambos os reinos, servindo de inspiração para canções, elogiado pelos poetas, mesmo longe do Anel. O castelo havia sido a sede do reinado MacGil por sete gerações, a sede do governo de seu pai.

Agora ele se encontra quase totalmente destruído, apenas metade de suas paredes continua em pé, a outra metade permanece a céu aberto. Ela mal consegue acreditar que algo naquelas proporções pudesse ser danificado. O castelo sempre tinha lhe parecido indestrutível, - e Gwen acredita que se trata de uma boa metáfora para o Anel: metade dele destruído, e a outra metade ainda de pé, uma base sobre a qual seria possível reconstruir tudo. Uma tarefa difícil está diante dela, não só ali, mas em todos os lugares, em todas as cidades ao longo do Anel.

Gwen respira fundo enquanto observava tudo, e se sente inspirada pelo desafio.

"Vamos entrar," ela diz aos outros.

Sua comitiva olha para ela com um olhar de preocupação.

"Minha senhora, eu não sei se é seguro," diz Kendrick. "Aquelas paredes, elas podem cair a qualquer momento."

Gwen balança a cabeça lentamente.

"Este era o castelo de nosso pai, e de seu pai antes dele. Ele se manteve em pé durante séculos. Ele vai agüentar."

Gwen corajosamente dá um passo adiante, e os outros a seguem de perto. Eles atravessam os maciços portões de pedra e

ferro, um deles intacto e o outro pendurado retorcido em suas dobradiças. A ponte levadiça está queimada e torcida, agora apenas uma relíquia.

O vento sopra enquanto eles caminham, nenhum som é ouvido exceto o de seus passos pisando sobre o cascalho. Eles passam por baixo de um arco de pedra alto e Gwen espera encontrar as antigas portas de carvalho que costumavam marcar a entrada do castelo. Mas elas não estão ali, tendo sido arrancadas de suas dobradiças, - roubadas. A visão deixa Gwen transtornada – ela havia passado por aquelas portas quase todos os dias de sua vida.

Todos eles entram na câmara principal e, ao sentir uma brisa, Gwen olha para cima e vê alguns buracos no teto que deixam que a luz do sol e o vento frio de inverno entrem no castelo. Seus passos ecoam pela sala vazia, com pilhas de escombros por toda parte. Mas sob a sujeira e entulho, Gwen ainda pode ver o piso de mármore original. Ela também vê que muitos dos afrescos ainda continuam nas paredes, cobertos pela sujeira.

Eles atravessam a câmara, enquanto um pássaro preso no teto bate suas asas, e Gwen sobe por uma série de degraus de pedra, largos o suficiente para que todos subam lado a lado, seu corrimão destruído. Os degraus parecem resistir ao seu peso, e ela sobe, sem medo.

Eles continuam caminhando pelos corredores, e buracos nas paredes deixam entrar a luz do sol e o vento frio. As paredes haviam cedido em alguns lugares, mas a estrutura parece intacta. Enquanto eles avançam, eles passam por alguns corpos de soldados, homens que haviam lutado corajosamente, lado a lado, dando suas vidas para defender aquele lugar.

"Certifique-se que os corpos destes homens também sejam levados," Gwendolyn ordena.

"Sim, minha senhora," diz um de seus assistentes, correndo para cumprir a sua vontade.

Há um corpo pendurado sobre o parapeito de pedra de olhos bem abertos, olhando para o céu. Gwen estende a mão e gentilmente fecha os olhos. Ela tinha visto tanta morte nos últimos

dias, que não sabe se algum dia conseguiria apagar aquelas imagens de sua mente.

Eles continuam andando por mais alguns corredores até que finalmente chegam até as portas principais para o Grande Hall, o salão que seu pai tinha usado e onde passava a maior parte de seu dia, cercado por conselheiros e generais, tomando decisões e fazendo julgamentos, administrando a rotina do Reino Ocidental. A mesa do grande conselho tinha sido destruída, e seus escombros estão espalhados no meio da sala. Mas Gwen se anima ao ver que as antigas portas douradas que guardavam aquela sala ainda estão intactas. Ela dá um passo adiante, sentindo suas dobradiças, passando a mão ao longo das esculturas antigas na porta, feitas séculos atrás, uma obra do primeiro arquiteto do Anel, um dos maiores tesouros do castelo. Gwen sente uma explosão de esperança. Ela se vira e olha para seus homens.

"Vamos construir uma nova câmara para o conselho atrás destas portas. E em torno dessa câmara, um novo castelo será erguido - e em torno desse castelo, uma nova cidade para o reino!"

Os homens aplaudem em sinal de aprovação.

"Vamos encontrar novos artesãos," continua ela, "tão bons quanto o homem que esculpiu estas portas. E ele irá se dedicar a cada centímetro do da cidade. Nenhuma despesa será poupada. Estas portas serão um símbolo brilhante - para todos os que vêm até aqui - de que o Anel é forte. E que sempre será forte - e que pode ser reconstruído."

Os homens aplaudem, olhando para ela com esperança, e ela pode ver que eles confiam nela. Gwen sente que eles precisam de um líder naquele momento, e ela está determinada a dar-lhes o que eles precisam. Eles são como uma família para ela. Talvez seu pai estivesse certo, afinal de contas: talvez ela realmente tivesse nascido para liderá-los.

Todos passam pelas portas e entram no que resta do castelo, caminhando em meio a pilhas de escombros e olhando para os vitrais quebrados ao longo das paredes. Algumas das janelas estão intactas, Gwen observa; outras tinham sido destruídas para sempre.

Gwen atravessa o centro do salão até o grande trono, onde seu pai tinha sentado inúmeras vezes, e o examina. Ela fica aliviada ao ver que ele ainda está em perfeito estado; os sete degraus de ouro e marfim que dão acesso ao trono continuam no lugar, os braços banhados a ouro do trono não foram removidos. Ele está todo coberto por camadas de sujeira, mas ainda é reconhecível.

Steffen corre na frente e limpa a sujeira do assento e dos braços do trono, até que o ouro volta a brilhar mais uma vez.

"Por favor, sente-se, minha senhora," ele diz, dando um passo para o lado.

Gwen hesita, sem saber como agir.

"Este era o trono de meu pai," ela responde.

"É o seu trono agora," Kendrick diz, adiantando-se "As pessoas precisam de um líder. As pessoas precisam de você. Por favor, sente-se. Nosso pai gostaria de vê-la em seu trono."

Gwendolyn olha para Thor, que acena de volta para ela.

"Sente-se, meu amor," ele diz em tom tranquilizador. "Sente-se por nós."

Gwendolyn toma coragem com a presença de Thor, e pelo apoio de todos os outros. Ela percebe que eles estão certos. Ela não deve apenas se preocupar consigo mesma: suas ações agora dizem respeito a todo o reino.

Gwen lentamente sobe os degraus de marfim e ouro – seus passos ecoam pelo corredor vazio, até finalmente chegar ao trono de seu pai. Ela se vira e senta no trono.

De lá em cima, ela olha para todos aqueles grandes homens que a acompanham e, como um só, todos se ajoelham diante dela.

"Minha Rainha," todos dizem em uníssono.

"Levantem-se," pede Gwendolyn.

Lentamente, eles se levantam.

"Eu posso ser uma rainha, mas sou apenas a filha de meu pai. Vocês não precisam se ajoelhar diante de mim. Este era o trono de meu pai: Estou sentada nele apenas por respeito a ele."

"Sim, minha senhora," eles respondem.

"Desculpe-me, minha senhora," diz Aberthol, se aproximando, "mas há muitas questões urgentes de Estado que merecem sua

atenção. Qual a melhor hora e local para tratarmos desses assuntos do que exatamente aqui e agora, já que estamos aqui na sala do conselho?"

"Meu pai nunca atrasou qualquer assunto, e não serei eu a fazê-lo."

Aberthol balança a cabeça, satisfeito.

"Minha senhora, antes de qualquer coisa, você precisa nomear um novo conselho de conselheiros. Lembra-se do antigo conselho de seu pai? A maioria nos deixou quando seu irmão Gareth assumiu o trono. Agora é sua chance de começar tudo de novo."

Gwendolyn assente com a cabeça, considerando aquelas palavras.

"Vou honrar aqueles que honraram o meu pai. Os antigos conselheiros que quiserem, podem retornar. Além disso, Aberthol, você fará parte dele; assim como meus irmãos, Kendrick, Godfrey, e Reece; Thorgrin, você também será um conselheiro, junto com Erec, Srog, Bronson, e Steffen."

Steffen arregala os olhos em choque.

"Eu, minha senhora?" ele pergunta. "Eu sou apenas um humilde servo. Eu sou um homem simples, não um governante importante do Anel. Não mereço a honra de me juntar ao Conselho Real."

"Como você se engana," ela diz. "Esse lugar pertence a você como a muito poucos. Você deve sentar-se no meu Conselho e aconselhar-me sobre todos os assuntos. Há poucos homens em quem eu confio mais. Você aceita esta honra?"

Steffen abaixa a cabeça.

"Minha senhora, ficarei honrado."

Gwendolyn balança a cabeça, satisfeita. Já estava mais do que na hora de Steffen ter um posto condizente com o lugar especial que ocupa em seu coração, e que sua lealdade altruísta fosse recompensada. Dada a sua humildade, se alguém merecia ser promovido, esse alguém era ele.

"Muito bem, minha senhora," Aberthol continua, "essa foi uma excelente escolha para o conselho. Agora, a questão mais premente diz respeito aos McCloud. Com a queda do Império, as cidades McCloud saqueadas, e o governante McCloud morto, você agora

governa tudo o que resta do Anel, de ambos os reinos, de ambos os lados das Highlands. Certamente, os McCloud gostariam que você os liderasse, para unificar o reino. Nunca antes na história dos MacGil houve uma oportunidade tão real para a unificação. Nenhum MacGil antes de você jamais teve a oportunidade que você tem agora."

"Eles estão desorganizados no momento," Srog entra na conversa. "Fracos. Vejo este momento como uma excelente oportunidade; a hora certa para atacá-los, destruí-los de uma vez por todas e ocupar seu território."

Kendrick balança a cabeça.

"Temos de tentar unificar os reinos pacificamente. O Anel já presenciou guerras o suficiente. Conquiste seus corações neste momento difícil, e você ganhará a lealdade deles."

"Os McCloud são um povo selvagem," diz Erec. "Nenhuma diplomacia, nenhuma gentileza irá ganhar a confiança deles. Eles são como são, e natureza deles não vai mudar. Eles não são como nós. Confie neles, e eles vão se voltar contra você. Agora é a hora de acabar com eles. É a única maneira de garantir a verdadeira paz no Anel."

"Os McCloud lutaram por nós quando precisamos deles," Bronson lembra.

"Sim, mas eles só fizeram isso porque também estavam sob ataque," responde Erec.

"Gestos de paz e bondade podem ser interpretado por alguns como sinais de fraqueza," emenda Srog. "A nossa bondade para com eles pode levá-los a nos atacar."

Os homens entram em desacordo, discutindo entre si, e Gwen pensa em silêncio enquanto eles debatem. Ela se pergunta o que seu pai teria feito se confrontado com esta situação. Em seguida, ela balança a cabeça e percebe que não importa. Ela é a líder agora, e precisa começar a confiar em si mesma.

Gwen finalmente limpa a garganta, e a sala entra em silêncio.

"Há uma maior força no amor do que no medo," ela declara.

Os homens se viram e olham para ela em silêncio, atentos a cada palavra sua. Ela pode ver o amor e respeito em seus olhos.

"Temos que tentar fazer com que os McCloud nos aceitem," ela continua. "Temos que tentar unificar os dois Anéis. Se os atacarmos, talvez possamos ocupar o território deles por um tempo; mas não para sempre. A força é de curta duração; a maior força reside na harmonia. Qual de vocês gostaria de fazer as pazes com um reino que tratou com crueldade suas mulheres e crianças?"

Todos os homens olham para baixo, humilhados, em silêncio, ao perceberem que ela tem razão.

"A paz pode ser o caminho mais difícil," continua Gwen, "mas é o caminho que devemos seguir. Os McCloud podem ainda nos ver como inimigos; mas também podem estar contando com a nossa liderança. Devemos acreditar no melhor até que eles nos dêem motivos para agir de outra forma."

"Sim, minha senhora," concorda Aberthol.

"Bronson!" Gwen grita.

Bronson se aproxima e se ajoelha diante do trono.

"Vocês serviu nosso reino bravamente em nossa luta contra o Império. Devo-lhe um pedido de desculpas. Não deveríamos ter desconfiado de você em função das atitudes da minha irmã."

Bronson se curva.

"Obrigado, minha senhora. Está tudo perdoado. Estou grato que tenha me recebido e por me dar uma segunda chance."

"Como forma de reconhecer a sua fidelidade," continua Gwen, "Vou dar-lhe a liderança do Reino Oriental do Anel. Você vai governar os McCloud, e irá fazê-lo em meu nome."

"Minha senhora," ele engasga, chocado. "Você tem certeza? Eu sou apenas um simples guerreiro."

Gwen balança a cabeça.

"Você é muito mais do que isso," ela responde. "Você é o filho de um rei. E você é um McCloud. Os McCloud conhecem e respeitam você, e você os conhece. Quem melhor do que você para liderá-los? Embarque e atravesse as Highlands e aja como meu emissário. Mostre-lhes amor e paz, e ajude-os a reconstruir o reino Una os nossos exércitos."

Bronson assente rapidamente.

"Como quiser, minha senhora."

"Uma decisão sábia e acertada, minha senhora," comenta Aberthol. "Seu pai ficaria orgulhoso."

Ele limpa a garganta e abre outro pergaminho, apertando os olhos enquanto lê.

"Enquanto ainda falamos sobre os McCloud, há outro assunto, um pouco desagradável, que precisa ser discutido. Sua irmã, Luanda. Ela foi encontrada."

Gwen engasga. Então sua irmã, que havia traído a todos, tinha sobrevivido a todas aquelas batalhas.

"Qual será o seu destino?" Pergunta Aberthol.

Os homens começam a falar ao mesmo tempo, agitados.

"Ela deve ser enforcada por seus crimes," aconselha Srog.

"Ela traiu todo o nosso povo," comenta Erec.

"Ela traiu Thorgrin acima de tudo," diz Kendrick.

Gwen fica nervosa ao pensar nele. Ela se vira e olha para Thor.

"Minha senhora," Thor começa. "Não tenho nada contra ela. Ela é sua irmã, afinal."

Gwendolyn considera as opções, debatendo sobre qual atitude tomar. Luanda tinha sido uma pedra em seu caminho durante toda a sua vida. Sua ambição era ilimitada, ela tinha um traço de crueldade nela, e Gwen sabe que isso nunca iria mudar.

"Minha senhora, se me permite," diz Bronson, limpando a garganta e dando um passo a frente. "Perdoe-me, eu não quero me intrometer em assuntos que me dizem respeito. Mas Luanda é mais do que sua irmã, ela também é a minha esposa. Não discuto seus defeitos, ou seus delitos. E, no entanto, peço-lhe um favor. Peço o seu perdão, sua misericórdia, em seu nome. Se eu tenho fiz algo para merecer sua confiança, por favor, perdoe Luanda. A maior qualidade de um líder é mostrar misericórdia, mesmo quando a punição é merecida."

Gwen faz uma pausa, debatendo, fervendo com emoções conflitantes.

"Onde ela está?" Gwen pergunta para Aberthol.

"Ela espera lá fora, minha senhora."

Gwen pensa bastante, considerando suas opções. Por fim, ela concorda.

"Tragam-na até mim."

Aberthol sussurra para um atendente, que sai correndo da sala. Ele logo retorna, acompanhando Luanda com as mãos amarradas para trás com cordas.

Os homens abrem caminho para ela enquanto ela se aproxima do trono e para diante de sua irmã. Luanda mantém a cabeça baixa, sem coragem de olhar para ela.

Gwen fica chocada com sua aparência. Ela parece muito envelhecida, mudada. Sua cabeça está raspada, e seu rosto coberto de hematomas e arranhões. Ela parece ter viajado até o inferno e retornado.

Luanda também apresenta um olhar que Gwen nunca tinha visto: de humildade. Ela continua olhando para o chão, com os lábios machucados e rachados, as bochechas inchadas. Apesar de tudo, Gwen não consegue deixar de sentir um pouco de pena dela.

"Perdoe-me, minha irmã," Luanda diz, chorando, ao cair de joelhos diante dela. Ela chora, e enquanto Gwen observa, seu coração amolece. Ela sempre havia tido uma relação de rivalidade com Luanda – mas, apesar disso, ela nunca havia lhe desejado mal.

"Eu me envergonho do que fiz," continua Luanda. "Não só contra você, e Thor, mas contra todo o Anel. Estou arrependido do que fiz com a nossa família. Eu não sei o que aconteceu. Se eu pudesse voltar no tempo, eu o faria. É sua prerrogativa me matar agora, mas eu imploro pelo seu perdão. Eu não quero morrer."

Gwen observa enquanto Luanda soluça no salão tomado pelo silêncio. Gwen suspira, percebendo que todos os olhos pairam sobre ela.

Ela pensa bastante e percebe que há muita verdade no que Bronson havia dito: há mais poder na misericórdia do que na justiça. Ela sabe que um bom governante deve ter ambas as qualidades, e usá-las com cuidado.

"Eu vou perdoá-la," declara Gwendolyn.

Luanda olha para cima surpresa e com as esperanças renovadas

"Mas o seu rosto não é mais bem vindo aqui. Mande seu marido para o Reino Oriental, e é com ele que você deve ir, para nunca mais voltar para este lado das Highlands, sob risco de

execução. Não por causa do que você fez para mim, mas por causa do que você fez para Thorgrin."

Gwen achava que Luanda ficaria aliviada por ter evitado uma sentença de morte; mas, para sua surpresa, ela parece desanimada.

Luanda volta a chorar.

"Você é minha *irmã*," ela diz. "Esta é a minha casa. Você não pode me banir. Eu te amo. "

"Não, você não me ama," Gwen responde. "Levei toda a minha vida para perceber isso. Você ama a ambição, e não a sua família."

Gwen faz um sinal com a cabeça, e dois de seus assistentes se aproximam e pegam os braços de Luanda, levando-a para longe.

Bronson se curva.

"Obrigado, minha senhora, por ter concedido sua misericórdia. Jamais esquecerei esta bondade."

Gwen acena de volta.

"Acompanhe a sua esposa para o Reino Oriental," ela comanda. "Seja meu representante. Nosso povo está contando com você. Eu estou contando com você. Enquanto o Anel permanecer dividido, seremos fracos."

Bronson faz uma reverência e sai correndo da sala, e um longo silêncio se segue.

Enquanto Luanda está sendo arrastada para fora, ela resiste, gritando.

"Não!" ela grita. "Não faça isso! Esta é a minha casa, também!"

Os homens continuam a arrastá-la para longe. Antes de chegar à porta, ela se vira e grita para Gwendolyn uma última vez.

"Você é minha irmã mais nova! Quando éramos jovens, você fazia qualquer coisa por mim. O que aconteceu com você?"

Gwen olha para ela, observando o rosto de sua irmã pela última vez, sentindo-se muito envelhecida, sentindo-se, estranhamente, como se ela fosse *sua* irmã mais velha.

"Eu cresci," Gwen responde.

As portas batem atrás dela, e todos continuam ali no silêncio que se segue. Gwen vê os olhares dos homens, e vê que a observam com novo respeito. Ela havia feito uma escolha difícil.

Gwen já está se sentindo cansada, mais velha, sob o peso de seu governo; ela ouve o grito distante de foliões, e gostaria de estar do lado de fora, em qualquer lugar, menos ali. Ela pode sentir o bebê que cresce dentro dela, e ela só consegue pensar em ficar em algum lugar sozinha com Thor.

"Há mais algum assunto urgente?" Ela pergunta, dirigindo-se a Aberthol e torcendo para que a resposta seja não. "Eu gostaria de voltar e juntar-me ao nosso povo."

"Apenas mais uma questão urgente, minha senhora," responde ele. "O destino de Tirus."

Tirus. Gwen de repente se lembra de tudo – da sua traição. Ela tinha sido tola ao confiar nele, e por causa de sua confiança, muitos de seus homens, homens bons, estão mortos. Ela se sente envergonhada e determinada a corrigir seus erros.

"Ele foi capturado, junto com seus filhos. Todos eles vivos," Aberthol declara.

"Ele deve ser executado, minha senhora," aconselha Kendrick. "Tirus é um traidor de outra estirpe, diferente de sua irmã. Sua traição é muito mais insidiosa."

"Você daria um exemplo para todos os traidores, minha senhora," acrescenta Erec.

"Considere tudo com cuidado, minha senhora, antes de tomar qualquer decisão precipitada," Aberthol aconselha. "O Anel nunca será verdadeiramente estável até darmos um fim à natureza de intrigas dos homens das Ilhas Superiores."

"Por mais que possamos detestá-los, precisamos dos MacGil. Seu pai sabia disso – e é por isso que ele é tolerado. Esta pode ser a sua chance, minha senhora, de fazer história; unir as duas facções MacGil, como costumava ser," diz Srog.

"Nós não precisamos deles," Kendrick fala. "Eles precisam de nós."

Aberthol dá de ombros.

"Isso é o que o seu pai acreditava," ele diz. "Ele escolheu lidar com eles ignorando-os. No entanto como você pode ver, isso permitiu apenas que Tirus se revoltasse."

Gwendolyn permanece sentada, pensando.

"Onde está Tirus agora?" ela pergunta.

"Ele aguarda julgamento do lado de fora desta sala," informa Aberthol. "Essa questão das Ilhas Superiores, e de Tirus, não pode esperar - deve ser resolvida agora, pela estabilidade do Anel."

Gwendolyn balança a cabeça, suspirando.

"Traga-o," ela pede.

Aberthol envia um atendente, que corre para fora da sala e volta pouco tempo depois. Vários soldados acompanham Tirus e seus três filhos, levando-os para Gwen.

Tirus é desafiador, mesmo em cativeiro, mesmo em seu estado desfigurado. Ele zomba dela.

"Você está sentada no trono do meu irmão," ele diz com desdém. "No entanto, você não passa de uma menina."

Gwen fica transtornada ao ver seu tio; ela sempre se sente assim na presença dele.

"Eu ocupo este lugar porque sou a Rainha," ela o corrige de modo confiante. "Fui *legalmente* coroada a Rainha. Porque meu pai, seu irmão, rei por direito, me colocou aqui. Você, por outro lado, diante de mim hoje, tentou usurpar o que não era seu. Não sou *eu* em julgamento aqui, e sim, *você*."

Os três filhos de Tirus olham para o chão - claramente humilhados, enquanto Tirus, ainda em tom de desafio, se vira e olha para Kendrick.

"Você é o mais velho," Tirus implora para Kendrick. "O primogênito do MacGil, e um homem, bastardo ou não. É você quem deve governar - se não puder ser eu; coloque Gwendolyn em seu lugar e sente naquele trono."

Kendrick balança a cabeça, olhando para Tirus friamente e levando a mão ao punho de sua espada.

"Preste atenção no que fala na presença de minha irmã," ele dispara. "Ela é a nossa rainha, não se engane quanto a isso, e ela tem plena autoridade para governar nosso reino. Insulte-a de novo e terá que enfrentar a minha ira."

Tirus volta relutantemente a olhar para Gwen.

"Se é um pedido de desculpas que você quer," ele fala, "pode desistir da ideia. O trono onde você está sentada é meu por direito -

sempre foi. Fui preterido em favor do seu pai, que era um homem inferior a mim."

Gwendolyn sente seu rosto corar ao ouvir aquelas palavras, mas ela respira fundo, - lembrando o conselho de seu pai: nunca deixar que as pessoas saibam o que você está pensando. E nunca deixar que as emoções influenciem suas decisões. Há muitas armadilhas a evitar como um governante.

"Você não passa de um traidor ambicioso," Gwendolyn responde, "uma vergonha para a família MacGil. Segundo as leis de nosso reino, eu já deveria tê-lo executado."

Gwen faz uma pausa, pensando, e deixa suas palavras ressoarem no silêncio pesado.

"Mas eu não farei isso. Em vez disso, você deve ser banido e viver os dias que lhe restam nas Ilhas Superiores, e nunca mais deve colocar os pés no continente do Anel. Além disso, você ficará preso lá, monitorado pela minha própria guarda. Você deve viver o resto de seus dias em uma cela no calabouço."

Tirus olha desafiadoramente.

"Então prefiro que você me execute – prefiro isso à uma vida na prisão."

Gwen sorri.

"Você perdeu o privilégio de escolher. As escolhas são minhas agora. Justiça seja feita, para o Anel, para a minha família, e para o meu pai morto. Espero que aprecie o seu tempo no calabouço."

Gwen se vira para seus assistentes.

"Tirem ele da minha presença," ela ordena.

Eles correm para fazer a vontade dela, arrastando-o para longe, e Tirus grita e resiste, forçando-os a arrastá-lo.

"Você nunca vai conseguir acabar com isso!" Ele grita enquanto é levado embora. "Meu povo é um povo orgulhoso! Eles nunca vão permitir essa indignidade! Eles nunca permitirão que o seu rei para ser preso!"

Gwen olha para ele com frieza.

"Quem disse que você é um rei?"

Eles continuam arrastando Tirus para fora, gritando, e, finalmente, batem a porta atrás deles.

A sala é tomada por um silêncio pesado, e Gwen pode sentir o medo e respeito por ela na sala. Ela também está começando a se sentir mais à vontade, mais forte do que jamais havia sido. Finalmente, os erros estão sendo corrigidos, e ela já não se sente intimidada ao tomar decisões.

Gwendolyn se vira e olha para os três filhos de Tirus, ainda de pé ali, olhando para trás, claramente assustados. Dois deles se parecem com o pai, e se mostram igualmente desafiadores. O terceiro, porém, com cabelos longos e encaracolados e olhos castanhos, parece diferente dos demais.

"Ele falou a verdade," um dos filhos diz. "Nosso povo é tão duro quanto as rochas sobre as quais nossa ilha foi formada. Eles não irão tolerar sua prisão."

"Se o seu povo se ofender diante da detenção de um traidor, então eles não são bem vindos aqui," Gwen responde friamente.

"Minha senhora," Aberthol diz, limpando a garganta, "Eu sugiro que você prenda os filhos de Tirus também. Eles são claramente leais ao pai, e nada de bom pode acontecer se permitir que eles continuem livres."

"Minha senhora," Kendrick interrompe, "por favor, não prenda o mais novo dos filhos dele, Matus. Ele foi fundamental para nossa causa, durante a guerra, ao libertar todos nós e poupar nossas vidas da morte."

Gwendolyn estuda Matus, que parece diferente dos outros dois: ele não tem os olhos escuros e as outras características de seus irmãos, e parece ter algo de nobre em sua personalidade. Ele não parece ser das Ilhas Superiores; sua aparência se assemelha mais como as pessoas de seu povo. Gwen chega até a pensar que ele se parece mais com sua própria família. Ela ainda se lembra de todos esses meninos durante sua infância, os primos distantes que costumavam visitar uma vez por ano, quando seu pai viajava até as Ilhas Superiores. Ela se lembra que Matus estava sempre distante dos outros, e que era mais amável; ela se lembra que os outros eram mesquinhos e frios – como o pai.

"Soltem as amarras dele," ela ordena, e um atendente corre e corta as cordas que prendem os pulsos de Matus.

"O sangue MacGil flui fortemente em você," ela fala com aprovação para Matus, "eu lhe agradeço. Claramente, nós temos uma grande dívida com você. Peça qualquer coisa."

Matus adianta-se e abaixa a cabeça humildemente.

"Foi uma honra, minha senhora," ele responde. "Você não me deve nada. Mas se insistir, eu peço que liberte os meus irmãos. Eles foram influenciados pela causa de meu pai, e não fizeram nenhum mal a você."

Gwen assente com aprovação.

"Um pedido nobre," ela diz. "Você não pede nada para si mesmo, mas sim pelos seus irmãos."

Gwen se dirige a um de seus assistentes: "Solte-os," ela ordena.

Os atendentes correm para soltá-los, e os dois irmãos observam tudo com surpresa e alívio.

Aberthol se adianta, indignado.

"Você está cometendo um erro, minha senhora!" ele insiste.

"O erro é meu para cometer," ela responde. "Eu não punirei os filhos pelos pecados dos pais."

Ela olha na direção deles.

"Vocês podem retornar para as Ilhas Superiores. Mas não devem seguir os passos de seu pai, ou não serei tão gentil da próxima vez, primos ou não."

Os três irmãos se viram e saem rapidamente da sala. Quando eles começam a se afastar, Gwen grita: "Matus!"

Matus para diante da porta, junto com seus irmãos.

"Espere um momento."

Os outros irmãos olham para ele, e então fazem uma careta e partem sem ele, fechando as portas.

"Eu preciso de pessoas em quem posso confiar. Meu novo reino é frágil, e tem muitas posições a serem preenchidas. Escolha uma."

Matus balança a cabeça.

"Você me oferece honra grande demais, minha senhora," ele declara. "As atitudes que tomei foram por amor, e não por interesse em um cargo. Eu fiz o que fiz porque era a coisa certa a fazer, e porque o que meu pai fez, tenho vergonha em dizer, estava errado."

"Sangue nobre corre em suas veias," ela afirma. "As Ilhas Superiores vão precisar de um novo senhor, agora que seu pai está preso. Eu gostaria que você tomasse o seu lugar e se tornasse meu regente."

"*Eu*, minha senhora?" pergunta Matus, levantando a voz em estado de choque. "Senhor das Ilhas Superiores? Eu não poderia, sou apenas um garoto."

"Você é um homem, que lutou e salvou os outros homens. E você já mostrou mais honra e integridade do que muitos homens com o dobro da sua idade."

Matus balança a cabeça.

"Eu não poderia assumir a posição de meu pai, especialmente antes dos meus irmãos mais velhos."

"Mas é o que estou lhe pedindo," ela responde.

Ele balança a cabeça com firmeza.

"Isso estragaria a honra do que eu fiz. Eu não fiz o que fiz para ganhar posição ou poder, e sim porque era a coisa certa a fazer. Estou em dívida com você e honrado pela oferta. Mas esta é uma oferta que eu não posso aceitar."

Ela assente com a cabeça, estudando-o.

"Eu entendo," ela fala. "Você é um verdadeiro guerreiro e motivo de orgulho para os MacGil. Espero que pelo menos você fique próximo à corte."

Matus sorri.

"Eu agradeço pelo convite, minha senhora, mas devo voltar para as Ilhas Superiores. Posso não concordar com todas as pessoas de lá, mas mesmo assim é a minha casa. Eu sinto que é onde precisam de mim, especialmente nestes tempos tumultuados."

Matus se curva diante dele e então sai da sala do conselho, e um atendente fecha as portas suavemente atrás dele. Ao vê-lo sair, Gwen tem a sensação de que eles se encontrariam novamente; e sente que gosta dele quase como a um irmão.

"Srog, se aproxime," Gwen pede.

Srog para diante dela.

"As Ilhas Superiores ainda precisam de um líder. Se você estiver disposto, são poucos os homens em quem eu confio mais. Preciso

de alguém que possa domar os moradores das ilhas. Você governou uma grande cidade na Silésia, e eu não tenho nenhuma dúvida de que pode mantê-los em ordem."

Srog faz uma saudação.

"Minha senhora, verdade seja dita, depois de todas essas guerras, sinto falta da Silésia. Eu gostaria de voltar, para reconstruí-la. Mas por você, eu faria qualquer coisa. Se as Ilhas Superiores é onde precisam de mim, então é para lá que irei. Vou governar em seu nome."

Gwen acena com a cabeça, satisfeita.

"Excelente. Eu sei que você fará um bom trabalho lá. Mantenha Tirus preso. Fique de olho nos filhos. E faça com que essas pessoas teimosas gostem de nós, sim?"

Todos na sala dão risadas.

Gwen suspira, exausta. Os assuntos do Estado parecem nunca ter fim.

"Bem, se isso é tudo, então eu gostaria de ir e participar-"

Antes que ela possa terminar as palavras, as portas do salão se abrem mais uma vez, e Gwen fica chocada ao ver duas raparigas entrando, com idade aproximada de doze e dez anos, seguidas por Steffen, que acena para elas como forma de encorajá-las. Elas são lindas, simples, orgulhosas, e atravessam a sala cheia de homens e param diante de Gwen.

"Minha senhora," começa Steffen. "Nossos homens foram abordados por essas duas mulheres jovens, que insistem ter uma mensagem urgente para você."

Gwen está impaciente, perplexa, sentindo uma dor no estômago e querendo sair daquele trono.

"Nós não temos tempo para brincadeiras infantis," ela responde irritada.

Steffen assente.

"Eu entendo, minha senhora," ele responde. "No entanto, elas parecem muito sérias, e afirmam que se trata de uma questão de extrema urgência, e que todo o reino está em jogo."

Gwendolyn ergue uma sobrancelha, imaginando o que poderia ser. As expressões em seus rostos, de fato, parecem sérias.

Ela suspira.

"Eu não sei que assunto poderia ser de tal importância que não possa esperar, vindo da boca de duas meninas. Mas elas sobreviveram a esta guerra, e isso já diz o bastante. Estou certa de que elas sabem as consequências de desperdiçar o tempo da Rainha. Se elas continuam determinadas, deixe que se aproximem."

As meninas se viram e olham para Steffen, com medo, e ele acena com a cabeça para encorajá-las. Elas se voltam para Gwen, dando um passo a frente.

Elas parecem exaustas, vestindo roupas sujas, e estão bastante magras – obviamente com muita fome em função da guerra. Gwen pode ver pelos olhares em seus rostos que elas são garotas sérias e que trazem notícias graves. Quando elas se aproximam, Gwen imediatamente gosta das garotas, que parecem com ela naquela idade.

"Minha senhora," diz a mais velha com respeito, fazendo uma reverência e cutucando a outra para fazer o mesmo. "Perdoe-nos, mas trazemos notícias que não podem esperar."

"Bem, diga logo, então," Gwen pede impaciente, sentindo-se exausta e de forma mais grosseira do que gostaria.

"Eu sou Sarka e minha irmã é se chama Larka. Vivemos em uma pequena casa de campo fora da cidade, com a nossa mãe. Algum tempo atrás, um homem bateu em nossa porta e nos manteve como reféns até conseguimos prendê-lo e meu pai o levou às autoridades. Mas o Império matou meu pai, e ficou com o prisioneiro."

A menina respira fundo, claramente nervosa, como se estivesse revivendo o trauma.

"Algum tempo depois, enquanto brincávamos no campo, vi este mesmo homem. Eu o reconheceria em qualquer lugar. Tenho certeza de que era o seu irmão, minha senhora. Gareth."

O coração de Gwendolyn se sobressalta e ela ergue as sobrancelhas, surpresa.

"Gareth?" Ela repete.

"Sim, minha senhora."

"Meu irmão? Gareth? O antigo rei?" Ela perguntou, em estado de choque, tentando processar tudo. Ela não esperava por isso. O nome de Gareth estava tão longe de sua consciência, com tudo que havia acontecido, que ela tinha quase esquecido dele. Se ela tivesse pensado nele, provavelmente presumiria que ele tivesse morrido na guerra.

"Nós sabemos onde ele está," diz Sarka.

Gwendolyn se levanta do trono, animada.

Gareth. O assassino de seu pai. O homem que tinha tentado matá-la; que havia colocado seu irmão Kendrick na cadeia. O homem que havia escapado da justiça por tanto tempo, o homem a quem espírito de seu pai clama por vingança. O homem que havia roubado a espada, desativado o Escudo, que havia causado toda aquela confusão no Anel - o homem culpado por toda aquela calamidade.

A hora de vingança havia chegado.

"Mostre-me."

CAPÍTULO TREZE

Romulus fica à frente do navio, olhando para as ondas do mar aberto diante dele, agarrado à proteção de madeira e apertando com tanta força que ele a parte ao meio. Estilhaços voam ao redor dele e ele faz uma careta para o mar aberto, amaldiçoando os deuses da terra, do vento, do mar e, acima de tudo, da guerra. Amaldiçoando sua má sorte. Amaldiçoando sua derrota, a primeira derrota em toda sua vida.

Romulus repassa em sua cabeça, várias vezes, tudo o que havia acontecido, como tudo tinha dado tão errado. Ele mal consegue acreditar que tudo tenha realmente acontecido. Há apenas alguns momentos, ele estava com aquela garota, a menina MacGil, em seus braços, estava do outro lado da ponte, e havia conseguido desativar o Escudo, tinha visto seus homens atravessarem a ponte. O Anel estava prestes a ser seu.

Então tudo tinha dado errado, e rapidamente. Aqueles dois dragões tinham aparecido - como uma visão do inferno - e ele teve que assistir enquanto seus homens eram queimados vivos e todos os seus planos - cuidadosamente organizados, tinham sido arruinados. E ainda pior, aquela garota havia escapado de suas mãos, atravessando a ponte e chegando ao outro lado antes que seus homens pudessem pegá-la. Assim que ela atravessou a ponte, Romulus havia testemunhado - horrorizado, quando o Escudo foi reativado e todos os seus sonhos destruídos.

Ele havia perdido. Ele tem que admitir isso. Ele tinha sido forçado a recuar, para se reorganizar para um novo ataque. Ele ainda tem a capa, mas com aqueles dragões dentro do Anel, com o Império destruído, e com Luanda em alerta, ele não pode se arriscar voltando atrás dela. Como um bom comandante, ele sabe o momento certo para atacar e quando recuar.

Enquanto Romulus navega de volta para o Império, ele considera suas possibilidades. Ele precisa de uma nova estratégia, de reunir os seus homens para solidificar sua posição ao retornar

para casa, no Império. Ele havia se ausentado por muito tempo, e não quer ficar vulnerável, como havia acontecido com Andronicus.

Não há mais espaço para erros. Romulus tem que assumir o controle de tudo o que for possível. Ele tem que esquecer o Anel, e não pode permitir que ele se torne uma obsessão e depois sua ruína. Ele precisa aprender com os erros de Andronicus.

O anel foi minúsculo em relação ao Império: afinal, o Império ainda dominado noventa e nove por cento do mundo. E uma vez que ele solidificou sua posição em casa, ele pode sempre encontrar um caminho de volta, em outro dia, para esmagar a Ring.

Enquanto navega, ondas enormes balançam o barco para cima e para baixo, e a espuma das ondas molha todos ao seu redor, e Romulus imagina que tipos de armadilhas podem estar esperando por ele em casa, no Império. Ele tem um caminho difícil pela frente, e terá que acalmar os ânimos do Império, assumir o lugar de Andronicus e unir os diversos exércitos e mundos, preenchendo o vácuo de poder. Outros, certamente, também estão interessados no lugar deixado por Andronicus, mas nenhum deles é tão implacável quanto Romulus. Qualquer um que ficar em seu caminho, ele pretende esmagar rápida e definitivamente.

Ao considerar seus próximos passos, Romulus fica momentaneamente confuso; ele pensa ter visto um movimento com o canto do olho e, no último segundo, se vira e vê vários soldados se aproximam dele. Um dos soldados segura um fio em ambas as mãos, e antes que Romulus possa reagir, ele se inclina pra frente e enrola o fio ao redor do pescoço de Romulus e puxa com toda sua força.

Romulus luta por ar com os olhos arregalados, sem conseguir espirar. O fio dá duas voltas no pescoço dele, e o soldado puxa com tudo o que tem. Romulus percebe que estava sendo sufocado até a morte, pelos seus próprios homens.

Romulus vê todo o seu navio, dezenas de oficiais, apressando-se até onde ele está. Mas eles não têm a intenção de salvá-lo, como ele pensava; e pretendem apenas ajudar a matá-lo – é um motim.

A vida de Romulus passa diante de seus olhos enquanto ele reluta, ofegante, e o soldado aperta o fio cada vez mais. Ele sente

que, a qualquer momento, estará morto. Ele vê toda a sua vida passar diante de seus olhos, todas as suas vitórias, e agora a sua derrota. Ele vê todas as suas conquistas que já tinha feito e todas as conquistas que ainda estão por vir, e uma única ideia passa pela mente dele: ele não está pronto para morrer.

Romulus invoca alguma parte profunda dentro dele, e de alguma forma reúne uma última explosão de força. Ele se inclinou pra frente e então joga a cabeça para trás, batendo na cabeça de seu agressor com a parte de trás de seu crânio, quebrando o nariz dele.

O soldado cai de joelhos, e Romulus rapidamente desenrola o fio de sua garganta, sangrando a partir da profunda cicatriz em sua garganta. Por causa de toda a sua musculatura, o fio ainda não tinha cortado sua pele o suficiente para romper suas artérias. Romulus sempre havia ouvido que tinha o pescoço mais largo e mais grosso de todo Império, e isto prova que estavam certos.

Rômulo não hesita: ele se abaixa, pega um mangual de sua cintura, girando-o, e bate com a arma no rosto do soldado. Ele, então, continua a girá-lo, e a bola de metal acerta meia dúzia de soldados que se aproximam, derrubando todos no chão. Os outros soldados que vinham na direção dele desistem no meio do caminho.

Mas ele não pretende deixar que eles escapem. Agora Romulus está furioso, e parte pra cima *deles*. Ele gira o mangual sobre sua cabeça, repetidas vezes, derrubando um soldado após o outro até que, dentro de instantes, ele derruba mais uma dúzia deles. Muitos tentam virar e correr, mas ele vai atrás deles, que não têm para onde ir, e acerta suas costas. Os gritos dos soldados preenchem o ar.

Um alarme é tocado, e centenas de homens saem correndo do convés inferior. Romulus fica aliviado; finalmente, os seus soldados leais estavam correndo para ajudar a acabar com a rebelião.

Mas, ao vê-los correndo na direção dele, de olhos arregalados e empunhando espadas e lanças e machados, ao ver o olhar em seus olhos, ele percebe que eles não estavam ali para protegê-lo: eles também pretendem matá-lo. Este havia sido um motim bem

planejado, todos os homens daquele navio haviam se voltado contra ele.

Romulus entra em pânico. Ele se vira e olha para o mar, para sua vasta frota de navios que preenchem o horizonte, e olha para ver se algum dos outros navios está ciente do que está acontecendo, - se estão olhando - e para ver se fazem parte do motim. Ele fica aliviado ao ver que não estão, - eles parecem não saber de nada. Aquele era apenas um motim isolado, somente naquele navio, e não havia se espalhado por toda a sua frota.

Romulus pensa rápido, enquanto os homens se aproximam dele. Ele não conseguiria matar todos aqueles homens sozinhos. Ele teria que fazer outra coisa. Algo drástico.

Romulus ouve o estrondo das ondas batendo contra as rochas ao passarem por um monte de rochas no meio do oceano, e de repente tem uma ideia.

Não há ninguém Romulus e o timão e ele corre até lá, com uma vantagem de uns vinte metros em relação aos outros. Ele segura e gira o timão freneticamente, uma e outra vez no sentido horário, indo na direção exata das rochas.

O navio balança, virando drasticamente para a direita; os homens são arremessados através da plataforma, batendo contra a grade lateral. Romulus segura firme para não cair e acerta a direção do navio, que está indo na direção de rochas pontiagudas. Os homens são jogados para o outro lado do navio.

Romulus olha para o mar e vê que havia conseguido o que queria: o barco já está se movendo no sentido das rochas, apenas a alguns metros de distância - perto demais para mudar de rumo.

Quando as centenas de soldados voltam a ficar em pé e começam a se aproximar dele de novo, Romulus sai correndo e pula por cima da grade, mergulhando de cabeça no mar. Ele salta no ar e entra de cabeça nas águas geladas do mar, mergulhando profundamente. Ele aproveita o impulso para continuar nadando debaixo d'água, o máximo que consegue, para fugir das lanças que são arremessadas na direção dele.

Romulus prende a respiração uns bons 60 segundos, enquanto se afasta cada vez mais do navio. Ele se força a ficar embaixo d'água

até mais, prendendo a respiração até que seus pulmões ficam a ponto de explodir e, finalmente, as lanças param de ser arremessadas e em seu lugar, ele ouve um estrondo distante e fraco - o som de madeira batendo contra as rochas.

Romulus finalmente vem à tona, com falta de ar, longe do navio, e vê que seu antigo navio tinha sido destruído, partindo-se nas, e as ondas arrebatam ao redor do que resta dele. O navio logo começa a afundar e dentro de instantes desaparece completamente; seus homens gritam e se debatem à medida que afundam na água, rumo a uma morte fria, enquanto as ondas continuam batendo contra as rochas.

Romulus se vira e olha para o horizonte. Seus outros navios, - ainda fieis a ele, estão a apenas alguns metros de distância, e Romulus nada na direção deles.

Seria preciso mais do que um motim para matá-lo.

CAPÍTULO QUATORZE

Gwendolyn marcha com sua comitiva de assessores, todos eles seguindo as duas meninas que os guiam pelas ruas e travessas queimadas, até finalmente atravessarem as portas de saída da cidade.

Eles continuam ao longo de um caminho estreito, andando do lado de fora dos muros da cidade, e Gwen começa a se perguntar onde eles estão indo, e se tudo aquilo não passa de uma brincadeira. De repente, eles param diante de uma estrutura que Gwen reconhece: o túmulo dos MacGil.

Ironicamente, apesar de todas as coisas que tinham sido destruídas, o túmulo antigo e bonito, esculpido em mármore e construído há mais de sete séculos, ainda permanece intacto. De alguma forma, ele havia escapado da devastação da guerra. Ele continua ali, construído no morro, semi-submerso sob a terra, com seu telhado coberto de grama erguendo-se em uma forma semicircular. O corpo de seu pai tinha sido transferido para cá depois do funeral, e se encontra dentro do túmulo com todos os seus antepassados.

Mas por que as meninas os tinham levado até ali?

A menina mais velha, Sarka, para e aponta.

"Ele está lá, minha senhora. Eu vi quando ele entrou, e depois disso ele nunca mais saiu."

Gwendolyn olha para a entrada do túmulo, perplexa.

"Tem certeza que você não está enganada?" ela pergunta duvidosa.

"Sim," responde Sarka.

"Isso é um túmulo, minha jovem," Aberthol fala. "Esse é o lugar onde corpos são trazidos para serem enterrados. Por que Gareth estaria aqui?"

Sarka dá de ombros, e começa a parecer nervosa ao se virar para Gwen.

"Eu não sei, minha senhora. Mas estou certa de que o vi. Ele entrou e nunca mais saiu."

Gwendolyn vira e olha para Thor, Kendrick, Erec e todos os seus outros conselheiros, que olham para ela com ar de dúvida.

"Esta menina tem uma imaginação espantosa," diz Kendrick. "Eu duvido que nosso irmão, de todos os lugares, escolheria refugiar-se ao lado do cadáver de nosso pai."

"Coisas estranhas têm acontecido," afirma Erec.

"Estamos perdendo tempo aqui," Srog fala. "Vamos seguir em frente e continuar tratando dos negócios de Estado."

"Não," diz Gwen. "Eu quero saber. Vamos ver por nós mesmos."

Gwendolyn se vira e acena para Kendrick.

"Gostaria de ver se o nosso irmão está lá dentro?"

Kendrick corre para o túmulo, abaixando a cabeça e descendo os degraus na escuridão.

Aberthol olha para as meninas, que parecem cada vez mais nervosas.

"Vocês sabem qual o castigo por enganar a rainha?"

"Eu sei o que eu vi!" Sarka insiste, "ele foi-"

Eles são interrompidos por um súbito grito de dentro do túmulo, seguido pelo som de uma luta.

Os homens de Gwendolyn partem para a ação: Thor, Erec e todos os outros correm para dentro do túmulo, com a intenção de ajudar Kendrick. Gwendolyn olha para a escuridão com surpresa, se perguntando o que poderia estar acontecendo lá em baixo, especialmente se o túmulo estava vazio. Seria algum animal?

Kendrick surge momentos depois, com os outros, e Gwen fica absolutamente em choque ao vê-lo arrastando Gareth para fora. É como um sonho.

Gareth sai do túmulo como um rato de um buraco, parecendo mais pálido e doente do que ela já o tinha visto - mais morto do que vivo. Gareth, o antigo rei, usurpador do trono de seu pai. Vivo. De alguma forma, ele havia sobrevivido.

As lembranças de repente tomam conta da mente de Gwen, - suas repetidas tentativas de Gareth de matá-la, e seu corpo ferve de raiva. Já passava da hora de ter sua vingança. Ela o estuda, e vê que seu irmão mais velho já não existe mais; ele tinha sido

substituído por aquele pedaço velho de carne em decomposição, quase irreconhecível em relação ao garoto que ele foi um dia.

Gareth olha para ela contra o sol, com o corpo tremendo.

Gwen dá um passo à frente e o examina enquanto os outros seguram os braços dele.

"Então, você está vivo, afinal," ela diz com desprezo. "Que pena."

Os olhos de Gwen se abrem bem devagar, e Gareth parece assustado, correndo os olhos pelos homens ao seu redor, com medo. Ainda assim, de alguma forma, ele consegue soar arrogante.

"Guardas, prendam-na!" Gareth grita para os soldados. "Eu ainda o rei! Ela não tem direito! Meu reinado foi sancionado pelo conselho! Vocês estão agindo contra as leis ao colocarem as mãos em cima de mim!"

Os soldados se entreolham em confusão, mas nenhum deles faz qualquer movimento em direção a Gwen. Eles estão todos obedientes a ela.

Gwen balança a cabeça lentamente.

"Patético até o fim," ela diz para ele. "Ninguém aqui é leal a você, e nunca foram. Você não é um rei, é apenas o assassino de nosso pai. E o dia do seu julgamento chegou."

Aberthol pigarreia.

"Minha senhora, se me permite," ele entra na conversa. "Tecnicamente, Gareth está correto. Ele foi aprovado pelo conselho, e a força do Anel está na defesa das nossas leis. Mesmo se não decidirmos mantê-lo no poder não podemos simplesmente executá-lo sem testemunhas do seu crime. Se formos seguir estritamente a lei, você não tem o direito legal de matá-lo."

Gwen estuda Gareth, sentindo os olhos de seus homens sobre ela. Ela sabe que é um momento importante em seu reinado, e que todos os homens estão esperando para ver qual será sua decisão. Será que ela deve seguir a lei ao pé da letra? É um momento decisivo, algo que mostraria aos seus súditos que tipo de líder ela será.

"Você está certo," ela finalmente responde. "É contra a lei. E, como tal, não posso pedir que um dos meus homens mate Gareth."

Gareth respira, aliviado.

Gwen se inclina, pegando a brilhante espada na bainha de Thor, e então se aproxima erguendo a arma e rapidamente a enfia no coração de seu irmão.

Todos os homens engasgam ao ver Gareth desabar silenciosamente de joelhos, com a espada enfiada até o punho em seu peito.

Ele cai de rosto no chão, com a cabeça virada para o lado e os olhos bem abertos.

Morto.

Gwen olha para cima e, lentamente, estuda todos os rostos que olham para ela. Ela vê que eles olham para ela com um novo olhar de respeito e admiração.

"Há momentos para seguir as leis," ela diz, "e momentos para reescrevê-las."

CAPÍTULO QUINZE

Thorgrin caminha entre a multidão eufórica no centro da cidade, abrindo caminho em meio às festividades onde milhares de soldados comemoram com uma grande multidão. A cidade está em ruínas, mas não se pode dizer o mesmo dos espíritos animados dos foliões. Ver a cidade cheia de vida mais uma vez aquece o coração de Thor; que fica feliz ao ver o ânimo de seus compatriotas celebrando, todos felizes por estarem vivos, por estarem livres do Império.

Tendo deixado a companhia de Gwendolyn, a mente de Thor é consumida por pensamentos sobre ela. Ele está muito impressionado pela forma como ela tinha assumido bem o papel de rainha, cuidando de tudo tão perfeitamente. Ele também fica impressionado com a sua força, sua coragem e sua sabedoria. Muita coragem tinha sido necessária para lidar com Gareth - e todos os outros, - da maneira como ela havia feito.

Desde que havia retornado à corte do rei, não há nada que Thor queria mais do que ficar com ela, passar um tempo sozinho com ela. Após a visita ao túmulo, ele havia pensado que teria uma chance para passar um tempo a sós com ela, para levá-la a algum lugar especial onde pudesse, finalmente, pedi-la em casamento. O anel de sua mãe parece queimar dentro de seu bolso.

Mas Gwen havia sido detida por vários assessores e conselheiros, que a puxaram em diferentes direções, precisando dela para tomar decisões urgentes e julgar vários assuntos importantes. Ele sabe que ela ficaria ocupada por um bom tempo, e quis dar-lhe tempo e espaço para lidar com esses assuntos. Nesse meio tempo, ele tinha assuntos de seu próprio interesse para cuidar.

Sua irmã. Alistair.

Desde que ela o tinha salvado no campo de batalha e lhe trazido de volta, Thor quer desesperadamente ver sua irmã. Ele precisa agradecê-la, saber mais sobre ela, e descobrir tudo que havia acontecido.

Thor ainda mal pode acreditar que tem uma irmã neste mundo. Uma irmã *de verdade*. O a simples ideia o deixa emocionado. Ele não consegue explicar, mas de alguma forma ele se sente menos sozinho no mundo. Ele quer saber tudo sobre ela, de onde ela vem, se já tinha conhecido sua mãe, que poderes possui, quais as diferenças em relação a ele – e no que são parecidos.

Thor percebe que, em parte, ele quer saber mais sobre ela, para descobrir mais sobre si mesmo. Ele ainda se vê como um mistério, e espera que ela possa ajudar a resolvê-lo.

Ao abrir caminho através da multidão de foliões, atravessando a cidade à procura de sua irmã, Thor reconhece vários rostos de soldados companheiros, - homens que ele respeita e com quem ele já havia lutado, - e se prepara, com medo de que todos o odeiem e culpem pelo tempo que ele havia passado lutando com Andronicus. Para surpresa de Thor, ele é recebido com abraços calorosos, sorrisos simpáticos e gritos de aprovação por todos que encontra. As pessoas dão tapinhas em suas costas onde quer ele que vá, chamando seu nome. Ele é um herói.

Thor sente a necessidade de pedir desculpas por suas ações, mas as pessoas constantemente mencionam todo o bem que ele havia feito para o Anel, fazendo com que ele se lembre de como havia matado mais soldados do Império com a Espada do Destino e com os dragões do que qualquer outro soldado. Ele tinha até mesmo matado Andronicus. E mesmo ao enfrentá-los na batalha, Thor não havia matado todos os membros do Reino Ocidental, mas apenas os soldados dos McCloud. Eles sabem que durante seu lapso momentâneo sob o feitiço de Andronicus ele havia estado fora de seu controle, e eles não o culpam por isso. Pelo contrário, eles apenas o vêem como um herói.

Thor encontra Godfrey no meio da multidão, com Akorth, Fulton e o curador real, Illepra, com uma grande marca na cabeça. Thor vai até ele, encolhendo-se, com medo de que a pancada tenha sido culpa dele e que Godfrey esteja furioso com ele, lembrando o golpe que ele havia desferido com seu escudo.

Mas em vez disso, Godfrey abre um sorriso, erguendo os braços e abraçando Thor. Thor retribui o abraço, sentindo-se aliviado.

"Por favor, aceite minhas desculpas," Thor diz. "Eu não sei o que deu em mim."

"Eu não fui ferido," Godfrey responde. "Foi apenas uma pancada na cabeça. Não peça desculpas, porque eu sei muito bem o que deu em você: a magia negra de Andronicus. Você não estava agindo como você mesmo, e não era Thorgrin que eu conheço. Não se aflija: isso poderia ter acontecido com qualquer um de nós."

"Pelo contrário," afirma Kendrick, juntando-se a eles e apertando o ombro de Thor, "por acaso se esquece que foi *você* quem arriscou sua vida para aventurar-se no Império para recuperar a espada? E que foi *você* quem se ofereceu para enfrentar Andronicus sozinho e, assim, caiu em uma emboscada e foi capturado? Você foi corajoso e nobre, e você fez tudo isso pelo Anel."

Kendrick o abraça e Thor retribui o gesto. Thor sente seu coração aquecido, e as ondas de culpa começam a se dissipar; ele se sente aliviado, especialmente porque considerava aqueles dois homens como irmãos e, especialmente, pois está prestes a pedir a mão de Gwendolyn em casamento. Ter a aprovação de seus irmãos significa muito para ele. Eles seriam de fato como uma grande família, a única família que ele já realmente possui.

Tudo isso ajuda Thor a lembrar a razão pela qual tinha ido até ali: para falar a irmã dele.

"Você já viu Alistair?", Pergunta Thor.

"A última vez que a vi," Kendrick fala, "ela estava com Erec, no lado mais distante da cidade. Dê uma olhada do outro lado da praça."

Thor abre caminho até o outro lado do pátio, parando no caminho para cumprimentar vários soldados. Finalmente, ele chega ao outro lado e para quando a vê ali, em pé com Erec, conversando. Vê-la ali é como ver uma parte dele mesmo. De repente, ele fica nervoso. Thor também se sente culpado em interrompê-los, e está prestes a virar e voltar, quando nota que Alistair o tinha visto, e acena para ele se aproximar.

Quando Thor caminha até eles, Erec se vira também, e seu rosto se ilumina com bondade. Ele abraça Thor, que retribui o

abraço, sentindo culpa ao se lembrar que da última vez que o tinha visto, os dois haviam se enfrentado na batalha.

"Perdoe-me, senhor," Thor fala para Erec, baixando os olhos. "Eu nunca tive a intenção de enfrentá-lo. Eu não faria nada para prejudicá-lo, estava fora de controle."

Erec aperta o ombro de Thor com uma mão e olha em seus olhos.

"Eu não vejo isso como uma ofensa, jovem Thorgrinson. E você foi um bom adversário - o melhor que eu já enfrentei. Você aprimorou minhas habilidades naquele dia."

Erec sorri para ele, e Thor não consegue deixar de sorrir de volta, aliviado.

"Estou feliz por ter você ao nosso lado," conclui Erec.

Thor olha para Alistair.

"Eu não queria interromper," diz Thor rapidamente, preparando-se para partir.

"Não," Erec fala: "irmão e irmã devem ter algum tempo sozinho. *Eu* é que devo partir."

Erec beija a mão de Alistair, se vira e corre para a multidão, cumprimentando vários soldados pelo caminho, que correm para abraçá-lo.

Thor fica nervoso quando olha para sua irmã, vendo Alistair pela primeira vez a uma mente clara e totalmente presente. Ela olha para ele, sem expressão, e por um momento, ele não sabe o que dizer. Ela é belíssima e seus grandes olhos azuis chamam a atenção dele. Ele consegue reconhecer alguns traços seus no rosto dela - a linha da mandíbula, o nariz, lábios e testa. É quase como olhar para um espelho, mas ver uma versão feminina de si mesmo. Alistair, porém, é muito mais bonita, com todas as belas feições e traços delicados que ele não tem. Enquanto a examina, Thor fica feliz ao ver que há mais alguém no mundo que se assemelha a ele.

"Eu não sei como lhe agradecer," Thor diz, finalmente, depois de um longo silêncio constrangedor, limpando a garganta. "Você me trouxe de volta."

"Eu só fiz com que você voltasse a agir como você mesmo," ela responde. "Eu não fiz nada demais."

Ao ouvir suas palavras, mais uma vez, Thor sentiu uma de vibração percorrer seu corpo. Ele se sente mais à vontade, e a sensação lhe parece familiar e reconfortante.

"Você é um Druida, como eu?" Thor pergunta hesitante.

Alistair assente.

"Nós compartilhamos o mesmo sangue," explica ela.

Thor fica feliz, mas triste por ela ao mesmo tempo. Ele entende a dor e mistério que afetam a vida dela, tendo Andronicus como pai e uma mãe que ela nunca havia conhecido.

"Alguma vez você chegou a conhecer nosso pai?" Thor pergunta hesitante, sem querer magoá-la.

Alistair pisca várias vezes, e Thor pode ver que o assunto a deixa magoada.

"Não," ela responde com tristeza. "Só no campo de batalha, quando eu estava com você."

É estranho, mas Thor quase pode sentir os pensamentos dela antes que ela responda; de certa forma ele já sabia o que ela ia dizer antes mesmo que ela respondesse sua pergunta. É como se eles fossem a mesma pessoa.

"Convivo diariamente com o pesadelo," ela acrescenta, "de saber que ele é o meu pai. Eu não consigo entender isso; nem consigo aceitar isso dentro de mim. Como posso vir de um monstro? Por que nossa mãe escolheu aquele homem? Pensar sobre isso me deixa enojada. Seus traços estão em algum lugar dentro de mim? Será que eles vão passar para os meus filhos? Eu daria qualquer coisa para ter um pai diferente; mas este é o pai que me foi dado. Deve haver alguma razão, algum motivo que talvez eu não entenda."

Ela suspira, e Thor pode ver o peso que ela carrega; é o mesmo peso que ele sente, e ele se sente bem, ao menos, ao ver que ele não está sozinho.

"Pelo menos agora, graças a você," continua ela, "ele está morto. E eu lhe agradeço por isso – diminui um pouco a dor. Então você vê caro irmão, tenho muito à que lhe agradecer também," diz ela sorrindo.

Thor sorri de volta. Seu coração bate acelerado quando ele se prepara para fazer a próxima pergunta para Alistair, nervoso ao pronunciar as palavras. Muita coisa depende de sua resposta; ele quase não consegue falar.

"E a nossa mãe?" Thor finalmente reúne coragem para perguntar. "Você a conhece?"

Alistair olha para longe, e respira fundo. Ela fica em silêncio por tanto tempo, que Thor não sabe ao certo se ela pretende responder.

Finalmente, ela diz: "Eu não sei se eu a conheci ou se apenas sonhei com ela. Meus sonhos são tão vivos, eu não sei se eles são reais, ou apenas memórias. Eu ainda sonho com ela o tempo todo. Ela vem até mim. Ela vive em um castelo, no alto à beira de um penhasco, com vista para um grande oceano. Há uma longa passarela em curvas que leva até ele. A luz brilha a partir do castelo, uma luz brilhante, cores diferentes em diferentes sonhos. Eu sempre a vejo, obscurecida pela luz. Às vezes, ela estende a mão para mim. Eu nunca consigo alcançá-la."

Ela suspira.

"Eu tenho este sonho há tanto tempo, eu já não sei se ele é real. Durante toda a minha vida vi minha mãe em sonhos, mas eu realmente nunca a vi."

Thor respira fundo, abalado ao ouvir que alguém tenha a mesma experiência, até os mesmos sonhos, que ele.

"A mesma coisa acontece comigo," ele fala.

Ela olha para ele com os olhos arregalados de surpresa.

"Então você também nunca a conheceu?" ela pergunta, admirada.

Thor balança a cabeça.

"Eu tenho que conhecê-la," ele responde. "Estou determinado a encontrá-la. É algo que me sinto compelido a fazer. Sinto que há um grande mistério escondido nos limites da minha consciência, em relação a quem eu sou - quem estou destinado a ser, - que eu nunca vou entender completamente até que eu a conheça."

Ela engasga.

"Eu sinto o mesmo. Todos os dias quando acordo, eu sinto isso, e ainda assim, uma parte de mim sente medo. O momento nunca

parece certo. Agora não é a hora para fazer a viagem; esta é a oportunidade para eu ficar ao lado de Erec. Ele é meu futuro marido, e nós finalmente estamos juntos novamente, depois de todas essas guerras."

"Eu entendo," responde Thor. "Também não quero sair do lado de Gwendolyn. Algo arde dentro de mim, algo maior do que eu posso entender. É mais do que simplesmente estar junto dela: preciso encontrar a mim mesmo primeiro."

Alistair assente.

"Sempre que eu uso os meus poderes," ela diz, "Eu sinto que é ela que vem através de mim. Eu me sinto conectada a ela; embora eles sejam poderes que eu não entendo, - e que às vezes eu não consigo controlar."

"Nem eu entendo os meus," responde Thor.

"Toda a minha vida, enquanto eu crescia, eu tinha medo deles," afirma Alistair. "Eu cheguei à conclusão de que havia algo de errado comigo, que eu era algum tipo de aberração. As pessoas olhavam para mim de forma diferente. Eu precisava sair, - me mudar, indo de cidade em cidade. Eu tinha muitas famílias adotivas, e poucas eram bondosas."

Alistair suspira.

"Finalmente, eu apenas parei de usar os meus poderes. Eu os escondi. Apenas recentemente, quando eu conheci Erec, quando eu me apaixonei pela primeira vez, eu me senti confortável para usá-los novamente. E então, quando eu conheci Gwendolyn. E depois, para salvar você."

Thor entende o que ela quer dizer com aquelas palavras, pois tinha tido experiências semelhantes.

"Agora eu percebo que eles não algo de que eu deva me envergonhar," Alistair fala. "Eles são parte de quem somos. Eles são uma parte de nós."

Thor assente, compreendendo.

"Você sabe onde ela mora?" Pergunta Thor.

Alistair olha para ele, e então finalmente acena com a cabeça.

"Ela me deixou uma coisa-" ela começa a dizer, mas, em seguida, é interrompida.

"Thorgrin! Aí está você!" diz uma voz alegre.

Thor se vira para ver Reece, ali de pé, sorrindo, segurando no seu ombro. Ele abraça Thor, que retribui o gesto.

Thor fica emocionado ao se reencontrar com seu amigo, mas ele também olha para Alistair, morrendo de vontade de ouvir o que ela estava prestes a dizer.

Mas Alistair já está se afastando, se preparando para sair.

"Desculpe-me, eu não queria interromper," diz Reece, olhando para Thor e Alistair, percebendo a gafe tarde demais.

Alistair balança a cabeça, se afastando.

"Vamos terminar nossa conversa outra hora," ela fala. "Eu tenho que voltar para Erec. Até a próxima, meu irmão," ela diz, virando-se e rapidamente partindo.

Thor fica decepcionado; ele estava desesperado para ouvir o que ela tinha a dizer sobre a sua mãe, sobre onde ela mora e o que ela havia deixado.

Reece está radiante ao lado dele, ansioso para falar, e Thor olha para ele, muito feliz ao ver seu amigo.

"Já ouvi falar de suas aventuras, meu amigo," diz Thor com admiração, "até as profundezas do Canyon, para recuperar a espada. Ouvi do excelente trabalho que você fez para salvar o nosso reino. Eu não esperaria nada menos de você."

Reece balançou a cabeça humildemente.

"E eu ouvi muito a seu respeito," ele fala com admiração. Então seu rosto fica sério. "Por favor, me perdoe por não estar lá com você. E eu sinto muito pelo que aconteceu com você. Você sofreu muito por todos nós. Estou muito feliz que tenha voltado para nós. E eu estou feliz que esteja vivo!"

Eles seguram nos braços um do outro.

"E o que aconteceu com os outros membros da Legião?" Pergunta Thor.

"Estão todos vivos," Reece responde com orgulho. "Todos eles voltaram comigo, e estão aqui."

Thor balança a cabeça em sinal de admiração.

"Você fez um bom trabalho, de fato, ao descer às profundezas do inferno e conseguir voltar vivo."

Reece ri e aperta o ombro de Thor.

"Eu tenho boas notícias para você, e uma pergunta a lhe fazer."

Thor estuda seu amigo, curioso; o rosto de Reece está radiante e seu sorriso é contagiante. Thor nunca o tinha visto tão feliz, e se pergunta o que estaria acontecendo.

"Qualquer coisa para você," responde Thor.

"Você aceita ser meu padrinho?" Pergunta Reece.

Thor olha para ele, erguendo as sobrancelhas em surpresa.

"É isso mesmo," acrescenta Reece. "Tenho a intenção de me casar com Selese."

"Ela já disse que aceita?" Pergunta Thor.

"Eu vou pedir a mão dela em casamento agora. Ela ainda não sabe, mas eu queria contar pra você primeiro," explica Reece.

"Eu ficaria honrado," afirma Thor, muito feliz por seu amigo. "Estou tão feliz por você. Você fez uma escolha sábia. Minha resposta é sim, com uma condição: que você também seja meu padrinho."

Reece olha para ele, confuso.

Thor faz um sinal com a cabeça.

"É isso mesmo. Eu estou pedindo para você ser meu cunhado. Meu irmão *de verdade*."

"Você já pediu Gwendolyn em casamento?" Reece pergunta, animado.

"Pretendo fazer isso agora."

Reece grita de alegria e abraça Thor.

"Isso é o que eu sempre quis," Reece fala. "Desde o dia em que eu conheci você, gostaria que você se tornasse meu *verdadeiro* irmão. Nada me deixaria mais feliz!"

Thor sorri.

"Estou feliz por você também, meu amigo. Vá até Selese, não a deixe esperando. Desejo-lhe sorte."

"E você, vá até minha irmã. Talvez tenhamos um casamento duplo!"

Thor se anima com a ideia.

"Talvez sim!" ele diz.

Reece se vira e sai correndo, e Thor olha na direção do pátio, inspirado, procurando Gwen.

Ele a vê em meio à multidão, finalmente aparecendo em público e sendo recebida com gritos de aprovação.

A hora de fazer dela sua esposa havia chegado.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Reece se apressa para atravessar o pátio, abrindo caminho entre a multidão de foliões, sem parar para comemorar com seus amigos. Ele está em uma missão. Ele segura o anel da mãe na palma de sua mão e caminha decidido, - procurando Selese em todos os rostos que encontra pelo caminho. Suas mãos estão suadas, apesar do frio, e sua garganta está seca. Reece tinha sido assim durante toda a sua vida, rápido para tomar decisões sobre tudo e rápido ao seguir suas paixões. Ele não gostava de hesitar, em relação a qualquer coisa. Ele decidia quem seriam seus melhores amigos instantaneamente, e havia percebido desde o início que a amava e não havia se arrependido desde então. Reece sente que já tinha esperado muito tempo, e ele está determinado a não deixar nada ficar entre ele o amor de sua vida.

De repente, seu coração bate acelerado quando ele considera que poderia acontecer: e se ela dissesse que não? O que ele faria então? Será que ele está fazendo papel de bobo? E se, apesar de salvá-lo, ela não sentisse tanto por ele quanto ele por ela? Será que ele havia interpretando mal a situação?

Reece caminha determinado - de uma forma ou de outra, a descobrir por si mesmo.

Depois de perguntar a várias pessoas, Reece, finalmente, descobre que Selese está com Illepra, no lado mais distante da cidade, ainda cuidando dos feridos, que continuavam a chegar durante todo o dia. A guerra havia devastado as terras do Anel, e nem todos conseguiam chegar à cidade no mesmo ritmo.

Reece passa diante do enorme arco de pedra que dá acesso ao lado norte da cidade, um pátio gramado emoldurado pelas ruínas dos muros de pedra e, ao fazer isso, ele fica chocado com o que vê diante de si: contrastando com os foliões do outro lado da parede atrás dele, há centenas de feridos espalhados pelo gramado. Eles estão alinhados em fileiras, gemendo, enquanto são atendidos por dezenas de curandeiros reais. É uma visão impressionante; Reece fica feliz por não estar entre eles.

Reece abre caminho entre as fileiras, analisando os rostos dos curandeiros, a maioria de joelhos, cuidando dos soldados. Ele procura Selese por toda parte. A enfermaria improvisada é ampla, e Reece está começando a perder a esperança quando, finalmente, no canto do pátio, ele a vê, inclinando-se sobre um soldado, colocando um líquido em sua boca. Illepra está do lado dela, cuidando de um soldado que havia perdido uma perna.

Reece caminha rapidamente até ela e, ao fazer isso, ele de repente se pergunta se aquele é a melhor hora e lugar para pedi-la em casamento. A atmosfera é tão sombria, desagradável, em contraste com as festividades no pátio adjacente. Selese também parece bastante envolvida com todo aquele trabalho, e ele não distraí-la de suas funções; ela também parece estar com humor um tanto sombrio.

Ainda assim, Reece não consegue se segurar. Ele precisa estar com ela, e tem a intenção de descobrir se ela também quer ficar com ele. Ele se sente compelido a mostrar a ela o quanto a ama, em mostrar-lhe a mesma fidelidade que ela havia mostrado em relação a ele. Afinal, ela havia salvado vida dele, e tinha arriscado a própria vida ao fazê-lo.

O coração de Reece bate em seu peito enquanto ele se aproxima dela. Ele sabe que não deve desperdiçar mais nenhum segundo. Ele havia aprendido que a única forma de enfrentar seus medos é encará-los de frente – e pedir Selese em casamento é mais aterrorizante para ele do que enfrentar mil guerreiros.

Reece se aproxima dela quando ela começa a se levantar, enxugando as mãos no avental. Ela olha para cima e, ao ver Reece se aproximando, seus olhos se iluminam com surpresa e alegria.

Reece se aproxima para abraçá-la, mas ela levanta as palmas das mãos sujas.

"Meu Senhor, gostaria de abraçá-lo, mas eu não estou vestida para a ocasião," ela diz sorrindo.

Mas Reece não se importa; ele se aproxima e a abraça, e ela retribui.

"Você parece nervoso," ela diz, examinando-o com um sorriso.

Reece fica ali, olhando para ela, com o coração batendo acelerado, incapaz de dizer qualquer coisa. Ele é incapaz de sorrir ou fazer qualquer outra coisa, e de repente ele se sente estranho. Ele estaria estragando tudo?

Ela olha para ele com preocupação.

"Está tudo bem?" ela pergunta.

Reece só consegue acenar com a cabeça, as palavras ficam presas em sua garganta.

Illepra se levanta, olhando para ele com um olhar.

Reece olha à sua volta, para qualquer coisa menos Selese, e ao ver todos os feridos e doentes, ele percebe que aquele não é o melhor lugar para fazer o pedido. Ele impulsivamente estica o braço e pega a mão dela.

"Será que você poderia me acompanhar por um instante?" ele pede.

"Agora? Onde?" Ela pergunta perplexa. "Eu tenho que cuidar dos feridos."

"Haverá sempre mais feridos," Reece responde, puxando sua mão. "Venha comigo. Apenas por alguns momentos. Por favor."

Selese olha para Illepra, que acena com a cabeça comunicando sua aprovação.

Selese desamarra seu avental sujo, joga os cabelos para trás, e caminha de braços dados com Reece, sorrindo, claramente satisfeita ao se afastarem do pátio. Obviamente, ela está aliviada por fazer uma pausa de seus afazeres.

Eles caminham por um portão de pedra em arco, deixando o perímetro da cidade em direção à área rural. Eles caminham por um campo de flores de inverno na altura do joelho, brancas e com grandes pétalas compridas que balançam ao vento, roçando as pernas deles. Aquelas flores de inverno são delicadas, leves como plumas, e todas as vezes que Selese estende a mão para tocá-las, elas se desfazem, e suas pétalas voam pelo ar, levadas pelo vento e parecendo chover ao redor deles.

"Não devemos fazer um pedido com estas flores?" Ela pergunta, sorrindo, enquanto caminham pelo campo com pétalas brancas pairando no ar em volta deles.

"O meu desejo já se tornou realidade," diz Reece, finalmente capaz de falar novamente.

"É mesmo?" Ela pergunta, sorrindo. "E o que desejo foi esse?"

Reece para e olha para ela, com o rosto sério.

"Que nós ficássemos juntos novamente."

Selese para e olha para ele, e seu sorriso se desfaz.

"Você está zombando de mim, meu senhor," ela diz.

Ele aperta as mãos dela com sinceridade.

"Eu não estava zombando," ele insiste, bastante sério. "Não há nada que eu queira mais."

Reece estende o braço e leva a mão ao rosto de Selese, olhando dentro dos olhos dela com toda a seriedade que consegue reunir. Ele está mais nervoso do que nunca.

"Selese, eu te amo," ele começa. "Eu a amo desde o momento em que a vi pela primeira vez, ainda na sua aldeia. A partir do momento que eu ouvi a sua voz pela primeira vez, não penso em outra coisa. Em todas as minhas viagens pelo Império, todas as pessoas que eu conheci e nas terras que eu visitei, não consegui pensar em nada além de você. Devo-lhe a minha vida. Mas mais do que isso, devo-lhe o meu coração."

Reece se ajoelha, segurando as mãos dela, e olha dentro de seus olhos sorrindo. Seu coração bate tão forte que ele acha que pode ter um ataque cardíaco a qualquer momento.

Ela olha para ele, sorrindo, intrigada.

"Selese," ele pergunta, com a garganta seca. "Você quer se casar comigo?"

Reece enfia a mão no bolso e tira o anel de sua mãe, que brilha mesmo no meio daquele campo de flores.

Selese engasga.

Ela leva uma mão para a boca, e seus olhos se enchem de lágrimas. Ela corre e abraça Reece com força, enquanto lágrimas escorrem pelo seu rosto.

"Sim," ela sussurra em seu ouvido. "Mil vezes, sim!"

Eles então se beijam longamente enquanto as pétalas das flores brancas continuam caindo ao redor deles, sem que Reece perceba o

vento de inverno, pois naquele momento ele tem tudo com que sempre sonhou durante toda a sua vida.

CAPÍTULO DEZESSETE

Thorgrin abre caminho através da multidão espessa de pessoas bem-intencionadas que cercam Gwendolyn, centenas de soldados, súditos, nobres, senhores e membros do conselho, todos ao redor dela, cercando-a por todas as direções, todos querendo desejar-lhe bem ou ser ouvido sobre alguma coisa. Todos eles claramente a vêem como sua rainha agora. Exatamente como deveria ser, pensa Thorgrin. Gwendolyn os tinha conduzido por tempos difíceis, havia demonstrado auto-sacrifício e liderança firme, e tinha sofrido em nome de seu povo. Ela havia encarado tudo de cabeça erguida, e não havia recuado em face da adversidade. Ela havia liderado seu povo para a vitória e tinha sobrevivido.

Thor se lembra do grande rei que seu pai havia sido, e fica claro para ele que Gwendolyn seria uma governante ainda melhor. Ele está orgulhoso dela à medida que abre caminho através da multidão, tendo dificuldade até mesmo chegar perto dela em meio à tanta gente. Ela claramente é uma governante amada pelo seu povo.

Thor não quer levá-la para longe de tudo aquilo, mas ele precisa fazê-lo. Ele não conseguiria esperar mais nenhum segundo. Agora é o momento fazer o pedido de casamento.

"Gwendolyn," ele fala, aproximando-se dela, com Krohn em seus calcanhares.

Ela se vira para ele, e outros abrem caminho quando ele se adianta para ficar ao lado dela.

"Posso roubar você por um tempo?" Ele pede, sorrindo.

Ela retribui o sorriso, inclinando-se para sussurrar em seu ouvido: "Eu estava torcendo para que você fizesse isso."

O coração de Thor bate mais rápido quando ele estende o braço, pega na mão dela e a guia através da multidão. As pessoas no caminho abrem passagem para eles, e Krohn continua atrás deles. Gwen olha para o seu povo, que continuam a observá-la, e diz: "Vá em frente, aproveitem as festividades. Vou voltar em breve. Vão em frente! Divirtam-se!"

Um grito de aprovação eclode no meio da multidão, a música recomeça, e as pessoas voltam a conversar e a festejar.

Thor pega a mão de Gwen e a leva para longe, os dois andando mais rápido, ambos alegres, como crianças fugindo da escola, seguidos de perto por Krohn, e satisfeitos por finalmente deixarem seus deveres e responsabilidades por um tempo. É a primeira vez que Thor havia conseguido um tempo sozinho com ela desde seu retorno. Thor sente como se estivessem namorando de novo, e ele se sente feliz por estar novamente ao lado dela. Ele pode ver pelo aperto de mão dela que Gwen também sente o mesmo.

Eles atravessam o alto portão de pedra na saída da cidade, em condições precárias, mas ainda de pé, e começam a caminhar em direção ao oeste. Aquela estrada, Thor havia nota, antes meticulosamente pavimentada com pedra e cascalho, agora está cheia de buracos e de ervas daninhas.

"Para onde estamos indo?" Pergunta Gwen, animada.

Eles fazem uma curva e Thor para e olha para o penhasco diante deles, brilhando sob a luz do sol, e Gwen acompanha seu olhar.

"O Penhasco Kolvian," ela fala. "Mas por quê?"

Thor segura a língua, pensando no quanto lhe dizer. Ele não quer estragar a surpresa. O que ele gostaria de lhe dizer é: *porque é um terreno elevado, com a mais bela vista do reino, com vista para cidade. Porque é um lugar tranquilo e romântico, onde nós já estivemos juntos antes. Porque é um lugar que significa muito em nossas vidas. Porque é onde eu quero fazer-lhe a pergunta mais importante da minha vida.*

Mas ele não pode dizer nada disso. Então, em vez disso, ele fala: "Há algo lá em cima que eu gostaria de te mostrar."

"Mostrar-me?", Pergunta ela com uma risada. "Lá em cima? É outro leopardo de estimação?" Ela pergunta, quanto Krohn corre diante deles.

Thor sorri.

"Não, não exatamente," ele responde.

Thor pega a mão dela e, juntos, eles caminham até o penhasco; enquanto eles sobem, Thor nota que Gwen está mais

distraída do que o habitual, e que ela para pra descansar com mais frequência do que antes. Ele está começando a ficar preocupado.

"Você está bem, meu amor?" ele pergunta.

Ela assente com a cabeça.

"Você fica segurando a barriga," ele observa.

Gwen fica corada e desvia o olhar.

"Sinto muito. Estou apenas cansada. E eu não tenho comido. Estou bem. Vamos continuar."

Eles sobem o restante do caminho com as energias renovadas, até que finalmente chegam ao topo do pico mais alto. Assim que chegam, eles se viram e olham para a paisagem.

Thor fica encantado com a paisagem, e pode ver que Gwendolyn também está. Ele já tinha visitado o lugar muitas vezes, e ainda assim nunca se cansava da vista: logo abaixo deles, está a Corte do Rei, gloriosa mesmo em ruínas, envolvida pela névoa da tarde que a cobre como uma mortalha. Milhares e milhares de pessoas estão celebrando, e ele pode ouvir seus gritos distantes e a música mesmo dali. É frustrante para Thor ver a Corte do Rei destruída, mas também o deixa cheio de esperança: é uma visão do que uma vez tinha sido, e uma visão do que poderia voltar a ser.

"É lindo," diz Gwendolyn. "É isso que você queria me mostrar?"

Ela se vira e olha tudo ao seu redor, se perguntando se Thor teria alguma surpresa esperando por ela.

Thor, de repente se sente nervoso. Sua garganta fica seca, e seu coração bate forte em sua garganta. Ele estende a mão e acaricia o anel dentro do casaco, para se certificar de que ele ainda está lá. E está.

Thor abre e fecha a boca várias vezes, e sente seus joelhos estão fracos. Ele é tomado pelo medo; nunca se sentia assim durante uma batalha, ou ao enfrentar um inimigo. Mas agora, ali, de frente para Gwendolyn, ele se sente mais nervoso do que nunca.

"Bem, na verdade, não é algo que eu quero te mostrar... mas, bem, hmm-"

Thor para de falar e olha para baixo, chutando a sujeira. Seu coração está acelerado, e ele tem dificuldade para formar as palavras com a respiração curta.

"É que... eu... hmm... é uma espécie de, hmm, bem... o tipo de coisa que eu hmm-"

Gwen ri. É um riso despreocupado, um som que ele não ouvia dela há bastante tempo, e embora ele esteja feliz por vê-la tão contente, ele também fica envergonhado.

"Eu não o vejo tão nervoso desde a primeira vez que nos encontramos," ela diz.

Thor respira fundo, finalmente reunindo a coragem, e olha diretamente nos olhos de Gwen. E se ela disser não ao seu pedido? Todo o seu mundo estaria acabado.

"Gwendolyn, eu te amo," ele declara, dando um passo a frente e segurando as mãos dela.

Ela olha para ele, perplexa.

"Eu também te amo," ela responde. "Viemos até aqui para você me dizer isso?" Ela pergunta, com um brilho nos olhos.

Thor balança a cabeça.

"Eu *realmente* amo você," ele diz.

Ela olha para ele, sorrindo.

"O que deu em você?" Ela pergunta.

Thor balança a cabeça novamente.

"Gwendolyn, não é isso que estou tentando dizer."

Ele limpa a garganta e respira fundo outra vez, e ela olha para ele admirada.

"Você está suando?" Pergunta ela.

Thor estende a mão e enxuga a testa com as costas da mão, percebendo que ele realmente está transpirando demais, apesar do dia de inverno. Ele limpa a garganta novamente e a encara. É agora ou nunca.

"Gwendolyn," ele fala, "você significa o mundo para mim. Eu quero ficar com você para o resto da minha vida. Todos os meus dias. Eu me sinto assim desde o primeiro dia que nos conhecemos. O momento certo para lhe dizer isso parecia nunca chegar, mas acredito que a hora é agora. Só uma resposta realmente importa para mim agora."

Thor se ajoelha, enfia a mão em sua camisa e tira o anel de sua mãe. Ele é espetacular, enorme, e suas pedras incessantemente sob

a luz do sol.

Os olhos de Gwen se arregalam de surpresa e ficam repletos de lágrimas.

"Gwendolyn," Thor continua. "Você quer se casar comigo?"

Gwendolyn corre para os braços de Thor e o abraça tão apertado, que ele mal consegue respirar. Ele se levanta e retribui o abraço, e ela chora sem parar enquanto as lágrimas quentes inundam seu pescoço.

"Isso é um não?" ele pergunta.

"Sim," ela sussurra em seu ouvido. "Sim, sim, sim, sim e sim!"

Gwen cobre o rosto dele de beijos, e ele a beija de volta várias vezes.

Finalmente, ele sorri, olhando para baixo.

"Você se esqueceu de aceitar o anel," ele diz.

Gwen ri e, quando ela quando ela estica o braço, Thor coloca o anel de sua mãe em seu dedo.

Ela olha para ele com admiração.

"Ele se encaixa perfeitamente," ela comenta. "Onde você conseguiu isso? Já vi várias jóias reais durante a minha vida, mas nunca vi nada parecido com isso."

"Ele pertencia a minha mãe," Thor responde. "Ele pertence a você agora. A você, e a mais ninguém."

Gwen olha para ele, com os olhos cheios de lágrimas, e eles se beijam. Eles continuam se beijando o máximo que conseguem e, finalmente, se abraçam.

"Thorgrin, meu amor," ela diz suavemente, afastando-se ligeiramente e olhando para ele. "Há algo que eu também gostaria de lhe contar."

Ela se afasta mais um pouco, olhando em seus olhos, e Thor se pergunta o que poderia ser.

"Há um motivo pelo qual foi tão difícil para que eu subisse esses penhascos," ela começa. "A razão pela qual tenho agido estranhamente."

Ela estende os braços e segurou as duas mãos dele, sorrindo.

"Thorgrin: Estou grávida."

Essas palavras tocam o coração de Thorgrin, percorrendo todo o seu corpo e fazendo com que ele perca a noção do tempo e lugar. Ele fica mais do que simplesmente feliz. Ele sente como se fizesse parte de algo maior do que ele mesmo, algo mais profundo no universo, sentindo uma ligação com o mundo. Ele é tomado por uma sensação de alegria e gratidão.

"Um filho?" ele pergunta.

Ela assente com a cabeça, sorrindo.

Ele olha para a barriga dela, e gentilmente descansa a mão sobre ela. Assim que faz isso, ele sente uma descarga incrível de energia atravessando o seu corpo. Ele sente a criança se mexendo - pequenos tremores na palma de sua mão. Ele sente um amor e alegria além do que ele jamais imaginava ser capaz de experimentar.

Ele abraça Gwendolyn com força, e ela retribui.

"Eu te amo," ele sussurra em seu ouvido.

"Eu também te amo," ela sussurra de volta.

Thor passa o braço em torno do ombro dela e a puxa para junto de si, e eles observam os dois sóis baixos no horizonte, a Corte do Rei iluminada em tons de escarlate e violeta brilhando em mil pontos de luz. Thor sente como se o Anel estivesse renascendo, lentamente voltando à vida. À sua volta, flores de inverno florescem e, com o segundo sol se pondo diante deles, a paisagem é uma das mais belas que Thor já tinha visto. Aquele tinha sido o momento ideal, o momento perfeito para fazer o pedido, e ele gostaria de parar o tempo para sempre. A experiência tinha sido mágica, - assim como toda a sua relação com Gwendolyn.

Ao olhar para o horizonte, para a estrada distante de acesso à corte do rei, Thor vê uma caravana infinita de pessoas que se aproximam da cidade vindas de todas as direções, alguns a pé, outros montados em cavalos ou guiando carroças. Todos estão se dirigindo para o mesmo lugar, indo celebrar o novo Anel, e a renovação da esperança.

"Um fluxo de humanidade," Thor observa. "Pessoas de todas as classes sociais querem voltar à Corte do Rei, para comemorar. Todos eles acreditam em você."

"Vamos reconstruí-la," afirma Gwen. "Pedra por pedra. Vamos fazer dela a grande cidade que costumava ser. E o ponto central de todas as celebrações será o nosso casamento. Será o mais magnífico casamento que o Anel já testemunhou. E em seguida teremos nosso bebê. Tudo será novo outra vez, e nosso povo vai renascer das cinzas. Faremos isso, juntos, nosso amor irá contribuir para a reconstrução."

Eles se beijam quando a luz do último sol recai sobre eles. Thor só espera ser capaz de manter o mundo desse jeito para sempre.

SEIS LUAS MAIS TARDE

CAPÍTULO DEZOITO

Gwendolyn voa alto, montada nas costas de Ralibar, segurando firme com ambas as mãos, como sempre faz ao voar com ele, tentando prever seu temperamento imprevisível. Ralibar voa para dentro e para fora das nuvens, mergulha para cima e para baixo, bufando e, às vezes, até arqueia as costas para trás. Ele é a criatura mais forte e temperamental que Gwen já havia conhecido, e ela pode sentir as emoções ardendo dentro dele.

Gwen se sente lisonjeada que Ralibar a tenha deixado voar com ele. Ela havia descoberto, há duas luas, a simpatia dele por ela. Sempre que Thorgrin montava em Mycoples, Ralibar ficava ciumento e territorial, - bufando e gritando para Thor, tentando assustá-lo. Ralibar e Mycoples estavam se enfrentando, e a situação tinha ficado cada vez pior até que, um dia, Gwendolyn havia acompanhado Thor para vê-lo partir, e todos tinham ficado chocados pela forma como Ralibar tinha se virado na direção de Gwendolyn, abaixado a cabeça e, depois de examiná-la de forma suspeita, ele havia se inclinado e acariciado a barriga com o focinho. Ralibar tinha ronronado suavemente e, pela primeira vez, se acalmado.

Thor tinha assistido em estado de choque quando Gwendolyn tinha estendido a mão e acariciado o rosto de Ralibar, nervosa ao passar as mãos sobre suas escamas ásperas, antigas e um pouco úmidas. Ralibar então havia surpreendido a todos ainda mais, abaixando a cabeça até o chão, um gesto para que Gwen montasse nele.

Gwendolyn tinha montado Ralibar pela primeira vez com um pouco de receio, sem saber o que esperar. O passeio tinha sido selvagem e louco, e ela não tinha certeza se ele realmente gostava dela ou não. No entanto, ainda assim, ele a tinha procurado todos os dias desde então, fazendo um gesto para que ela montasse.

Para um animal claramente encantado com Gwendolyn, Ralibar tinha um jeito engraçado de mostrar isso. Para um observador, poderia parecer até que ele a odiava. Ele era uma criatura mal-humorada e tempestuosa, perpetuamente em algum tipo de conflito

emocional, seja em relação a si mesmo, com os seres humanos, ou outros dragões. Gwen sentia compaixão por ele: ela tinha a sensação de que ele era um ser solitário e infeliz, mas ela percebia que, por baixo de tudo, Ralibar tinha um grande coração, e apenas se sentia sozinho. Ele voava de forma irregular, e muitas vezes agia como se ele quisesse Gwen longe dele; no entanto, quando ela tentava desmontar, ele tinha um ataque e, assim, claramente mostrava que gostaria que ela ficasse.

Apesar de toda a loucura dele, Gwen tinha tomado gosto por ele; Ralibar tinha um jeito especial de fazer com que ela se apegasse a ele. Ao longo dos últimos meses, Gwen tinha se acostumado aos seus humores, e tinha aprendido a ler seus sinais. A ligação entre eles estava ficando cada vez mais forte, e isso deixa Gwen feliz de uma maneira que ela não esperava. Ela até sente que as alterações de humor de Ralibar estão começando a se acalmar.

Naquela bela manhã de verão, com clima perfeito e ambos os sóis brilhando forte, Gwen dá seu passeio matinal, como sempre fazia. Perto dela, Thorgrin está com Mycoples, voando no céu cedo pela manhã, como sempre faziam juntos. Eles haviam partido do topo do castelo, e seus dragões se cruzam repetidas vezes enquanto voam. Thor e Gwen havia criado ritual todas as manhãs, e hoje não tinha sido diferente: eles sobrevoam os pátios do castelo e, em seguida, as cidades e aldeias em torno dele, para que Gwen observe seu povo, seu reino, todas as coisas, certificando-se que tudo está em ordem.

Gwen gosta de passar esse tempo junto com Thor, Ralibar e Mycoples, as manhãs mais mágicas de sua vida, acompanhando o nascer dos sóis, observando a terra e todas suas cores diferentes. O voo também dá a ela uma visão geral de seu reino, e em mais de uma ocasião ela havia identificado algum problema lá embaixo que não teria visto de outra forma, o que a fez convocar seu conselho e corrigir os erros. Ela tinha visto incêndios, pequenas aldeias em ruínas, pessoas feridas ou lutando com seus cavalos e carroças, estradas em mau estado... Inúmeras pequenas correções necessárias para seu reino. O passeio permitia que ela fosse uma rainha onipresente, e também era reconfortante para o seu povo

olhar para cima e vê-la todas as manhãs, vigiando-os, corrigindo o que fosse preciso, montada na traseira de um dragão. A rotina ajudava a reforçar a imagem dela como uma mulher com poderes.

Gwen nunca havia imaginado que se sentiria tão confortável no papel de rainha. Mas agora que seis luas haviam se passado desde a expulsão do Império e o retorno de seus povos à corte, tendo começado o processo para restabelecer seu reinado, ela sente que o papel de rainha lhe cai como uma luva. Aquelas tinham sido as mais gloriosas seis luas de toda sua vida. Ela tinha se aproximado mais de Thor do que ela jamais poderia imaginar, os dois finalmente tinham a chance de estar juntos todos os dias e noites, dormindo nos antigos aposentos de seus pais no castelo, que ela havia reconstruído meticulosamente.

Ainda mais importante, ela agora estava grávida de nove meses, e sua barriga se projeta mais do que ela jamais poderia imaginar; ela se sente prestes a dar à luz a qualquer momento. Seu bebê se mexe dentro dela o tempo todo, e ela sente a presença dele a todo momento, como se ele já estivesse ali fora, vivendo com ela.

Mas ela não tinha deixado que a gravidez alterasse sua rotina. Todos os dias ela havia se dedicado à reconstrução do reino, com Thor, seu conselho, todas as pessoas que ela amava e confiava a seu lado, trabalhando como um exército para tornar o reino tão mágico e resplandecente como um dia já havia sido. Gwen estava determinada a tornar a Corte do Rei mais que apenas uma cidade: ela gostaria que ela se tornasse um sinal de esperança e otimismo para todos os sobreviventes do Anel. Ela queria que a cidade fosse uma prova de que todos eles voltariam ainda mais fortes do que antes.

Para seu próprio espanto, ela havia conseguido. Ao olhar para baixo, sobrevoando a cidade com o vento de verão soprando seu cabelo, Gwen fica boquiaberto ao ver como a Corte do Rei está bonita. Ela brilha sob os raios do sol, completamente reconstruída e maior do que antes, espalhando-se por quilômetros em cada sentido. A cidade é maior e mais imponente do que seu pai jamais poderia ter sonhado. Ela tinha conseguido dobrar o tamanho de tudo que seu pai tinha feito, acrescentando muralhas, torres, fortalezas,

fossos, e estradas ainda maiores... O castelo é mais alto do que nunca, o Salão de Armas e o Salão dos Prata tinham sido reconstruídos, e até o quartel da Legião está de volta ao que era antes. Milhares de seus súditos haviam trabalhado dia e noite para trazê-lo de volta à vida. Olhando para ele agora, não se poderia dizer que tinha sido destruído.

O trabalho continua em andamento e, como todos os dias, e até mesmo daquela altura, o som perpétuo de formões e bigornas e martelos de toque pode ser ouvido à distância. Aquele é o som do progresso, e uma parte da vida diária na Corte do Rei agora. Quando Gwen olha para baixo, a visão a surpreende de novo a cada dia, e ela mal pode acreditar no que tinha realizado. Isso a faz acreditar que tudo é possível. Isso a faz perceber que, mesmo ao encarar os dias mais difíceis e escuros, ainda é possível se recuperar de qualquer coisa, e tornar a vida ainda maior do que jamais havia sido.

Ainda voando com Ralibar, ela se pergunta o que seu pai pensaria se visse tudo isso. Será que ele se orgulharia dela? Ela tem a sensação de que ele sim. Ele a tinha escolhido para governar, afinal, e isso seria uma prova de que ele havia feito uma boa escolha. Ela gostaria mais do que qualquer coisa que ele estivesse vivo agora para testemunhar o que ela havia feito, mas ela sente que ele assiste tudo com satisfação.

Gwen leva Ralibar a mergulhar para baixo à esquerda, e Thor segue em Mycoples. Ela voa a área externa da Corte do Rei, um pátio novo, repleto de jardins e fontes borbulhantes, com muros e arcos novos. Gwen havia ordenado que ele fosse construído em mármore branco brilhante, extraído de uma antiga pedreira, e aquela é, aos olhos de Gwen, a parte mais bonita da Corte do Rei - aquele novo pátio, que não existia antes. É difícil imaginar o lugar sem ele.

Ainda mais emocionante é a atividade acontecendo lá embaixo, centenas de trabalhadores correndo, trabalhando furiosamente para preparar tudo para o casamento dela. Eles estavam se preparando há seis luas, e o casamento tinha se tornado cada vez maior. Dezenas de trabalhadores colocam flores de todas as cores ao

longo das antigas paredes de pedra, enquanto outros alinham milhares de cadeiras ao lado de tapete longo de veludo vermelho que está sendo desenrolado. Um altar está sendo construído no final do tapete, enfeitado com flores de todos os tipos.

Com o casamento previsto para dali a meia lua, os convidados já estão chegando de todos os cantos do Anel, de ambos os lados das Highlands, desde as Ilhas Superiores - e até mesmo de países de fora do Anel, uma seqüência constante de dignitários vindos de terras distantes. Eles tinham enviado delegações e cruzado o oceano, e Gwen tinha mandado que o Escudo fosse desativado o tempo suficiente para deixá-los atravessar o Canyon. Gwen olha para a estrada larga que conduz à Corte do Rei, e vê, como fazia todos os dias, milhares de pessoas se dirigindo para o corte do Rei. Eles usam roupas brilhantes de todas as cores e modas de todos os cantos do mundo.

Hoje é o dia do festival de verão, a primeira colheita de frutos, e todos eles comparecem para comemorar. Haveria festas e folias diferentes do que qualquer pessoa do reino já tinha visto, com duração de dias, especialmente porque elas também estavam indo celebrar a nova capital do Anel, e para participar de seu casamento.

Gwen sente borboletas no estômago. O casamento está próximo, e ela espera e torce para que o bebê não nasça antes disso. Nas últimas seis luas, ela e Thor tinham se aproximado ainda mais, e ela mal pode esperar para se casar com ele. Ela olha para baixo e vê o anel da mãe dele que brilha em sua mão, como sempre, e sente uma energia incrível que irradia dele.

Desde que Thor havia matado Andronicus, ele tinha se tornado como uma pessoa diferente. É como se ele tivesse encontrado algum tipo de paz dentro de si mesmo, e ele tinha se adaptado à vida doméstica com Gwendolyn muito bem. Ele havia se dedicado à reconstrução da Corte do Rei e do Anel, e tinha treinado todos os dias com seus companheiros guerreiros, aproveitando a presença deles.

Ralibar de repente vira para a direita e mergulha inesperadamente e Gwen segura firme, tendo a sensação de queda livre por um momento. Ela pode sentir por seus movimentos que ele

está faminto por seu café da manhã. Ela abraça o pescoço dele e se inclina sobre ele quando Ralibar vira na direção da floresta, mergulhando entre as árvores, procurando em todos os lados pela sua refeição.

"Ralibar, pare!" Ela ordena. "Agora não!" Ela grita, irritada com seu apetite voraz.

Mas Ralibar, como de costume, a ignora. Ele desvia para dentro e para fora das árvores até que ele se concentra em um alvo, abre as grandes mandíbulas, e pega um enorme veado.

Gwendolyn vira o rosto, sem querer assistir.

Ralibar segura o veado com suas garras, e então voa de volta para o ar, levando o animal protestando em sua boca, até que joga a cabeça para trás e o engole.

Ralibar em seguida volta suas atenções para o chão, e Gwen tem a sensação de que estão prestes a despencar novamente.

"Ralibar, NÃO!" Ela grita.

Ele mais uma vez a ignora. Desta vez, ele se dirige para um lago, o Lago do Rei - seu favorito. Ele nunca perdia uma oportunidade de sobrevoá-lo.

Ralibar mergulha baixo, com Gwen segurando nele e, ao se aproximar, ele abre a boca e sopra uma parede de fogo.

As chamas chamuscam a água, e à medida que a água borbulha, - aquecida pelo fogo, dezenas de peixes de repente pulam para fora em meio ao vapor, tentando escapar das águas ferventes. Ao saltarem, Ralibar está ali, esperando com a boca aberta. Ele engole escolas inteiras de peixes, que se debatem em suas grandes mandíbulas; alguns deles voltam a cair na água, e ele engole o restante.

Mycoples voa ao lado deles, mas ela não se incomoda em comer. Talvez porque ela seja do sexo feminino, ela não parece ter o mesmo apetite que Ralibar. Felizmente, pelo menos, Ralibar não come nenhum dos seres humanos.

Uma trombeta soa na distância, e Gwen finalmente consegue tirar Ralibar dali, e todos eles circulam para ver os cavaleiros, vestindo armaduras e segurando lanças, alinhados no pátio do castelo.

"O torneio está começando!" Thor grita para ela. "Eu não devo me atrasar!"

Gwen assente e eles voam de volta para Corte do Rei. Os torneios e festividades do dia estão começando, e ela sabe que isso também significa que as pessoas estariam fazendo fila para vê-la. É hora de começar o trabalho diário de governar o seu reino.

Ambos sobrevoam a Corte do Rei, os dragões voam juntos por um momento, e Thor estende o braço e pega na mão de Gwen, inclinando-se para beijá-la. Em seguida, eles se separam, e cada um segue o seu caminho - Thor para os campos e Gwen para o seu castelo. É hora do dia começar.

*

Thor, de armadura completa, avança em seu cavalo, galopando a toda a velocidade, com sua lança estendida diante dele e com o visor para baixo ao atacar seu adversário. Diante dele há um guerreiro de uma terra que ele nunca tinha ouvido falar, do outro lado do mar, vestindo uma armadura marrom, um capacete com um nariz comprido e pontudo, sua armadura uma estranha combinação de homem e metal. Sua lança tem marcas estranhas também, e ao apontá-la para o peito de Thor, com uma lança mais comprida, Thor se concentra com toda sua força, tentando descobrir a melhor forma de derrotar seu adversário. Thor se concentra, tentando sentir as vibrações do chão debaixo dele; ele sente alguns tremores, e diminui a velocidade das coisas em sua mente, até que começa a sentir os movimentos dos cavalos, o peso dos cavaleiros, o ângulo da lança. Ele pressente as intenções do seu oponente. Pelas aparências, ele parece estar mirando alto, mas os instintos de Thor lhe dizem que ele pretende atacar mais embaixo.

No último momento, Thor ajusta sua postura, confiando em seus instintos, apontando sua lança para o alto e esquivando-se para o lado. A lança de Thor acerta o ombro de seu adversário, derrubando-o de seu cavalo e levando-o ao chão com um barulho metálico.

A multidão dá um grito de admiração quando seu adversário rola no chão, machucado, porém ainda não derrotado.

Thor circula seu adversário, aproveitando a demonstração de apoio da grande multidão que tinha feito fila para assistir as justas e, em seguida, salta de seu cavalo para se certificar de que ele está bem, estendendo-lhe a mão. A multidão aplaude em aprovação ao ver isso.

"Eu nunca tinha sido derrotado em uma batalha," o cavaleiro declara. "Muito menos por alguém mais jovem do que eu, ou com uma lança curta. Foi uma bela vitória!"

Eles entrelaçam os braços, e começam a levar seus cavalos pelas rédeas para o lado do campo, dando espaço para o próximo torneio.

Thor está começando a sentir os músculos doloridos; o torneio medieval já dura horas, uma multidão crescente se alinha para assistir o melhor das festividades do dia. Quando Thor chega até a lateral do campo, Kendrick toma o seu lugar, correndo pela pista de justa e enfrentando um cavaleiro cuja armadura vem de um lugar Thor não reconhece.

Os dois atacam, e Kendrick derruba o cavaleiro, sob os aplausos da multidão. Thor aplaude mais alto que todos os outros.

Thor está exultante por estar ali, naquele dia do solstício de verão, lutando com grandes guerreiros, finalmente como se fosse um deles. Pela primeira vez, ele já não se sente como um estranho.

Thor quer vencer em seus próprios termos, como um guerreiro comum, com habilidades que se alinham às dos outros; ele não quer invocar seus poderes mágicos para influenciar sua luta. Até agora, ele estava conseguindo. Enquanto a maioria de seus amigos tinha caído, Thor havia conseguido chegar às rodadas finais do torneio medieval, concorrendo com Kendrick, Erec, Conven, Elden, Reece, O'Connor, Brandt e Atme, juntamente com vários cavaleiros estrangeiros. Não restam muitas justas para aquele dia.

A trombeta soa e quando Thor olha para uma justa distante, vê O'Connor atacar um adversário com o dobro do seu tamanho, da província do sul do Anel; O'Connor erra o golpe, e o adversário atinge O'Connor no intestino, derrubando-o de seu cavalo. A multidão exclama quando O'Connor cai duramente no chão.

Ele fica paralisado por um momento, e Thor se começa a perguntar se ele está bem; mas então O'Connor lentamente fica em pé e se afasta. A multidão aplaude sua participação. O torneio acabou para ele, mas pelo menos O'Connor está ileso.

Na pista ao lado de Thor, cavaleiros de terras distantes atacam-se mutuamente. Eles se encontram com um grande grito de guerra, lanças apontadas para cima, e um deles grita quando uma lança se parte e perfura sua garganta. A multidão vaia, pois tinha sido uma jogada suja atacar tão perto da garganta - provavelmente um golpe ilegal.

A torcida fica enfurecida, horrorizada, quando o cavaleiro cai de seu cavalo e fica no chão se contorce. Atendentes correm para ajudá-lo, para tentar estancar o sangramento, mas dentro de instantes, ele está morto.

Um clima sombrio recai sobre a multidão enquanto vários atendentes puxam lentamente o corpo para longe. Todos observam vários momentos de silêncio, e Thor percebe mais uma vez como as justas podem ser perigosas.

O soldado que tinha ganhado, - um sujeito enorme, duas vezes maior que os outros, pega uma nova lança, se vira e olha para o seu próximo adversário. O coração de Thor bate acelerado ao ver que ele enfrentará Elden.

Elden ataca sem medo, e Thor torce para que ele não tenha o mesmo destino que seu último oponente.

Eles atacam, e o peso dos dois cavaleiros faz o chão tremer e suas armaduras vibrarem; Elden solta um grito de batalha, segurando sua lança diante dele. Thor tem a sensação de que o cavaleiro vai atacar Elden e ganhar, mas no último momento, Elden gira o corpo para o lado, aponta a lança para a axila do cavaleiro, e consegue atingi-lo com um golpe certeiro.

O cavaleiro cai do cavalo, rolando no chão, e a multidão aplaude quando fica claro que Elden tinha vencido.

Quando Elden dá a volta da vitória, orgulhoso, sob aplausos da multidão, seu oponente remove o capacete, expondo um rosto cheio de raiva. O cavaleiro se aproxima por trás de Elden, estende a mão e puxa Elden para fora de seu cavalo.

Os espectadores assobiam e zombam da atitude covarde e Thor, enfurecido, corre em socorro de Elden com Reece, Conven, O'Connor e outros membros da Legião ao seu lado.

O cavaleiro pula em cima de Elden, levantando uma lança, e se prepara para abaixá-la antes que Elden possa reagir.

De repente ouve-se um rugido e Krohn corre para atacar o cavaleiro, derrubando-o antes que ele consiga ferir Elden.

O cavaleiro tira Krohn de cima dele, mas isso dá a Elden tempo suficiente para rolar, erguer o braço e bater com sua manopla no rosto do cavaleiro com toda força.

Há um estalo quando ele quebra a mandíbula do cavaleiro e o deixa inconsciente, abem na hora que Thor e os outros aparecem.

Elden fica de pé, sob os aplausos da multidão, e atendentes correm e arrastam o cavaleiro inconsciente para longe.

Thor e os outros dão tapinhas nas costas de Elden, aliviados por ele estar bem, e uma trombeta soa quando a justa recomeça.

Luta após a luta, o torneio medieval continua e Thor mal pode acreditar em quantos guerreiros participam das festividades do dia, representando todas as províncias do Anel e dezenas de países estrangeiros. A competição lhe dá a oportunidade de testar e aprimorar suas habilidades, e além de uma ou duas maçãs podres, todos os outros cavaleiros lutam com honra e respeitam as regras das justas.

As rodadas continuam sem parar. Elden acaba perdendo o torneio para um guerreiro com duas vezes sua altura; o cavaleiro parece ser invencível, mas Kendrick tira o guerreiro do torneio na rodada seguinte.

Quando o segundo sol paira baixo no céu, eventualmente restam apenas quatro guerreiros na competição: Thor, Kendrick, Erec, e um cavaleiro que Thor não conhece, - um homem baixo e atarracado, com armadura preta e fendas ameaçadoras no lugar dos olhos, que se mantém distante sem ter levantado a viseira uma vez durante todo o dia. Thor encontra-se de frente para ele.

Os dois se atacam, Thor sentindo todos os olhos sobre ele, enquanto a multidão vibra de emoção. À medida que se aproxima, com o som dos cascos dos cavalos rugindo em seus ouvidos, Thor se

prepara para o impacto, mas algo o surpreende. Seu adversário levanta a lança, e de repente a joga na direção de Thor.

Thor não estava esperando isso. A lança atravessa o ar, direto para a cabeça de Thor. No último segundo, os reflexos de Thor assumem o controle, e ele levanta seu escudo apenas o suficiente para desviar a lança. Ao mesmo tempo, Thor usa sua mão livre para apontar a sua própria lança para o cavaleiro e golpeá-lo nas costelas. O cavaleiro cai para o lado do cavalo, e depois até o chão, e a multidão aplaude.

Thor, respirando com dificuldade, abalado pela proximidade que havia chegado de perder, se afasta e começa a assistir enquanto Kendrick e Erec, os dois últimos além dele, se enfrentam. Ele se pergunta com quem ele teria de lutar; não será fácil.

A multidão aumenta, já que quase todos da Corte do Rei lotado comparecem para assistir o duelo entre dois grandes cavaleiros, líderes da Prata, guerreiros famosos, cujas canções são cantadas por toda parte do reino. Eles se enfrentam de lados opostos da pista justa, cada um com sua viseira erguida, oferecendo ao outro uma saudação de respeito. Em seguida, eles baixam as viseiras, erguem suas lanças, seus escudeiros saem do caminho e uma trombeta soa - e eles atacam.

A multidão torce enquanto os dois grandes guerreiros se enfrentam e seus cavalos correm erguendo nuvens de poeira no calor do verão. Finalmente, eles se encontram no meio com um som estridente, empurrando-se para trás.

A torcida geme.

Mas nenhum deles cai – habilidades suficientes para se manterem firmes sobre seus cavalos.

Eles recuperam o controle, circulando, e, enquanto a multidão aplaude freneticamente, eles se preparam para o ataque seguinte. Aquele é o primeiro confronto do dia que tinha teria uma segunda rodada.

Kendrick e Erec atacam mais uma vez, ganhando uma velocidade incrível ao se inclinarem, segurando suas brilhantes lanças de prata - as melhores do reino - diante deles. Ao se encontrarem, desta vez Erec levanta seu escudo e bloqueia a lança

de Kendrick. O escudo de Erec é tão duro que a lança de Kendrick se parte em dois pedaços com o impacto. Erec, por sua vez, aproveita a oportunidade para apontar a lança embaixo do escudo de Kendrick, atingindo-o bem no peito e jogando-o para trás de seu cavalo.

A multidão aplaude animadamente quando Erec circulou Kendrick, pula de seu cavalo, e estende a mão para ajudar Kendrick a se levantar. Eles erguem as viseiras e Erec sorri.

"Foi uma boa luta," Erec diz. "Se sua lança não tivesse quebrado você teria vencido."

Kendrick balança a cabeça.

"Você lutou o melhor do que eu," ele admite. "Talvez da próxima vez."

Erec assente, subindo mais uma vez em seu cavalo. Thor monta no seu, percebendo que ele enfrentaria Erec.

Thor e Erec circulam todo o perímetro das pistas de justa antes do confronto final, e a torcida vibra com grande alegria, gritando os nomes de Erec e Thorgrin.

Os dois param em extremidades opostas do campo justa, de frente para o outro, e a multidão vai à loucura. Thor está nervoso por enfrentar seu velho amigo. Ele está determinado a lutar com ele em seus próprios termos, sem usar qualquer um de seus poderes. Thor quer ver se poderia ganhar dele em um confronto de homem para homem, um guerreiro contra o outro.

Eles levantam os visores em sinal de respeito mútuo; Thor enfrentando seu antigo mentor, um homem de quem costumava ser escudeiro. É uma sensação estranha.

Uma trombeta soa, e os dois começam o ataque. Thor se concentra toda sua força e toda a sua vontade, tentando abafar os gritos da multidão. Ele não quer machucar Erec, e tenta apontar a lança para o peito dele, onde a armadura é mais grossa. Mas, enquanto ele tenta se concentrar, Thor percebe que Erec é diferente de todos os outros adversários que ele já tinha enfrentado. Ele é mais rápido, mais difícil de ler, e sua armadura de prata forjada sob medida, com todas as suas placas interligadas, brilha sob a luz como as escamas de um peixe. Isso dificulta ainda mais a concentração de Thor.

Os dois se encontram no meio e Thor se prepara, ao sentir pela primeira vez naquele dia, o impacto de uma lança em seu peito. Mas, ao mesmo tempo, Thor sente sua própria lança acertar o peito de Erec. Os dois batem um no outro, ao mesmo tempo, e ambos saem voando para trás, pra fora de seus cavalos.

A torcida fica exclama quando ambos tocam o chão ao mesmo tempo. É a primeira vez naquele dia que isso acontecia, e as regras do torneio medieval exigem que se ambos os lutadores caem a luta deve continuar.

Quando Thor e Erec começam a se enfrentar em pé, atendentes correm até eles e lhes entregam manguais de madeira. Eles se encaram e partem para o ataque.

Os dois lutam de igual para igual, golpeando e bloqueando enquanto acertam golpes na armadura. Thor sabe que as regras dizem que quem cair no chão primeiro é declarado o perdedor, e ele está determinado a vencer.

Mas Erec também está.

Então eles continuam se enfrentando, empurrando-se pra frente e para trás; Thor é inundado pelas lembranças do verdadeiro confronto entre ele e Erec, quando ele ainda lutava sob o comando de Andronicus. Thor é tomado pela culpa; ele perde o foco e, assim que isso acontece, Erec começa a levar vantagem sobre ele. Erec acerta vários golpes e Thor cambaleia para trás, quase caindo, e a multidão aplaude quando parece que ele será vencido.

Thor balança a cabeça e limpa sua mente. Ele precisa manter o foco e esquecer o passado, deixar para trás qualquer sensação de culpa. Aquele é apenas um torneio, e não a vida real. Se vencer, ele não estará ferindo Erec.

Thor se concentra e empurra Erec para trás, mas, em seguida, Erec o empurra de volta. Os dois continuam se enfrentando golpe por golpe, até que os braços de Thor se cansam, nenhum deles capaz de ganhar qualquer vantagem. Eles são guerreiros igualmente fortes. Isso por si só deixa Thor orgulhoso, já que Erec é um cavaleiro veterano, e Thor é mais jovem do que ele.

Erec abaixa sua arma em um grande golpe, e Thor levanta a sua e o bloqueia. As armas se cruzam, e Thor segura firme - seu

braço treme diante da grande força de Erec. Thor tem a sensação de que em poucos momentos terá que ceder. Ele não quer perder, não na frente de todas essas pessoas. Especialmente na frente de Gwendolyn, que ele sabe está assistindo junto com todos os outros. Thor cai de joelhos, com os braços tremendo, mal conseguindo resistir.

Thor fecha os olhos, e involuntariamente invoca um poder de algum lugar dentro de seu ser. Sem querer, sua magia, seu verdadeiro poder, de repente, vem à tona. Ele se sente tomado por uma energia, uma onda de calor que atravessa o seu corpo.

Thor, com uma infusão de força, ergue seu mangual e empurra a arma de Erec, que em uma sai voando da mão dele. Thor gira o corpo no mesmo movimento e atinge Erec no peito, derrubando-o de costas no chão.

Os espectadores aplaudem como loucos, declarando Thor o vencedor do torneio.

Thor ergue a viseira, estende a mão, e ajuda Erec a se levantar, sentindo-se culpado.

A multidão se aproxima correndo, cercando Thor para cumprimentá-lo.

"O que aconteceu com nenhuma mágica?" Erec pergunta com um sorriso, de bom humor.

"Eu sinto muito," responde Thor. "Eu não tive a intenção."

Erec abre um largo sorriso, e Thor pode ver que ele não está chateado.

"Eu estou orgulhoso de você," ele fala. "Você é um grande guerreiro."

A multidão o cerca, e Thor é erguido por eles e levado para as festividades. Um coro de trombetas soa, e barris de cerveja e vinho aparecem de repente, sendo roladas para o centro dos campos por um exército de atendentes. Os campos de justas instantaneamente se transformam em uma grande festa. Mais e mais trombetas soam, as pessoas bebem e aplaudem, e fica claro que a hora da festa havia chegado.

*

Gwendolyn caminha pela multidão agitada que circula pelo pátio reconstruído, empolgada por finalmente estar fora do Castelo, tendo completado seus deveres oficiais do dia, e indo juntar-se ao seu povo nas celebrações do dia. Afinal de contas, aquele é o dia do solstício de verão, e um dia que acontece apenas uma vez por ano. Este ano, o dia também coincide este ano com a celebração da reconstrução da Corte do Rei, e com a celebração iminente de seu casamento. Aquela seria um ano alegre diferente de qualquer outro, especialmente depois do ano sombrio e de escuridão que haviam vivido. Seu povo anseia por qualquer ocasião para se alegrar, e agora eles têm muitos motivos para festejar.

Gwen respira fundo naquele lindo dia de verão; ela está determinada a deixar toda a escuridão para trás, e se alegrar junto com o seu povo. Os assuntos intermináveis da corte poderiam esperar; ela já tinha visto pessoas suficientes naquele dia. E agora que as justas haviam terminado e as trombetas acabavam de soar, Gwendolyn está ansiosa pela chance de passar um tempo com Thor.

Gwen fica satisfeita ao vê-lo tão feliz, e ela está orgulhosa pelas suas conquistas durante o dia, tendo assistido ansiosa todas as suas justas, torcendo com a multidão e gemendo quando ele tinha sido atingido. Ela nunca havia duvidado de que ele ganharia; e ele havia honrado a si mesmo - e a ela, durante todo o torneio. Mesmo que ele tivesse perdido, ela ainda o amaria da mesma forma.

Gwen segura na mão de Thor, e os dois caminham pela multidão sob os aplausos de milhares de simpatizantes. Thor a guia entre as pessoas que abrem caminho para eles, subindo os degraus íngremes de madeira em direção à plataforma alta com vista para todo o pátio. Thor a acompanha até a metade do caminho e depois para; como rainha, Gwendolyn deve andar os últimos passos sozinha, e subiu sozinha na plataforma.

Thor permanece embaixo, na primeira fila, olhando para cima e observando junto a milhares de outros, com Reece, Kendrick, Godfrey, Erec, Steffen, Atme, Brandt, O'Connor, Elden, Conven, Aberthol e dezenas de outros ao seu lado. A multidão fica em silêncio quando Aberthol lentamente sobe os degraus, apoiando-se na bengala, parecendo muito mais velho, cada passo representando

um grande esforço. Na outra mão, ele carrega uma espada amarela incomum, com punho dourado.

Aberthol chega ao topo da plataforma, tomando o seu lugar ao lado de Gwen, e a multidão entra em silêncio. Milhares de pessoas assistem paralisadas quando Aberthol cautelosamente estende a longa espada amarela para Gwendolyn. Ela estende a mão, inclina a cabeça, e a aceita com cuidado, segurando seu punho dourado. Aquela é a espada dourada do verão, usada por reis uma vez por ano, todos os anos, para dar início às festividades do solstício de verão.

Gwen estica a espada à sua frente e para diante de uma enorme fruta amarela, pendurada por uma corda à sua frente. A fruta fica balançando, o dobro do tamanho de uma melancia e de cor amarela brilhante com pequenas protuberâncias brancas, brilhando sob a luz do sol.

Aberthol vira e olha para a multidão.

"O Solstício de Verão é um dia importante," ele começa a dizer com sua voz rouca, mas capaz de ser ouvido pela multidão atenta. "Um dia de presságios poderosos. Um dia que prenuncia o ano que se inicia. Um dia honrado e celebrado pelos reis por milhares de anos. Quando nosso governante corta essa fruta, significa as bênçãos de verão que devem ser derramadas sobre todos nós ao longo do ano. Ela anuncia a bênção de uma boa colheita. E, no entanto, também destruimos a fruta, para mostrar que nada dura para sempre, e que a nossa segurança final vem do todo-poderoso."

Aberthol balança a cabeça e dá um passo para o lado.

Gwen examina a longa espada amarela, usada pelo pai dela, e pelo seu pai antes dele; é estranho estar segurando aquela arma. Ela ainda se lembra de, ainda jovem, assistir todos os anos, ansiosa, que seu pai cortasse a fruta em um golpe perfeito, e de torcer para que ela estivesse cheia de água. Ela, assim como todas as pessoas, queria um bom presságio para o ano seguinte.

Gwen mira, com seu coração batendo forte, não querendo errar, querendo cortar a fruta perfeitamente, como seu pai sempre havia feito; ele sempre tinha feito aquilo parecer tão fácil, banhando todos

os seus assuntos com o suco da fruta. Ela quer que este seja um ano bom e que tenham uma boa colheita, especialmente depois de toda a escuridão por que tinham passado.

Gwen respira fundo, ergue a espada bem no alto, e abaixa com toda a força, apontando para o meio da fruta.

É um golpe perfeito. Ela corta a fruta pela metade, e um líquido claro jorra dele em todas as direções, molhando dezenas de pessoas no meio da multidão abaixo dela.

A multidão grita de aprovação, trombetas soam por todo o pátio e as pessoas comemoram felizes. Músicos pegam seus instrumentos, e o som de trombetas, címbalos, e chifres, flautas e tambores enchem o ar. Danças começam por toda parte, pessoas que não se conhecem dançam juntas de braços dados, em júbilo.

O Solstício de Verão havia oficialmente começado, e não havia tempo a perder. Gwen olha para baixo e vê mesas sendo colocadas em todos os lugares, barris sendo rolados e pratos de carnes, queijos e frutas sendo servidos - em quantidades praticamente infinitas. Aquela seria uma festa diferente de qualquer outra.

Gwen olha para a fruta - agora oca, balançando ali, e ao examiná-la, ela tem um momento de pavor: o interior da fruta, geralmente um amarelo brilhante, está podre no centro. Ela é a única que pode ver isso, de seu ângulo, no alto da plataforma, e ela rapidamente desvia o olhar. Ela não quer que ninguém veja aquilo, e tenta tirar o pensamento de sua mente, fingir que não tinha visto nada. Mas ela sabe que aquilo, na verdade, é um terrível presságio.

"Gwendolyn?"

Gwen olha e vê Thor parado diante dela, sorrindo com a mão estendida; ele havia subido as escadas, e estava esperando para ajudá-la a descer.

Gwen tenta parecer calma, e se esforça para colocar um sorriso no rosto ao descer em meio aos gritos e aplausos dos intermináveis simpatizantes, todos querendo abraçá-la, acariciando-lhe as costas. Thor pega a mão dela e ela entra em transe, cheia de emoções conflitantes, com sua grande barriga, enquanto ele a conduz entre os milhares de súditos leais e dedicados.

"Eles estão apaixonados por você," diz Thor. "Eles não apenas a admiram, eles realmente a amam, o que é incomum para um líder. Você é como uma mãe para eles, ou como uma irmã. É possível ver isso em seus olhos."

Gwendolyn olha em volta e vê que Thor está certo. Ela sente todo o amor de seu povo, e aquela é a melhor sensação de sua vida. Ela não tinha acreditado que seria capaz de governar um reino. Ela sempre havia presumido que aquilo era algo que apenas um homem poderia fazer.

"Eu também os amo," ela responde.

Thor levou Gwen para a uma mesa comprida no centro do pátio, onde estão sentados todos os membros da sua família e do conselho e dezenas de nobres e senhores e dignitários estrangeiros. Gwendolyn, sempre cumprindo o papel de governante, caminha ao redor da mesa, cumprimentando todos os presentes, certificando-se de que todos se sintam bem vindos ali.

Gwen vê Kendrick e Sandara, Reece e Selese, sentados ao lado de Erec e Alistair, e se senta ao lado deles. Gwen tinha se aproximado bastante da irmã de Thor nas últimas luas, e já gosta dela com a uma irmã - a irmã que ela nunca teve. Gwen também tinha se aproximado igualmente de Selese, sua futura cunhada. Ela sempre tinha próxima de Reece, e sabe que gostaria de qualquer pessoa que ele amasse de verdade. E ela realmente gosta de Selese, mais do esperava, não por obrigação fraternal, mas porque ela tinha descoberto que Selese era uma pessoa incrível, e completamente dedicada ao seu irmão.

Quando Gwen havia recebido a notícia de que tinha sido pedida em casamento no mesmo dia que Selese, ela havia pensado que aquilo estava destinado a acontecer, e tinha insistido que Selese e Reece compartilhassem sua alegria, e havia pedido que se casassem juntos em uma cerimônia dupla. Selese e Reece tinham ficado emocionados. Os preparativos para casamento agora seriam para todos os quatro, e durante os preparativos e planejamento, Gwen tinha se aproximado tanto de Selese quanto de Alistair. De certa forma, é como se ela tivesse ganhado duas irmãs de uma só vez.

Gwen abraça seus irmãos, Kendrick e Reece, e olha em volta.

"Onde está Godfrey?" Ela pergunta para Reece, percebendo que um de seus irmãos não está presente.

"Onde mais?" Illepra comenta, balançando a cabeça em frustração. "Bebendo e se divertindo," acrescenta ela, apontando para o outro lado do pátio.

Gwen se vira e segue seu olhar, e vê um palco sendo arrastado para o centro do pátio. Godfrey está em pé no meio, vestido a caráter, e Akorth e Fulton estão ao lado dele, junto com dezenas de seus amigos da taberna. Uma trombeta soa, e as pessoas comuns começam a se reunir ao redor do palco.

"Ele é incorrigível," Illepra fala. "Eu procurei por ele durante toda a manhã, apenas para encontrá-lo em uma das novas tabernas construídas por uma ordem sua. Há muitas delas, a Corte do Rei se tornou um refúgio para a bebedeira!" ela diz, rindo.

"As pessoas precisam de um motivo para comemorar, e um lugar para esquecer seus problemas," comenta Gwen, "tanto quanto elas precisam de comida e abrigo."

Gwen suspira.

"Não se pode evitar que as pessoas frequentem tabernas," acrescenta ela. "Se você não construí-las, eles vão beber de qualquer maneira, em privado. Pelo menos agora eles podem se unir, e nós podemos tentar controlá-los."

"OUÇAM-ME E SE APROXIMEM!" Godfrey grita, quando o palco é arrastado para o centro das atenções.

Os músicos entram em silêncio, os malabaristas e cuspidores de fogo param, e a multidão chega ainda mais de perto, amontoando-se ao redor do palco, uma grande expectativa no ar, ansiosos para ver outra peça encenada por Godfrey e os seus homens.

"E o que você tem para nós desta vez?" O'Connor grita para Godfrey.

Godfrey se afasta para revelar um ator alto e magro, vestido com um manto escarlate e capuz que se aproxima, joga o capuz para trás e faz uma careta para a multidão.

"Eu sou Rafi! Um homem a ser temido!" O ator dispara.

A multidão vai sem parar.

Godfrey cambaleia pra frente, com a barriga para fora na frente dele, contorcendo seu rosto e fazendo o seu melhor para parecer assustador.

"E eu sou Andronicus!" Godfrey fala. "O mais temido de todos os comandantes!"

A multidão vaia.

"Não - espere!" Godfrey grita, parando, demonstrando confusão em seu rosto. "Eu esqueci: estou morto! E ninguém teme um morto!"

Godfrey de repente desaba, cai no palco e não se mexe, e então a multidão grita com risos e alívio.

O ator que interpreta Rafi fica em cima dele e estende as mãos:

"Levante-se, Andronicus! Eu lhe ordeno!"

Godfrey, de repente fica em pé, e a multidão volta a vaiar. Mas então, ele persegue Rafi ao redor do palco e começa a sufocá-lo, fingindo que o estrangula até a morte. Os dois lutam no palco, e a multidão cai na gargalhada.

Finalmente, Godfrey o mata e se levanta vitorioso, para os aplausos da multidão.

Outro ator, magro e com a barba por fazer, dá um passo à frente, franzindo a testa.

"E quem é você?" Pergunta Godfrey.

"Eu sou Gareth, o antigo rei!" responde o ator.

A multidão torna a vaiar. Ao ouvir aquele nome, Gwen ouviu sente um calafrio na espinha. Ela revê em sua mente o momento em que o havia matado. Ela não sente qualquer remorso, aquela tinha sido a justiça em nome de seu pai, mas ainda assim, pensar em seu irmão lhe causa dor. Tudo ainda é muito recente para ela.

"E eu, McCloud!" Akorth anuncia, dirigindo-se pra frente do palco.

A multidão vaia, jogando tomates nele.

"Você deve governar o reino Ocidental, e eu governarei o lado Oriental!" McCloud fala para Gareth.

Eles esticam os braços e ficam de mãos dadas. Mas assim que eles o fazem, uma mulher dá um passo adiante da multidão,

segurando uma espada longa e fingindo esfaquear cada um deles no peito. Eles caem de joelhos no chão, mortos.

A mulher se vira e olha para a multidão, erguendo sua espada.

"Eu sou Gwendolyn, a maior de todos os governantes MacGil!"

A torcida vibra com a aprovação, e Gwendolyn sente-se enrubescer. Ela fica espantada pelo amor de seu povo, mas também tem um profundo sentimento de tristeza persistente por tudo o que havia acontecido. Embora seis luas houvessem passado, é tudo ainda muito recente e assistir aquela farsa de alguma forma traz tudo de volta.

"Com licença," diz Gwen para Thor.

Ela se afasta do palco, incapaz de continuar prestando atenção, e abre caminho de volta para a mesa. Thor a segue, pegando sua mão, e olha para ela com uma expressão preocupada.

"Você está bem?" Ele pergunta.

Ela assente com a cabeça, enxugando uma lágrima, e força um sorriso.

"É apenas o bebê," ela fala.

Thor olha para sua barriga enorme, e compreende.

"Você não deveria ficar em pé por tanto tempo de qualquer maneira," ele comenta.

Ele a acompanha lentamente de volta para o seu lugar, e desta vez ela fica sentada. Ela precisa disso - está sentindo falta de ar, especialmente naquele dia quente, e ela dá um longo gole em seu odre de água.

Thor senta ao lado dela, e ela logo se sente melhor. Eles observam a festa, a incrível abundância ao redor deles e as milhares de pessoas que comem em harmonia - vindas de todos os cantos do Anel, de todos os cantos do Império, para se reunirem ali, na nova Corte do Rei. É como um sonho.

"Alguma vez você imaginou que seria tão glorioso assim?" Thor pergunta.

Ela balança a cabeça.

"Eu sonhei com isso, e torcia para que tudo desse certo, mas não - não desse jeito. Mesmo vendo tudo com meus próprios olhos... é difícil de acreditar."

"Você construiu uma cidade ainda maior do que a de seu pai, mesmo durante o auge de seu reinado. Ela agora é invencível. Finalmente, essas pessoas encontraram a paz, graças a você. Você deve estar muito orgulhosa."

Gwendolyn gostaria de dizer: *Sim. Você está certo. A paz chegou, e ela irá durar para sempre.*

Mas ela não tem coragem de pronunciar as palavras. No fundo, alguma coisa a incomoda, ela não sabe exatamente o quê. Ela pensa na fruta apodrecida, e nas profecias de Argon. Ela sabe que deveria se sentir segura, mas por algum motivo ela não acredita que tudo esteja totalmente resolvido. Uma parte dela não consegue esquecer as palavras ameaçadoras de Argon, a escolha fatídica que ela tinha feito ainda no submundo, seu sacrifício. A profecia dele. As palavras de Argon continuam em sua cabeça, como um estranho batendo à sua porta, recusando-se a ir embora:

"Quando nos sentimos mais seguros é que temos mais a temer."

CAPÍTULO DEZENOVE

Thor segura a tocha bem alto e caminha ao lado de Gwendolyn no escuro, uma procissão com milhares de tochas abrindo caminho sinuosamente pela noite de verão. As longas festividades do dia avançavam durante a noite, e Gwendolyn guia a enorme procissão para fora do portão traseiro da Corte do Rei, e pelo caminho largo que leva até o Monte do Rei.

Thor fica animado ao perceber que havia chegado a hora da Iluminação da Noite anual, a cerimônia mística que ocorria durante cada solstício de verão. É um momento em que as festanças poderiam continuar de forma mais moderada, durante toda a noite quente de verão, sinalizando uma demarcação, alterando a natureza das festividades de folia para um momento sagrado.

Gwendolyn marcha lentamente, melancolicamente, como governantes MacGil faziam há séculos naquela noite, acompanhados pela melodia triste dos alaúdes atrás deles. A função deles é seduzir e espantar os espíritos que, segundo as lendas, estavam à solta naquela noite.

"Espero que Argon esteja lá," Gwen fala para Thor.

"Eu não o vejo há muito tempo," comenta Thor.

"Eu também não," Gwen responde. "Ele tem o estranho costume de desaparecer às vezes. Você não acha que ele tenha nos deixado para sempre, não é?"

Thor dá de ombros. Com Argon, é difícil dizer qualquer coisa.

Thor pega a mão de Gwen enquanto caminham, e ele sente a energia fluindo através dela - não apenas dela, mas também do bebê. Thor está preocupado por esses dias, esperando que o bebê nasça a qualquer momento, preparando e sentindo-se nervoso com o grande casamento, que finalmente aconteceria dentro de poucos dias. Ele está ansioso para que tudo corra sem problemas - o casamento e o nascimento. Ele quer que toda aquela espera interminável termine de uma vez por todas.

Gwen aperta a mão dele, e ele olha para ela.

"Hoje à noite," ela sussurra, sorrindo. "Quando tudo isso estiver terminado, teremos mais tempo juntos."

Thor retribui o sorriso. "Não há nada que eu deseje mais do que isso."

Do alto, à distância, eles ouvem dois guinchos - Mycoples e Ralibar - voando acima deles e comunicando a sua presença antes de dispararem para cima e desaparecerem na noite. Thor se consola com a presença deles. Eles frequentemente voavam durante a noite, mas sempre retornavam pela manhã.

"Quando eu os vejo," Gwen comenta, "sinto como se nada de ruim pudesse acontecer com o Anel."

"Eu também," responde Thor. "Com dois dragões e o Escudo restaurado, o Anel é finalmente inviolável."

Eles continuam avançando, seguidos por milhares de pessoas, cantando uma melodia lenta e sombria cuja intenção é dar as boas vindas para a noite. À medida que lentamente sobem, dando voltas e mais voltas ao seguirem a trilha, Thor olha para cima e vê o monte, aumentando gradualmente, dezenas de metros de altura acima deles. Aquele monte é diferente de todos os outros, inteiramente coberto por uma grama lisa, e repleto de círculos perfeitamente redondos cavados nas laterais. Em cada círculo há um pequeno fosso, cheio de água perfeitamente imóvel. Ao subirem lentamente o caminho, circulando de novo e de novo, Thor vê todas as tochas refletidas na água, mil pontos de luz refletidos na água que iluminam todo o monte.

O Monte do Rei é um lugar mágico e místico, um lugar visitado apenas uma vez por ano, apesar de sua posição de destaque nos arredores da Corte do Rei. Ele é também, misteriosamente, um dos poucos lugares que haviam permanecido ilesos à guerra. Enquanto Thor caminha, ele pode sentir o poder daquele lugar sagrado, o solo lhe parece vivo, cantarolando sob seus pés.

Milhares de foliões seguem Gwendolyn a cada passo que ela dá, liderando o caminho com sua tocha, em direção ao topo.

"Ele está aqui," ela fala, olhando para cima.

Thor olha para cima e vê, com alívio, que Argon está lá, em pé, na parte superior, com suas vestes brancas e capuz, olhando para

baixo como um pastor pacientemente aguardando o seu rebanho.

Eles estão perto do topo, e Thor permanece alguns passos atrás quando Gwen continua, tomando seu lugar no platô mais alto, um pouco abaixo de Argon. Ela olha para trás e vê todo seu povo abaixo, distribuídos em círculos sobre os caminhos ao longo do Monte do Rei, e ela espera pacientemente por Argon.

Argon finalmente fecha os olhos e ergue as palmas das mãos diante dele.

"A Noite das Luzes cai no dia mais longo do ano. No entanto, também marca o início de dias de escuridão. Em meio à luz, há sempre a escuridão - com a alegria, a tragédia. Os dias estão vivos, contraindo e expandindo; e as pessoas também não são imutáveis. Nosso universo está em constante movimentação, e nós junto com ele."

Ele respira fundo.

"Este é um dia santo, e não apenas um dia para festividades. É um dia e noite para a reflexão. Olhe para as águas diante de você. Olhe para a luz de sua tocha acesa sobre eles. Lembre-se que a luz vai se apagar. Lembre-se de onde você veio. Seu tempo aqui é curto, nada mais que um piscar de olhos. Somos todos como uma nuvem passageira, um sopro de verão, que não existe mais."

Argon abaixa a cabeça e dá um passo para trás, e Gwendolyn sobe os poucos passos finais até o ponto mais alto do Monte do Rei. Ela fica parada, ao lado de Argon, e se vira para olhar as massas. Assim que ela faz isso, todos imediatamente caem de joelhos e inclinam suas cabeças.

Gwen estende a mão e ergue lentamente a tocha em suas mãos, encostando-a na estreita faixa de água no topo do monte. Quando ela faz isso, a água misteriosamente irrompe em chamas. Thor observa maravilhado enquanto as chamas se propagam pela água, iluminando os estreitos fossos de água ao longo do Monte do Rei, e anéis de fogo surgem entre os caminhos a cada poucos metros, iluminando o monte, e iluminando a noite.

Todas as pessoas se acalmam agora que as águas tinham sido acesas, tomando seus lugares ao redor das chamas e começando a se acomodarem para a noite.

Gwendolyn desce, pega a mão de Thor e, juntos, eles encontram um lugar na grama, encostados contra a colina, ao lado de seus irmãos e amigos íntimos. Sentados nas proximidades, ao lado das chamas, estão Kendrick e Sandara, Reece e Selese, Godfrey e Illepra, Erec e Alistair, Elden e Indra e Steffen e O'Connor. Krohn aparece ao lado de Thor e se senta ao seu lado, descansando a cabeça em seu colo. Thor procura Argon por toda parte, mas ele já tinha ido embora.

O grupo se senta observando os fogos ao redor deles, cada um segurando uma taça de prata de vinho de verão, como manda o costume. Todos eles esperam enquanto Gwendolyn dá o primeiro gole, como manda o costume, e depois estende a mão e joga o restante do vinho no fogo. As chamas misteriosamente assobiam e sobem ainda mais alto. Os outros, então, levantam suas taças e bebem. Thor dá um longo gole de sua bebida, e o forte vinho amarelo de verão sobe direto para sua cabeça.

Thor encosta-se ao lado de Gwen, passa o braço em volta dela, e coloca a outra mão em sua barriga. Ele tem uma profunda sensação de contentamento. Seu corpo está aquecido pelo vento de verão, das chamas, e pelo vinho em suas veias. Ele e Gwen se deitam na grama, assim como os outros casais naquela noite tranquila, e olham para o céu à noite, repleto de brilhantes estrelas vermelhas. Thor sente que não há outro lugar onde gostaria de estar. Tudo parece perfeito no mundo, e ele espera que isso nunca mude.

Perto dali, Reece e Selese estão se beijando, compartilhando vinho de uma taça, muito apaixonados. Thor admira a coragem de seu amigo em pedi-la em casamento tão cedo, e gosta de ideia de celebrarem os casamentos juntos. Ao lado deles estão Elden e Indra, sentados juntos, ambos guerreiros experientes e nenhum deles expressivo em seu amor um pelo outro. Thor pode ver que eles estão apaixonados, mas eles são o oposto de Reece e Selese na forma como o demonstram. A noite está calma, pontuada apenas pelo vento suave de verão e o som das chamas. No entanto, a acústica do lugar é estranha, e o vento carrega as vozes pelo ar,

fazendo com que Thor ouça as conversas dos outros, querendo ou não.

"Agora que as guerras terminaram, eu tenho que visitar meu pai," Elden fala para Indra. "Assumindo que ele ainda esteja vivo. Será uma longa viagem pelo Anel até voltar para minha aldeia." Ele olha para ela com cautela. "Você gostaria de fazer essa viagem comigo?"

Indra o encara, sem expressão, observando as chamas. Ela quase dá a impressão de que não está interessada nele, embora Thor saiba que ela está. Ela só está tentando manter as aparências.

Ela encolhe os ombros.

"Não é como se eu tivesse algo melhor para fazer," responde ela.

"Isso é um sim?" ele pergunta.

Ela dá de ombros novamente.

"E por que não?" ela fala.

Elden enrubesce.

"Você não pode simplesmente admitir que se importa comigo?" ele pergunta.

Ela se vira para ele, franzindo a testa.

"Eu estou aqui com você, porque o seu grupo me tirou do Império. E eu certamente não vou voltar para o Império."

"Você está querendo dizer que não tem sentimentos por mim?" Ele insiste.

Ela dá de ombros e olha para longe.

"Eu estou aqui, não estou?" Ela diz.

Eles caem para trás em silêncio. Essa sempre assim entre eles, Indra determinada a manter sua aparência fria, masculina e indiferente, recusando-se a mostrar qualquer afeição por Elden. Mas Thor pode ver pela maneira como ela lança olhares furtivos na direção dele quando ele não está olhando, e ele sabe que ela realmente se importa com Elden, muito mais do que ela jamais seria capaz de admitir e, talvez, - tragicamente, mais do que Elden jamais saberia. Thor imagina o que aconteceria com os dois.

"Esta é a sua terceira taça de vinho, não é?" Illepra questiona Godfrey, não muito longe de Thor.

Godfrey sorri ao terminar o restante da taça com um grande gole.

"Eu gostaria que fosse o quarto," ele diz com uma risada. Godfrey ri e se serve mais uma taça.

Illepra faz uma careta.

"Você não deveria beber tanto," ela o repreende. "Suas feridas ainda precisa cicatrizar."

"Cicatrizar?" ele pergunta. "Isso aconteceu há seis luas, - e eu me curei dentro de alguns dias."

"Você precisa parar de beber," ela insiste. "É hora de você deixar isso para trás."

"Que diferença isso faz para você?" ele pergunta.

Ela enrubesce.

"Salvei sua vida duas vezes agora," ela fala. "E para quê, se você vai jogá-la fora?"

"Eu nunca pedi para ser salvo," diz Godfrey.

Ela levanta as mãos aos quadris.

"Desde que retornou à corte do rei você tem a oportunidade de se tornar alguém novo, e participar da reconstrução. Em vez disso, você desperdiça todo o seu tempo nas tabernas, celebrando."

"Não há muito que comemorar?" ele pergunta.

"Você não tem outras maneiras de gastar o seu tempo além de se tornar um bêbado comum?"

"Se existe alguma maneira melhor de passar o meu tempo?" Ele responde. "Se houver, por favor, me informe, ainda não descobri nada."

Ela faz uma careta.

"Você me prometeu que deixaria de beber."

"E eu cumpri a promessa," ele fala timidamente. "Por um tempo."

Godfrey, divertindo-se co ele mesmo, cai na gargalhada.

Mas Illepra não acha graça; de repente, ela se levanta e se afasta violentamente, furiosa. Godfrey assiste ela partir, com um olhar confuso em seu rosto.

"Eu não consigo entender essa mulher," ele diz em voz alta.

"Vá até ela," pede Selese.

"E por que eu deveria?"

"Você é ignorante? Não vê o quanto ela o ama?"

O rosto de Godfrey demonstra admiração, depois reconhecimento, e então ele fica vermelho - e não por causa do vinho. Pela primeira vez, ele parece realmente reconhecer este fato.

Ele olha para baixo, e chuta o chão sob seus pés, mas ele não se mexe. Em vez disso, ele dá mais um longo gole de vinho.

Thor quer ficar longe de todas aquelas vozes, para lhes dar toda a privacidade, e por isso ele pega a mão de Gwendolyn, levantando-se, e os dois começam um passeio, caminhando à beira dos fogos. Thor suspira, pensando sobre os mistérios do amor, que levavam duas pessoas a se aproximarem. O assunto lhe parece inexplicável.

Enquanto andam, eles encontram Kendrick e Sandara, sentados na periferia do grupo, no canto mais escuro da colina. Quando eles se aproximam, Thor ouve a conversa deles.

"Mas o Anel é a sua casa agora," Kendrick diz para Sandara.

Sandara permanece sentada ali, alta e orgulhosa, tendo a aparência dos povos do Império, olhando para as chamas enquanto balança a cabeça.

"Minha casa é muito longe daqui. Em uma terra distante."

"No Império ocupado. Você preferia estar lá?"

"Sua casa é sua casa," ela responde.

"E o que será de nós?" Pergunta Kendrick. "Você não se importa conosco?"

Ela se vira e olha para ele, acariciando seu rosto.

"Eu me importo mais com nosso relacionamento do que eu poderia dizer. Essa é a única razão pela qual eu ainda estou sentada aqui agora."

Thor pega as mãos de Gwendolyn e eles continuam andando, mais e mais, até encontrarem Erec e Alistair, falando baixinho entre si.

"Parece haver muitos casamentos no ar," Alistair fala para Erec.

"E o nosso acontecerá em breve, minha senhora," responde Erec.

Alistair olha para ele, com os olhos arregalados.

"Sério?" Ela pergunta, cheia de esperança.

Ele acena com a cabeça, bastante sério.

"Eu quero que nosso casamento seja celebrado em minha terra natal, nas Ilhas do Sul. Eu quero que meu pai - e todo o meu povo - a conheça. Eu quero que você tenha a recepção que merece. Meu pai é rei, e você será uma princesa entre o meu povo. Deve ser um grande casamento - condizente com você, se você não se importar em esperar."

Alistair se inclina e o abraça com força, e ele retribui o gesto, beijando-a.

"Há muitas pessoas aqui," Gwendolyn fala. "Gostaria de ficar apenas com você. Venha comigo."

Ela estende o braço e pega na mão dele, levando-o em silêncio no meio da noite, em direção ao castelo real.

CAPÍTULO VINTE

Thorgrin caminha lentamente através de sua antiga aldeia, perplexo. Aquele é o lugar onde ele tinha crescido, mas parece estranho para ele. As ruas estão vazias e as portas de todas as casas foram deixadas abertas - como se tudo tivesse sido abandonado apressadamente.

Ele atravessa a aldeia lentamente, enquanto um vento forte sopra em seu rosto erguendo a poeira, e ele nunca se sentiu tão sozinho.

Thor vira uma esquina e vê a casa de seu pai, e ele andou em direção a ela com medo. Ela é a única casa na aldeia com a porta fechada.

Ele chega até ela, gira a maçaneta e lentamente abre a porta de madeira. Seu coração para de bater por um instante.

Dentro dela, de frente para ele, não está seu pai, - e sim, Andronicus.

Andronicus dá um passo a frente, sorrindo e zombando ao mesmo tempo, - seu corpo já em decomposição - e estende a mão ossuda na direção da garganta de Thor.

"Meu filho," ele diz com sua antiga voz horrível. "Você pode ter me matado, mas eu ainda posso assombrar seus sonhos."

Thor estende o braço e afasta a mão ossuda dele, cortando seus pulsos e, - assim que faz isso, a paisagem muda.

Thor olha para baixo e vê que seu pulso está sangrando, não arranhado pelo esqueleto de seu pai, mas por uma moita de espinhos. Thor luta para caminhar em meio aos espinhos, mais altos que sua cabeça, arranhando todos os lados de seus braços ao abrir caminho entre eles. Ele está preso, e a cada passo ele sente mais dor à medida que os espinhos perfuram sua pele mais profundamente.

Thor luta com todas as suas forças e, finalmente, consegue chegar até o outro lado.

Diante dele há um terreno devastado, com céu cor de cinza e o solo enlameado. Há milhares de corpos ali, os corpos dos soldados

do Império, dos McCloud, e de todos os soldados que Thor já havia conhecido e matado durante a batalha. Todos estão deitados ali, gemendo.

Rafi está no centro, e levanta um dedo acusador na direção de Thor.

"Este sangue está em suas mãos," ele diz com sua voz horrível, para desespero de Thor.

Todos os corpos se levantam de uma só vez, virando na direção de Thor, e o atacam.

Thor ergue as mãos e grita.

"NÃO!"

Thor pisca seus olhos, e se vê em pé sobre uma pequena ponte.

Ele olha para baixo e vê as águas turbulentas do oceano embaixo dele. Ele vê um único pequeno barco, vazio, balançando descontroladamente no oceano. Ele percebe que estava naquele barco, algum tempo atrás, e agora ele tinha chegado até ali, naquela ponte estreita. Se ele desse apenas um passo para a direita ou para a esquerda, poderia despencar para a morte.

Thor olha para cima e vê que a ponte se estende por diversos metros, e termina no topo de um penhasco alto. Na beira do penhasco há um grande castelo, com vista para o céu e para o mar. A luz atravessa as janelas do castelo, uma luz tão brilhante que os olhos de Thor sentem dor ao olhar naquela direção.

Na ponte, não muito longe dele, há uma mulher, trajando vestes azuis claras, que estende a mão para ele. Ele percebe imediatamente que se trata de sua mãe.

"Meu filho," ela fala. "Suas batalhas acabaram. Chegou a hora de nos conhecermos, para que você entenda a extensão de seus poderes. Chegou a hora de você saber quem você realmente é."

Thor quer desesperadamente dar um passo em direção a ela, mas sente algo atrás deles e, ao se virar, ele vê, não muito longe, um menino que se parece com ele. Ele é mais alto do que Thor, com o cabelo loiro claro, ombros largos e um rosto nobre. Ele tem traços fortes e aparência orgulhosa.

Ele olha para Thor com carinho.

"Pai," ele chama, estendendo a mão. "Eu preciso de você."

Thor se vira e alterna o olhar entre os dois, dividido, sem saber qual caminho escolher.

De repente, a ponte embaixo deles começa a ruir, e Thor sente que está em queda livre, gritando, despencando até as águas turbulentas para sua morte.

Thor acorda gritando.

Ele se senta na cama, na escuridão, respirando com dificuldade, e olha à sua volta. Gwen acorda e se senta ao lado dele, pegando uma vela em sua mesa de cabeceira e segurando diante do rosto de Thor, examinando-o com preocupação.

"O que aconteceu?" ela pergunta. "Você está bem?"

Gwen respira com dificuldade, e Thor percebe que ela está pesada demais para se mover na cama, dado o estado avançado da gravidez, e ele se sente mal por tê-la acordado. Eles agora usam os antigos aposentos seus pais, em uma enorme cama de dossel coberta com peles luxuosas. Krohn pula na cama e corre para cama de Thor, lambendo-o várias vezes.

Thor sai da cama, vestindo um manto, e corre para a pequena bacia contra a parede para jogar água no rosto. Ele respira fundo, deixando que a água escorra pelo seu rosto, e olha pela janela arqueada. Lá em baixo fica a Corte do Rei, perfeitamente silenciosa e imóvel, onde todos os foliões dormem em suas casas. As duas luas estão baixas no céu, uma vermelha e uma violeta, deixando uma luz suave atravessar as nuvens.

Thor respira fundo, esfregando o rosto, tentando clarear seus pensamentos. Ele vinha tendo muitos pesadelos ultimamente. Ele não parava de ver os rostos de todos os seus adversários, revivendo momentos de batalhas, e as lembranças o perseguem constantemente. Ele também vinha tendo visões recorrentes de seu filho, e de sua mãe, e sente que algo sinistro está para acontecer, mas ele não sabe o quê.

Acima de tudo, Thor sente um desejo intenso, cada dia mais forte, de procurar sua mãe, e descobrir quem ele realmente é, para então compreender qual o seu destino.

"Está tudo bem," Thor fala baixinho, de costas para Gwendolyn.

Ele então caminha até ela e lhe dá um beijo na testa.

"Volte a dormir," acrescenta ele, colocando a vela de volta na cabeceira, e assoprando para apagá-la.

Gwen se deita, enrolando-se embaixo das cobertas.

"Volte para a cama," ela pede.

"Eu vou. Em alguns instantes," diz Thor.

Ele precisa respirar um pouco de ar fresco, clarear as ideias e espantar os fantasmas que assombram a sua mente.

Thor atravessa o quarto, com Krohn em seus calcanhares, e caminha para fora dos aposentos até o salão do castelo, fechando a porta suavemente atrás dele.

Está claro ali, - há várias tochas acesas ao longo da parede. Os dois soldados que estão de guarda diante da porta colocam-se a postos diante da presença dele.

Thor se vira e abre caminho pelos corredores de pedra antigos e sinuosos até finalmente subir uma escadaria de pedra em espiral, chegando ao baluarte. O telhado tinha se tornado seu lugar de refúgio, o lugar aonde ele ia para organizar seus pensamentos.

Thor atravessa o telhado do castelo, com Krohn em seus calcanhares, passando a mão ao longo das pedras lisas e largas. Ele olha para Corte do Rei - linda, tranqüila, brilhando sob a luz do luar e com milhares de tochas dispostas ordenadamente ao longo das paredes, tudo reconstruído à perfeição. Alguns foliões dormem nos jardins do castelo, muito cansados ou bêbados de mais para voltarem para suas camas. A Corte do Rei é bastante segura agora, e eles poderiam dormir ao relento, sem qualquer receio. Os jardins da cidade estão sujos com a bagunça das festas do dia, e centenas de mesas ainda estão repletas de restos de comida, uma confusão que teria que esperar até o dia seguinte para ser limpa.

Quando Thor olha para baixo, ele fica maravilhado com tudo o que Gwen tinha realizado ali. E ele fica encantado com todas as voltas e reviravoltas que sua vida já tinha dado. Enquanto crescia, ele nunca ousaria ter imaginado que ele, um estranho, seria convidado a visitar o Castelo - e muito menos que viveria ali, podendo observar a Corte do Rei de cima de seus telhados. Como um forasteiro, ele só esperava e sonhava talvez um dia entrar pelas

suas portas. Agora ali estava ele, no auge de tudo. Ele fica muito feliz, mas também sente como se tudo aquilo fosse surreal. É assustador, de certa forma, estar no topo de tudo na vida; uma parte dele teme que não haja mais nada a fazer a partir dali, exceto cair.

Thor está bastante confuso em relação a sua vida. Finalmente, ele tem tudo o que sempre quis. Ele tem uma noiva que ele ama, e o ama de volta; um filho a caminho; o respeito de seus companheiros e o amor de seu povo. E ainda de alguma forma, por algum motivo inexplicável, ele ainda sente que algo está faltando em sua vida, e ele não sabe o quê. Seria o fato de não conhecer sua mãe? Não saber qual é o seu destino, o seu propósito? Ele sente que deveria estar feliz, e embora de muitas formas ele esteja, uma pequena parte dele se sente incompleta. O que estava faltando? Seria apenas a natureza humana nunca se sentir totalmente satisfeita, mesmo depois de conquistar tudo o que você sonhou?

Mais do que nunca, Thor anseia por respostas. Ele precisa ver Argon.

Thor ouve um grito no céu, e ele ao olhar para cima ele vê Mycoples, circulando acima dele e anunciando a sua presença. Ela sempre sabia quando Thor estava ali em cima, e sempre voava para cumprimentá-lo.

"ARGON!" Thor grita para o céu à noite, inclinando-se para trás e olhando para as estrelas. "ONDE VOCÊ ESTÁ!?"

Krohn geme, e Thor olha para ele e, ao acompanhar seu olhar, fica chocado ao ver Argon ali de pé, vestido com uma capa preta e capuz, segurando seu cajado a poucos metros de distância, olhando para ele com calma, sem expressão, como se estivesse ali desde sempre. Seus olhos brilham com tal intensidade que Thor quase precisa desviar o olhar.

"Você não precisa chamar tão alto," diz uma voz calma.

Thor se aproxima dele, e os dois ficam lado a lado, olhando para a cidade juntos.

"Senti sua falta, Argon," Thor fala. "Eu chamei por você muitas vezes. Onde você estava?"

"Viajo por muitos mundos," Argon responde enigmaticamente. "Mas eu estou sempre aqui com você, em seu mundo, de alguma forma."

"Então você sabe tudo o que está acontecendo," diz Thor. "Você sabe sobre a minha irmã. O bebê. Meu filho."

Argon assente solenemente.

"Mas então, por que você nunca me contou? Você nunca me disse nada sobre isso."

Argon sorri.

"Não era para ser contado," ele responde. "Eu aprendi minha lição quanto a interferir no destino humano. Não é algo que eu pretenda fazer de novo."

"O que mais você não está me dizendo?" Pergunta Thor, desesperado para saber. Ele não consegue evitar a sensação de que algo sinistro o aguarda no horizonte, um grande segredo, algo em relação a ele, e ele sente que Argon sabe do que se trata.

Argon olha para Thor e, em seguida, se vira e olha para a cidade.

"Há muita coisa," ele diz finalmente, "que eu preferiria não saber."

Thor tem um profundo senso de mau agouro ao ouvir aquelas palavras.

"Eu vou morrer, Argon?" Ele pergunta sem rodeios, desesperado para saber.

Argon espera um momento, tanto tempo que Thor começa a se preocupar que ele nunca vá responder.

"Todos nós morreremos, Thorgrin," ele finalmente responde. "Apenas alguns de nós realmente vivem."

Thor respira fundo, pensando. Ele está cheio de perguntas.

"Meu filho," diz Thor. "Será que ele vai ser um grande homem?"

Argon assente.

"Sim," responde ele, "um grande guerreiro. Mais, até mesmo, do que o próprio pai. A fama dele deve ofuscar a sua."

Thor sente muito orgulho de seu filho, e seus olhos se enchem de lágrimas. Ele se emociona que Argon tenha finalmente oferecido

uma resposta - mais também sente que é algo bom demais para ser verdade.

"Mas para tudo há um preço," continua Argon.

O coração de Thor bate enquanto considera isso.

"E qual será o preço para o meu filho?" Thor pergunta hesitante.

"Pais e filhos são como um só. O vínculo é mais profundo do que pode ser explicado. Um sempre se sacrifica pelo outro, seja por escolha própria ou não. Os filhos pagam pelos pecados de seus pais - e os pais carregam a culpa dos filhos, que ainda está por vir."

Thor olha para a cidade, preocupado. Ele sente algo sombrio no horizonte.

"Eu preciso saber quando vou morrer," Thor insiste. "Será que vai ser em breve?"

Argon balança a cabeça lentamente.

"Seu tempo ainda não chegou, jovem Thorgrin," diz Argon. "Não será hoje, de qualquer maneira. Você ainda tem muito a fazer, coisas maiores do que até mesmo você pode sonhar. Sua formação ainda não está completa. Você ainda não domina seus poderes. E você vai precisar deles, no lugar onde você está indo."

"Para onde vou?" pergunta Thor, intrigado. "E para quê vou precisar de meus poderes? O Anel está em paz."

Argon se vira e olha para o horizonte, balançando a cabeça lentamente.

"A paz é apenas uma ilusão, um manto diante das chamas sempre acesas da guerra."

O coração de Thor bate mais rápido.

"Onde é que o próximo perigo nos espreita, Argon? Apenas me diga isso. Como posso me preparar?"

Argon suspira.

"O perigo está a espreita em todos os lugares, Thorgrin. Você pode se preparar apenas aprendendo a dominar a si mesmo."

"Minha mãe," diz Thor. "Eu continuo encontrando minha mãe em meus sonhos."

"Isso é porque ela está chamando vocês. Este não é um chamado que você deva ignorar. Seu destino depende disso. O

destino de seu povo depende disso."

"Mas como eu vou encontrá-la?" Thor pergunta, olhando para o horizonte, enquanto pensa. "Eu não sei como-"

Thor olha para Argon, mas, para sua surpresa, ele já tinha ido embora.

"ARGON!" Thor grita, girando em todas as direções, procurando por ele.

Ele fica ali, olhando, esperando, esperando por horas, o primeiro sol surgir no céu, mas não importa quanto tempo ele espere nada acontece, exceto o uivo do vento.

CAPÍTULO VINTE E UM

Gwendolyn senta em seu trono na Sala do Conselho reconstruída e a luz do amanhecer do primeiro sol atravessa os vitrais das janelas, colorindo as paredes do salão. Ela observa o grande número de pessoas que enchem a sala, encantada. Ela mal pode acreditar quantas pessoas estão ali – membros do conselho, bajuladores, pessoas bem-intencionadas, nobres, senhores, assistentes e, em um dia especial como aquele, peticionários - enfileirados para fora do quarto até o lado de fora do castelo. É uma antiga tradição que os governantes ouçam as petições no dia seguinte ao solstício de verão, e Gwendolyn, independente de sua exaustão, não quer desapontar o seu povo.

Gwen também se surpreende pela aparência resplandecente da Sala do Conselho desde a sua reconstrução. Apenas seis luas atrás, ela havia sentado ali, em meio aos escombros, enquanto o ar frio entrava pelas paredes e janelas destruídas. Agora, um belo dia de verão, a brisa fresca entra pelas janelas decoradas com vitrais, e ele é o melhor salão dos dois reinos. Ela havia dobrado o tamanho do salão famoso, dobrando o tamanho da mesa do conselho, e tinha construído assentos confortáveis, para que todos pudessem esperar com dignidade.

Esta sala é onde ela passa a maior parte de seus dias agora. Ela gostaria de estar lá fora, caminhando pelos campos, despreocupada, como costumava fazer quando ela era uma criança, ou poderia passar seu tempo com Thor, dando um passeio pelos pátios e jardins. Mas, infelizmente, governar o seu reino exige uma quantidade de pequenas decisões e discussões, e que ela ouça uma pessoa após a outra. Muitos dias ela vai até ali, esperando sair mais cedo, mas antes que ela perceba, o dia passa e ela acaba deixando a sala do conselho após o anoitecer.

Hoje, ela está determinada que tudo seja diferente. Afinal, o solstício de verão acontece apenas uma vez por ano, e hoje, o dia seguinte, é o Dia da Partida; muitas pessoas iriam embora neste dia, embarcando para algum lugar do reino. Eles acreditam que é

auspicioso partir no dia após o solstício de verão, e seu povo leva isso muito a sério.

Perto dela estão Thor, Reece, Kendrick, Godfrey, Erec, Aberthol, Steffen, Alistair e Selese, juntamente com vários conselheiros mais próximos, incluindo todos aqueles que uma vez fizeram parte do conselho de seu pai. Gwen está cansada das festividades da noite anterior, e ainda mais cansada por causa da gravidez. As enfermeiras haviam dito que ela teria o bebê a qualquer momento, e ela pode sentir que elas estão certas. Seu bebê se mexe como um louco e, a cada dia, Gwen tem mais dificuldade para respirar. Ela fica sentada ali, para as primeiras atividades do dia, já sentindo bastante sono e lutando para manter os olhos abertos.

Ela se esforça para se concentrar. Aquele é um grande dia, afinal de contas, um dos dias mais importantes e auspiciosos do ano, e a Sala do Conselho, - já praticamente cheia, vai ficando cada vez mais lotada.

Gwen está recebendo dignitários estrangeiros e simpatizantes desde que o sol tinha nascido; visitantes de todos os cantos do Anel e do Império que tinham vindo para o seu casamento. Um canto da sala já estava repleto de presentes de casamento para ela, e presentes para seu bebê. Seu casamento seria em alguns dias, e os presentes não param de chegar: Castiçais de ouro, pedras preciosas, tapetes antigos, iguarias de todo tipo... Já são presentes demais para contar, ou usar, em toda uma vida. Ela tinha sido tratada com muito carinho pelas massas, e tinha rapidamente se tornado conhecida como a rainha do povo. Talvez fosse porque ela tinha sofrido, e as pessoas - todos também tinham sofrido de alguma forma - se identificam com ela.

As massas absolutamente a amam - assim como os nobres - uma coisa rara no reino. Aquilo é algo que nem mesmo seu pai tinha vivenciado. Seus nobres o respeitavam, enquanto as massas o temiam e apreciavam como rei. Todos achavam que ele era um rei justo. Mas ninguém o *amava*. Seu pai tinha mantido o povo e os nobres à distância; Gwendolyn mantinha suas portas abertas e os tratava como parte de sua família.

Tendo terminado de entreter todos os dignitários estrangeiros, as responsabilidades relativas aos assuntos exteriores daquela manhã estão terminadas, e é hora de se concentrar nos assuntos internos. Aberthol pigarreia, batendo seu cajado no chão, e dá um passo adiante, dando início aos procedimentos. A sala começa a se acalmar.

"Começamos com um relatório do cobrador de impostos," Aberthol anuncia.

Earnan, antigo conselheiro fiscal de seu pai, dá um passo adiante, curvando-se, e começa a ler um pergaminho.

"Dois mil barris de vinho," anuncia ele, sua voz seca. "Mil barris de cerveja. Oito mil frangos; Seis mil galinhas. Mil vacas..."

Ele abaixa o livro e olha para cima, com o rosto sombrio.

"As festividades reais e o casamento da rainha, todos hospedados por nós, representam uma generosidade de uma magnitude nunca exibida antes na história dos dois reinos. Minha senhora, você é a governante mais generosa que já se sentou sobre o trono. Mas essas festas são também motivo de preocupação. Temos quase drenado o que restava do nosso tesouro real."

Um silêncio sombrio recai sobre a sala, quando todos os olhos se voltam para Gwendolyn.

"Estou ciente dos custos," ela diz. "E ainda assim as pessoas estão felizes. Depois de todas as suas dificuldades, eles precisam de um motivo para se alegrar. Cada centavo foi bem gasto. Sem alma e espírito fortes, não há vontade."

"OUÇAM, OUÇAM!" Grita a multidão no corredor, aplaudindo em sua defesa.

"Pode ser que sim, minha senhora," ele diz, "mas as minhas responsabilidades como tesoureiro são as nossas reservas. Elas devem ser repostas. Proponho a criação de um novo imposto para a população."

Uma vaia é ouvida, partindo da multidão, até Aberthol bater o cajado várias vezes no chão para que se silenciem.

Earnan pigarreia e continua: "A reconstrução da Corte do Rei nos custa muito caro, minha senhora. As pessoas serão

beneficiadas. Eles também devem ajudar a pagar por isso."

A sala inteira se vira e olha para Gwen. Ela reflete sobre isso, pensando com cuidado, até que finalmente chega a uma conclusão.

"Agradeço-lhe por ter feito o seu dever," ela fala para Earnan, "e você faz isso muito bem. Entretanto, não posso tributar meu povo. Para resolver o problema, você pode usar de minha riqueza."

Os olhos de Earnan se arregalam de surpresa.

"Minha senhora?" ele pergunta.

"Todos estes presentes que me foram dados - todas estas jóias e tesouros, você pode levar para o nosso tesouro. Leve tudo. Eu prefiro que você os leve embora a ter que cobrar mais um imposto do meu povo."

Gwendolyn olha para Thorgrin.

"Estes presentes de casamento são seus também. Suponho que você concorda?"

Thorgrin acena de volta, sem hesitação.

"Claro, minha senhora," ele responde. "Essas coisas materiais não significam nada para mim."

Gwendolyn acena para Earnan, satisfeita.

"Eu acredito que isso resolve o assunto," ela declara.

Earnan faz uma saudação.

"E resolve. É uma solução bastante satisfatória, uma que eu não havia considerado. As pessoas têm a sorte de ter você como rainha. Duvido que qualquer outro governante teria feito o mesmo."

A sala irrompe em gritos de elogio, amor e admiração.

"Os presentes que nos der, iremos retribuir em dobro!" Grita um plebeu do meio da multidão. Outras pessoas gritam em sinal de apoio.

Gwen está se sentindo cansada, e começa a se perguntar quanto tempo a reunião ainda duraria. Suas costas estão doloridas por causa do bebê, e ela se contorce constantemente, incapaz de encontrar uma posição confortável no trono.

Duwayne, seu conselheiro para assuntos das massas, se adianta.

"Minha senhora, falando das necessidades do povo," ele diz, "muitas pessoas vieram até a Corte do Rei nas últimas seis luas para

nos ajudarem na reconstrução. Agora que o trabalho foi feito, eles devem voltar para suas próprias aldeias. Mas eles vão voltar para casas e aldeias devastadas pela guerra. Agora é a nossa vez de *ajudá-los* a reconstruir. Devemos alocar e distribuir os recursos essenciais para eles: mão de obra, materiais de construção, suprimentos, grãos e ouro. Agora que Corte do Rei está de volta, o resto do Anel não deve ser negligenciado."

Gwendolyn assente, ouvindo a sabedoria de suas palavras.

"Concordo," declara ela. "Eu nomearei um dos meus conselheiros para fiscalizar isso. Ele terá a responsabilidade de visitar todas as aldeias e vilas do Anel, e decidir quais recursos devem ser alocados, em meu nome. O que quer que meu povo precise, eles terão."

"Steffen!" Gwendolyn grita.

Steffen corre até ela, curvando-se, e olha para ela com surpresa.

"Eu o nomeio o novo Ministro do Interior. Você deve falar em meu nome e tem todo o poder, recursos do tesouro real e das forças reais para ajudar a reconstruir o Anel. Você vai viajar de cidade em cidade, e vai conhecer todos os habitantes da cidade, devendo decidir quem ficará com o quê. Essa é uma responsabilidade que você se sente capaz de aceitar? "

Todos os olhos no salão lotado se voltam para Steffen. Ele muda de posição e passa as mãos nas coxas, claramente surpreso, e desconfortável por estar no centro das atenções.

"Minha senhora," ele começa, limpando a garganta. "Eu sou apenas um servo comum, e não sou merecedor de tal cargo e posição. O que você descreve será uma das maiores posições de poder no seu reino. Por que deveria dá-la a mim? Eu não mereço."

"Essa é precisamente a razão pela qual o cargo vai ser dado a você," Gwendolyn afirma. "Porque você age com humildade; porque você não é orgulhoso; porque você é um conselheiro leal, dedicado e confiável; e porque eu confio em você com a minha vida. Você também entende as pessoas comuns, e você é um bom juiz de caráter. Eu confio em você para falar em meu nome. A posição é sua, e peço-lhe que aceite."

Steffen inclina a cabeça, fazendo uma reverência. Quando ele volta a erguê-la, seus olhos estão marejados.

"Minha senhora, eu aceito com a maior humildade e gratidão. Espero ser capaz de corresponder às suas expectativas."

Gwen assente

"Excelente. Neste Dia da Partida, você deve sair antes do sol se pôr."

Gwen olha para Aberthol, torcendo para que não haja nada mais a ser resolvido naquela manhã; mas ele se adianta e desenrola um rolo longo, cheio de itens, e põe-se a ler. Gwendolyn suspira.

"Relatórios não param de chegar, minha senhora, de fortalezas ao longo do Anel que foram destruídas e precisam ser reconstruídas e fortificadas. Precisamos também de reforçar as pontes ao longo do Canyon. Os Prata e a Legião precisam ser reforçados, também, após todas as suas perdas. Eles não têm os números costumavam ter durante o reinado de seu pai. "

Gwendolyn assente.

"Kendrick e Erec," ela anuncia, "vocês serão responsáveis por todos os assuntos relacionados com os Prata. Eu confio em vocês para fazer de nós a força de combate que costumávamos ser no tempo de nosso pai."

"Sim, minha senhora," ambos dizem.

"Vocês também serão responsáveis por fortalecer e garantir todas as fortalezas e travessias ao longo do Anel. Precisamos de nossas forças armadas e nossas fortalezas tão fortes quanto antes. É preciso reabastecer nosso Arsenal e recompor o quartel dos Prata."

"Sim, minha senhora," eles respondem.

"Thorgrin," Gwen diz, olhando para ele: "Você será encarregado de reconstruir a Legião. Preencha suas fileiras mais uma vez, fazendo dela a força de combate de outrora, para que ela reflita toda a honra de todos os meninos que morreram servindo a nossa causa."

"Sim, minha senhora," Thor responde.

Aberthol segura outro rolo, colocando-se a desenrolá-lo e aperta os olhos. Então ele começa a ler.

"Relatos acabam de chegar pelos falcões, minha senhora, de problemas nas Ilhas Superiores."

Gwen ergue a sobrancelha, curiosa.

"Que tipo de problema?" ela pergunta.

"A expedição de seu regente, Srog. Ele relata um descontentamento entre os seus povos." Aberthol olha para o pergaminho correndo os olhos sobre a mensagem. "Ele fala de uma instabilidade entre filhos de Tirus, e da influência disso sobre o povo. Ele alerta para uma possível revolta, e pede reforços."

Gwendolyn se encosta no trono e cruza as mãos sobre o peito. Ela não esperava por isso.

"E como você interpreta tudo isso?" Ela pergunta, virando-se para os seus conselheiros. Gwen tinha aprendido com seu pai que é sempre melhor ouvir as opiniões dos outros antes de expressar a sua.

"Srog é um líder sábio e capaz," Erec diz. "Silesia é uma cidade grande. Se ele está tendo dificuldade em governar as Ilhas Superiores, isso não é bom sinal. Eu confio no que ele diz."

"Os outros MacGil são pessoas teimosas, cabeças-duras," Kendrick oferece. "Talvez eles não possam ser controlados."

"Você poderia libertar Tirus," diz Godfrey. "Isso poderia apaziguá-los."

"Ou você poderia abandonar as Ilhas Superiores por completo e consolidar o seu reinado," Thor oferece.

"Seu pai nunca foi capaz de unir as Ilha e o continente em toda sua vida," declara Aberthol. "Nem seu pai antes dele."

"Não podemos deixar que qualquer rebelião aconteça nas Ilhas Superiores," diz Kendrick, "ou ela poderia facilmente se espalhar para o continente. Talvez tenhamos de intervir."

"Eu não concordo, minha senhora," fala Reece. "Precisamos das Ilhas Superiores. É um ponto estratégico no Mar Tartuvian. E nem todos os moradores das Ilhas Superiores são podres. Há muitas pessoas boas entre eles, incluindo o nosso primo Matus."

"Isso é verdade," diz Kendrick. "Nós devemos nossas vidas a Matus."

Gwendolyn continua sentada e considera tudo aquilo cuidadosamente. Ela se pergunta o que seu pai teria feito. Ela sabe que ele nunca confiou no povo das Ilhas Superiores, em seu irmão ou em seus primos; e, no entanto, ele também nunca os deixava ficar muito longe de sua vista.

"Eu preciso saber mais sobre o que Srog tem a dizer," Gwen declara. "E eu quero outra opinião sobre a ilha. Reece," ela chama, virando-se para ele.

Reece se adianta.

"Você vai partir para as Ilhas Superiores hoje."

"*Eu*, minha senhora?" Ele pergunta chocado.

Gwendolyn assente.

"Você sempre foi próximo de Matus. Você é da mesma idade, e ele sempre confiou em você, e você nele. Você será minha voz, olhos e ouvidos. Procure Matus, converse com Srog. Viaje pelas Ilhas Superiores, ouça o seu povo, e volte com um relatório completo dizendo exatamente o que está acontecendo lá. Com base em suas conclusões, vou decidir se devemos reforçar nossas forças ou nos afastar."

Reece concorda, mas parece hesitante. Gwen pressente o motivo.

"Não se preocupe com nosso casamento duplo," Gwendolyn diz. "Ainda falta meia lua para a cerimônia. Você estará de volta com tempo de sobra. Afinal de contas, eu não vou me casar sem você. Então vá, e não perca tempo."

Reece parece muito confiante.

"Sim, minha senhora," ele fala, curvando-se.

Gwendolyn se vira para Aberthol.

"Há mais alguma coisa?" Ela pergunta, exausta. "Caso contrário, eu gostaria de-"

Aberthol ergue uma mão.

"Só mais uma questão, minha senhora."

Gwen suspira. Ela está começando a ter uma sensação de respeito pela vida que seu pai levava.

"A expedição de Bronson," começa Aberthol. "Ele relata uma agitação no lado McCloud das Highlands."

Gwendolyn ergue as sobrancelhas, olhando para Aberthol com pavor. Não havia estabilidade? É isso o que significava ser rainha - apagar um fluxo interminável de incêndios e controlar a contínua agitação e descontentamento das massas? Por que as pessoas não podiam simplesmente ser felizes e viverem paz?

"Inquietação?" Pergunta ela.

Aberthol assente, examinando outro pergaminho.

"Ele relata que seus esforços em reunir os dois lados do Anel falharam. Seis luas se passaram, e eles são rancorosos. Eles vêem a prosperidade no Ocidente, e não acham que tiveram o mesmo tratamento."

Kendrick fica exasperado.

"Eles por acaso se esquecem que seu líder, inicialmente, ficou do lado de Andronicus e ajudou a inflamar essa guerra?" ele pergunta.

"Se eles não tivessem passado todas aquelas luas antes da guerra lançando ataques em nosso território", diz Godfrey, "então talvez agora eles tivessem uma parcela maior de nossa prosperidade."

"Em sua defesa," Reece fala, "eles passaram para o nosso lado no final."

"Eles dificilmente estão morrendo de fome," afirma Thor. "Nossos homens lhes têm dado uma parte de nossa colheita do verão e têm lhes ajudado a reconstruir. Todos eles comem bem."

"Eles podem até comer bem," Aberthol responde, "mas eles não são ricos. Há uma diferença. Eles vêem o que os outros têm e passam a cobiçá-los. Essa sempre foi a sua natureza. Eles vêem a Corte do Rei, brilhando, e querem que suas cidades sejam revestidas em ouro."

Kendrick bufa.

"Bem, então isso é problema deles, não nosso."

"Errado, meu irmão," diz Gwendolyn. "Qualquer problema, em qualquer lugar do Anel, é *nosso* problema. Seu descontentamento não pode passar despercebido. É aí que o descontentamento ganha força."

A sala fica em silêncio, e Aberthol suspira.

"É da natureza dos McCloud, minha senhora. Eles são um povo selvagem, de pessoas grosseiras. Eles não podem nunca se unir aos MacGil. Você pode ter despachado Bronson para uma tarefa impossível de ser cumprida."

"A rivalidade entre os dois clãs é antiga e forte," Erec fala. "Ela existe há milhares de anos. Podemos não ser capazes de acabar com ela em seis luas - mesmo com um emissário como Bronson. O rancor é profundo, e os McCloud não são um povo acostumado a perdoar."

Gwendolyn se inclina em seu trono, considerando tudo aquilo com atenção. Seu estômago a está incomodando mais uma vez e ela não sabe o quanto mais ela poderia suportar para uma manhã.

"O que você diz pode ser verdade," diz Gwen, "mas isso não quer dizer que não devemos tentar. Estamos vivendo um momento único na história: o tirano McCloud está morto; seu filho, Bronson, é leal a nós; o seu reino foi destruído, e nós, ainda que brevemente, nos unimos para expulsar os invasores. Eu vejo isso como uma oportunidade para, de uma vez por todas, unir os nossos dois reinos."

"O problema com os McCloud", Kendrick diz, "é que eles estão descontentes, e pensam que estão em concorrência com a gente. Eles vêm a Corte do Rei, e querem o mesmo. Mas eles nunca tiveram uma Corte do Rei, e eles nunca terão. É a honra, a nobreza e o requinte que constroem uma Corte, e não uma pilha de pedras. Isso é o que eles nunca vão conseguir entender."

Gwendolyn suspira.

"Manter o lado McCloud das Highlands estável é vital para os nossos próprios interesses," ela afirma. "Nós não queremos viver sob a ameaça constante de ataques ao nosso gado. Queremos que os nossos povos possam viver em paz. É assim que nosso pai pensava, e é precisamente por isso que ele tentou forjar uma aliança através do casamento de Luanda com um McCloud."

"No entanto, seus planos não foram bem sucedidos," declara Aberthol. "Temos que aprender com seus erros."

"Entretanto," continua Gwen, "também temos que aprender com seus esforços. Eu não estou preparada para desistir da paz tão rapidamente. Pode ser mais difícil e mais confuso - mas é mais

duradouro, e é o único caminho para a nossa segurança máxima. Temos que encontrar uma forma de unir nossos dois povos. Há sempre um caminho, a grande questão é como."

Ela examina os seus homens, e todos eles estão com as sobrancelhas franzidas.

Ela olha para Godfrey, que está ali com os olhos turvos, a barba por fazer e um olhar de ressaca.

"Godfrey," ela fala. "Você não disse nada hoje. Você sempre tem um pouco de sabedoria a oferecer."

Godfrey olha para ela, desprevenido.

"Bem," ele diz, - nervoso, passando a mão pelo cabelo despenteado, "Eu sei de algo que serviu para unir os homens," ele fala, olhando em volta com cautela. "E isso é a bebida. Mostre-me dois homens que se odeiam, e eu farei com que cantem juntos ao redor de uma mesa com cerveja."

A sala de repente cai na gargalhada, e Godfrey olha em volta, sem entender, e depois sorri conscientemente.

Gwendolyn sorri, olhando para ele. Seu irmão é excêntrico, e ainda assim ele possui um pouco de sabedoria primitiva. E ele sabe, - melhor do que qualquer outra pessoa que ela conhece - como funciona o coração do homem comum. Seu pai havia lhe ensinado que, por vezes, a solução mais complexa pode ser encontrada da maneira mais óbvia.

"Você pode estar certo," ela fala. "Essa pode ser a solução. E eu vou nomeá-lo para que descubra se está certo."

Os olhos de Godfrey se abrem de espanto.

"*Eu*, minha senhora?" ele pergunta.

Gwendolyn assente e as pessoas presentes olham para ela, espantadas.

"Você é a pessoa perfeita. Viaje pelas Highlands. Procure Bronson. Diga a ele que eu recebi seus relatos. Em seguida, construa algumas tabernas. Ajude Bronson a fazer o que ele não consegue: una nossos povos."

"Minha senhora," ele fala, gaguejando: "Eu não sou um líder. E eu não sou político. Você sabe disso, e nosso pai sabia disso. Ele tentou me esconder de toda a Corte. E agora você quer me dar um

cargo? Você não aprendeu nada com nosso pai? Ele sabia que eu não sirvo para nada."

"Papai não entendia muito bem de todos os assuntos," afirma Gwen. "Eu vejo muito mais em você. Você tem talentos que outros homens não possuem, e você subestima suas próprias habilidades. Você pode unir homens de origens diferentes, mais do que qualquer homem que eu já tenha visto. Você não tem a arrogância inerente a maior parte da realeza. Eu confio em você, e eu preciso que você faça isso. Você aceita?"

Godfrey relutantemente concorda.

"Por você, minha irmã," ele diz, "eu faria qualquer coisa."

Gwen sorri, respirando fundo, feliz que aquela questão tenha sido resolvida. Ela não acha que possa suportar ouvir mais um dos pergaminhos de Aberthol, então ela se levanta com dificuldade do trono ao vê-lo se aproximar mais uma vez.

Todos imediatamente se levantam, e fica claro que a sessão estava terminada.

Thor se aproxima, pegando a mão dela, e quando Aberthol bate com seu cajado no chão, a sala irrompe em conversas descontraídas.

"Você está bem?" Thor pergunta em voz baixa; vendo como o rosto dela está pálido.

Gwen respira fundo, grata pelo apoio de Thor. Ela se sente um pouco cansada.

"Eu só preciso me deitar um pouco," ela pede.

*

Thorgrin fica do lado de fora do portão de entrada principal da Corte do Rei, debaixo do enorme arco de pedra, segurando seu cavalo pelas rédeas, junto com todos os seus amigos, todos se preparando para partir em suas viagens naquele Dia da Partida. Ao lado dele, Reece verifica mais uma vez sua sela e escova seu cavalo, se preparando para sua viagem até as Ilhas Superiores; ao lado dele, Elden se prepara para arriscar-se à procura de seu pai, enquanto O'Connor pretende embarcar para ver sua irmã. Conveniente para ir à sua cidade natal e visitar sua esposa - enquanto ao lado dele, Erec e Kendrick se preparam para fazer o trabalho dos

Prata. Até Godfrey está se preparando para sua viagem ao território McCloud. Todos estão seguindo em uma direção diferente, contando com a tradicional boa sorte de embarcar no Dia da Partida.

Thor e Reece dão-se os braços.

"Eu vou sentir sua falta, caro amigo," Thor admite.

"E eu a sua," responde Reece. "Estarei de volta antes de a segunda lua nascer - a tempo para o nosso casamento em conjunto. Você não precisa se preocupar."

"As Ilhas Superiores não são distantes," comenta Thor. "Mas elas estão repletas de perigos. Preste atenção à sua volta."

"Não se preocupe, eu vou com ele," fala uma voz.

Os dois se viram para ver Krog sorrindo enquanto prepara seu cavalo, enfiando uma espada curta em sua bainha.

"Você vai?" Reece pergunta, - bastante surpreso.

Krog acena de volta, e continua parado com uma expressão severa.

"Mas por quê?", Perguntou Reece. "Eu pensei que você não gostasse de mim."

"E não gosto," Krog responde enfaticamente. "Mas é algo para fazer. E como eu disse, eu devo a você por salvar a minha vida. E eu costumo pagar minhas dívidas."

Reece balança a cabeça.

"Eu não quero que ninguém me acompanhe por algum senso de obrigação," declara Reece. "Você pode se juntar a mim, se você quiser, mas não porque você se sente em débito comigo."

"Eu irei pelo motivo que bem entender," afirma Krog desafiadoramente. Em seguida, ele lhes dá as costas e continua preparando seu cavalo.

Reece e Thor trocam um olhar curioso, e Reece balança a cabeça.

"Eu juro, eu nunca vou conseguir entendê-lo," ele diz.

"Mantenha os olhos abertos," Thor repete. "Esses MacGil podem ser primos, mas não confie em nenhum deles."

"Não se preocupe, meu amigo," ele responde. "Eles não querem uma guerra em suas mãos que não possam vencer. Eles nunca se atreveriam a fazer qualquer mal a um membro da família real. E se o

fizerem, bem..." Reece sorri, "eu tenho armas, e ficarei muito feliz em me defender."

Thor retribui o sorriso, dizendo.

"Eu sei disso, amigo. Já lutei muitas batalhas com você me garantindo. Eu gostaria muito se você pudesse ficar e me ajudar a escolher e treinar a Legião."

"Eu suspeito que você vá se sair muito bem por conta própria," afirma Reece. "Na verdade, quando eu voltar, creio que a Legião já vai estar cheia de caras novas."

Thor sorri.

"Vamos ver."

"Reece, eu posso ter um minuto?" diz uma voz feminina.

Reece se vira e vê, em pé atrás dele, Selese. Ela parece chateada.

"Eu não quero que você vá," ela continua com a voz grave.

"Mas eu não estou indo embora," comenta Reece. "É apenas uma viagem de alguns dias."

Thor se afasta para lhes dar alguma privacidade, e mesmo de longe ainda ouve suas vozes abafadas, carregadas pelo vento.

"Nosso casamento será daqui a apenas meia lua," acrescenta Selese.

"Estou ciente disso, lhe garanto," ele responde. "Eu não me ofereci para esta missão."

"Eu não quero que você vá," ela repete, com a voz trêmula. "Eu normalmente não sou assim, mas eu tenho um mau pressentimento sobre isso. Simplesmente fique, e nos ajude com os preparativos para o casamento. Gwen pode mandar outra pessoa."

Reece balança a cabeça.

"Eu nunca recusaria um pedido da minha irmã. Isso iria contra a minha honra. Além disso, é o Dia da Partida," ele fala. "É um dia auspicioso para uma viagem."

Ela encolhe os ombros.

"Não para todos," ela diz. "Meu pai uma vez embarcou no Dia da Partida - e nunca mais voltou."

Reece dá um passo a frente ao ver uma lágrima escorrendo, acariciando seu rosto com as costas da mão.

"Estou emocionado, meu amor, pelo quanto você se importa comigo," ele fala. "E eu prometo que vou voltar."

"Eu amo a sua irmã," Selese diz, ainda com o rosto baixo, sem olhar em seus olhos. "Afim de contas, nós nos casaremos juntas, e nos tornamos tão próximas quanto irmãs. Mas, neste caso, eu gostaria que ela tivesse escolhido outra pessoa."

"O reino que ela governa é vasto, e não há muitas pessoas em quem ela possa confiar - não como a um irmão," explica Reece. "Chega dessa conversa sombria. É tudo por nada, eu lhe garanto. Vou estar de volta em poucos dias, e ficaremos juntos para sempre."

Reece se inclina e a beija, e ela dá um passo à frente e o abraça com força, agarrando-se a ele.

Thor monta em seu cavalo olha para todos os seus irmãos, que também montam seus cavalos. É estranho ver todos aqueles homens, juntos em um lugar naquele instante, sabendo que em breve estariam espalhados por todo o reino. Logo, Godfrey estaria do outro lado das Highlands; Kendrick e Erec estariam longe dali, providenciando a reconstrução de fortes e pontes; Conven, O'Connor e Elden estariam voltando para suas aldeias, cada um buscando os seus próprios familiares; Steffen estaria ainda mais longe, cuidando da distribuição para as pequenas aldeias. E o próprio Thor viajaria para longe da corte, percorrendo as cidades à procura de novos recrutas para a Legião.

As festividades haviam terminado; o Solstício de Verão já fazia parte do passado, como se nunca tivesse acontecido. Eles agora começariam o trabalho duro de administrar e reconstruir o reino. Thor sabe que em breve, todos estariam reunidos novamente. No entanto, ele não consegue deixar de se perguntar o quanto cada um deles teria mudado quando voltassem.

Uma trombeta soa à distância e Thor chuta seu cavalo, junto com os outros, e todos eles começam a partir, deixando para trás a Corte do Rei e tomando rumos diferentes na estrada empoeirada. Thor sente que deveria estar feliz, repleto de otimismo; mas por algum motivo, uma parte dele não consegue

evitar a sensação de que ele talvez não veria todos aqueles homens juntos novamente.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Bronson marcha para fora dos altos portões verticais de Highlandia, ladeado pelos generais McCloud, os antigos homens de seu pai e dezenas de atendentes, e suspira, de mau humor. Ele fica irritado ao ser levado para o local de mais uma disputa, mais um roubo de gado, mais uma dor de cabeça em sua impossível missão de unir os McCloud e os MacGil. Ele está seriamente começando a se perguntar se seria mesmo possível trazer a paz entre os dois clãs perpetuamente em guerra.

E ser conduzido pelo antigo general de seu pai, Koovia, piora ainda mais seu humor. No decorrer das últimas seis luas, McCloud tinha passado a desconfiar de Koovia; percebendo que Koovia não é o general agradável que, a princípio, tinha deixado transparecer. Koovia tinha inicialmente se mostrado muito ansioso para ajudar a unir os dois lados das Highlands; mas quanto mais Bronson o conhece, mais ele tem a impressão que Koovia faz de tudo para minar seus esforços, para manter os dois clãs separados um do outro. Koovia, no fundo, desconfia dos MacGil - como costumava ser durante o tempo de seu pai - e está cada vez mais difícil controlá-lo.

Trabalhar com Koovia é um mal necessário, uma vez que todos os soldados McCloud o amam, e ele de alguma forma detém um poder hipnótico sobre os seus homens. Bronson tinha considerado prendê-lo mais de uma vez, mas absteve-se ao ponderar as consequências que viriam. Bronson caminha em terreno incerto ali, tentando controlar essas pessoas, tentando controlar os MacGil do outro lado das Highlands, e tentando fazer com que todos passem a viver em harmonia. É como se ele tivesse passado as últimas seis luas no inferno.

Bronson tinha esquecido como seu povo era teimoso, cabeçaduro e propensos à violência e agressão. Depois de ter passado algum tempo no lado MacGil, Bronson está percebendo cada vez mais as diferenças gritantes entre os dois clãs. As últimas centenas de anos tinham realmente criado dois povos diferentes. Bronson

sente que ele mesmo age mais como um MacGil, sentindo mais simpatia por eles. Voltar para o seu povo agora realmente o deixa envergonhado, ao ver como eles são brutos, propenso a começar uma guerra contra as pessoas que não tiveram a intenção de ofendê-los.

Quando Bronson chegou ali, os McCloud tinham se mostrado gratos a todos os MacGil por libertá-los das garras de Andronicus e do Império. Eles estavam gratos pela presença de Bronson ali, por sua ajuda na reconstrução, e haviam demonstrado desejo e entusiasmo pela união dos reinos.

Mas quanto mais tempo Bronson passa ali, mais ele sente que aquilo era apenas uma farsa e que seu povo não está realmente interessado em se unir, preferindo viver separado, e que eles desconfiam profundamente dos MacGil. Os MacGil parecem mais abertos a confiar nos McCloud, apesar de uma longa história de ataques sem provocação; ainda assim, todos os dias desde a chegada de Bronson, algum McCloud tinha minado o esforço em mais uma incursão ou disputa.

McCloud segue Koovia, perguntando-se onde ele o levaria naquele dia.

Eles caminham ao longo de uma pequena cordilheira após saírem do castelo, rodeados por flores de verão ao caminharem pelas Highlands cobertas por uma grama alta e colorida. Bronson olha para baixo em ambos os lados da cordilheira e até onde ele pode ver há flores brilhantes, que cobrem as encostas das Highlands. A visão é uma mudança dramática em relação à paisagem de inverno, quando as Highlands ficavam cobertas por neve e gelo. De onde está, Bronson sente uma brisa fresca, sempre mais fria naquela altura.

Ainda assim, aquele é um dia perfeito de verão, com nuvens se acumulando levemente no céu sob os raios dos dois sóis. Dali de cima, olhando para baixo, Bronson sente como se estivesse no topo do mundo, olhando para os dois reinos, esses dois reinos que ele espera ser capaz de unir, e se pergunta como, com uma terra como aquela, algo poderia estar errado com o mundo.

Ao fazerem uma curva, McCloud ouve a briga carregada pelo vento, e vê as duas partes envolvidas diante dele - dezenas de MacGil de um lado, e dezenas de McCloud do outro, discutindo com raiva enquanto um rebanho de ovelhas pasta ao redor deles. Bronson pode sentir a raiva deles à distância, e sabe que está prestes a entrar em uma tempestade. Ele suspira, preparando-se.

"Este é o lugar onde tudo aconteceu," explica Koovia, quando eles se aproximam.

Eles chegam mais perto, e Koovia grita pedindo silêncio. Lentamente, os clãs rivais se acalmam e todos os olhos se voltam para Bronson.

"O que aconteceu dessa vez?" Pergunta Bronson, já impaciente.

"É muito simples o que aconteceu," explica um dos McCloud, um homem velho, com a barba por fazer, sem dentes, em pé perto de suas ovelhas para protegê-las. "Esses MacGil vieram até aqui e pegaram nossas ovelhas, para levá-las para o outro lado das Highlands, mas nós os encontramos antes que partissem. Você deve prendê-los agora, se de fato é o governante forte que diz ser."

Um grito de apoio irrompe no lado dos McCloud. Bronson vira e olha para os MacGil; eles ficam parados ali pacientemente, humildemente, um grupo mais jovem, com olhos inteligentes, esperando sua vez. Quando ele olha atrás deles, Bronson vê a bela paisagem do verão, e gostaria de poder estar em qualquer lugar, menos ali. Com toda aquela generosidade, toda aquela beleza e tudo mais ao redor deles, quais os motivos para que aqueles homens briguem tanto?

"E o seu lado da história?" Ele pergunta aos MacGil. "Vocês vieram aqui e tentaram roubar esse gado?"

"Sim, meu Senhor," os MacGil respondem simplesmente.

Bronson olha para eles com surpresa, - ele não esperava essa resposta.

"Então você admite ter cometido esse crime?"

"Não, meu senhor," eles respondem.

Agora Bronson está confuso.

"E como esse roubo não é um crime?"

"Você não pode roubar o que é seu, meu senhor" eles respondem. "Esse gado era nosso, para começar. Nós apenas o roubamos de volta."

"Roubaram de volta?" Pergunta Bronson. Seu estômago está queimando.

Os MacGil assentem.

"Os McCloud roubaram o nosso gado na semana passada. Nós viemos aqui e o levamos de volta. Vê essas marcas?"

Ele se agacha, pega uma ovelha e vira a perna dela, localizando a marca.

"A marca dos MacGil, - simples, para qualquer um ver."

Bronson olha e vê a marcação, e percebe que eles estavam dizendo a verdade.

Ele se vira e enfrenta os McCloud, irritado que eles tenham roubado e mentido.

"E o que você tem a dizer em sua defesa?" Pergunta.

O McCloud mais velho dá de ombros.

"Eu as encontrei vagando pelas colinas."

"Vagando pelas colinas do lado MacGil," os MacGil retrucam. "Isso não faz delas suas ovelhas."

O velho dá de ombros.

"Se você as deixa soltas, então elas não são mais suas."

"Elas não estavam soltas! Elas estavam pastando! Carneiros e ovelhas pastam, - isso é o que eles fazem!"

O velho grita e xinga, e os MacGil começam a amaldiçoá-los de volta. A confusão começa, com homens xingando uns aos outros em meio ao balidos das ovelhas.

Bronson coça a testa, e sua dor de cabeça piora. A manhã mal havia começado, e ele ainda tem um longo dia pela frente. Por que esses homens não se dão bem? Sua causa aqui teria esperança?

Ele tem que admitir, mesmo sendo seu povo nativo, os McCloud eram os instigadores. Em todos os casos que ele tinha visto, eles eram sempre os que culpados. É como se uma parte deles simplesmente não quisesse a paz.

Bronson se adianta, e há uma trégua na disputa quando todos os olhos se voltam para ele.

"Se estas são as ovelhas deles, então as ovelhas são deles," Bronson diz, finalmente, para os McCloud. "Não importa onde você as encontrou. Ele apenas pegou de volta o que é dele."

Ele se vira para os MacGil.

"Pegue-as e vá," ele diz. "Eu sinto muito pela confusão."

Os MacGil assentem, satisfeitos, pegam suas ovelhas e começam a levá-las para o seu lado da montanha.

"Você não pode simplesmente deixá-los ir!" O velho grita para Koovia. "Não deixe que eles partam! Nosso novo rei é fraco demais para nos apoiar! Use a força do seu exército! A menos que você também seja fraco demais!"

Bronson se irrita com as palavras do velho, e pode ver que Koovia também está irritado, e que também está pensando sobre tudo aquilo. Ele percebe que Koovia gostaria de ir atrás daquelas ovelhas.

Mas ao invés disso Koovia se vira e empurra o velho, que cambaleia para trás. Ele agarra o punho de sua espada.

"Diga outra palavra velho, e vamos ver quem é fraco!"

Koovia se adianta em um acesso de raiva, e o velho recua.

Lentamente, os McCloud se viram e começam a descer a colina.

Koovia, ainda de cara amarrada, se vira e encara Bronson.

"Você não conhece o seu povo," ele fala. "Você não é um rei aos olhos dele, ou regente, ou seja lá o que for que Gwendolyn o tenha chamado. Para eles, você é um fraco. Um boneco. Os McCloud estão acostumados a tomar o que querem à força. Esse é costume. Você nunca vai mudar isso. Então pare de desperdiçar o seu tempo aqui, e volte para Gwendolyn. "

Bronson franze a testa, farto de tudo aquilo.

"Você é meu general," declara Bronson. "Você responde a mim. Eu não respondo a você, falo com a autoridade de Gwendolyn. Ambos os lados do reino serão unidos. E você vai fazer a sua parte, permitindo que os soldados MacGil patrulhem com você."

Koovia recua, surpreendido.

"O que você quer dizer com isso?"

Bronson faz uma careta; ele pode ver pelo rosto de Koovia que ele está mentindo.

"Eu ouvi os relatos," Bronson diz. "Por muitas luas você me disse que estava permitindo que os MacGil fizessem a patrulha com nossos homens – ainda assim, outro dia me disseram que quando os MacGil chegaram ao seu acampamento, você os mandou embora. Os relatórios não são verdadeiros?"

Koovia parece perturbado.

"Os MacGil não são o nosso povo," ele responde, na defensiva. "Que diferença faz para você? Você não é um deles. Você foi criado aqui. Seu pai teria vergonha de você."

Bronson se irrita.

"Eu sei onde fui criado. Eu sou o seu líder, você responde a mim. E eu digo que nossos homens vão treinar juntos."

Koovia balança a cabeça lentamente, olhando Bronson de cima embaixo.

"Você pode ser líder por agora, mas não será por muito tempo. Nosso povo obedecia a seu pai porque ele usava a força. Força brutal - isso é o que o nosso povo precisa. Você não vai empregá-la e, aos olhos do nosso povo, isso o torna fraco. E os fracos sempre caem."

Koovia vira as costas e caminha para longe, seguido pelos seus homens. Bronson fica parado, assistindo enquanto eles se voltam a descer o morro, a dor de cabeça aumentando.

Ele não consegue deixar de ser perguntar o que diabos ele está fazendo ali.

*

Luanda caminha em seus aposentos no castelo, o quarto iluminado com tochas, impaciente quando a noite cai, esperando pelo retorno de Bronson. Ele tinha se ausentado durante todo o dia, mais uma vez, cuidando de assuntos relacionados à união dos povos. Sua missão, ela sabe, é um exercício de futilidade, o que faz sua raiva em relação à sua irmã aumentar. Gwendolyn sempre tinha

sido tão ingênua. O que ela estava pensando? Que os dois clãs realmente seriam unidos?

Se ela tivesse apenas lhe perguntado, Luanda poderia ter lhe informado de uma vez por todas que aquilo nunca iria funcionar. Os McCloud, ela sabe, por experiência, são um povo selvagem. Se Luanda fosse a rainha, ela teria simplesmente selado as Highlands, criando uma grande muralha e dobrando as patrulhas, e deixaria os selvagens apodrecerem ali. Ela protegeria o Reino Ocidental do Anel, e deixaria o lado Oriental à sua própria sorte.

Mas Gwendolyn, sempre a idealista, tinha que deixar suas pequenas fantasias serem realizadas e - pior ainda, tinha que dar a Bronson a responsabilidade de colocá-las em prática. Os dias naquele lugar horrível estão ficando cada vez piores, e Luanda sabe que nada de bom aconteceria com aquele plan006F.

Isso não é problema dela. Exilada ali, do outro lado das Highlands, Luanda poderia muito bem ter sido condenada à prisão - ou à morte. Ficar presa ali, tendo que conviver com aqueles selvagens, naquele castelo vazio, sem nada para fazer o dia todo, exceto esperar que Bronson volte para casa, é o pior castigo possível que Gwen poderia ter dado a ela.

A princípio, é claro, Luanda havia se sentido grata por sua vida ter sido poupada. Mas agora, seis luas depois, sua gratidão tinha se transformado em ressentimento. Quanto mais o tempo passa, mais ela se sente como a antiga Luanda, com uma inquietação crescente. Ela está muito decepcionada; ela tinha certeza de que em algum momento Gwendolyn concederia sua misericórdia, deixando que ela voltasse para sua terra natal, na Corte do Rei. Ela não consegue acreditar que ainda está presa aqui, banida, que tinha sido excluída de toda a preparação do casamento e festas que estavam acontecendo do outro lado das Highlands, - que Gwen tinha deixado que ela apodrecesse ali sozinha. É quase demais para suportar. A irmã dela, ela pensa, deveria ter demonstrado mais misericórdia.

Luanda se ressentia por muitas luas, à medida que seu cabelo lentamente cresce mais uma vez, passando muitos dias chorando. Até que um dia, finalmente, um ideia tinha lhe ocorrido, uma maneira de sair de sua miséria, uma maneira de ganhar de

volta o controle. A ideia tinha surgido em sua mente, clara como o dia: se ela tivesse um filho, a criança não poderia ser banida da Corte do Rei. Luanda é uma mulher jovem, saudável, e podia ter filhos. Crianças reais. Afinal, ela é a primogênita do Rei MacGil, - e seu filho seria a continuação da linhagem. Gwendolyn pode ter vencido nesta geração, mas Luanda percebe que as coisas poderiam ser diferentes na próxima. Ela se sente determinada, e nada a impediria de fazer tudo ao seu alcance para se certificar de que sua prole tome o lugar de sua irmã. Ela pretende encontrar uma maneira de colocá-los no trono, e recuperar o poder.

A idéia tinha tomado forma na mente de Luanda durante as últimas luas, e ela tinha feito Bronson dormir com ela, todos os dias e todas as noites. Todos os dias ela se levantava esperando poder dar a todos a boa notícia de que ela estava grávida.

E, no entanto, ali está ela, furiosa, seis luas depois, ainda sem seu bebê. Seu plano tinha sido um fracasso, como tudo mais na vida dela e, por algum motivo, ele não estava funcionando. E poderia *nunca* funcionar, ela percebe. Ela havia se levantado esperançosa todos os dias, mas agora está começando a perder a esperança. O casamento deles parece estar condenado; todos os seus planos parecem não dar certo. Mesmo sua ideia mais recente, seu plano B, não está saindo como ela havia planejado.

A porta se abre e Luanda vira rapidamente na direção dela, pega de surpresa, quando Bronson entra apressado e a ignora completamente. Bronson caminha pelos aposentos, perdido em seus próprios pensamentos, claramente preocupado com suas atribuições do dia.

Luanda não tem tempo para o seu mau humor; ela chega por trás dele, segurando-o pelos ombros, e começa a tirar suas roupas - talvez desta vez as coisas sejam diferentes.

"O que você está fazendo?" ele pergunta.

"Eu esperei você o dia todo," ela responde, tirando o roupão e ficando diante dele, nua.

Bronson mal olha para ela, e atravessa o quarto dirigindo-se para sua mesa, e passa a folhear uma pilha de pergaminhos.

"Você ficou longe o dia inteiro," ela fala. "Agora é hora de passarmos um tempo juntos."

Ela se aproxima dele e acaricia seus braços e ombros, sentindo a tensão em seus músculos.

Finalmente, ele se vira.

"Por favor, Luanda, agora não. Eu tive um dia terrível."

"Eu também," diz ela, irritada, perdendo a paciência. "Você acha que você é o único que está infeliz aqui? Eu tenho que ficar aqui o dia inteiro e esperar por você. Eu não tenho nenhum amigo aqui. Eu quero um bebê. Eu *preciso* de um bebê."

Bronson a examina, parecendo confuso.

Ela puxou-o para ela, o atirou no chão para a cama e pulou em cima dele.

"Luanda, este não é o melhor momento. Eu não estou pronto-"

Luanda o ignora. Ela não se importa mais com o que Bronson quer ou deixa de querer.

Mas, para surpresa de Luanda, Bronson a empurra para fora da cama.

Luanda fica ali, humilhada, em um acesso de raiva. Ela fica furiosa com Bronson, - e com sua irmã, consigo mesma e com sua vida.

"Eu disse que agora não!" Bronson grita.

"Quem se importa se é agora ou mais tarde?" Ela grita de volta. "Não está funcionando!"

Bronson se senta na beirada da cama, parecendo desanimado.

"Minha irmã vai dar à luz a qualquer dia," continua Luanda. "E eu não tenho nada."

"Não é uma competição," ele diz calmamente. "E nós temos todo o tempo do mundo. Acalme-se."

"Não, nós não temos!" Ela grita. "E você está errado: o mundo inteiro é uma competição."

"Eu sinto muito," ele pede. "Não vamos brigar."

Luanda fica ali, respirando com dificuldade, fumegando de raiva.

"Suas desculpas não são o suficiente," ela declara.

Luanda veste seu roupão, passando na frente de Bronson, e sai do quarto. Ela pretende encontrar uma maneira de sair daquele

lugar e recuperar o poder, não importa o que ela tenha que fazer.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Srog fica no topo do pico mais alto das Ilhas Superiores, olhando para a Baía dos Caranguejos através da chuva e neblina. Ele observa atentamente a sequência de pedras que avança para dentro do mar, em meio ao nevoeiro e chuva ofuscante. Ele está completamente molhado, encharcado pela chuva, com roupas e cabelos molhados ao lado de seus generais.

Srog tinha aprendido a ignorar a chuva desde havia se mudado para lá; ela faz parte da vida nas Ilhas Superiores: todos os dias o céu fica nublado, coberto por nuvens ondulantes, o vento está sempre presente, e o clima ali é vinte graus mais frio, mesmo no verão. Há sempre a ameaça de chuva, ou a presença dela – sem qualquer exceção. As Ilhas Superiores, ele tinha aprendido, merecem a reputação de lugar sombrio e miserável, com clima propício para sua reputação - e pessoas que combinam com aquela lugar.

Durante as últimas seis luas Srog havia conhecido os moradores das Ilhas Superiores; um povo astuto e nunca totalmente confiável. A seis luas de seu governo ali se resumem em nada além de frustração - as pessoas ali estavam claramente determinadas a frustrar seu governo em todos os momentos, sabotando seus esforços. Eles são um povo rebelde, e estão determinados a minar o trabalho da nova rainha Gwendolyn.

"Ali, meu Senhor," o general grita para ser ouvido sobre o vento. "Você o vê?"

Srog olha para a névoa e vê, - à deriva no oceano movimentado, os restos de um dos navios da rainha, sendo jogados pelas ondas contra as rochas. As ondas arrebatam em torno do barco, e o navio se parte em pedaços cada vez menores. O navio, sem seus homens, gira em todas as direções. Srog ouve o estilhaçar de madeira até mesmo à distância, partindo-se em pedaços contra as rochas.

"A âncora foi cortada esta manhã," o general continua. "No momento em que nossos homens identificaram o problema, já era

tarde demais. Eles não puderam salvá-lo a tempo, meu senhor."

"Você certeza que a âncora foi cortada?", Pergunta Srog.

O general estica o braço e revela um pedaço de corda cortada nas mãos.

"Um corte perfeito, meu Senhor," ele explica. "Nenhuma rocha faz isso, foi o punhal de um homem. Sabotagem."

Srog examina a corda, e percebe que ele está certo.

Srog suspira, cansado daquele lugar. Ele tinha passado a maior parte de sua vida na Silésia, uma grande cidade civilizada, onde as pessoas eram honestas e nobres. Ele tinha governado bem, unindo a Silésia Superior e Inferior, conseguindo o que nenhum Senhor jamais havia conseguido. A Silésia é um palácio perto daquele buraco, e os Silesianos não eram nada como os moradores das Ilhas. Depois de passar tanto tempo ali, Srog está lentamente chegando à conclusão de que os habitantes da ilha apreciam a subversão - e prosperam nela. De mais a mais, ele percebe que eles são um povo que não se pode governar.

Todas as vezes que Srog encontra um habitante em quem ele acredita poder confiar, aquela pessoa também o trai. Ele havia chegado a um ponto em que ele não confia em ninguém.

"Intensifiquem as patrulhas nos navios," ordena Srog. "Eu quero um soldado a postos durante toda a manhã, dia e noite. Entendido?"

"Sim, senhor," diz o general. Ele se vira e corre para baixo, dando ordens para os seus homens, que partem para a ação.

Srog olha para baixo e analisa as dezenas de navios da rainha ancorados na praia de areia, e torce para que nenhum deles tenha o mesmo destino. Este tinha sido o segundo navio destruído por sabotagem naquele mês, e ele está determinado a não perder mais nenhum.

Srog se vira e corre de volta para o castelo, seguido por seus assessores, debaixo da chuva. Não se trata propriamente de um castelo, mas um forte, uma construção quadrada e baixa, sem qualquer criatividade artística ou estética. É um lugar utilitário, sem inspiração e frio, muito parecido com o povo daquele lugar.

Srog corre pelas portas, abertas para ele, e corre para dentro. A porta bate atrás deles, e ele finalmente se vê protegido do vento frio

e da chuva insistente. Ele fica ali, seu corpo molhado, e tira seu casaco, como está acostumado a fazer, pendurando-o num gancho. Ele atravessa o forte, passando as mãos pelo seu cabelo molhado, e os guardas se colocam em atenção quando ele passa.

Srog passa por vários corredores e finalmente entra no grande salão, pequeno em comparação com os castelos à que ele está acostumado. A sala, quadrada e com teto baixo, tem uma grande lareira ao longo de uma parede, com mesa e cadeiras posicionadas próximas a ela. Os habitantes da ilha sempre ficam perto de um fogo, precisando do calor para secar e aquecer seus corpos, e naquele instante há várias dezenas de homens sentados ao redor da mesa.

Srog se senta no centro da mesa, perto da lareira, e passa a mão pelo cabelo molhado e sobre a roupa várias vezes, fazendo o seu melhor para secá-los. Vários cães sarnentos saem do seu caminho quando ele se aproxima. Eles se sentam por perto, reposicionando-se, e olham para ele à espera de comida.

Srog joga um pedaço de carne da mesa e, em seguida, estende a mão e pega uma taça de vinho e bebe de uma vez, querendo fazer aquele lugar desaparecer. Ele coça a cabeça com as mãos. Aquela ilha lhe causa uma enorme dor de cabeça. O segundo navio sabotado por aquelas pessoas. O que havia de errado com eles? Por que seus ressentimentos e rivalidades mesquinhas eram tão profundos? Srog está começando a sentir que Gwendolyn tinha cometido um erro ao tentar unir as Ilhas Superiores ao continente. Ele sente cada vez mais que ela deveria abandonar aquele lugar, deixando que as Ilhas sigam o seu próprio destino, como seu pai havia feito.

Srog olha para cima e vê os três filhos de Tirus, Karus, Falus e Matus, sentados diante dele. Ao redor da mesa dezenas de outros guerreiros e nobres das Ilhas Superiores estão sentados, todos leais a Tirus, dedicando-se com demasiada vontade à bebida e comida, enquanto tochas são acesas ao redor deles. Todos estão se aprontando para a noite.

Ali, eles celebram o solstício de verão com um dia de atraso, e aquela refeição simples e sombria é a versão das Ilhas Superiores da

celebração. Srog estremece, e não apenas devido ao frio. Ele sente falta da Corte do Rei; sente falta da Silésia e ele anseia por estar de volta ao continente. Ele não consegue deixar de pensar que o tempo que está passando ali é inútil.

Srog gostaria de poder entender os moradores das Ilhas Superiores, mas por mais que ele tente, simplesmente não consegue. Eles alegam que a origem de todo o rancor tinha sido a prisão de Tirus, mas depois de seis luas a observá-los, Srog não acredita que isso seja tudo. Ele sente que, mesmo que Tirus fosse libertado, aquelas pessoas ainda encontrariam algum motivo para a subversão.

"E o que relata hoje, meu senhor?" Pergunta Matus, sentando-se ao lado dele. Srog tinha aprendido que Matus é o único habitante das Ilhas Superiores em quem ele poderia confiar.

"Outro navio foi sabotado," Srog responde severamente. "Destruído pelas rochas. Gwendolyn não ficará feliz ao saber disso."

Srog olha para o pergaminho diante dele, termina de escrever a carta para Gwendolyn, e a entrega a um atendente ao seu lado.

"Envie esta carta com o próximo falcão," Srog ordena.

"Sim, meu Senhor," o atendente diz, saindo apressado.

Srog se pergunta se o atendente realmente seguiria sua ordem, ou se a missiva, como tantas outras, se perderia misteriosamente.

"Sabotagem é uma palavra forte," diz Falus sombriamente.

Os outros soldados em volta da mesa lentamente se calam, virando-se para olhar na direção de Srog.

Srog olha para Falus, o filho mais velho de Tirus. Ele é a imagem exata do pai, e encara Srog desafiadoramente.

"Os navios da rainha foram feitos para navegar águas mais calmas," acrescenta Karus. "Talvez as marés tenham arreventado as cordas."

Srog balança a cabeça, irritado.

"Nenhuma maré faria isso," ele fala, "e os navios da rainha podem atravessar águas mais fortes do que estas. Isso foi o trabalho de homens."

"Talvez tenha sido o trabalho de um dos seus homens?"
Pergunta Falus. "Talvez você tenha um traidor entre seus homens?"

Srog está cansado do raciocínio dos irmãos Karus e Falus, que olham para ele com os mesmos olhos escuros e desafiadores de seu pai.

"E talvez algum grande monstro marinho com dentes perfeitamente quadrados surgiu e comeu a corda," Srog responde sarcasticamente.

Alguns dos guerreiros ao redor da mesa dão risadas, e Falus e Karus, envergonhados, fazem uma careta.

"Você nos insulta," Falus fala em tom ameaçador.

"Seu povo está sabotando nossos navios," afirma Srog, elevando a voz. "E eu quero saber por quê."

A sala ficou tensa.

"Talvez eles não estejam felizes que a rainha tenha aprisionado nosso líder como um criminoso comum," diz uma voz do outro lado da mesa.

Srog olha naquela direção e vê que tinha sido um dos nobres; um grunhido abafado de aprovação irrompe entre os outros nobres sentados em volta da mesa.

"O seu líder," Srog rebate, "era um traidor do Anel. Ele se juntou ao Império contra nós. A sentença de Gwendolyn foi branda, ele merecia ser enforcado."

"Ele era um traidor de *seu* Anel," diz outro nobre. "Não para nós."

Os outros nobres demonstram estar de acordo.

Srog os encara - cada vez mais nervoso.

"Só porque vocês vivem nestas ilhas, não faz vocês outra nação. Vocês ainda são protegidos por nossos exércitos."

"Nós nos damos muito bem aqui sem sua ajuda," diz um deles.

"Talvez o nosso povo apenas não queira vocês por aqui," declara outro. "Talvez eles não gostem da visão dos navios da Rainha em nossas costas."

"Ninguém gosta de ser controlado," fala mais outro.

"Você não estão sendo controlados, vocês são livres. Seus homens navegam para as nossas costas, e nós na sua. Nós

protegemos vocês contra inimigos externos, e os nossos navios trazem suprimentos para seus compatriotas, recursos extremamente necessários para vocês."

"Nós não precisamos de sua proteção," dispara outro nobre. "E também não precisamos dos seus recursos. Se os MacGil ficassem em seu continente, não teríamos problemas."

"Ah, é?" Srog rebate: "Então, por que vocês invadiram nosso território sem serem provocados para tentar tomar posse de nosso continente?"

Os rostos dos nobres ficam vermelhos, incapazes de responder. Eles olham um para o outro e, em seguida, lentamente e com amargura, um deles se levanta, arrastando a cadeira para trás, e fica em pé diante de seus homens.

"Minha carne azedou," ele diz.

Ele lhes dá as costas e sai da sala, batendo a porta atrás de si.

Um silêncio tenso toma conta do lugar.

Lentamente, um de cada vez, os outros nobres se levantam e saem da sala.

Srog continua sentado com apenas três homens – os três filhos de Tirus, Falus, Karus e Matus. Srog os encara, sentindo-se mais irritado do que nunca.

"Simplesmente solte nosso pai," pede Falus em voz baixa. "E então, nossos homens deixarão seus navios em paz."

"Seu pai tentou matar a nossa rainha," afirma Srog. "E ele nos traiu duas vezes. Ele não pode ser liberado."

"Então, enquanto ele permanecer em sua cela, não espere que nosso povo tolere sua presença aqui," diz Karus.

Os dois irmãos se levantam e começam a se afastar. Eles param no meio do caminho e olham para Matus.

"Você não vai se juntar a nós?" Pergunta Falus, surpreso.

Matus continua sentado, desafiadoramente.

"Meu lugar é aqui. Nesta mesa – a mesa da rainha."

Falus e Karus balançam a cabeça em desgosto e, em seguida, saem da sala.

Srog continua sentado ali, na mesa quase vazia, sentindo-se desanimado.

"Meu Senhor, eu peço desculpas por eles," diz Matus. "Gwendolyn foi mais do que bondosa ao poupar a vida do meu pai."

"Eu não entendo o seu povo," declara Srog. "Por mais que eu me esforce, não consigo entendê-los. O que é preciso para governá-los bem? Já governei uma cidade grande, muito maior do que essa, mas com essas pessoas, simplesmente não consigo fazer o meu trabalho."

"Porque o meu povo não foi feito para ser governado," diz Matus. "Eles são desafiadores por natureza, até mesmo sob o comando do meu pai. Esse é o segredo que meu pai guardava. Não tente governá-los; quanto menos que você tentar, mais eles se acostumam com a ideia de acatar ordens. Por outro lado, receio que isso talvez não aconteça. Eles são pessoas teimosas, com pouco a perder. Essa é a razão pela qual eles vivem aqui, eles não querem nada a ver com o continente. Eles estão errados em quase tudo o que fazem, mas podem estar certos em relação a uma coisa: você faria a si mesmo e a Gwendolyn um serviço maior, levando seus recursos para outros lugares."

Srog balança a cabeça.

"Gwendolyn precisa das Ilhas Superiores. Ela precisa de um Anel unificado. Todos os MacGil são de uma família, e compartilham laços de sangue. Esta divisão não faz sentido."

"Às vezes a geografia pode criar uma grande divisão entre um povo pós um período. Esta família se afastou com o tempo."

Um atendente se aproxima e coloca uma nova taça de vinho na frente de Srog, e ele a pega na mão.

"Você é a única pessoa em quem eu posso confiar completamente aqui," afirma Srog, agradecido. "Como você pode ser tão diferente do resto do seu povo?"

"Eu desprezo o meu pai," admite Matus. "Eu desprezo tudo o que ele representa. Ele não tem princípios, nem honra. Eu admirava muito o pai de Gwendolyn, meu tio, o rei MacGil. Eu sempre admirei todos os MacGils do continente. Eles vivem de acordo com seu código de honra, não importa o que aconteça. Essa é a vida que eu sempre quis."

"Bem, você tem vivido assim," diz Srog em tom de aprovação.

Srog leva a taça aos lábios, preparado para beber quando, de repente, Matus salta pra frente e tira a taça de sua mão com um tapa. A taça sai voando e cai no chão, ecoando ao rolar pelo chão de pedra.

Srog olha para ele, chocado, sem entender.

Matus atravessa a sala, pega o cálice, e o levanta para que Srog possa ver.

Srog chega mais perto, e nota um revestimento preto na parte inferior da taça.

Matus estende a mão, passando o dedo no fundo dela, e então esfrega os dedos. Quando ele faz isso, uma poeira preta fina cai no chão.

"Raiz Negra," ele comenta. "Um gole, e você estaria morto."

Srog fica ali, paralisado, olhando para ele com horror e começando a suar frio.

"Como você sabia?" Ele pergunta em um sussurro.

"A cor do seu vinho," responde Matus. "Parecia muito escuro para mim."

Enquanto Srog continua ali, paralisado pelo medo e sem saber o que dizer, Matus olha para os lados e, em seguida, se aproxima dele.

"Não confie em ninguém. Em *ninguém*."

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Romulus fica à frente de seu novo navio com as mãos nos quadris, observando o litoral da capital do Império enquanto ondas enormes balançam o navio. Atrás dele está toda a sua frota, milhares de navios do Império, voltando para casa após a derrota. Romulus olha para o horizonte quando a neblina começou a se dissipar, e vê um exército de soldados esperando para recebê-lo em terra, como ele suspeitava que fizessem. Seu estômago se contrai - ansioso pelo confronto por vir.

Ragon, claramente, tinha recebido a notícia de sua volta, e reunido todos os seus homens. O general número dois em comando abaixo de Romulus, Ragon certamente já tinha recebido a notícia da morte de Andronicus, do assassinato do antigo conselho por Romulus e de sua ascensão ao cargo de Comandante Supremo. Se Romulus tivesse sido vitorioso, Ragon estaria esperando por ele com desfiles e reconhecimento - ele não teria escolha.

Mas como Romulus está retornando em desgraça, Ragon o espera para recebê-lo de uma forma muito diferente. Ragon, Romulus sabe, está esperando para prendê-lo, para que fique claro para todos os exércitos que Romulus tinha sido destituído do poder, e que Ragon seria o novo Comandante Supremo. Romulus sabe como ele pensa, pois em seu lugar teria feito a mesma coisa.

Mas Romulus não planeja abrir mão do poder tão facilmente. Seus homens, ele sabe, estariam observando o encontro de perto para ver qual comandante sairia vitorioso. Romulus não tinha lutado toda a sua vida para capitular, e independente de quantos soldados ele tenha que enfrentar, é a vez de governar com mão de ferro. Ele aperta o punho da espada até que seus dedos ficam brancos, preparando-se.

O navio de Romulus logo chega à costa, e ele espera pacientemente enquanto seus homens baixam a longa prancha de seu navio até a praia. Assim que eles terminam e se alinham na lateral, a postos, Romulus passa por eles, sem demonstrar qualquer

pressa. Seus homens seguem logo atrás, e ele faz questão de se mostrar calmo e confiante para que todos vejam.

Milhares de soldados do Império, alinhados em formações organizadas, esperam por ele atrás de Ragon. Romulus sabe que seus homens não poderiam vencer a batalha; há muitos deles, todo o corpo principal do exército do Império, à espera de um confronto. Ele teria que ganhar de outra maneira.

Romulus desfila com orgulho até a praia, indo direto para Ragon, sem medo.

Ragon fica parado ali, - alto, musculoso e com seu rosto largo coberto de cicatrizes, - e encara Romulus, ladeado por seus soldados. Romulus caminha até ele e, quando ele para, no silêncio que se segue, os dois se enfrentam determinados.

"Romulus, do primeiro batalhão da Província Oriental do Império," Ragon ajusta sua voz, falando alto o suficiente para ser ouvido por todos os seus homens: "Você está condenado a ser preso e executado pelos crimes contra o Império."

Todos os homens, em ambos os lados, ficam parados ali - imóveis, enquanto a tensão toma conta do ar. Ragon, sem perder tempo, acena para seus homens, e vários de seus soldados dão um passo adiante para prender Romulus.

Ao mesmo tempo, sem a necessidade de uma ordem, vários dos homens de Romulus dão um passo à frente para protegê-lo.

Os soldados param em ambos os lados, olhando para frente e com as mãos em suas espadas, aguardando um comando.

"Qualquer resistência é inútil," grita Ragon. "Você tem dezenas de milhares de homens, - mas eu tenho *centenas* de milhares, e o apoio de todos os países do Império. Renda-se agora e encare uma morte rápida e fácil. Prolongue esta disputa, e seus homens serão mortos, e você torturado."

Romulus olha para trás, em silêncio e sem expressão, planejando cuidadosamente seu próximo passo.

"Se eu me render," Romulus diz, "você promete aos meus homens uma passagem segura?"

Ragon assente.

"Você tem a minha palavra."

"Então eu vou me render com uma condição," declara Romulus. "Que você seja o responsável pela minha prisão. Dê-me, ao menos, esta honra."

Ragon assente, parecendo aliviado.

"Justo."

Ragon pega as algemas de ferro das mãos de um de seus guardas, e dá um passo na direção de Romulus.

"Vire-se e coloque as mãos para trás," ele ordena.

Romulus se vira lentamente, o coração aos pulos, à medida que Ragon se aproxima. Romulus ouve com atenção, concentrando-se no som das algemas, o som indicando que Ragon está perto e prestes a colocar as algemas em seus pulsos. Ele está esperando pelo momento certo.

Romulus sente o metal frio das algemas tocar o seu pulso, e sabe que aquele é o momento certo. Ele se vira de repente e, no processo, dá uma cotovelada no rosto de Ragon, quebrando os ossos de seu rosto. No mesmo movimento, ele pega as algemas das mãos dele e bate com toda força, quebrando o nariz de Ragon.

Os dois exércitos ainda estão frente a frente, sem saber como reagir, pois tudo acontece rápido demais. Romulus aproveita essa hesitação: ele não perde tempo, inclinando-se sobre Ragon, ele ergue a cabeça dele pelos cabelos e segura uma adaga contra o seu pescoço.

Ragon, jorrando sangue, mal consegue respirar quando Romulus pressiona a lâmina contra a sua garganta.

"Diga a eles que você se rende a mim como Comandante Supremo," Romulus ordena.

"Nunca," Ragon responde.

Romulus empurrou a lâmina mais forte contra sua garganta, até que o sangue começa a pingar. Ragon geme, mas não diz nada.

Romulus leva a ponta da lâmina para o olho de Ragon, e assim que ele começa a aplicar pressão, Ragon grita.

"EU ME RENDO A ROMULUS!" Ele grita.

Romulus assente, satisfeito.

"Muito bem," ele diz.

Romulus, em um movimento rápido, corta a garganta de Ragon, que cai no chão, morto.

Romulus fica parado, olhando para os milhares de soldados do Império. Todos os soldados o encaram, - incertos, e Romulus sabe que aquele é o momento da verdade. Com seu líder morto, eles iriam juntar-se a ele?

Romulus continua esperando, observando em silêncio pelo que lhe parece uma eternidade, até que finalmente as fileiras de soldados do Império ajoelham-se diante dele, preenchendo o ar com o som de dezenas de milhares de armaduras tilintando, e abaixam a cabeça em sinal de respeito ao novo líder.

Ele pega sua espada e a ergue acima de sua cabeça, respirando profundamente, apreciando o momento em que toda a força do Império se curva diante dele, finalmente sob o seu comando.

"ROMULUS!" Eles clamam em uma só voz. "ROMULUS!"

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Thor avança em seu cavalo, galopando pela estrada principal que dá acesso à Corte do Rei, seguindo em direção ao sul, - curiosamente a mesma direção de sua cidade natal. Krohn corre atrás do cavalo, como já fazia há horas, acompanhando Thor naquela missão.

É hora de reconstruir a Legião, tempo para uma nova seleção, e enquanto cavalga, Thor tem uma sensação surreal ao partir naquela missão: em vez de estar do outro lado, em vez de estar em sua aldeia, esperando esperançosamente pela visita dos Prata, agora é ele, Thor, que deve fazer o recrutamento. Os papéis haviam se invertido. É uma honra, e ele mal consegue acreditar.

Thor também sente uma tremenda responsabilidade sobre seus ombros: a reconstrução da Legião é uma tarefa sagrada para ele. Ele deve substituir os meninos que tinham dado suas vidas para defender o Anel; ele precisa escolher a próxima geração dos melhores guerreiros. Não é algo que ele encare despreocupadamente, e ele sabe que deve fazer suas escolhas com muito cuidado.

Ao longo de toda a sua infância, Thor havia passado os dias observando o horizonte, sonhando com os grandes guerreiros que poderiam um dia passar por esta cidade, sua humilde aldeia, sonhando em ser escolhido. E agora ali está ele, viajando pelo campo, cavalgando por todas aquelas cidades. É uma honra além do que ele jamais poderia ter imaginado. Ele tem a sensação de que tudo isso é apenas um sonho.

Thor avança sem parar, até que ele e seu cavalo - e Krohn - começam a respirar com dificuldade e, finalmente, ao fazerem uma curva, avistam ao longe uma pequena aldeia. Ele decide ir até lá; ele sabe que todos precisam de uma pausa, e aquela aldeia é um lugar tão bom quanto qualquer outro para começar a Seleção.

Quando se aproxima, Thor vagamente reconhece o lugar pela grande árvore na entrada; eles estão em uma aldeia agrícola, meio dia de viagem ao norte de sua cidade natal. É um lugar que ele

tinha visitado algumas vezes enquanto criança, juntando-se aos seus irmãos para negociarem lã e armas. Ele colocava os pés ali há anos, mas lembra-se que se trata de uma cidade provincial, assim como o lugar onde ele havia crescido, e ele não se lembra das pessoas serem particularmente amigáveis. Se ele se lembra corretamente, a cidade era povoada na época com tipos vulgares que conduziam negociações duras, parecendo indiferentes à quantidade de visitantes que recebiam.

Isso tinha sido há muitos anos, e Thor sabe que sua memória poderia estar distorcida, e ele deseja dar àquela aldeia outra chance. Afinal de contas, é uma aldeia rural, e pode haver alguns bons recrutas ali.

Ao entrar na cidade, levantando poeira quando se aproxima, Thor consegue ver todos os meninos se alinhando, em atenção, esperando ansiosamente. Ele vê os pais atrás deles, ainda mais nervosos. Thor considera o quanto tudo tinha mudado desde que ele mesmo havia esperado pela Seleção. Naquela época, os Prata haviam chegado em carruagens, com uma enorme comitiva de soldados; agora, é apenas ele, Thor. Estes são tempos de vacas magras, e até a Legião e os Prata tenham sido reconstruídos, é preciso tempo para que tudo volte a ser como antes. Thor tinha tido a opção de levar uma comitiva de soldados para acompanhá-lo, mas ele os tinha dispensado. Ele sente que não precisaria de ninguém para acompanhá-lo e que se não pudesse se defender, sozinho, durante sua viagem, então não seria digno da tarefa.

Thor entra na cidade empoeirada, e nuvens de poeira se erguem em torno dele naquele dia quente de verão. Ele para o seu cavalo no meio da cidade e fica ali, olhando para os potenciais recrutas. Há dezenas de meninos alinhados, - a maioria vestida com trapos - parecendo nervosos, e Thor se pergunta se ele tinha a mesma aparência daqueles meninos quanto ainda esperava ser recrutado.

Thor desmonta e caminha lentamente pelo centro da vila, Krohn ao seu lado, passando de menino em menino, analisando cada um deles com cuidado. Alguns parecem estar com medo; alguns sentem orgulho; outros apáticos, indiferentes; e outros ainda mostram-se

ansiosos. Ele vê nos olhos daqueles meninos o mesmo olhar que um dia ele mesmo demonstrou: a maioria quer desesperadamente sair daquele lugar. Eles querem uma vida melhor, viajar a corte do rei, treinar com a Legião, alcançar fama e notoriedade, ver o Anel e as terras mais além. Thor pode facilmente dizer quais daqueles meninos tinham sido colocados ali por seus pais, que não eram combatentes. Ele percebe pela postura deles, pela forma que o observam com certa dureza ou brilho nos olhos.

Quando Thor chega ao fim da linha, ele vê vários meninos mais velhos que são bem mais altos que os outros, com ombros largos. Um deles olha para Thor, analisando-o de cima a baixo em tom de censura. Thor mal pode acreditar em sua insolência: ele nunca teria feito isso com um membro dos Prata.

"Eles mandaram *você* para *nos* escolher?" O menino pergunta para Thor em tom de ironia. Ele é um menino grande, o dobro do tamanho de Thor, e alguns anos mais velho que ele.

"Quantos anos você tem?" O garoto acrescenta, saindo da linha e olhando para Thor com as mãos nos quadris.

"Ele parece mais jovem do que todos nós," diz um rapaz ao seu lado, igualmente prepotente. "Quem é você nos para escolher? Talvez devêssemos escolher por você."

Os outros rapazes entram na conversa com risos, e Thor enrubesce.

"Insultar um membro da Legião é insultar a própria rainha," diz Thor com firmeza, com calma, caminhando em direção ao garoto. Thor sabe que precisa enfrentar de frente este conflito; ele não poderia tolerar um insulto tão público.

"Então eu insulto a rainha," zomba o garoto mais uma vez. "Se ela está *te* mandando para a Seleção, então a seleção deve realmente estar sendo prejudicada."

"Você é um idiota?" Um dos meninos diz para o menino insolente. "Você não sabe com quem está falando? Ele é Thorgrin, o guerreiro mais famoso do Anel."

O grande menino pisca os olhos para Thor com ceticismo.

"Thorgrin?" ele repete. "Eu diria que não. Thorgrin é um grande guerreiro, duas vezes o tamanho de qualquer homem. O portador da

Espada do Destino. Este menino aqui é apenas um garoto, algum menino comum enviado aqui a serviço da rainha."

O garoto dá um passo em frente na direção de Thor ameaçadoramente.

"Diga a rainha para enviar um homem de *verdade* para nos escolher, ou então vir aqui em pessoa," ele diz. Ele então dá um passo adiante e ergue as mãos para o peito de Thor, como se estivesse se preparando para empurrá-lo para trás.

Mas o rapaz não percebe que ele está provocando. Thor agora é um guerreiro endurecido, tendo testemunhado a vida e a morte, no Anel e no Império, e como um guerreiro, ele está sempre altamente sintonizado com qualquer e todos os potenciais movimentos de seus inimigos. Quando o rapaz se aproxima e levanta as mãos, Thor já está em movimento.

Thor dá um passo para o lado, agarra o pulso do garoto e torce o braço dele para trás das costas até que o menino grita de dor, então ele o empurra com força e ele tropeça, caindo de cara no chão.

Os outros meninos assistem em estado de choque; eles não estão mais rindo. Eles ficam parados ali, em silêncio.

Thor vira as costas e caminha para o lado oposto da linha, analisando os outros meninos. Ele ouve um grunhido súbito, e ao se virar vê Krohn, rosnando para o agressor de Thor, que está se levantando do chão e se preparando para atacar Thor pelas costas.

Mas o menino olha para baixo, vê Krohn, e pensa melhor.

Thor se vira e olha para eles.

"Vocês não estão se juntando a Legião," Thor diz para o menino e para seus amigos. "Nenhum de vocês."

Os outros garotos se entreolham, de repente chateados.

"Mas você *tem* que nos escolher!" um deles implora. "Nossos pais vão nos dar uma surra!"

"Nós somos duas vezes o tamanho de qualquer menino aqui!" Grita outro. "Você não pode nos dispensar. Vocês precisam de nós!"

Thor se vira, fazendo uma careta, e caminha até eles.

"Eu não preciso de nenhum de vocês," ele diz. "E o tamanho não importa. Mas a honra, sim. E respeito. Isso é o que constrói um

guerreiro. Duas qualidades que vocês não possuem."

Thor dá as costas para eles e começa a se afastar quando de repente, ele ouve um grito. O maior deles havia saído da formação e estava atacando Thor pelas costas, prestes a dar-lhe um soco na parte de trás da cabeça.

Thor, porém, sente quanto ele se aproxima usando seus reflexos; ele se vira e acerta o queixo do rapaz com sua manopla, levando-o ao chão.

Outro menino corre para Thor, mas antes que possa chegar perto, Krohn o ataca, pulando em cima dele e afundando suas presas no rosto do menino. O menino grita, tentando afastar Krohn, que se contorce sem parar.

"Eu me RENDO!" O menino grita desesperado.

"Krohn!" Thor ordena.

Krohn obedece e o menino fica lá, sangrando e gemendo.

Thor olha para os outros meninos uma última vez, e eles parecem muito arrependidos. A aldeia ainda é, afinal, exatamente como ele se lembrava, e ele sente que havia perdido o seu tempo vindo até ali.

Thor se prepara para sair, quando um rapaz sai da formação na outra extremidade.

"SENHOR!" O menino grita, mantendo sua postura. "Thorgrin, por favor, perdoe-me por falar, mas temos ouvido muito de sua reputação. Você é um grande guerreiro, e eu também gostaria de ser um guerreiro. Eu *anseio* por sê-lo. Por favor, permita que eu me junte a Legião. É tudo o que eu sempre sonhei. Eu prometo ser leal e servir a Legião com tudo o que tenho."

Thor olha para o garoto com ar de dúvida. Ele é jovem e magro, e parece um pouco frágil. No entanto, ele também tem algo em seus olhos, um olhar vazio - de desespero. Thor pode ver que ele realmente quer aquilo, mais do que qualquer um dos outros. Há uma fome em seus olhos que faz Thor ignorar seu tamanho, que o faz pensar duas vezes.

"Você não parece um lutador," diz Thor. "O que você consegue fazer?"

"Eu posso jogar uma lança tão bem quanto qualquer outro homem," o menino responde.

Thor vai até seu cavalo, tira uma lança curta de sua sela, e a entrega ao rapaz.

"Mostre-me," pede Thor.

O menino admira a qualidade da arma, encantado com o punho de ouro e prata, sentindo o seu peso. Thor pode ver que ele está impressionado. Aquela não é uma lança fácil de manejar; se o menino conseguir arremessá-la, será a prova de que ele é realmente tão bom quanto dizia ser.

"Aquela árvore ali," Thor fala, apontando para uma árvore grande, a cerca de trinta metros de distância. "Vamos ver se você consegue acertá-la."

"Que tal a árvore atrás dela?" Pergunta o menino.

Thor olha para a árvore e vê, - uns bons trinta metros atrás dela, uma árvore pequena e estreita. Thor olha para o garoto com surpresa.

"Não conheço ninguém da Legião ou até mesmo dos Prata que consiga acertar aquela árvore daqui," diz Thor. "Você é um sonhador. E eu não tenho tempo a perder com sonhadores."

Thor começa a voltar para seu cavalo, mas ele ouve um grito, e se vira para ver o menino dar vários passos pra frente, levantar a lança, e atirá-la.

A lança voa pelo ar, passando pela primeira árvore e atingindo a segunda. Thor assiste com admiração quando a lança acerta o centro do tronco da pequena árvore, sacudindo-a de modo que suas pequenas maçãs caiam no chão.

Thor olha para o garoto em estado de choque. Aquele tinha sido o lance mais magistral que ele já tinha visto.

"Qual é o seu nome, rapaz?" ele pergunta.

"Archibald," o menino responde com orgulho, bastante sério.

"Onde você aprendeu a usar a lança dessa forma?"

"Muitos dias longos no campo, cuidando do gado, sem nada para fazer. Eu lhe juro senhor, juntar-me à Legião é tudo que eu sempre quis da vida. Por favor, permita que eu me junte à suas fileiras."

Thor assente, satisfeito.

"Ok, Archibald," ele diz. "Faça o seu caminho até a Corte do Rei. Procure o campo de treinamento da Legião. Eu lhe encontrarei em alguns dias. Você terá a oportunidade de fazer os testes."

Archibald sorri e aperta a mão de Thor.

"Obrigado. Muito obrigado!" ele diz, apertando as mãos de Thor.

Thor monta em seu cavalo, seguido por Krohn, e parte em direção à próxima cidade. Apesar do começo difícil, ele se sente encorajado. Talvez esta seleção não seja uma perda de tempo, afinal.

*

Thor continua sua viagem até o segundo sol começar a se pôr, seguindo sempre em direção ao sul, à procura da próxima aldeia. Finalmente, quando o segundo sol está baixo no horizonte, Thor chega a uma encruzilhada em cima de uma pequena colina, e para. Seu cavalo, e Krohn, precisam de um descanso.

Thor estava sentado lá, todos eles respirando com dificuldade, e olhou para a vista de colinas antes dele. A estrada bifurcada, e se ele levou-a para a direita, ele sabia, seria ironicamente levá-lo à sua aldeia natal, a poucos quilômetros ao redor da curva. À esquerda, a estrada bifurcada leste e sul, em direção a outras aldeias.

Thor fica sentado e pensa por um momento em como seria irônico voltar à sua antiga aldeia, ver seus antigos colegas e ser o único a decidir se eles poderiam se juntar a Legião. Ele sabe que há bons rapazes lá, e sabe que é para lá que deve ir. É para lá que suas funções exigem que ele vá.

Mas de alguma forma, no fundo, ele simplesmente não consegue voltar para lá. Ele tinha jurado nunca mais colocar os pés em sua cidade natal novamente. Certamente, seu pai ainda está lá, com seu jeito agressivo e amargo, e ele não quer vê-lo. Certamente a maioria de seus antigos colegas também ainda está lá, os mesmos meninos que tinham sido tão desdenhosos enquanto ele ainda era uma criança, tratando-o com desprezo por ser o filho de um pastor de gado. Ele nunca tinha sido levado a sério por qualquer um deles.

Thor não quer vê-los. Ele não quer voltar e ter sua vingança mesquinha. Ele não quer voltar para sua antiga aldeia de forma

alguma, e gostaria apenas de apagá-la de sua memória, mesmo que isso significasse fugir de seu dever.

Thor finalmente chuta o cavalo e se afasta da estrada que leva à sua aldeia, seguindo, em vez disso, para um território desconhecido.

*

Horas se passam enquanto Thor avança pelo território desconhecido e arborizado, em busca de uma nova aldeia, explorando uma parte do Anel que até então ele não conhecia. A noite começa a cair quando o segundo sol desaparece abaixo da linha do horizonte, e vai ficando mais escuro. Grossas nuvens começam a surgir; logo o céu fica preto, começa a trovejar e em seguida a chover.

Thor fica encharcado, assim como Krohn e seu cavalo, e ele sabe que não pode continuar; eles terão que encontrar algum abrigo para a noite. Ele olha para a densa floresta em ambos os lados da estrada, e decide entrar e procurar abrigo sob uma das árvores.

A floresta está molhada e suja, repleta de grandes árvores, e Thor desmonta, sem querer que seu cavalo se machuque na escuridão. Thor caminhou ao lado dele, tropeçando em raízes retorcidas, com Krohn ao seu lado, aventurando-se cada vez mais dentro da floresta escura.

Thor tira a água da chuva de seus olhos e o cabelo de seu rosto, tentando ver para onde está indo. Não há sinal de abrigo em qualquer lugar, e chuva cai através das árvores.

Finalmente, lá na frente, Thor avista uma caverna escura, - uma pedra enorme que emerge da terra. À medida que a chuva cai com mais força, ele se dirige para o lugar.

Eles entram, e Thor está aliviado por finalmente estar em um lugar seco. A caverna é silenciosa, o único som que eles ouvem é o da chuva do lado de fora. Krohn balança o seu corpo para se secar e o cavalo relincha, todos claramente felizes por estarem fora da chuva.

Thor vai até o final da caverna, apreensivo, certificando-se que eles não estão dividindo o lugar com ninguém, e então finalmente para cerca de vinte metros depois, satisfeito. Ela é uma caverna rasa, mas seca, e grande o suficiente para eles se abrigarem da tempestade.

Thor começa a fazer uma fogueira, colhendo alguns ramos secos que encontra no chão da caverna, e logo o fogo está rugindo, e Thor se lembra dos pedaços de carne seca em sua sela, e decide alimentar o cavalo, Krohn, e ele mesmo.

Thor se senta diante das chamas, esfregando as mãos, tentando se secar -, e Krohn aparece ao lado dele e deita a cabeça em seu colo, enquanto o cavalo fica junto à entrada da caverna, comendo um pouco da grama. Thor mastiga sua carne seca, aquecendo-se na noite surpreendentemente fresca de verão. Ele está sonolento e, logo, seus olhos começam a se fechar.

"Thorgrin," diz uma voz.

Thor abre os olhos e vê Argon em pé sobre ele, olhando para ele dentro da caverna. Argon está ali, com os olhos brilhantes bem abertos, segurando seu cajado e vestido com seu manto e capuz. Thor fica surpreso ao vê-lo ali. Ele olha e vê Krohn dormindo ao lado das brasas da fogueira que se apaga, e se pergunta se tudo aquilo é mesmo real.

"Thorgrin," repete Argon.

"O que você está fazendo aqui?" Pergunta Thor.

"Você veio até mim," responde Argon. "Você me procurou. Nesta caverna."

Thor franze as sobrancelhas, confuso.

"Eu pensei que estivesse perdido," ele diz. "Achei que tivesse feito alguma curva errada. Eu não tive a intenção de vir até aqui."

Argon balança a cabeça.

"Não há caminhos errados," ele fala. "Você está exatamente onde deveria estar."

"Mas onde eu estou?" Pergunta Thor.

"Siga-me e veja você mesmo."

Argon vira, e Thor se levanta e o segue para o lado de fora da caverna. Thor ainda não sabe se ele está acordado ou dormindo.

Lá fora, a chuva parou de cair. Tudo está em silêncio. A floresta é estranha, mal iluminada, não é clara nem escura, como se fosse o crepúsculo, ou um pouco antes do amanhecer. É como se o mundo inteiro ainda estivesse dormindo.

Argon continua andando, e Thor se esforça para acompanhá-lo por uma trilha da floresta. Ele está começando a ficar preocupado em encontrar o caminho de volta para a caverna.

"Para onde estamos indo, Argon?" Thor pergunta.

"Estamos indo completar a sua formação" Argon responde.

"Eu pensei que a minha formação estivesse completa," comenta Thor.

"Apenas uma parte dela," explica Argon. "Não se trata mais do que você precisa aprender. Agora o que importa é o que você precisa fazer."

"Fazer?" Thor pergunta intrigado.

"Esta viagem, esta estrada, a sua cidade, a tempestade, tudo acontece por uma razão. Você veio aqui por uma razão. Chegou o momento para que você encontre uma parte de si mesmo que você ainda não conhece."

Eles finalmente saem do bosque, e diante deles há uma série de colinas.

Thor segue Argon ao topo de uma pequena colina. Ele para, e Thor para ao lado dele.

"Seu problema, Thorgrin," Argon continua, em pé ao lado dele, olhando pra frente com os olhos brilhando, "é que você não percebe o quão poderoso você é. Você nunca percebeu. Você ainda não confia em seu potencial. Você ainda não confia em quem você é. Você é tão dependente de armas e treinamento humanos, dependente de espadas e lanças e escudos... Mas você tem todo o poder que precisa, bem dentro de você. Ainda assim, você tem medo dele."

Thor olha para baixo, envergonhado, percebendo que Argon está certo.

"Eu tenho," Thor admite.

"Por quê?"

"Eu sinto que usar os meus poderes não seria uma luta justa," diz Thor. "Eu sinto que eu preciso provar minhas habilidades a mim mesmo, nas mesmas condições que todos os outros. Eu acho que eu ainda sinto que meus poderes são... algo de que devo me envergonhar."

Argon balança a cabeça.

"É aí que você está errado. O que é diferente em você é exatamente do que você deve ter mais orgulho."

Argon fecha os olhos, respira fundo, levanta os braços e espera. Thor ouve um barulho, então sente um pingo de chuva, e olha para o céu quando a chuva começa a cair novamente.

Ele olha para Argon, espantado.

"Você consegue sentir isso, Thorgrin? Você pode sentir a água que cai sobre nós? Permeando tudo? Sinta-a em sua pele e cabelos e olhos. Inspire-a."

Thor fecha os olhos e estende as palmas das mãos, sentindo as gotas caindo sobre elas. Ele tenta se concentrar, tentando se unir à chuva.

"Agora faça a chuva parar," Argon ordena. "Faça parar de chover. Pare essa chuva."

Thor engole seco, inseguro quanto a suas habilidades.

"Eu não consigo fazer isso," diz Thor.

"Você consegue," Argon declara. "A chuva é apenas água, e água é simplesmente o universo. Somos nós. Agora faça o que lhe pedi. Levante as mãos e faça a chuva parar."

Thor fecha os olhos com mais força, concentrando-se, e levanta os braços. Quando ele faz isso, ele sente suas mãos formigando, e começa a sentir a energia da chuva no ar. É intenso. Pesado. Sem limites.

Thor ergue lentamente as palmas das mãos cada vez mais - acumulando a energia, e assim que o faz, a chuva começa a diminuir. Em seguida a chuva para, e a água paira no ar. Então, Thor reverte o processo, enviando a água de volta para o céu.

O som da chuva cessa e Thor abre os olhos, espantado ao ver a terra seca à sua volta.

"Eu fiz isso?" Ele pergunta surpreso.

"Sim," responde Argon. "Você e somente você."

Argon virou as costas, e ergueu os braços para o céu.

"Há muito mais que você é capaz de fazer, Thorgrin," ele diz. "Você vê a noite? Você vê a escuridão? Ela é apenas um véu. Erga o véu, permita que o dia amanheça. "

Thor fica parado no lugar, completamente boquiaberto.

"Eu?" ele pergunta. "Transformar a noite em dia?"

"A noite é apenas a ausência de luz. Faça com que haja luz. Você agora está avançado o suficiente."

Thor engole seco e fecha os olhos. É difícil para ele imaginar-se com esse tipo de poder, mas mesmo assim, ele estende os braços e ergue as mãos para o céu.

"Sinta-se as fibras da noite," instrui Argon. "Sinta os fios da escuridão. Eles são apenas uma ilusão. O mundo inteiro é apenas uma ilusão. Este, o céu sob o qual vivemos e o céu sob o qual respiramos todos os dias, não é o céu dos homens – ele é o céu da magia, um céu de admiração - um céu de feitiços."

Thor tenta seguir as instruções de Argon, tentando sentir a escuridão. Ele sente um peso enorme nas pontas de seus dedos.

"Agora, Thorgrin," Argon acrescenta, "transcenda a ilusão."

Thor sente as pontas dos dedos em chamas, quase pegando fogo, e ele fecha as mãos e junta os dois punhos. Ele aperta os punhos o máximo que consegue, e sente um calor escaldante percorrer todo o seu corpo. Ele joga a cabeça para trás e grita.

Ao abrir os olhos, Thor fica boquiaberto. Ele vê, diante de seus olhos, que já é dia. A noite havia terminado.

"Toda a natureza está sob seu controle," Argon diz olhando para ele, enquanto Thor ainda parece espantado. "A raposa e o rato, a águia e a coruja. Lá no alto, naquele galho - você vê a coruja? Ela também está sob seu controle. Use o seu poder. Deixe o seu mundo limitado para trás, e veja o mundo através dos olhos dela."

Thor olha para a enorme coruja preta, uma criatura magnífica, fecha os olhos e se concentra. Ao abrir os olhos da coruja, e percebe que são seus próprios olhos; ele está vendo o mundo através dos olhos daquela ave. É uma sensação incrível.

Thor vira o pescoço da coruja, e ele olha em todas as direções, observando a paisagem sem fim. Ele vê além da floresta, acima dos topos das árvores. À distância, ele localiza uma estrada.

"Excelente," diz Argon, parado ao lado dele. "Agora veja onde leva esta estrada."

Thor mantém os olhos fechados, vendo o mundo através dos olhos da coruja e, silenciosamente, ordena que a coruja voe. Ele pode sentir a grande coruja batendo suas asas por cima dele, e logo ela passa voando pelo ar, voando sobre as copas das árvores. Thor observa a paisagem através de seus olhos, olhando para baixo entre as árvores, seguindo a estrada que atravessa a floresta.

A estrada dá várias voltas, e termina em um lugar familiar. Thor fica surpreso ao ver sua cidade natal abaixo dele.

Sozinha, no meio de sua antiga aldeia, há uma mulher que ele fica surpreso ao reconhecer.

Sua mãe.

Ela fica parada ali olhando para o céu, como se estivesse olhando para ele, e ergue os braços.

"Thorgrin!" Ela chama.

"Mãe!" Ele responde.

Thor abriu os olhos com um começo, sacudido fora da visão, e olhou para Argon.

"Minha mãe," ele diz, respirando com dificuldade. "Ela está lá? Na minha aldeia? Como pode ser?"

"Ela espera por você," responde Argon. "É hora de conhecê-la. A sua própria vida depende disso. A pista final que você precisa está lá. Em sua cidade natal."

Thor se vira e olha para a estrada diante dele, pensando.

"Mas como é-" ele começa a perguntar para Argon.

Mas, quando Thor olha, ele não vê ninguém. Argon tinha ido embora.

"ARGON!" Ele grita.

Não há qualquer resposta, salvo pelo som de uma coruja solitária, gritando bem alto no ar.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Selese caminha lentamente até o altar no dia de seu casamento, sabendo que há algo errado. Todas as cadeiras em ambos os lados do corredor estão vazias; ela vê, em seu lugar, fileiras de espinheiros, escuros e ameaçadores. Ao olhar para baixo, ela vê que ratos que correm ao redor de seus pés, e que o corredor, em vez de estar forrado com flores, está repleto de lama. Ela fica apavorada.

Quando ela chega ao final do corredor, Selese olha para cima e vê Reece ali, no altar, esperando por ela. Mas quando ela se aproxima, - desesperada para chegar perto dele, ela nota uma enorme teia de aranha entre eles, e ela se vê andando diretamente até ela, que envolve todo o seu rosto e corpo, grudando nela. Ela se debate histericamente, tentando desvencilhar-se. Ela finalmente consegue arrancá-la, mas então ela nota que está, na verdade, rasgando seu vestido de casamento, deixando-a em trapos.

Selese pisa no altar, tremendo de medo, e olha para Reece.

Ele fica ali, olhando fixamente para ela, sem expressão.

"Eu gostaria de poder me casar com você," ele diz. "Mas eu amo outra pessoa."

Selese fica boquiaberta, sem entender, e então, de repente, uma mulher aparece ao lado de Reece, uma menina bonita, com a mesma idade de Reece. Ela estende o braço, envolvendo o corpo de Reece, e os dois se afastam.

Eles caminham de volta pelo corredor, e Selese fica lá, horrorizada, e assistindo-os partir.

Selese sente o chão tremer sob seus pés, e assiste incrédula quando um buraco é aberto na terra. O buraco cresce cada vez mais, e antes que ela possa sair do caminho, Selese se vê caindo em direção à escuridão.

Ela grita, se debatendo, erguendo os braços para que alguém, qualquer um, possa salvá-la. Mas ninguém aparece

Selese acorda gritando.

Ela se senta na cama, suando apesar da noite fria de verão. Ela olha ao seu redor, tentando entender onde se encontra e o que tinha acontecido.

Aquilo tinha sido apenas um sonho, mas parecia real – real até demais. Ela se senta na cama, ofegante. Ela ergue a mão e esfrega o rosto e cabelo, tentando encontrar a teia de aranha. Mas não há nada - nada, exceto sua pele fria e pegajosa.

Selese olha à sua volta e vê que ainda está na segurança do castelo, no quarto luxuoso que lhe tinha sido atribuído pela rainha, deitada em uma pilha de peles. Uma leve brisa entra pela janela, é uma noite perfeita de verão, e absolutamente nada no mundo está errado.

Ela se levanta, atravessa o quarto e joga água no rosto. Ela respira fundo, esfregando os olhos repetidas vezes, tentando entender tudo aquilo.

Por que ela havia sonhado com aquilo? Ela nunca tinha tido pesadelos em toda sua vida. Por que agora? E por que ele tinha sido tão nítido?

Selese caminha até a janela aberta e fica ali, observando a noite. Sob a luz fraca da segunda lua, ela vê a Corte do Rei em todo o seu esplendor. Ela consegue ver os preparativos para o seu casamento perfeito, tudo em ordem para o seu casamento duplo com Gwendolyn. Mesmo à noite tudo é muito bonito, as flores brilham sob a luz do luar. O casamento ainda está à meia lua de distância, e já está tudo pronto. Selese se sente em êxtase ao imaginar o espetáculo que seria.

Selese reconhece a honra de se casar junto com Gwendolyn, e se sente muito grata pela gentileza de sua futura cunhada em compartilhar a data com ela. Ela também se sente completamente apaixonada por Reece. Selese não precisa de nada disso; tudo o que ela quer é estar com ele.

Mas, quando Selese olha para baixo, tudo o que ela vê é o seu sonho. Aquele corredor horrível; os espinhos; a teia de aranha; sua queda no enorme buraco; a outra mulher. Aquilo tudo seria verdade? Aquilo tinha sido apenas um sonho horrível – ou alguma forma de presságio?

Selese olha para as nuvens atravessando o céu, e gostaria de poder dizer a si mesma que tudo aquilo eram apenas devaneios noturnos. Talvez fosse apenas o stress das preparações para o casamento.

Mas no fundo, Selese não consegue evitar a sensação de que há algo a mais. Ela não consegue deixar de sentir que Reece, lá fora em algum lugar, está em terrível perigo.

E, ao olhar para a beleza de todas as preparações de seu casamento, ela não consegue deixar de sentir, com um profundo sentimento de medo, que seu casamento não aconteceria.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Reece agarra a grossa corda atada, inclinando-se sobre a borda do navio, e vomita mais uma vez, à medida que o navio continua balançando violentamente, como fazia desde que haviam deixado o continente. Ainda segurando a corda, Reece se esforça para se endireitar, ficando em pé e limpando a boca com as costas da mão, grato por estarem perto.

Apesar do mês de verão, Reece sente um calafrio. O clima é implacável nas Ilhas Superiores, - pelo menos vinte graus a menos que no continente; as correntes marítimas também são mais turbulentas, e a água do oceano é carregada pelo vento, mantendo-o sempre úmido. A viagem tinha sido terrível, navegando contra o vento por águas movimentadas que jogavam o barco sem parar, para cima e para baixo, durante todo o caminho - fazendo quase todos os passageiros vomitarem.

Reece não sabe como tinham conseguido chegar até ali, naquele oceano em fúria em um lugar desolado. A jornada não tinha sido longa, mas ainda assim parece que tinham viajado durante anos. Há algo sobre o clima dali, naquela infinita paisagem cinza, que o deixa de mau humor. O frio úmido tinha sido absorvido pelos seus ossos, e ele mal pode esperar para pôr o pé em terra firme e sentar-se diante de uma lareira.

Krog está ao lado de Reece, também agarrado ao corrimão, mas sem vomitar tanto quanto os outros. Pelo contrário, ele sorri para Reece.

"Parece que um de nós tem um estômago mais forte do que o outro," zomba Krog, sorrindo abertamente.

Reece prende a respiração, limpando a boca. O bom humor de Krog torna tudo pior.

"Eu te odeio," Reece declara.

Krog sorri ainda mais.

"Por que você se juntou a mim nesta viagem?" Pergunta Reece. "Para me ajudar? Ou para me torturar?"

Krog sorri, dando um tapinha no ombro Reece.

"Talvez um pouco de ambos," Krog responde.

Reece balança a cabeça, tomado por mais uma onda de náusea. Ele não está no clima para lidar com Krog.

"Eu nunca deveria ter salvado a sua vida," diz Reece.

"Você está certo," responde Krog. "Esse foi o seu primeiro erro. Agora você vai ter que me aturar, a lealdade não acaba tão facilmente."

"Você chama isso de lealdade?" Pergunta Reece. "Você tem um jeito engraçado de mostrar isso."

Krog dá de ombros e se vira.

O navio é jogado para o lado e, ao olhar para cima, Reece olha vê quando eles desviam de um longo trecho de rochas até finalmente chegarem à costa e atracarem no ancoradouro com um solavanco. Os homens correm e soltam a âncora ao lado da frota de Gwendolyn, em seguida, correm para baixar as pranchas e recolher as velas.

Sirenes soam em toda a frota de navios de Gwendolyn, seu padrão único anunciando a chegada de um membro da família real, e na costa Reece pode ver alinhados, dezenas de soldados de Gwen, prontos para recebê-lo em uma demonstração de respeito. Reece nota que os homens de Tirus não compareceram para recebê-lo.

Em pé diante de todos os homens, Reece localiza Matus, o filho mais velho de Tirus, seu primo, a única pessoa ali de quem ele se lembrava com carinho desde a sua juventude. Ele corre pra frente, protegendo os olhos da neblina e ajudando os outros a baixarem as pranchas, claramente animado com a chegada de Reece.

Os homens de Reece terminam de descer a prancha e Reece se apressa para desembarcar, seguido por Krog e os demais; o vento ganha força e a chuva começa a cair quando Reece chega à costa.

Matus corre na frente e abraça Reece, segurando em seus antebraços.

"Bem vindo, meu Senhor," diz Matus.

"Eu não sou um senhor," responde Reece, "Eu sou apenas um membro da família real, assim como você, primo. Obrigado por me receber."

Matus sorri.

"Eu não poderia deixar de fazê-lo. Srog pede desculpas por não ter vindo, - mas ele foi detido por uma questão urgente na Corte e me pediu que lhe mostrasse o lugar primeiro – e então que o levasse até o castelo, se você não se tiver objeções."

Agora é a vez de Reece sorrir.

"Eu adoraria," ele declara. "De qualquer modo, eu tinha a intenção de primeiro visitar a ilha."

Os dois se viram e começam a se afastar, Reece caminhando ao lado de Matus, e todos os homens seguindo atrás deles.

Eles andam por horas, cobrindo todo o território das Ilhas Superiores, e o sol finalmente surge de trás das nuvens enquanto Matus o coloca a par de todos os acontecimentos. Os dois conversam como irmãos, e Reece se lembra de como eles costumavam ser próximos quando crianças e como sempre tinham se dado bem. Eles eram os mais novos de seus irmãos e, tendo a mesma idade, ambos sabiam o que significava crescer em uma família real ambiciosa.

Eles relembram a infância deles, conversando sobre todos os assuntos das famílias MacGil, e quando Reece passa por várias cidades e aldeias, algumas memórias de sua infância voltam em flashes. Ele se lembra de ter brincado em determinados lugares, ou de esperar por seu pai do lado de fora de alguns fortes. Ele ainda lembra que, mesmo naquela época, aquele era um lugar frio, duro, com um clima que ele não havia apreciado.

Enquanto continuam caminhando, Reece observa todos os moradores que vê pelo caminho, e nota que eles não parecem ser muito amigáveis. Ele sente uma tensão no ar.

"É muito diferente estar aqui agora do que quando éramos jovens," diz Reece. "Quando eu era criança, havia uma harmonia na nossa chegada, com grande respeito e admiração pelo meu pai. Agora, eu vejo um pouco de frieza em seu povo."

Matus balança a cabeça em tom de desculpa.

"Peço desculpas por eles," ele fala. "Você realmente tem um olhar apurado. Nosso povo ainda está chateado com o destino de Tirus. Eles se sentem humilhados pelo fracasso da invasão ao Anel. Eles estão descontentes. Essa é a sua natureza. Eles são um

povo obstinado. Eu sou daqui, e ainda assim ainda não os entendo completamente. Mas, por outro lado, eu nunca me senti muito parecido com qualquer um deles."

"Não," concorda Reece, valorizando a honestidade de Matus, "você sempre foi parecido conosco. Às vezes eu acho que você nasceu do lado errado da família real."

Matus cai na gargalhada.

"Eu também acho que sim."

Eles continuam andando, seguidos por Krog, mais perto do que o resto da comitiva. Quando Matus olha para trás, ele olha para Reece com um olhar curioso.

"Quem é seu amigo?" Pergunta Matus.

Reece faz uma careta.

"Ele não é meu amigo," responde ele.

"Você acaba de dizer uma verdade," Krog entra na conversa.

"Eu lhe disse para esperar por mim no navio," Reece fala para Krog, exasperado.

Mas Krog havia ignorado a ordem e continuado a segui-lo com uma mão apoiada em sua espada, olhando atentamente para os lados como se estivesse à procura de perigo.

"Tenho a intenção de protegê-lo," afirma Krog.

"Eu não preciso de proteção," diz Reece, irritado.

"Eu pretendo pagar minha dívida," afirma Krog. "E eu não confio nos moradores dessas Ilhas Superiores."

Matus ergue uma sobrancelha.

"Seu amigo é sempre assim, suspeitando de tudo?" Pergunta Matus, olhando por cima do ombro.

Reece dá de ombros, irritado, mas resignado com o fato de que Krog é incontrolável.

"Ele não é meu amigo," Reece repete.

Eles continuam a caminhada e, finalmente, se aproximam do topo de uma pequena colina. De lá Reece localiza, não muito longe, um pequeno lago nas colinas. Ele observa uma mulher, carregando um balde vazio, ajoelhar-se ao lado do lago e começar a enchê-lo.

Reece observa a cena com curiosidade. Há algo sobre a mulher que lhe parece familiar, mas ele não consegue descobrir o quê.

Reece dá vários passos mais perto, examinando o seu perfil, tentando descobrir de onde ele a conhecia.

Então, de repente ela ergue o balde, virando-se, e olha para ele. Ela parece chocada ao vê-lo, e fica paralisada.

Ela fica parada ali, e quando seus olhos cruzam com os de Reece, o balde escorrega de suas mãos, caindo aos seus pés. Ela nem se dá ao trabalho de olhar para baixo.

Reece não conseguiria se mexer nem se alguém é empurrasse. Seu coração bate em seu peito enquanto ele olha nos olhos dela, perdendo a noção do tempo e do lugar. Seu olhar é hipnótico, e aqueles são olhos que ele conhecia, - olhos que estavam guardados em sua consciência. São os olhos com que ele havia sonhado por muitos anos.

Para ali, a poucos metros de distância, Reece se surpreende ao ver sua prima, Stara. Seu amor de infância. A garota que o tinha deixado acordado por várias noites, sonhando acordado. A menina que ele nunca havia realmente esquecido. A garota com quem ele havia sonhado secretamente em se casar durante a maior parte de sua vida.

Lá está ela, e agora ela havia se tornado a mulher mais bonita que ele já tinha visto.

Enquanto Reece olha fixamente em seus olhos azuis claros, por mais que tente, ele simplesmente não consegue pensar em Selese. Todas as lembranças da mulher com quem ele está prestes a se casar somem de sua cabeça. Ele não consegue evitar - Reece está completamente hipnotizado por Stara.

E quando ela olha para ele com seus olhos azuis cristalinos, com o lago atrás dela, Reece percebe que ela está como igualmente hipnotizada por ele. O amor deles, o sentimento mais forte que Reece já tinha sentido em toda sua vida, - tão forte que lhe dói, nunca havia morrido; ele nunca tinha sequer diminuído.

Reece se obriga a voltar seus pensamentos para Selese, para seu casamento. Mas ali, em pé diante de Stara, ele é incapaz de pensar em qualquer outra coisa. Ele está nas garras de algo maior que ele mesmo, algo que ele não entende. Enquanto continua parado ali, ele sabe que o destino havia intercedido, e que sua vida

e as vidas de todos ao seu redor, quer ele queira ou não, está prestes a mudar para sempre.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Bronson se senta no salão de festas de seus pais, no antigo castelo McCloud, sentado à cabeceira da longa mesa, com Luanda ao seu lado. Sentados diante dele na mesa, em ambos os lados, estão membros da família McCloud e MacGil, todos eles guerreiros experientes, aderindo ao seu lado da mesa, sem se misturar com os outros apesar dos esforços de Bronson. Bronson observa a cena, e sua cabeça dói. Nada está saindo como ele havia planejado.

Bronson, em um ato de desespero, havia convidado todos aqueles guerreiros para uma festa, para tentar aproximá-los, e acabar de vez com todas as suas diferenças. Ele havia escolhido representantes de clãs em conflito de ambos os lados das Highlands, e tinha organizado uma grande festa em sua homenagem, repleto de música, vinho e comida deliciosa. E, no entanto, até o momento, a noite não está indo muito bem. Cada um deles continua restrito ao seu lado da mesa, conversando com seus próprios companheiros de clã, e ignorando os outros. Ambos os lados da mesa estão agindo com teimosia, como duas crianças que se recusam a olhar um para o outro. A festa está sendo estranha na melhor das hipóteses, e Bronson começa a se perguntar se ele tinha cometido um erro ao tentar aquilo.

Aquele banquete é a continuidade de horas de festividades, um mini-festival que Bronson tinha contratado para celebrar o casamento de um membro do clã MacGil a uma noiva McCloud. A princípio o casamento seria simples, em um vilarejo humilde no lado MacGil das Highlands; mas quando Bronson tinha ouvido falar dele, havia insistido que o casamento fosse um grande evento público. Isso era exatamente o que ele precisava, e ele pessoalmente pagou as despesas da grande festa, pensando que aquele seria o evento perfeito para aproximar os dois lados em conflito. Aquele jovem casal estava realmente apaixonado, e Bronson esperava que talvez o seu amor e boa vontade se espalhassem para o povo.

O casamento, no entanto, tinha sido uma situação estranha, com os membros dos dois clãs apartados, e as famílias do noivo e noiva recusando-se a interagir, sem aprovar a união.

Ela havia continuado no salão de festas, e Bronson pensava que o clima seria mais relaxado durante a noite, após o casamento, depois de toda a dança, uma vez que os homens estivessem relaxados com bebida e uma boa refeição.

Ainda assim, ali estão eles, tarde da noite, a noiva McCloud sendo a única McCloud no lado MacGil da mesa. Bronson tinha tentado quebrar o gelo muitas vezes durante a noite, mas nada parecia funcionar.

"É melhor você fazer alguma coisa," Luanda sussurra em seu ouvido.

Ele se vira e olha para ela. Ela se inclina para perto, olhando-o atentamente.

"Esta festa está sendo um fracasso; não está melhorando a situação entre eles. E se isso não funcionar, nada vai. Você deve uni-los de alguma forma. Eu não gosto do que vejo."

"E o que é que você vê?" Pergunta Bronson.

"A guerra surgindo entre os dois clãs."

Bronson se vira e olha para o salão, sentindo a tensão no ar, e em algum nível, ele sabe que ela está certa. Luanda tem o talento de sempre ver as coisas como elas são.

"Um brinde!" Bronson grita, ficando em pé e batendo sua caneca na mesa até que todos se silenciam.

Bronson sabe que havia chegado o momento de tomar uma atitude, de ser um grande líder. Ele deve definir o tom da harmonia entre os dois clãs.

"Um brinde a duas grandes famílias!" Ele declara. "Para dois grandes clãs, reunindo-se em paz. É incrível como o amor pode nos unir. Vamos todos seguir o grande exemplo do casal e nos unir, de ambos os lados das Highlands, para criar uma nação, um Anel, em harmonia uns com os outros."

A noiva e o noivo levantam suas canecas, assim como vários outros do lado MacGil; no entanto, ninguém no lado McCloud faz o menor esforço. Bronson percebe que os MacGil estão mais abertos à

paz do que os McCloud. É surpreendente: tendo crescido entre os McCloud, ele sabe que eles são obstinados.

"Eu tenho uma idéia melhor!" Grita Koovia, em pé no meio do clã McCloud, batendo sua caneca na mesa e erguendo a voz para chamar a atenção de todos. Ele parece bêbado, com o rosto vermelho de desprezo, e Bronson não gosta do que vê.

O quarto se acalma, enquanto todos os olhos se voltam para ele.

"Eu sugiro que o nosso novo líder, Bronson, prove ser um líder – em vez de ser o fantoche da garota MacGil!"

Os McCloud aplaudem, e o rosto de Bronson fica vermelho. Antes que ele possa responder, Koovia continua:

"Um verdadeiro líder do reino McCloud faria valer seus privilégios reais em uma noite de núpcias!" Koovia acrescenta.

Os guerreiros McCloud gritam e aplaudem, batendo suas canecas na mesa, animados pela bebida em excesso.

"Do que ele está falando?" Luanda pergunta para Bronson, confusa, à medida que o salão irrompe em um clamor.

Mas Bronson está irritado, ocupado demais para responder a pergunta dela.

"Você não pode estar falando sério!" Bronson grita de volta para Koovia.

"Claro que estou!" Koovia responde. "Seu pai teve o privilégio, muitas vezes. Qualquer verdadeiro rei McCloud deve fazê-lo, isto é, se você realmente é o rei."

Os McCloud dão mais gritos de aprovação, batendo com as suas canecas.

"O que é que ele está dizendo?" Um guerreiro MacGil finalmente pergunta confuso.

"Eu falo do defloramento da noiva na noite de núpcias!" Koovia explica desafiadoramente para os MacGil.

Todos os MacGils no seu lado da mesa de repente ficam em polvorosa, resmungando com raiva para os McCloud.

Bronson detecta um movimento com o canto do olho, e vê vários soldados McCloud circulando ao redor do salão e barrando todas as saídas.

Bronson sente um vazio na boca do estômago quando ele percebe aquilo tinha sido uma armadilha. Ele havia caído em uma armadilha, conduzida por Koovia.

"Você nos enganou com sua festa!" O guerreiro MacGil grita para Bronson em tom de acusação.

Bronson gostaria de lhe dizer que ele não sabia nada sobre aquilo, mas antes que ele possa responder, Koovia intercede.

"Vocês estão completamente cercados!" Koovia grita para os MacGil. "Não há nenhuma saída. Entreguem a noiva. É hora de nosso rei passar um tempo com ela. E se ele não o fizer – nós o faremos!"

Os McCloud aplaudem, - completamente embriagados, enquanto todos os MacGil sacam suas espadas. Os McCloud também fazem o mesmo.

Enquanto eles se encaram, frente a frente, Koovia caminha ao redor da mesa até Bronson, seguido por vários de seus homens, e Bronson se levanta para encará-lo.

"Pegue a noiva, e você será o nosso líder" diz Koovia para Bronson. "Caso contrário, você vai enfrentar a morte pelas minhas mãos, e eu serei o novo rei McCloud".

Os soldados McCloud aplaudem.

Bronson olha para Koovia. Ele tinha sido encurralado, e sabe que deveria ter pensado melhor. Ele sabe que seu povo sempre via a bondade como uma fraqueza, mas eles estão agindo como selvagens.

"Você pode tomar o reinado de mim, se quiser," Bronson responde calmamente, "mas você não terá a noiva. Você terá que me matar primeiro."

Koovia faz uma careta.

"Como eu pensei," ele diz. "Um líder patético até o fim."

Bronson desembainha a espada e bloqueia o caminho do Koovia até a noiva.

Koovia também pega sua espada; a tensão aumenta quando os dois se preparam para o confronto.

De repente, Luanda dá um passo adiante, ficando entre eles, e com calma estende a mão e a coloca suavemente sobre a espada de

Koovia.

"Bronson não sabe o que diz," ela afirma. "É claro que ele vai exercer as suas funções régias."

Koovia olha para trás, desprevenido.

"Você é um homem grande e forte," continua Luanda. "Abaixe a sua espada, e eu me certificarei de que Bronson faça como você diz. O sangue não precisa ser derramado aqui esta noite."

Koovia olha para ela e, em seguida, lentamente relaxa, abaixando ligeiramente a sua espada. Ele a olha de cima a baixo e sorri.

"Você também não é de se jogar fora," diz Koovia. "Depois que Bronson concluir suas funções com ela, pode ser que eu faça o mesmo com você."

Ela sorri para ele.

"Eu adoraria isso, meu Senhor," Luanda fala. Ela se aproxima e sussurra em seu ouvido. "Faz bastante tempo que eu não durmo com um senhor de verdade."

Koovia abre um largo sorriso e Luanda se afasta um pouco e retribui o gesto. Ele relaxa ainda mais e, assim que o faz, Luanda parte para a ação.

Luanda rapidamente saca um punhal escondido em sua cintura e, virando-se, esfaqueia a garganta de Koovia em um movimento rápido.

Seus olhos se arregalam enquanto o sangue jorra sobre o seu peito, e ele leva as mãos ao pescoço.

Mas já é tarde demais. Ele cai de joelhos e, em seguida, pra frente, de cara no chão - morto.

Todo o salão olha para ela em choque.

Um momento depois, os dois clãs começam a se enfrentar com um grande grito de batalha, ambos com o objetivo de matar o outro.

Enquanto Bronson continua ali, no meio de tudo aquilo, ele sabe, sem dúvida alguma, que a próxima guerra do Anel acaba de começar.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Thorgrin sente algo lambendo seu rosto, e ao abrir os olhos vê Krohn em pé ao seu lado. Ele acorda lentamente, desorientado, e após se sentar começa a se perguntar onde ele se encontra. Ele vê seu cavalo, ainda em pé perto da entrada da caverna, e se lembra de ter ido até ali, atravessando a floresta na noite anterior, debaixo de uma chuva torrencial. Agora a luz do sol entra pela caverna, pássaros cantam e não há qualquer sinal da chuva, e Thor se sente desorientado, e se pergunta se tudo aquilo tinha realmente acontecido.

Seu encontro com Argon tinha realmente acontecido? Ou teria sido apenas sonho? Ou algo entre os dois?

Thor se levanta e esfrega os olhos, tentando distinguir o sonho da realidade. Ele olha à sua volta, procurando por Argon, mas ele está longe de ser encontrado. Uma onda de calor percorre todo o seu corpo, e Thor se sente mais forte do que nunca. Eles realmente haviam treinado? Thor sente que sim.

Acima de tudo, Thor sente que uma mensagem tinha sido transmitida, e ele ainda pode ouvir o eco em seus ouvidos. Sua mãe. A última pista para encontrá-la o aguarda em sua cidade natal. Seria verdade?

Thor vai até a beira da caverna e dá alguns passos para fora e olha para a floresta. A água pinga de galhos sob o sol da manhã, e a floresta está viva com os sons de animais e insetos despertando para o dia. Ele olha para o sol da manhã e para os desenhos dos raios de sol nas plantas, e seu sonho o acompanha como uma sombra. Ele sabe, com absoluta certeza, exatamente o que ele precisa fazer; ele precisa voltar para sua cidade natal. Ele precisa ver por si mesmo se a pista final está lá. O caminho para encontrar sua mãe.

Thor salta sobre seu cavalo e começa a cavalgar, seguido por Krohn, atravessando a floresta. Ele intuitivamente sabe o caminho desta vez, a maneira exata para sair daquela floresta, o caminho que levar à sua cidade natal. Ele fecha os olhos enquanto cavalga e se

lembra de ter visto toda a floresta através dos olhos da coruja, reconhecendo toda a paisagem, e já não se sente perdido. Ele olha para a natureza ao seu redor, ouvindo os ruídos dos animais, e ele se sente unido a eles; ele se sente mais forte, onipotente, como se pudesse ir a qualquer lugar no mundo e não se perder.

Thor logo chega ao limite da floresta e localiza a estrada à sua frente, estendendo-se por montes e vales, até o cruzamento que leva para a sua aldeia. Ele reconhece as montanhas ao longe, a estrada que ele havia tomado durante toda a sua infância para deixar sua aldeia.

Thor olha para ela com um sentimento de apreensão. Uma parte dele realmente não quer voltar para sua cidade natal. Ele sabe que quando ele chegasse encontraria todos aqueles meninos, e seu pai, esperando para cumprimentá-lo, paternalista e condescendente. Ele já pode sentir os olhares do povo aldeia, de todos os garotos com quem ele havia crescido. Eles não o veriam como a pessoa que ele é; eles ainda o veriam como o menino que eles conheciam, - o filho mais novo de um pastor, alguém não deveria ser levado a sério.

Mas Thor chuta seu cavalo, determinado. Isso não dizia respeito a eles, e sim sobre a sua missão mais importante. Ele os toleraria pela chance de encontrar sua mãe.

Thor avança pela estrada, em direção à vila. Ele se prepara ao fazer uma curva, desacelerando seu cavalo, e finalmente entra pela cidade, a pequena aldeia agrícola entediante de que ele se lembrava, sem sequer uma parede adequada ao seu redor, ou um portão para marcar sua entrada. Enquanto Thor crescia, ele acreditava que aquele era o melhor lugar do mundo. Mas agora, depois de ter ido a tantos lugares e, visto tantas coisas, aquela cidade parece pequena e patética. Ela é apenas mais uma aldeia pobre, sem nada de especial, um lugar para pessoas que não tinham tido sucesso em outro lugar, e que tinham se contentado com aquela região pobre e esquecida do Anel.

Thor se vira e segue pela rua principal da sua aldeia, preparando-se na expectativa de encontrá-la movimentada, como costumava estar, com todos os rostos de seus conhecidos. Mas o

que ele vê o surpreende: as ruas não estão como ele esperava, - cheias de pessoas, animais e crianças. Em vez disso, elas estão completamente vazias. Desoladas. Sua aldeia tinha sido abandonada.

Thor não consegue entender a visão diante dele. Aquela é uma típica manhã de sol, e não faz sentido as ruas estarem vazias. Quando ele olha mais de perto, ele fica surpreso ao ver que muitos dos edifícios tinham sido destruídos, reduzidos a pilhas de escombros. Ele olha para baixo e vê alguns rastros nas ruas, - sinais de um grande exército que havia passado por ali. Ele olha para as casas de pedra, e vê manchas de sangue em algumas delas.

Com o olho de um soldado profissional, Thor percebe imediatamente o que tinha acontecido aqui: o Império. O exército do Império havia invadido aquela região do Anel, e claramente tinha passado por aquela aldeia pobre; as pessoas dali tinham tido o azar de estarem em seu caminho, e o lugar havia sido dizimado. Tudo que Thor havia conhecido uma vez tinha sido destruído, como se nunca tivesse existido.

Thor desmonta e caminha melancolicamente pelas ruas, sentindo-se mal enquanto caminha pelos escombros de estruturas que ele mal reconhece. Lentamente ele se dá conta de que todas as pessoas que um dia haviam vivido ali tinham fugido ou estavam mortas.

É uma sensação estranha. O lugar que ele havia tido como seu lar, tinha sido abandonado. A coisa mais estranha disso tudo é que Thor não tinha tido vontade de voltar ali e teria ficado feliz em nunca mais colocar os olhos sobre aquele lugar novamente; e, no entanto, agora que ele o vê assim, ele sente remorso. Ver a cidade assim faz Thor sentir, estranhamente, como se ele não tivesse mais um lar no mundo, nenhum traço de suas origens.

Onde seria seu verdadeiro lugar no mundo? Thor se pergunta. Esta deveria ser uma pergunta fácil de responder, e quanto mais Thor vive, mais ele percebe que essa é a pergunta mais difícil de todas.

Thor ouve o barulho de um pote e, quando ele se vira, vê uma pequena casa de campo, ainda de pé, com uma parede destruída. A

porta está entreaberta, e Thor coloca a mão no punho de sua espada, se perguntando se haveria algum soldado ferido lá dentro, ou talvez um saqueador.

Enquanto observa a entrada, uma mulher velha e pesada sai da casa segurando um pote, vestida com trapos. Ela leva sua panela, transbordando de água, até uma pilha de madeira. Assim que coloca o pote sobre a pilha, ela olha para cima e vê Thor.

Ela pula para trás, assustada.

"Quem é você?" Ela pergunta. "Ninguém passa por aqui desde a guerra."

Thor mal a reconhece; ela é uma das mulheres mais velhas da vila, que vivia perpetuamente curvada diante de sua casa de campo, cozinhando.

"Meu nome é Thorgrin," ele diz. "Não lhe desejo mal nenhum. Eu costumava viver aqui. Fui criado aqui."

Ela aperta os olhos enquanto olha para ele.

"Eu sei quem você é," ela fala. "Você é o mais novo dos irmãos," ela acrescenta com ironia. "Dos filhos do pastor."

Thor enrubesce. Ele não gosta que as pessoas ainda pensem nele dessa forma; não importa quanto honra ele conquiste isso nunca iria mudar.

"Bem, não espere encontrar alguém aqui," continua ela, franzindo o cenho, ajeitando as chamas de sua fogueira. "Eu sou praticamente a única pessoa que resta."

Thor de repente tem uma idéia.

"E meu pai ainda está aqui?"

Thor sente um nó na garganta com a idéia de vê-lo novamente. Thor espera secretamente que não tenha que fazer isso, mas ao mesmo tempo, torce para que ele não esteja morto. Por mais que ele odeie o homem, por alguma razão, o pensamento o incomoda.

A mulher dá de ombros.

"Verifique por si mesmo," ela diz, em seguida, o ignora, voltando-se para seu guizado.

Thor continua a andar pela aldeia, agora uma cidade fantasma, com Krohn em seus calcanhares. Ele vaga pelas ruas até que,

finalmente, chega a sua antiga casa.

Ele vira a esquina e espera vê-la ali, como sempre, e fica chocado ao ver que resta apenas uma pilha de escombros. Não há mais nada. Nenhuma casa. Ele espera ver seu pai, de cara amarrada, à espera dele. Mas ele também não está lá.

Thor caminha lentamente até a pilha de escombros, acompanhado por Krohn, que geme como se pudesse sentir a tristeza de Thor. Thor não sabe por que ele está triste. Ele odiava este lugar; e ainda assim, por alguma razão, aquilo o incomoda.

Thor vai até a pilha de pedras e chuta com a ponta do pé, vasculhando em busca de alguma coisa, sem saber exatamente o quê. Alguma pista, talvez. Alguma idéia. Procurando pelo que havia feito com que ele fosse até ali. Talvez vir até ali tinha sido um erro? Talvez ele fosse um tolo por seguir sua intuição? Talvez nem houvesse qualquer pista que pudesse levá-lo à sua mãe?

Após vários minutos, Thor termina de procurar entre as pedras. Ele suspira, se preparando para ir embora. Aquilo tudo tinha sido um erro. Não havia mais nada para ele ali, apenas fantasmas do que um dia havia existido.

Quando Thor começa a se afastar, Krohn de repente dá um gemido. Thor se vira e vê Krohn de longe, do outro lado do quintal, perto da pequena estrutura onde Thor costumava ficar, longe do resto da família. Krohn geme, olhando para o chão e vasculhando as pedras, como se estivesse pedindo que Thor voltasse.

Thor corre e se ajoelha ao lado de Krohn, olhando para os escombros.

"O que foi, rapaz?" Pergunta Thor, acariciando a cabeça dele. "O que você vê?"

Krohn choraminga, colocando a pata sobre uma grande rocha, e Thor se abaixa e puxa a pedra pesada. Ele continua retirando as pedras, até que finalmente ele encontra algo. Alguma coisa brilha, refletindo a luz do sol.

Thor estende o braço, coloca a mão na fenda, e retira o objeto do meio dos escombros. Ele segura algo pequeno nas mãos, e ao remover toda a poeira ele olha para o objeto, admirado. Ele é

amarelo, redondo e brilhante, e Thor percebe finalmente que se trata de um medalhão de ouro.

Há uma inscrição antiga, em uma língua que Thor não consegue entender. Thor passa os dedos ao longo da borda do medalhão, e encontra algo parecido com um fecho. Ele o aperta, e o medalhão se abre.

Para surpresa de Thor, ele vê uma inscrição em ouro de um lado, e uma flecha de ouro rodando do outro. A seta se move toda vez que ele mexe nela, voltando a apontar na mesma direção. Toda vez que ele gira a seta, ela volta a se ajustar.

Thor esfrega a sujeira e lê a inscrição, agora em uma linguagem que ele conhece. Enquanto lê as palavras, seu coração parece parar de bater.

Para o meu filho. Thorgrin. Siga a seta. Ela irá levá-lo até mim.

Com o coração acelerado, Thor se levanta e ergue o medalhão, e vê que a seta aponta para uma direção em particular. Ele olha para o céu, para o horizonte, e sabe imediatamente que a seta o levaria para a Terra dos druidas.

Enquanto segura o medalhão, Thor sente uma tremenda força correndo pela palma de sua mão e atravessando todo o seu corpo. Ele sabe que aquilo é real, e tem certeza de que havia chegado o momento de encontrar sua mãe. Havia chegado a hora de descobrir a verdade sobre quem ele realmente era - e quem ele estava destinado a ser.

Thor olha para o céu, e decide que assim que seu filho nascesse, assim que o casamento tivesse sido realizado, ele iria embora.

Thor olha para o horizonte, e sente sua mãe mais perto do que nunca.

"Tenha paciência, mãe," ele pede. "Eu estou indo te buscar."

CAPÍTULO TRINTA

Gwendolyn fica nos terraços superiores do seu castelo, olhando para Corte do Rei, observando todos os preparativos para o seu casamento e admirando a magnífica paisagem da cidade reconstruída. Agora que todos haviam deixado o castelo no Dia da Partida, Gwen precisa de um tempo para si mesma, um tempo sozinha ali. Aquele é um belo dia, o sol está brilhando e uma brisa quente de verão balança os galhos das árvores carregadas de frutas, e Gwen está apreciando o ar fresco.

Ela ouve um grito e, quando olha para cima, vê Ralibar voando alto, cruzando o ar com Mycoples, voando em círculos largos em torno da Corte do Rei. Gwen sorri, pensando em seu passeio matinal com Ralibar, lembrando como ele tinha sido gentil naquela manhã. Os dois haviam se aproximado bastante, como se ele soubesse que ela estava grávida, e ele estava voando com mais cuidado nos últimos dias. Ela se tranqüiliza ao vê-lo voar em círculos sobre a Corte, como se estivesse sendo vigiada e protegida.

Gwen olha para o horizonte e sabe que Thor está lá fora em algum lugar e que ele voltaria em breve, e então, finalmente, eles não teriam mais nada a temer. Tudo está perfeito agora, mas ainda assim, ela não consegue evitar a sensação de que há algo ruim prestes a acontecer, algo que afetará a todos. Seria verdade? Ou apenas sua própria mente pregando peças nela? Sua cabeça está repleta de preocupações relativas ao governo de seu reino, e é difícil para ela pensar com clareza.

"Os assuntos de Estado," diz uma voz, "podem pesar sobre você como uma rocha."

Gwendolyn se vira, emocionada ao reconhecer a voz, e vê Argon ali, segurando seu cajado e vestido como sempre, com os olhos brilhando na direção dela. Ele caminha até ela, apoiando-se em seu cajado, e observa com ela a paisagem.

"Estou feliz que você esteja aqui," ela diz, olhando para ele. "Eu não estou muito à vontade esta tarde. E eu não sei por quê."

"Não sabe?" Pergunta ele misteriosamente.

Ela olha para ele, confusa.

"Estou errada?" ela pergunta. "Diga-me sinceramente: algo terrível vai mesmo acontecer? A nossa paz prestes a terminar?"

Argon se vira e olha para ela por bastante tempo, e a intensidade de seus olhos quase a faz recuar. Por fim, ele profere uma palavra que lhe dá calafrios:

"Sim."

O coração de Gwendolyn bate acelerado ao ouvir suas palavras, e ela sente seu sangue gelar. Ela olha para ele, sentindo o pânico lentamente tomando conta dela.

"O que é?" ela pergunta, com a voz trêmula. "O que vai acontecer?"

Lentamente, Argon balança a cabeça.

"Eu aprendi minha lição quanto a interferir nos assuntos humanos."

Ele olha para o horizonte e continua observando o reino.

"Por favor," ela implora. "Apenas me diga o suficiente, o suficiente para que eu possa me preparar. Para que eu faça o que devo para proteger o meu povo."

Argon suspira.

"Você é muito parecida com o seu pai," ele diz. "Você nem sabe o quanto. Ele sempre quis ser o maior governante que poderia ser; mas, às vezes, o destino fica no caminho."

Ele volta a olhar para ela e, pela primeira vez, ela vê compaixão em seus olhos.

"Nem todos os reinos são feitos para durar," ele continua. "E nem todos os governantes. Você tem feito um trabalho maravilhoso, maior do que qualquer MacGil antes de você. Você tomou o controle de uma desgraça que era para acontecer, e fez isso com coragem e honra. Seu pai olha para você agora e sorri com orgulho."

Gwen sente uma onda de calor em suas palavras.

"No entanto, algumas coisas," acrescenta ele, "estão além de seu controle. Estamos todos à mercê de um destino maior que rege o universo. O Anel tem o seu próprio destino, assim como uma pessoa tem um destino."

Gwen engole em seco, desesperada para saber mais.

"Que perigo poderia nos afetar agora?" Pergunta ela. "O Escudo foi reativado. O Império foi destruído. Andronicus está morto. McCloud está morto. Temos dois dragões aqui. O que poderia nos atingir? O que mais eu posso fazer?"

Lentamente, Argon balança a cabeça.

"Ocultas entre as flores mais gloriosas, estão as cobras mais venenosas; atrás do sol mais brilhante há nuvens mais escuras que as tempestades mais violentas, esperando para se reunir. Não olhe para o sol; olhe para as nuvens atrás dele, as nuvens que você não ainda vê. Tenha certeza de que elas estão lá, e prepara-se. Faça-o agora. Cabe a você, e a mais ninguém. Você é o pastor que conduz o rebanho, e o rebanho não sabe o que o futuro trará."

Gwendolyn estremece, com a confirmação de Argon do que ela já pressentia. Algo horrível está no horizonte, e cabe a ela, sozinha, agir e se preparar. Mas o que poderia ser?

Gwen se vira para pedir mais informações a Argon, mas antes que ela possa abrir a boca, ele já tinha ido embora. Ela olha para as nuvens, no céu, no horizonte, pensando. O dia parece tão perfeito. O que se esconde além das aparências?

*

Gwendolyn senta na reconstruída Casa dos Estudiosos diante de uma mesa de madeira antiga e comprida, completamente coberta de livros, pergaminhos e mapas, estudando-os com atenção. Este é o único lugar no reino onde Gwen encontra consolo, paz e tranquilidade; os antigos livros empoeirados sempre a deixavam à vontade, ligando-a a sua infância. Na verdade, Gwen vinha dedicando uma grande parte do seu tempo nas últimas seis luas pessoalmente supervisionando a reconstrução daquele edifício que tanto significava para ela, para Aberthol, e para seu pai. Ela havia insistido que ele fosse restaurado à sua antiga beleza e que fosse ainda mais grandioso, grande o suficiente para armazenar ainda mais volumes. Grande parte de sua vasta coleção a havia sido queimada ou roubada pelo Império; mas Aberthol havia sabiamente escondido alguns volumes que permaneciam intocados. Andronicus

não tinha percebido a profundidade que a Casa dos Estudiosos tinha sido construída - precisamente para momentos como aquele, tempos de guerra - e, felizmente, alguns dos itens mais preciosos tinham sido salvos.

É sobre esses volumes que Gwendolyn está debruçada agora. Há outros livros além desses, pois Gwendolyn tinha ordenado que seus homens vasculhassem o Anel para encontrar quaisquer livros preciosos que pudessem ser resgatados. Eles haviam voltado com vagões cheios de volumes pelos quais ela tinha pagado pessoalmente, e logo ela havia transformado a Casa dos Estudiosos em uma biblioteca maior do que ela jamais tinha sido. Ela gosta ainda mais do novo prédio, e está espantada que tenha realmente conseguido fazê-lo, pois no fundo não acreditava que o lugar pudesse ser reconstruído quando viu os escombros pela primeira vez. Aquele lugar é o seu maior motivo de orgulho desde que a reconstrução havia começado.

Gwen tinha ficado escondida ali o dia todo, desde seu fatídico encontro com Argon, examinando livro após livro, rolo após rolo, lendo sobre o que todos os seus antepassados tinham feito em tempos de dificuldades, momentos de invasão. Ela se pergunta como todos eles se preparavam, em tempos de paz, para um desastre iminente. Gwen pode não ser capaz de controlar o que está por vir, mas algo que ela pode controlar são seus estudos, e ela sempre se sentia bem e em controle da situação ao ler em momentos de crise.

Ao ler sobre refúgios e escapadas antigas, ela percebe que a única coisa que ela não tinha planejado na reconstrução da Corte do Rei tinha sido uma rota de fuga. Afinal, a Corte do Rei é a cidade mais fortificada do Anel - que necessidade poderia haver para uma fuga? E para onde eles poderiam fugir que fosse mais fortificado?

Mas as palavras de Argon ressoam em sua cabeça, e ela sente a necessidade de se preparar. Gwen sente que, para ser uma boa líder, ela teria que ter um plano de contingência - algum tipo de plano de fuga. O que eles fariam se a Corte do Rei fosse invadida? É doloroso para ela até mesmo considerar esta possibilidade, pois eles tinham acabado de reconstruí-la - mas ela sente a necessidade de ter um

plano reserva. E se de alguma forma o Anel fosse destruído novamente? E se de alguma forma o Escudo fosse desativado, ou destruído? Então o que poderia ser feito? Ela não poderia deixar as pessoas expostas ao ataque. Não enquanto ela fosse a Rainha.

Gwendolyn lê por horas e horas sobre os ataques a todas as grandes cidades do Anel ao longo dos séculos. Ela lê a história, mais uma vez, de todos os MacGil, do pai de seu pai, e dos pais deles. Ela se sente mais ligada aos seus antepassados do que nunca ao ler mais uma vez sobre suas provações e tribulações, sobre todas as dificuldades de todos os reis antes dela. Ela se vê perdida em todas aquelas histórias, espantada ao ver que outros já tinham passado pelo que ela enfrenta agora, tendo tido os mesmos problemas e desafios de governar um reino que ela tem, mesmo há tantos séculos. De certa forma, nada havia mudado.

No entanto, apesar de tudo que lê, Gwen não encontra nenhuma referência em qualquer lugar sobre qualquer contingência de fuga. A referência mais próxima que ela encontra é uma obscura nota de rodapé em um conto de seis séculos atrás: um feiticeiro antigo tinha conseguido desativar o escudo por um tempo, e criaturas selvagens tinham cruzado o Canyon e invadido o Anel. O segundo rei MacGil, percebendo que seria incapaz de lutar contra todos eles, pegou todo seu povo - um grupo muito menor do que eles tinham agora - e os colocou em navios, evacuando todos eles para as Ilhas Superiores. Quando o Escudo foi restaurado e as criaturas partiram, ele havia se mudado de volta para o continente do Anel, salvando a todos e matando as criaturas que permaneciam ali.

Gwen, intrigada, examina os empoeirados mapas antigos, ilustrado com esboços das rotas que eles haviam tomado. Flechas indicam o caminho que eles haviam tomado para embarcar nos navios, e então as rotas que eles seguiram até as ilhas Superiores. Ela estuda os diagramas, e considera tudo aquilo com atenção. Aquele tinha sido um plano primitivo para uma época primitiva - um tempo em que o Anel costumava ser muito menor. E ainda assim, o plano tinha dado certo.

Quanto mais Gwen pensa sobre isso, mais ela percebe que havia uma grande sabedoria naquele plano - uma sabedoria que ainda poderia ser aplicada nos dias de hoje. No caso de um desastre, ela não poderia fazer o mesmo que seus antepassados fizeram? Ela não poderia evacuar seu povo para as Ilhas Superiores? Eles poderiam não ser capazes de voltar ao Anel, como seus antepassados fizeram. Mas eles poderiam, ao menos, esperar a invasão, ou o desastre, vivendo o tempo suficiente para o seu povo decidir o que fariam. Eles estariam a salvo de uma invasão em massa: afinal, as Ilhas Superiores era um lugar impossível de atacar, com suas margens irregulares em todas as direções, canalizando todos os inimigos para os pontos de estrangulamento. Um milhão de homens atacando seriam tão bons quanto cem. O Império poderia enviar dezenas de milhares de navios, mas ainda assim só seria capaz de atacar com poucos de cada vez. E o clima desagradável e as fortes correntes ajudam ainda mais na defesa das ilhas.

Os olhos de Gwen estão cansados com a leitura, e ainda assim ela ajusta a postura ao considerar tudo aquilo, sentindo uma pontada de emoção. Quanto mais ela pensa, mais ela gosta da ideia. Talvez um retiro para as Ilhas superior seja o plano perfeito, no caso de um desastre.

Gwen fecha o livro, esfrega os olhos e, encostando-se na cadeira, suspira. Será que ela estava se deixando levar? Perdida em pensamentos catastróficos? Apesar de tudo, é um belo dia ensolarado lá fora, e seu casamento, o dia dos seus sonhos, será dali a meia lua. Eles não estão sendo atacados ou invadidos, e eles são mais fortes do que seus antepassados haviam sido. Ela sabe que deveria deixar todos esses pensamentos obscuros para trás e aproveitar o dia. Ela é muito propensa a pensamentos catastróficos; ela sempre tinha sido assim.

Ao se levantar e se preparar para sair, Gwen acidentalmente derruba um livro grande e pesado e, quando isso acontece, um livro menor, previamente escondido, cai de dentro dele erguendo uma pequena nuvem de poeira. Ele é um pequeno livro escarlate, encadernado em couro, e quando Gwen o pega no chão ela nota

que suas páginas estão velhas e quebradiças. O volume é tão antigo que suas páginas estão amareladas e gastas.

Quando Gwen analisa a linguagem antiga em que ele havia sido escrito, ela se surpreende ao ver do que se trata: *O Livro das Profecias de Sodarius*. Ela tinha ouvido falar dele durante toda a sua vida, mas nunca teve certeza de que ele realmente existia. Ela tinha ouvido rumores, mas ninguém que ela conhecia jamais havia realmente colocado as mãos nele. Ele contém as previsões mais fantásticas para o futuro do Anel; algumas delas tinham sido realmente precisas, e outras nunca tinham acontecido.

As mãos de Gwen tremem de emoção quando ela percebe o que ela está segurando. Ela vira as páginas rapidamente, procurando, até encontrar as profecias que diziam respeito ao tempo e lugar em que ela vive. Ela para, ofegante, quando encontra no livro o seu próprio nome.

O sétimo e último governante dos MacGil será o maior deles. Ela vai levar o seu povo até sua maior vitória. No entanto, ela também vai guiá-los durante sua maior derrota. Gwendolyn será o seu nome.

Gwen para, com as mãos tremendo, quase incapaz de acreditar no que está lendo. Ela vira a página com hesitação:

Gwendolyn levará seu povo a –

Gwen olha para baixo e vê - com espanto, que algumas das páginas tinham sido queimadas, cortadas no meio da frase. O restante do livro só mostra trechos de frases, todas incompletas. Ela vira as páginas do livro freneticamente, - desesperada para saber o que iria acontecer. Ela corre os olhos pelo texto, à procura de palavras-chave, e não consegue acreditar quando ela encontra o nome de Thorgrin:

Seu marido Thorgrin vai morrer também, e sua morte virá quando -

Gwen vira as páginas, ansiosa para ver as previsões exatas, com a mão trêmula. Ela se sente mal do estômago ao ler datas, e se recusa a acreditar no que lê.

Gwen pega o livro, joga ele contra a parede, e começa a chorar.

Ela diz a si mesma que tudo aquilo é uma bobagem, apenas as anotações de um charlatão, escritas séculos atrás. No entanto, apesar de tudo, Gwen não consegue evitar a sensação de que tudo aquilo é verdade.

"Minha senhora?" diz uma voz preocupada.

Gwendolyn se vira para ver o rosto preocupado de Aberthol na porta, chegando na sala.

"Eu sinto muito," Gwen diz, "não tive a intenção de jogar o livro-"

Aberthol balança a cabeça.

"Não é por isso que eu vim," ele explica. "Acabo de receber uma notícia urgente. Receio que sejam notícias terríveis. Minha senhora, você deve ir agora mesmo, sua mãe está morrendo."

Gwendolyn fica chocada ao ouvir suas palavras.

Ela se levanta da mesa e sai correndo do quarto, passando por Aberthol. Ela sente uma dor terrível no estômago ao subir a escada três degraus de cada vez, e continua correndo pelo corredor.

Ela atravessa correndo a porta da frente, enxugando as lágrimas ao ar livre enquanto tenta afastar os pensamentos mórbidos. Ela corre pelos campos, indo para o castelo de sua mãe, desesperada para chegar lá o quanto antes.

Sua mãe morrendo. Como? Ela se pergunta. Ela tinha a intenção de passar mais tempo com ela. Há vários dias ela planejava passar mais tempo com a mãe, mas ela estava tão ocupada com os assuntos da corte que acabava se esquecendo.

Gwendolyn corre sem parar, não querendo perder o último suspiro de sua mãe, forçando-se a correr cada vez mais rápido.

De repente, ela sente uma dor horrível na barriga. Gwen cai no meio dos campos, sozinha e gritando. Ela fica lá, olhando para o céu, à medida que as dores aumentam mais do que ela pode suportar. Ela mal consegue respirar ao sentir as dores que vêm em ondas e tomam conta de todo o seu corpo, uma após a outra. O

bebê se mexe como um louco, e as dores são tão intensas que ela não consegue se mexer.

Gwen joga a cabeça para trás e grita para o céu, deitada ali, sozinha, - completamente sozinha, em uma agonia além do que ela poderia descrever. Ela gostaria que alguém que viesse até ela, mas ela sabe que ninguém poderia ouvi-la. O parto aconteceria ali mesmo, naquele lugar, sem qualquer ajuda. Ela entra em pânico ao se perguntar se o bebê sobreviveria - se ela sobreviveria.

Mas nada poderia detê-la agora. Gwen se inclina para trás e grita repetidas vezes, até que seus gritos são respondidos, do alto, pelos gritos de um pássaro que voa no céu.

Seu bebê está prestes a nascer.

JÁ DISPONÍVEL!



UM MAR DE ESCUDOS

Livro Nº 10 da série O Anel do Feiticeiro

Em UM MAR DE ESCUDOS (LIVRO Nº 10 DA SÉRIE O ANEL DO FEITICEIRO), Gwendolyn dá luz ao seu filho com Thorgrin' em meio a poderosas profecias. Com o nascimento do filho, as vidas de Gwendolyn e Thorgrin mudam para sempre, assim como o destino do Anel.

Thor não tem escolha e embarca em uma busca para encontrar sua mãe, deixando mulher e filho para se aventurar longe de sua terra natal em uma aventura perigosa que colocará em risco o futuro do Anel. Antes de se unir a Gwendolyn no maior casamento da história dos MacGil, ele deve primeiro reconstruir a Legião e aprimorar suas habilidades treinando com Argon, e recebe a honra com que sempre sonhou ao ser nomeado um Prata, tornando-se um cavaleiro.

Gwendolyn está se recuperando do nascimento do filho, da partida de seu marido e da morte da mãe. Todo o Anel se reúne para o enterro real, levando as irmãs Luanda e Gwendolyn a um último confronto que terá conseqüências graves. As profecias de Argon ressoam em sua cabeça, e Gwendolyn sente um perigo iminente para o Anel, aprofundando seus planos para resgatar todo o seu povo no caso de uma catástrofe.

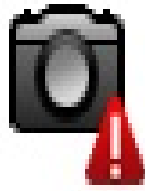
Erec recebe notícias da doença de seu pai, e é convocado a retornar para casa, nas Ilhas do Sul; Alistair se junta a ele, e os planos do casamento deles continuam. Kendrick sai em busca de sua mãe, e

se surpreende com quem ele encontra. Elden e O'Connor voltam para sua cidade natal e encontram algo inesperado, enquanto Conven fica ainda mais deprimido - e mais suscetível às forças do mal. Steffen inesperadamente se apaixona, enquanto Sandara surpreende Kendrick ao deixar o Anel, voltando para sua cidade no Império.

Reece, apesar de seus esforços, se apaixona por sua prima, e quando os filhos de Tirus descobrem, eles colocam em andamento um plano traiçoeiro. Matus e Srog tentam manter a ordem nas Ilhas Superiores, mas uma tragédia acontece quando Selese fica sabendo do caso, logo antes do casamento, e uma Guerra pode começar nas Ilhas Superiores devido à paixão de Reece. O lado McCloud das Highlands está igualmente instável, com uma Guerra civil prestes a estourar devido ao reinado incerto de Bronson e às ações impensadas de Luanda.

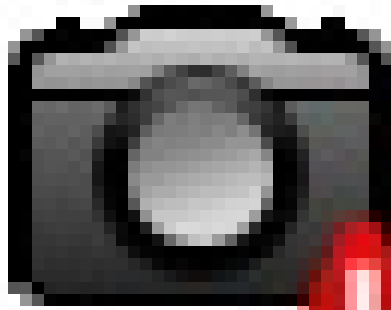
Com o Anel às vésperas de uma Guerra civil, Romulus – no Império, descobre uma nova forma de magia que pode destruir o Escudo de uma vez por todas. Ele faz um acordo com o lado obscuro e, com um poder que nem mesmo Argon pode deter, Romulus embarca certo de que pode destruir o Anel.

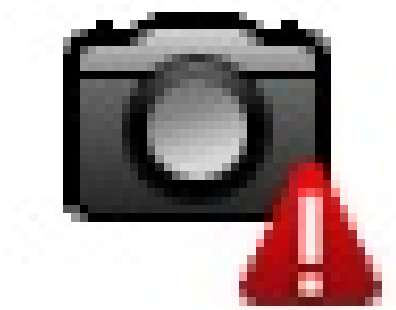
Com a criação sofisticada de mundos e personagens, UM MAR DE ESCUDOS é uma aventura épica de amigos e amantes, rivais e namorados, cavaleiros e dragões, intriga e manipulações políticas, do caminho para se tornar um adulto, de decepções, ambições e traições. É uma estória de honra e coragem, de destino e magia. Uma fantasia que nos leva a um mundo inesquecível, destinado ao público de todas as idades.



UM MAR DE ESCUDOS

Livro N° 10 da série O Anel do Feiticeiro





Ouça a série O ANEL DO FEITICEIRO em áudio livro!

Disponível na:

Amazon
Audible
iTunes

Livros de Morgan Rice

O ANEL DO FEITICEIRO

- EM BUSCA DE HERÓIS (Livro nº1)
- UMA MARCHA DE REIS (Livro nº2)
- UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro nº3)
- UM GRITO DE HONRA (Livro nº4)
- UM VOTO DE GLÓRIA (Livro nº5)
- UMA CARGA DE VALOR (Livro nº6)
- UM RITO DE ESPADAS (Livro nº7)
- UM ESCUDO DE ARMAS (Livro nº8)
- UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro nº9)
- UM MAR DE ESCUDOS (Livro nº10)
- UM REINADO DE AÇO (Livro nº11)
- UMA TERRA DE FOGO (Livro nº12)
- UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro nº 13)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

- ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro nº1)
- ARENA DOIS (Livro nº2)

MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO

- TRANSFORMADA (Livro Nº1)
- AMADA (Livro Nº2)
- TRAÍDA (Livro Nº3)
- PREDESTINADA (Livro Nº4)
- DESEJADA (Livro Nº5)
- COMPROMETIDA (Livro Nº6)
- PROMETIDA (Livro Nº7)
- ENCONTRADA (Livro Nº8)
- RESSUSCITADA (Livro Nº9)
- ALMEJADA (Livro Nº10)
- DESTINADA (Livro Nº11)

Sobre Morgan Rice

Morgan Rice é a autora do bestseller Nº1 de DIÁRIOS DE UM VAMPIRO, uma série destinada a jovens adultos composta por onze livros (em progresso); da série bestseller Nº1 TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por dois livros (em progresso); e da série bestseller Nº1 de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por treze livros (e contando).

Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e versões impressas, e traduções dos livros estão disponíveis em alemão, francês, italiano, espanhol, português, japonês, chinês, sueco, holandês, turco, húngaro, eslovaco (e mais idiomas em breve).

[TRANSFORMADA](#) (Livro Nº1 da série Diários de um Vampiro), [ARENA UM](#) (Livro Nº1 da série Trilogia de Sobrevivência) e [EM BUSCA DE HERÓIS](#) (Livro Nº1 da série O Anel do Feiticeiro) estão disponíveis gratuitamente no Amazon!

Morgan gosta de ouvir sua opinião, então por favor, sinta-se à vontade em visitar www.morganricebooks.com para se juntar à lista de correspondência, receber um livro grátis, receber brindes, efetuar o download do aplicativo gratuito, receber as últimas notícias exclusivas, se conectar com o Facebook e o Twitter, e manter contato!